



GOVERNO FEDERAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM

INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – IFCHS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

DOUTORADO EM HISTÓRIA

Gênero e poder político na trajetória de Gemica Bringel em tempos de chumbo (1964 a 1974)

Roger Kenned Repolho de Oliveira

Manaus/AM

2026

ROGER KENNED REPOLHO DE OLIVEIRA

Gênero e poder político na trajetória de Gemica Bringel em tempos de chumbo (1964 a 1974)

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação – Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Amazonas como requisito à obtenção do Título de Doutor em História.

Área de Concentração: Doutorado em História Social

Linha de Pesquisa 1: Cultura e Representações

Orientador: Prof. Dr. Júlio Claudio da Silva

Agência de Fomento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas/FAPEAM

Manaus/AM

2026

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

-
- O48g Oliveira, Roger Kenned Repolho de
 Gênero e poder político na trajetória de Gemica Bringel em tempos de
 chumbo (1964 a 1974) / Roger Kenned Repolho de Oliveira. - 2026.
 271 f. : il., color. ; 31 cm.
- Orientador(a): Júlio Claudio da Silva.
 Tese (doutorado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de
 Pós-Graduação em História, Manaus, 2026.
1. Gênero. 2. Trajetória Política. 3. Ditadura Militar. 4. Parintins. I. Silva,
 Júlio Claudio da. II. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-
 Graduação em História. III. Título
-

TERMO DE APROVAÇÃO

ROGER KENNED REPOLHO DE OLIVEIRA

Gênero e poder político na trajetória de Gemica Bringel em tempos de chumbo (1964 a 1974)

Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em História – Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito à obtenção do Título de Doutor em História.

Área de Concentração: Doutorado em História Social

Linha de Pesquisa 1: Cultura e Representações

Orientador: Prof. Dr. Júlio Claudio da Silva

Data: 07/05/2026

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Júlio Claudio da Silva (PPGH-UFAM) – Presidente da Banca

Prof. Dra. Joana Maria Pedro (PPGH/UFSC) – Membro Externo

Prof. Dr. João Marinho da Rocha (UEA) – Membro Externo

Prof. Dra. Juliana Carolina da Silva (PPGH-UFAM) – Membro Interno

Prof. Dr. Tiago Fonseca dos Santos (PPGH-UFAM) – Membro Interno

MANAUS/AM

2026

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer ao meu pai Cleomar Tavares de Oliveira e à minha mãe Kátia Lelice Viana Repôlho Oliveira, pois mesmo com as dificuldades que a vida lhes impôs me proporcionaram as condições necessárias para que meu sonho de ser pesquisador se tornasse realidade. Nossas dificuldades foram inúmeras, mas por meio da educação seguimos vencendo. Sempre tive e tenho o incentivo para me manter dedicado aos estudos.

Agradeço à FAPEAM por conceder a bolsa de estudos, possibilitando a realização desta tese com dedicação exclusiva. Sou resultado das políticas de permanência para os acadêmicos nas universidades públicas, sem elas, nunca teria concluído esta tese. Convém ressaltar sou fruto de políticas públicas como Bolsa Família, Bolsa Escola, PIBID, Bolsa Monitoria, Bolsa da CAPES no mestrado e Bolsa FAPEAM no doutorado.

Manifesto minha gratidão também ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas (PPGH) que possibilitou o acesso a ferramentas fundamentais para a execução desta tese, as quais levarei no decorrer de minha vida como pesquisador. Agradeço aos coordenadores do PPGH, Prof.^a Dra. Keith Valéria de Oliveira Barbosa, Prof. Dr. Davi Avelino Leal e Prof. Wellington Bernardelli Silva Filho, pela condução exemplar durante os quatro anos de vínculo com o programa. Agradeço aos professores Dr. Almir Diniz de Carvalho Júnior, Prof. Dr. Davi Avelino Leal e Prof. Dr. Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro, com os quais pude aprender muito em suas aulas. Ao secretário do PPGH Jailson Soares Mota, por sempre estar disposto a ajudar nas dúvidas relacionadas às questões administrativas do programa.

O espaço acadêmico é um lugar difícil de viver, mas com professores dedicados é possível passar por esses lugares de maneira mais leve. Destaco dois professores, intelectuais sérios, competentes e comprometidos em ensinar e mostrar os caminhos na vida acadêmica. Primeiramente, o Dr. Júlio Claudio da Silva, meu orientador nesta pesquisa de tese e do Trabalho de Conclusão de Curso de graduação. Cheguei até este lugar porque me orientou e mostrou o caminho certo a percorrer. Outro professor primordial na minha vida acadêmica é o Dr. João Marinho da Rocha, com o qual sempre posso contar. É difícil expressar minha gratidão com relação a esses professores, pois marcam a minha trajetória acadêmica. Quero também agradecer a outros dois professores, a Dra. Naia Guerreiro, sempre presente, desde o PIBID até os dias atuais, e ao Dr. Deilson Trindade, com quem sempre posso contar também.

Agradeço à minha companheira, parceira e amiga, Dávila Oliveira da Silva, com quem compartilho a vida acadêmica e o dia a dia de casal. Agradeço aos meus irmãos, Renata

Portalupe Repôlho de Oliveira, Cleomar Tavares de Oliveira Filho e Lucas Repôlho de Oliveira. Crescemos juntos e compartilhamos nossas infâncias com brincadeiras e conversas primordiais para o nosso crescimento.

Aos meus amigos, ao Prof. Dr. César Aquino Bezerra, com quem compartilhei desde a graduação os desafios cotidianos de ser pesquisador no Baixo Amazonas. Com César dividi as dificuldades do primeiro ano de doutorado na capital do Amazonas com os primeiros oito meses sem bolsas. Foram tempos difíceis, mas com ajuda de nossos familiares conseguimos superar. Por fim, agradeço à minha amiga Me. Aline Ribeiro, por desde o mestrado no PPGSCA compartilharmos nossas experiências de homem e mulher negro e negra cursando pós-graduação na capital Manaus.

RESUMO

Esta tese analisa a trajetória política da professora e vereadora Geminiana Campos Bulcão Bringel, ou Gemica (como era chamada por amigos próximos), no período de 1964, ano de seu terceiro mandato e do golpe militar, a 1974, ano em que a vereadora se encontrava na liderança do partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB), no município de Parintins, Amazonas. Nesse mesmo ano, recebeu em sua casa o anticandidato e opositor à Ditadura Militar, deputado Ulysses Guimarães. A professora e vereadora Gemica Bringel nasceu no início do século XX e, na metade deste, se inseriu na política. Teve acesso à educação formal, na qual construiu sua carreira profissional como educadora. Já na política, teve uma atuação extensa, presente na memória de muitos munícipes de Parintins. Por meio da metodologia de história oral, foi possível ouvir os sujeitos e entender os aspectos de sua atuação. Fontes documentais também fazem parte do acervo analisado, como as atas da Câmara Municipal, registros em fotos de sua atuação nos espaços públicos, recortes de jornais e de seu acervo, de colaboradores e jornais da Hemeroteca Digital, os quais ajudam a entender sua atuação e o período. Nesse sentido, o objetivo é investigar as memórias públicas sobre a atuação política e as táticas para inserção feminina nos espaços públicos e disputas eletivas protagonizadas por Geminiana Bringel. Atenta-se para suas articulações no meio político nacional e regional e em que medida estas estão ligadas ao seu lugar social, cultural e econômico e para o modo como isso foi um facilitador para permitir sua circulação nos lugares de poder político. Por meio das análises, é possível compreender o lugar da mulher a partir da professora e vereadora Geminiana Campos Bulcão Bringel partindo do locus generificado, expressão de poder e de violência da sociedade patriarcal. Observam-se, desse modo, a casa legislativa de Parintins e as instituições religiosas, analisando o impacto da formação educacional de Geminiana em suas relações políticas, bem como a vereadora usou esses lugares de poder para se estabelecer, negociar e transitar nos espaços destinados aos homens. Busca-se ainda entender as relações políticas nacionais e regionais ocorridas no período estudado e temáticas relacionadas ao protagonismo feminino e práticas feministas através das fontes selecionadas. Essa análise, portanto, contempla a atuação de Geminiana Bringel, bem como a compreensão da sociedade brasileira pelo viés social e político. O estudo da trajetória de vida da professora e vereadora Geminiana se faz necessário para localizar parte da atuação política feminina no baixo Amazonas, pouco debatida no campo acadêmico no período da Ditadura Militar, especialmente entre 1964-1974.

Palavras-chave: Gênero, Trajetória Política, Ditadura Militar, Parintins.

ABSTRACT

This thesis analyzes the political trajectory of teacher and city councilor Geminiana Campos Bulcão Bringel, known as Gemica by close friends, from 1964, the year of her third term and the military coup, to 1974, when she led the Brazilian Democratic Movement (MDB) party in the municipality of Parintins, Amazonas. In that same year, she hosted Congressman Ulysses Guimarães, an "anti-candidate" and opponent of the Military Dictatorship, at her home. Born in the early 20th century, teacher and councilor Gemica Bringel entered politics by mid-century. She had access to formal education, through which she built her professional career as an educator. In politics, she had an extensive career that remains present in the memory of many Parintins residents. Through Oral History methodology, it was possible to interview individuals and understand key aspects of her political work. Documentary sources also form part of the analyzed collection, such as Municipal Chamber minutes, photographic records of her presence in public spaces, newspaper clippings, personal files, documents from collaborators, and newspapers from the Digital Newspaper Library (Hemeroteca Digital), all of which help illuminate her political actions and the historical context. In this sense, the objective is to investigate public memories regarding the political activity and tactics for female insertion into public spaces and electoral contests led by Geminiana Bringel. Attention is given to her networks within national and regional political spheres, examining the degree to which these were tied to her social, cultural, and economic status, and how this status facilitated her movement within spaces of political power. Through these analyses, it is possible to understand women's societal place based on the trajectory of teacher and councilor Geminiana Campos Bulcão Bringel, starting from a gendered locus as an expression of power and violence within a patriarchal society. Accordingly, this study examines the Parintins Legislative Assembly and religious institutions, analyzing the impact of Geminiana's educational background on her political connections, as well as how she used these spaces of power to establish herself, negotiate, and navigate male-dominated spaces. Furthermore, it seeks to understand the national and regional political relations during the period, alongside themes related to female leadership and feminist practices found in the selected sources. Therefore, this analysis encompasses the political career of Geminiana Bringel, as well as an understanding of Brazilian society through a social and political lens. Studying the life trajectory of teacher and councilor Geminiana is essential to mapping part of women's political participation in the Lower Amazon, a topic sparsely discussed in the academic field regarding the period of the Military Dictatorship, particularly between 1964 and 1974.

Keywords: Gender, Political trajectory, Military dictatorship, Parintins.

RESUMEN

Esta tesis analiza la trayectoria política de la profesora y concejala Geminiana Campos Bulcão Bringel, o Gemica (como la llamaban sus amigos cercanos), en el período de 1964, año de su tercer mandato y del golpe militar, a 1974, año en el que la concejala se encontraba en el liderazgo del partido Movimiento Democrático Brasileño (MDB), en el municipio de Parintins, Amazonas. En ese mismo año, recibió en su casa al anticandidato y opositor a la Dictadura Militar, el diputado Ulysses Guimarães. La profesora y concejala Gemica Bringel nació a principios del siglo XX y, a mediados de este, se insertó en la política. Tuvo acceso a la educación formal, en la cual construyó su carrera profesional como educadora. Ya en la política, tuvo una actuación extensa, presente en la memoria de muchos ciudadanos de Parintins. Por medio de la metodología de historia oral, fue posible escuchar a los sujetos y comprender los aspectos de su actuación. Las fuentes documentales también forman parte del acervo analizado, como las actas de la Cámara Municipal, registros fotográficos de su actuación en los espacios públicos, recortes de periódicos y de su archivo, de colaboradores y periódicos de la Hemeroteca Digital, los cuales ayudan a entender su actuación y el período. En este sentido, el objetivo es investigar las memorias públicas sobre la actuación política y las tácticas para la inserción femenina en los espacios públicos y disputas electorales protagonizadas por Geminiana Bringel. Se presta atención a sus articulaciones en el ámbito político nacional y regional y en qué medida estas están ligadas a su lugar social, cultural y económico, así como a la manera en que esto fue un facilitador para permitir su circulación en los lugares de poder político. A través de los análisis, es posible comprender el lugar de la mujer a partir de la profesora y concejala Geminiana Campos Bulcão Bringel desde el lógos generizado, expresión de poder y de violencia de la sociedad patriarcal. Se observan, de este modo, la casa legislativa de Parintins y las instituciones religiosas, analizando el impacto de la formación educativa de Geminiana en sus relaciones políticas, así como la manera en que la concejala usó estos lugares de poder para establecerse, negociar y transitar en los espacios destinados a los hombres. Se busca además entender las relaciones políticas nacionales y regionales ocurridas en el período estudiado y temáticas relacionadas con el protagonismo femenino y las prácticas feministas a través de las fuentes seleccionadas. Este análisis, por lo tanto, contempla la actuación de Geminiana Bringel, así como la comprensión de la sociedad brasileña desde la perspectiva social y política. El estudio de la trayectoria de vida de la profesora y concejala Geminiana se hace necesario para ubicar parte de la actuación política femenina en el Bajo Amazonas, poco debatida en el campo académico en el período de la Dictadura Militar, especialmente entre 1964 y 1974.

Palabras clave: Género, Trayectoria Política, Dictadura Militar, Parintins.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Documento encontrado na Hemeroteca Digital.	35
Figura 2: Documento encontrado na Hemeroteca Digital.	36
Figura 3: Documento encontrado na Hemeroteca Digital.	37
Figura 4: Documento encontrado na Hemeroteca Digital.	38
Figura 5: Geminiana Campos Bulcão Bringel.....	39
Figura 6: Prédio da Escola Estadual Araújo Filho	41
Figura 7: Geminiana Campos Bulcão Bringel, terceira pessoa da esquerda para a direita.	50
Figura 8: Chamada “Estranhos os casos políticos em Parintins”.	101
Figura 9: Matéria “Estranha política a de Parintins com fatos que sucedem em sua Edilidade”	101
Figura 10: Colagem de fotos de Geminiana Campos Bulcão Bringel em reuniões públicas.	115
Figura 11: Vereadores Iranildo Nóbrega de Melo Azêdo, Geraldo Soares Medeiros e Geminiana Campos Bulcão Bringel, na segunda fila.	144
Figura 12: Geminiana Campos Bulcão Bringel ao lado de Iranildo Nóbrega de Melo Azêdo e Geraldo Soares Medeiros.....	145
Figura 13: Colagem de fotos de Dom Arcângelo Cerqua com os papas João XXIII e João Paulo II.	155
Figura 14: Dom Arcângelo Cerqua, Geminiana Campos Bulcão Bringel e um sujeito não identificado.	161
Figura 15: Colagem com o Projeto de Lei.....	167
Figura 16: Colagem de fotos com Geminiana Campos Bulcão Bringel, em ocasiões diversas não identificadas	178
Figura 17: Apontamento de viagens.....	213
Figura 18: Colagem de fotos de uma reunião pública	214
Figura 19: Praça do Cristo e Praça Eduardo Ribeiro ao fundo.....	218
Figura 20: Recorte de jornal	222
Figura 21: Geminiana Bringel ao lado de Ulysses Guimarães.....	224
Figura 22: Ulysses Guimarães e Geminiana Campos Bulcão Bringel sentados ao centro da fotografia	227
Figura 23: Reunião com Ulysses Guimarães.....	227
Figura 24: Geminiana Bringel em mesa.	228

Figura 25: Geminiana Bringel em fala aos microfones.....	229
Figura 26: Colagem de fotos no XVII Congresso Nacional de Vereadores em Belo Horizonte	230
Figura 27: Colagem de fotos de reunião que Geminiana Campos Bulcão Bringel parece estar à frente.....	231
Figura 28: Colagem de fotos na Escola de Educação Especial Glauber Viana Gonçalves, da Sociedade Pestalozzi de Parintins	239
Figura 29: Recorte de jornal	242
Figura 30: Recortes de jornal.....	244
Figura 31: “A Ilha sem Geminiana”, primeira capa.	247
Figura 32: Muro de arrimo da cidade	250

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Parintins.....	51
Mapa 2: Evolução urbana de Parintins até a década de 1960.....	53
Mapa 3: Evolução urbana de Parintins até a década de 1970.....	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Ciclos econômicos das décadas de 1950 a 1970.	57
--	----

LISTA DE SIGLAS

AI-2	Ato Institucional n.º 2
AI-5	Ato Institucional n.º 5
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
CNV	Comissão Nacional da Verdade
GEHA	Grupo de Estudos Históricos do Amazonas
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PIME	Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras
PP	Partido Popular
PSD	Partido Social Democrata
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
SAAE	Sistema Autônomo de Água e Esgoto
SEDUC	Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
SEMSA	Secretaria Municipal de Saúde
SNI	Sistema Nacional de Informação
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
ZFM	Zona Franca de Manaus

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I: GEMICA, TRAJETÓRIA EMBLEMÁTICA DE UMA MULHER NA POLÍTICA NA METADE DO SÉCULO XX	32
1.1 A trajetória profissional: contextualizando formação e atuação	33
1.2 Parintins na metade do século XX: o contexto de atuação de Gemica Bringel	50
1.3 A trajetória política de Gemica Bringel (1964-1974)	57
1.4 Narrativas de vida: memórias dos sujeitos da atuação no meio educacional de Gemica Bringel no século XX	76
CAPÍTULO II: PIONEIRISMO, DESIGUALDADES, VIOLÊNCIA DE GÊNERO E TÁTICAS NA ATUAÇÃO PÚBLICA DE GEMICA BRINGEL, NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX	86
2.1 “ <i>Estranha a política de Parintins</i> ”: a violência política de gênero no exercício da vereança de Geminiana Bringel na Ditadura Militar	87
2.2 “ <i>O problema todo, é que ela era mulher</i> ”: desigualdades e violências de gênero na trajetória de Gemica como primeira mulher na política de Parintins.....	102
2.3 “ <i>Ela como mulher no meio do pessoal, dos homens, ela era outro homem</i> ”: memória, esquecimento e desigualdade de gênero no período da Ditadura Militar	116
2.4 “ <i>Ela gostava em ser política a Geminiana</i> ”: redes, relações e articulações políticas	123
2.5 “ <i>Não se conformava quando uma coisa estava errada, ela era brigona</i> ”: narrativas do outro, a memória política sobre a atuação de Gemica	134
CAPÍTULO III: ENTRE NEGOCIAR E SE IMPOR: AS RELAÇÕES CONFLITUOSAS E TÁTICAS COM OS SUJEITOS E AS INSTITUIÇÕES	146
3.1 O protagonismo e a relação ambivalente com a Igreja Católica.....	149
3.2 A Câmara Municipal como ferramenta de articulações e táticas.....	162
3.3 “ <i>Se ela dissesse que pau era pedra, era porque tinha que ser pedra</i> ”: Narrativas sobre as relações de poder e articulações de Gemica na política do Baixo Amazonas	169
CAPÍTULO IV: A PRESIDENTE DO DIRETÓRIO REGIONAL DO MDB NA ANTICAMPANHA DO PARTIDO NA DITADURA MILITAR DO BAIXO AMAZONAS	179
4.1 Posicionamento em relação à Ditadura Militar.....	180
4.2 Memórias sobre oposição política em contexto de Ditadura Militar: narrativas do ex- vereador e professor José Maria Pinheiro	192
4.3 “ <i>A leal e extraordinária Presidente do Diretório Municipal do MDB, professora Gemica</i> ”: a campanha de anticandidatura no Baixo Amazonas.....	204

4.4 “Ficou na minha mente sabe? Porque a gente pode ouvir um cara diferente com ideias diferentes e daquelas ideias que a gente fazia aqui em Parintins”: memórias sobre a campanha de anticandidatura do MDB em Parintins	214
4.5 Imagens de uma liderança política.....	221
CAPÍTULO V: AS IMAGENS DEIXADAS DE SI: A TRAJETÓRIA DA PROFESSORA E VEREADORA GEMICA BRINGEL PÓS-POLÍTICA PARTIDÁRIA	233
5.1 Arquivamento de si: uma análise do acervo de Geminiana Campos Bulcão Bringel	233
5.2 Após a política partidária	239
CONSIDERAÇÕES FINAIS	251
FONTES	257
REFERÊNCIAS	262

INTRODUÇÃO

A presente tese busca analisar as memórias públicas acerca da trajetória da professora e vereadora Geminiana Campos Bulcão Bringel, a partir da perspectiva dos estudos das relações de gênero, bem como das representações e ideias feministas e das mulheres no exercício do poder político. A tese é resultante de uma pesquisa desenvolvida ao longo de dez anos, tendo como fio condutor a trajetória da primeira vereadora e prefeita interina do município de Parintins, a Professora Geminiana Campos Bulcão Bringel, ou como era conhecida por seus contemporâneos, Gemica. A investigação sobre sua trajetória possibilitou a realização de discussões sobre as relações de gênero, a inserção da mulher nos espaços de poder e na política, as violências de gênero em espaços públicos, com destaque para a violência política de gênero, bem como as ideias e o movimento feminista. Além disso, analisa as formas de opressão e de resistência à Ditadura Militar na região do Baixo Amazonas, especificamente no município de Parintins, estado do Amazonas.

Nesta tese, adoto como ponto de partida o debate historiográfico acerca das produções bibliográficas sobre o Golpe Civil-Militar de 1964 e a Ditadura Militar. Para fundamentar essa discussão, utilizo o trabalho de Carlos Fico,¹ intitulado “*Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar*”, no qual o autor realiza um balanço e análises das pesquisas relacionadas à Ditadura Militar. Em suas observações, ao falar sobre os debates do Golpe Civil-Militar, Fico traz a visão de René Armand Dreifuss² e Daniel Aarão Reis Filho³ que defendem a existência da participação civil na conjuntura do golpe. Com relação à ditadura, o autor afirma que “se podemos falar de um Golpe Civil-Militar, trata-se, contudo, da implantação de um Regime Militar — em duas palavras: de uma Ditadura Militar”⁴. Assim, ao tratar do Golpe anterior à instauração da Ditadura, compreende-se que se trata de um Golpe Civil-Militar, em razão da participação de civis. Já ditadura, faz referência ao regime já instaurado pelos militares.

Dito isso, esta tese amadureceu em paralelo ao percurso do pesquisador. Nesse processo acadêmico, algumas produções marcaram o avanço da temática. Em 2018, defendi o Trabalho de Conclusão de Curso pela Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Estudos

¹ FICO, Carlos. *Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar*. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 24, nº 47, p.29-60, 2004.

² DREIFUSS, R. A. **1964**: A conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe. Rio de Janeiro: Vozes, 1981, p. 105.

³ REIS FILHO, Daniel Aarão. O colapso do colapso do populismo ou a propósito de uma herança maldita. In: FERREIRA, Jorge (Org.). **O populismo e sua história**: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 332 nota 5 e p. 335.

⁴ Fico, 2004, p. 52.

Superiores de Parintins, tendo como título: “*Gênero e poder político na Câmara Municipal de Parintins nas décadas de 1950 e 1960: trajetória de Geminiana Campos Bulcão Bringel*”⁵, o qual visava de maneira breve analisar o protagonismo feminino na atuação política de Geminiana Campos Bulcão Bringel na Câmara Municipal de Parintins. Com uma discussão inicial orientada pelas leituras sobre a história das mulheres⁶ e das relações de gênero, em Passos⁷ e Costa⁸, e utilizando da metodologia da história oral, guiado por Alberti⁹ e Ferreira¹⁰, analisei a trajetória da professora e vereadora por meio das memórias sobre sua atuação, trazendo de maneira breve as histórias de lutas políticas travadas dentro e fora da Câmara Municipal de Parintins, entre as décadas de 1950 e 1960.

Em 2021, concluí a pesquisa de maior fôlego até então, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, a dissertação “*A participação de Geminiana Campos Bulcão Bringel sob o olhar do feminismo e gênero como docente e vereadora nos anos de 1950-60 na Cidade de Parintins*”¹¹. Nesta pesquisa, busquei entender seu itinerário, atuação política na Câmara Municipal, assim como sua participação como docente no município. Nos dois primeiros capítulos, propus uma discussão mais teórica sobre as conjunturas políticas e econômicas do Brasil, do Amazonas e do município de Parintins, em conjunto à análise do lugar da mulher, gênero e feminismo em um debate nacional, regional e local. No terceiro capítulo, analisei as fontes selecionadas, as quais foram as atas da Câmara Municipal de Parintins, das décadas de 1950 a 1960, documentos

⁵ OLIVEIRA, Roger Kenned Repolho de. **Gênero e poder político na Câmara Municipal de Parintins nas décadas de 1950 e 1960: trajetória de Geminiana Campos Bulcão Bringel**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade do Estado do Amazonas, Parintins, 2018.

⁶ SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997; SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. Texto Original: Gender: A Useful Category of Historical Analyses. Gender and the Politics of History. New York. Columbia University. Press. 1989. In: **S.O.S. Corpo**, Recife, p. 1-27, 1991.

⁷ PASSOS, Elizabete Silva. As mulheres e os saberes: construção do gênero nas Universidades do Norte e Nordeste e as repercussões nos campos social e político. In: FERREIRA, Mary; ÁLVARES, Maria Luzia Miranda; SANTOS, Eunice Ferreira dos (Orgs.) **Os saberes e os poderes das mulheres: a construção do gênero**. São Luís: EDUFMA/Núcleo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa Mulher, Cidadania e Relações de Gênero; Salvador: REDOR, 2001.

⁸ COSTA, Heloísa Lara Campos. Gênero, desenvolvimento e a universidade na Amazônia. In: NORONHA, Nelson Matos; ATHIAS, Renato (Org.). **Ciências e saberes na Amazônia: indivíduos, coletividades, gêneros e etnias**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, p. 150-168, 2008.

⁹ ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 155-202.

¹⁰ FERREIRA, Marieta De Moraes. História Oral: Velhas Questões, Novos Desafios. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 169-186.

¹¹ OLIVEIRA, Roger Kenned Repolho de. *A participação de Geminiana Campos Bulcão Bringel sob o olhar do feminismo e gênero como docente e vereadora nos anos de 1950-60 na cidade de Parintins*. Orientadora: Yoshiko Sassaki. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021.

digitalizados, transcritos e organizados por datas e legislaturas nos livros “*História e Memória Política do Município de Parintins*”¹².

Para compreender o período analisado, o século XX, realizei uma discussão teórica sobre as significativas mudanças, tanto no modelo capitalista de produção, quanto consequentemente nos países que possuem esse modelo, como o Brasil. Como aporte teórico, utilizei Brum¹³, Saffioti¹⁴, Paulo Netto e Braz¹⁵, Furtado¹⁶ e Mantega¹⁷, assim como Kon¹⁸, Langoni¹⁹ e Silva²⁰. Nessa discussão sobre a Amazônia, para um debate sobre a industrialização e como ela afetou significativamente as condições sociais e econômicas existentes no país, abordei um conjunto de autores como Castro²¹, Gondim²², Schor e Marinho²³, Silva²⁴, Silveira e Pinheiro²⁵, Souza²⁶ e Picoli²⁷. Na proposta teórica sobre o feminismo como movimento e como motor gerador de ideias para as mudanças sociais e acadêmicas, me firmei em leituras de

¹² Este projeto nasceu a partir de iniciativa do então presidente da Câmara Municipal de Parintins, vereador Juscelino Melo Manso. Seu objetivo foi “sistematizar o acervo documental da Câmara Municipal de Parintins, colocá-lo à disposição da pesquisa, leitura e visitação da população. É uma iniciativa que visa fortalecer a educação, a cidadania, a identidade e a memória local. O acervo documental da Câmara Municipal de Parintins possui fontes escritas que revelam as tensões políticas da vida da cidade, as determinações que influenciaram na paisagem urbana”. MANSO, Juscelino Melo. Apresentação. In: BUTEL, Larice *et al.* **História e memória política do município de Parintins**: 1.ª legislatura de 1947 a 1951. Parintins: Câmara Municipal de Parintins, 2011, p. 7.

¹³ BRUM, Argemiro J. **O desenvolvimento econômico brasileiro**. 20. ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.

¹⁴ SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

¹⁵ PAULO NETTO, José; BRAZ, Marcelo. **Economia política: uma introdução crítica**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

¹⁶ FURTADO, Celso. **Análise do modelo brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

¹⁷ MANTEGA, Guido. **A economia política brasileira**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

¹⁸ KON, Anita. A experiência brasileira de planejamento econômico governamental federal: análise dos planos implementados e suas consequências. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 49-61, maio/jun. 1994.

¹⁹ LANGONI, Carlos Geraldo. **A economia da transformação**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

²⁰ SILVA, Patrícia Regina de Lima. **Do espaço lembrado ao espaço vivido: narrativas orais de mulheres nordestinas em Parintins-AM, na segunda metade do século XX**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

²¹ CASTRO, Edna. Políticas de Estado e atores sociais na Amazônia contemporânea. In: BOLLE, Willi; CASTRO, Edna; VEJMEJKA, Marcel (Org.). **Amazônia: região universal e teatro do mundo**. São Paulo: Globo, 2010.

²² GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 3. ed. Organização de Tenório Telles. Manaus: Valer, 2019.

²³ SCHOR, Tatiana; MARINHO, Thiago Pimentel. Ciclos econômicos e periodização da rede urbana no Amazonas - Brasil: as cidades Parintins e Itacoatiara de 1655 a 2010. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 56, p. 229-258, jun. 2013.

²⁴ SILVA, Marilene Corrêa da. **Metamorfoses da Amazônia**. 2. ed. Manaus: Valer, 2013.

²⁵ SILVEIRA, Rodrigo Pinheiro; PINHEIRO, Roseni. Internato rural na Amazônia: aspectos históricos, contexto atual e principais desafios. **História, Ciência, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 24 n. 2, p. 371-390, abr./jun. 2017.

²⁶ SOUZA, Nilciana Dineli de. **O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM): evolução e transformação**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

²⁷ PICOLI, Fiorelo. **O capital e a devastação da Amazônia**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

Blay²⁸, Costa²⁹, Garcia³⁰, Scott³¹ e Pinto³². Essas transformações fazem ligação com o período de atuação política e profissional de Geminiana Bringel. Destaco aqui o subcapítulo “3.4 Reflexão sobre o olhar do feminismo e gênero em sua participação política na Câmara e na docência”, no qual analiso as demandas defendidas pela professora e vereadora, como a questão do preço da carne bovina para pessoas com menos poder aquisitivo, ressaltando a forma como ela própria mencionava: “lavadeiras, as cozinheiras e as viúvas”³³, oferecendo um olhar para essas demandas a partir de uma perspectiva feminista. Assim, foi possível entender as táticas de Geminiana Bringel dentro da casa legislativa, um lugar predominantemente ocupado por homens.

Em 2022, já ligado ao Programa de Pós-Graduação em História da UFAM, dei andamento à tese aqui apresentada. Proponho, nesta tese, um corte temporal e temático que difere dos trabalhos anteriores. Nele, como já pontuado anteriormente, analiso os aspectos do protagonismo da vereadora Gemica Bringel e a expressão de uma prática feminista na arena pública e política em contexto de Ditadura Militar Brasileira em Parintins, nos anos de 1964 a 1974, utilizando a trajetória da professora e vereadora. As datas do corte temporal não são apenas emblemáticas com significados de lutas e resistências à Ditadura Militar instalada no país em um contexto nacional e macro; são também datas marcantes na trajetória da professora e vereadora. Sua trajetória política conecta-se com as conjunturas da política nacional, a qual se evidencia no período da Ditadura Militar após o Golpe Civil-Militar de 1964. O ano de 1964 marca o início de seu terceiro mandato e da Ditadura Militar no Brasil. Nesse período, a vereadora possuía 41 anos de idade. Em 1974, já com 51 anos, após dez anos de oposição ao Regime Militar, recebe o anticandidato Ulysses Guimarães no município de Parintins, durante a campanha nacional do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), à antipresidência da República, hospedando-o em sua casa. Esse episódio no ano de 1974³⁴ evidencia o caráter de sua atuação e luta como oposição à Ditadura Militar no país.

Assim, nesta tese, tomo como objetivo investigar as memórias públicas sobre a atuação política e as táticas de inserção feminina nos espaços públicos e disputas eletivas

²⁸ BLAY, Eva Alterman. *Mulher e Estado: mulher, movimentos sociais, partidos políticos e Estado*. In: **INTERNATIONAL CONFERENCE: Trends and Challenges of Urban Restructuring: Class and Gender: Economic, Domestic and Urban Changes**, Rio de Janeiro, 1988.

²⁹ COSTA, Heloísa Lara Campos. **As mulheres e poder na Amazônia**. Manaus: EDUA, 2005.

³⁰ GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade 2015.

³¹ Scott, 1991.

³² PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma História do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 43. (Coleção História do Povo Brasileiro).

³³ Oliveira, 2021, p. 126.

³⁴ Fotos, relatos orais e registros do evento, coletados e depositados em acervo do autor.

protagonizadas por Geminiana Bringel, atentando para suas articulações no meio político nacional e regional e em que medida estas estão ligadas ao seu lugar social, cultural e econômico, bem como esse contexto foi um facilitador para sua circulação nos lugares de poder político.

Busco compreender o lugar da mulher a partir da experiência da professora e vereadora, nos lócus generificados, na expressão de poder da sociedade patriarcal, por meio das memórias públicas representadas pela casa legislativa de Parintins e pelas instituições religiosas, observando o impacto que a formação educacional de Geminiana teve em suas relações políticas e como ela utilizou esses lugares de poder para se estabelecer, negociar e transitar nos espaços destinados aos homens. Além disso, procuro entender as relações políticas nacionais e regionais ocorridas no período estudado, assim como temáticas relacionadas ao protagonismo da mulher em um espaço de poder e às práticas feministas nos relatos orais, atas e periódicos que registram sua atuação como professora e vereadora.

Abordo alguns pontos não debatidos nas produções acadêmicas anteriores, tanto no sentido de aprofundamento teórico, com novas questões a serem formuladas para o acervo de Geminiana Bringel, quanto em relação às suas táticas e à sua inserção nos espaços de poder. Para debater este ponto, usarei a leitura de Artières³⁵ e Bourdieu³⁶, bem como discussões sobre as relações de gênero, o movimento e as ideias feministas, e a participação da mulher na política, em Barbosa, Alcântara e Silveira³⁷, Capdevila³⁸, Cavalcante³⁹, Chagas⁴⁰, Costa⁴¹, Corrêa⁴²,

³⁵ ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a Própria Vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, p. 9-34, 1998.

³⁶ BOURDIEU, Pierre. O campo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, nº 5, p. 193-216, jan.-jul. 2011; BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 21ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.

³⁷ BARBOSA, Xênia de Castro; Alcântara, Mauro Henrique Miranda de; Silveira, Verônica Aparecida (org.). **História, memória e direitos humanos: 50 anos da Ditadura Militar no Brasil**. Salvador: Editora Pontocom, 2014.

³⁸ CAPDEVILA, Luc. Resistência Civil e Jogos de Gênero. França-Alemanha-Bolívia-Argentina. (Segunda Guerra Mundial - Anos 1970-1980). Tradução: Sofia Rocco Stainsack Rocha; revisão da tradução: Joana Maria Pedro. **Revista de História Bilros: História(s), Sociedade(s) e Cultura(s)**, v. 9, n. 19, p. 160-191, jul.-dez. 2021.

³⁹ CAVALCANTE, Ronaldo Bentes. **Ide pelo Mundo inteiro e anunciai o evangelho: As Práticas Sociais e Religiosas do PIME em Parintins**. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

⁴⁰ CHAGAS, Ivanilce Nogueira. **Participação Feminina na Política: Mulheres, Poder e Patriarcalismo no Amazonas**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

⁴¹ COSTA, Heloísa Lara Campos. **No Limite do Possível: as Mulheres e o Poder na Amazônia 1840-1930**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

⁴² CORRÊA, Ingrid da Silva Mendonça. **Ulysses Guimarães: Trajetória política de um liberal democrata na luta contra a Ditadura Militar (1971 – 1984)**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

Duarte⁴³, Ferreira⁴⁴, Garcia⁴⁵, hooks⁴⁶, Krook e Sanín⁴⁷, Lima⁴⁸, Pinho⁴⁹, Reis⁵⁰, Soares⁵¹, Torres⁵² e Wolff⁵³.

Nesta tese, comparo um acervo de fontes que não havia analisado anteriormente. Ainda que muitos desses documentos tenham sido coletados durante a primeira produção acadêmica, o TCC, houve uma cautela proposital para uma análise com mais arcabouço teórico e tempo de reflexão. Assim, nesta tese, faço uma seleção de fontes documentais consultadas em periódicos da época, identificados e arquivados, como o *Jornal do Commercio*, que foram pesquisados na plataforma da Hemeroteca Digital. Também sigo utilizando atas da Câmara Municipal de Parintins, publicadas no livro *História e Memória Política do Município de Parintins*, em três volumes, que registraram a atuação pública e política de Geminiana Campos Bulcão Bringel, permitindo a compreensão das articulações nos espaços de poder, assim como a atuação dentro do corte temporal.

Outro conjunto de fontes documentais a ser utilizado é o arquivo privado de Gemica Bringel, cedido pelos familiares da vereadora. Nele constam documentos pessoais como fotos de sua atuação e ação política, certificados e documentos relacionados à sua formação como educadora, livros de atas partidárias redigidos pela vereadora, correspondências ativas e passivas, e recortes de jornais referentes à política e a sua atuação profissional. Por fim, pesquisas em acervos on-line como na Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional, e no Serviço Nacional de Informações, do Arquivo Nacional, mostraram-se ricas em

⁴³ DUARTE, Ana Rita Fonteles. Jogos de Gênero na Ditadura Civil-Militar Brasileira: de uma ponta a outra do tabuleiro. In: PEDRO, Joana Maria; ZANDONÁ, Jair (org.). **Feminismos e democracia**. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.

⁴⁴ FERREIRA, Jorge. **Elisa Branco**: uma vida em vermelho. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

⁴⁵ Garcia, 2015.

⁴⁶ HOOKS, bell. **Teoria feminista**: da margem para o centro. Tradução Rainer Patriota. – São Paulo: Perspectivas, palavras negras, 2019.

⁴⁷ KROOK, Mona Lena; SANÍN, Juliana Restrepo. “Gender and political violence in Latin America”. **Política y gobierno**, v. 23, n. 1, p. 125-157, 2016.

⁴⁸ LIMA, Gabriel Amato Bruno de. **“Aula prática de Brasil”**: ditadura, estudantes universitários e imaginário nacionalista no Projeto Rondon (1967-1985). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

⁴⁹ PINHO, Tássia Rabelo de. “Debaixo do Tapete: A Violência Política de Gênero e o Silêncio do Conselho de Ética da Câmara dos Deputados”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, e67271, 2020.

⁵⁰ REIS, Daswanny Araújo dos. **Por um novo cenário**: a mulher na política partidária. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011, p. 72.

⁵¹ SOARES, Denise Bentes. **Elos x nós**: encontros e desencontros entre poder público e movimentos de mulheres em Parintins/AM. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

⁵² TORRES, Iraíldes Caldas. Gilberto Mestrinho: de caudilho a Boto sedutor do Amazonas. In: QUEIRÓS, César Augusto Bubolz; UGARTE, Auxiliomar Silva. **Trajetórias políticas na Amazônia republicana**. Manaus: Editora Valer, 2019.

⁵³ WOLFF, Cristina Scheibe; NECKEL, Roselane; PEDRO, Joana Maria. Mulheres na política brasileira contemporânea: desafios e violências. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v.36, n.2, p. 79-99, jul./dez. 2023.

fontes. Além disso, jornais do município de Parintins, cedidos por colegas que digitalizaram estes materiais, colaboraram para compreensão da participação de Geminiana no espaço político no período da ditadura e na ilha Tupinambarana.

As fontes orais utilizadas nesta tese permitiram um rico aprofundamento sobre a atuação pública de Gemica Bringel. Elas expressam a construção das memórias dos vereadores que atuaram durante os mandatos da vereadora, de amigos e de pessoas que rememoram a atuação dela na arena pública. Por meio da metodologia de análise e construção de fonte da história oral, analiso os processos de construção de fontes, assim como seus atos de lembrar e esquecer, buscando tratar essas memórias com a criticidade que elas e outras fontes exigem.

O contato com a trajetória de Geminiana Campos Bulcão Bringel e, por conseguinte, com os temas do feminismo, gênero e poder político na cidade de Parintins, teve início no ano de 2016, quando cursei a disciplina Teoria e Prática da Pesquisa em História. Na ocasião, na conjuntura nacional, ganhava as ruas e a imprensa, o questionamento da atuação e do gerenciamento do país por uma mulher no mais alto cargo da República Brasileira: a presidenta Dilma Rousseff⁵⁴. A forma como se deu a crise política que culminou em um processo de impedimento e os ataques sofridos pela presidenta evidenciaram a desigualdade de gênero. Nas ruas e nas mídias, muitos ataques direcionados à então presidenta visaram seu corpo e seu modo de agir, ou seja, eram direcionados às suas características físicas por ser mulher. Esse processo de agressão, vinculado ao fato de ser mulher e ocupar um dos mais altos cargos de poder, não começou em 2016, ano do Golpe, mas sim no início do seu segundo mandato, no ano de 2015, quando se intensificou.

Segundo a presidenta Dilma Rousseff⁵⁵ em seu texto “*A misoginia e a manipulação da mídia*”, na obra “*Sempre foi sobre nós*”, organizada por Manuela D’Ávila, a arquitetura do golpe se inicia logo após ser reeleita: “nas 72 horas depois do resultado das urnas, publicaram oito manchetes em que eu era identificada como ‘derrotada’”⁵⁶. Os ataques nos jornais e outras

⁵⁴ Ex-presidente do Brasil, primeira mulher eleita para presidir o país. Deu início à sua vida política integrando organizações de combate à Ditadura Militar. Condenada por “subversão” pela ditadura, passou quase três anos presa. Na década de 1970, mudou-se para Porto Alegre e dedicou-se à Campanha da Anistia. É graduada em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi secretária da Fazenda do governo municipal de Porto Alegre na década de 1980. No início dos anos 1990, presidiu a Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul. Em 1993, tornou-se secretária de Energia, Minas e Comunicações do mesmo estado. Foi ministra de Minas e Energia até 2005 e ministra da Casa Civil no governo Lula. Em 2010, foi eleita presidenta do Brasil. Em 2014, foi reeleita. Foi alvo de um golpe de Estado disfarçado de impeachment em 2016 (ROUSSEFF, Dilma. *A misoginia e a manipulação da mídia*. In: D’ÁVILA, Manuela (org.). **Sempre foi sobre nós: relatos da violência política de gênero no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022). Atualmente está à frente do Banco do BRICS, cargo que assumiu em março de 2023.

⁵⁵ Rousseff, 2022.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 64.

mídias seguiram no intuito de inferiorizar a presidenta: “os jornais sugerem ao leitor uma ideia de supressão do poder da recém-eleita por outro poder institucional”⁵⁷.

A violência política de gênero contra Dilma Rousseff seguiu e aumentou durante esse processo até o golpe parlamentar⁵⁸. As agressões foram tão violentas que, no dia 3 de julho de 2015, Nadine Gasman, representante da ONU Mulheres Brasil, divulgou uma nota pública. Na nota, afirma: “é ultrajante e extremamente agressiva a apologia de violência sexual contra a Presidenta da República, Dilma Rousseff, retratada em adesivos para automóveis, como expressão de misoginia e interpelação dos direitos humanos de mulheres e meninas”. E complementa: “tal episódio se configura como violência política sem precedentes”⁵⁹. Posteriormente, se dava o Golpe Parlamentar de 2016, com a justificativa de crimes que serviram de pretexto para retirá-la do poder. Atualmente, a inocência de Dilma Rousseff foi reconhecida e confirmada a execução de um golpe.

Esses fatos e o contexto político levaram-me a iniciar uma pesquisa sobre a mulher na política. Dediquei-me a pensar na participação das mulheres e a buscar no passado da política de Parintins os elementos que mostrassem como, mesmo após tantos avanços por meio de luta das mulheres nos espaços públicos e de poder político, ainda havia barreiras que as limitavam pelo fato de serem mulheres.

Nesse sentido, esta pesquisa se coloca à luz da perspectiva do historiador de Marc Bloch⁶⁰ em “*Apologia da História, ou o Ofício do Historiador*”. Ao pensar sobre seu objeto de estudo, reflete que “o presente bem referenciado e definido dá início ao processo fundamental do ofício do historiador: “compreender o presente pelo passado” e, correlativamente, “compreender o passado pelo presente”⁶¹. Dessa forma, minha inquietação sobre o lugar das mulheres na política permite refletir sobre a afirmativa de que “a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado”⁶². Dito isso, as inquietações do presente motivam a busca no passado para entender a inserção da vereadora nos espaços públicos. Para Bloch⁶³,

⁵⁷ *Ibid.*, p. 64.

⁵⁸ Para um aprofundamento sobre o ocorrido, entre os trabalhos que se propuseram a analisar esse momento de violência no golpe de 2016, ler: SILVA, Perla Haydée da. **De louca a incompetente**: construções discursivas em relação à ex-presidenta Dilma Rousseff. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019.

⁵⁹ GASMAN, Nadine. Nota pública: ONU Mulheres Brasil repudia ataques sexistas à Presidenta da República, Dilma Rousseff, e conclama tolerância zero ao machismo. **ONU Mulheres Brasil**, 3 jul. 2015. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/nota-publica-onu-mulheres-brasil-repudia-ataques-sexistas-a-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-e-conclama-tolerancia-zero-ao-machismo>. Acesso em: 17 maio 2025.

⁶⁰ BLOCH, Marc Leopold Benjamim. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Prefácio, Jaques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. 1ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

⁶¹ *Ibid.*, p. 25.

⁶² *Ibid.*, p. 65.

⁶³ *Ibid.*, p. 65.

o historiador deve conhecer a realidade ao seu redor, aprender a observar, se não souber fazer isso, não é um historiador. Assim, ainda segundo o autor, para compreender as questões do presente, é necessário primeiro estudar o passado, e fazer isso por intermédio das fontes, dos vestígios, sejam eles intencionais ou não.

Dessa forma, uma questão norteou a pesquisa desde a sua fase inicial até esta tese: qual seria o lugar da mulher na política de Parintins, no Baixo Amazonas, antes dos avanços que garantem a sua atuação no espaço público? Um lugar generificado e de expressão do exercício do poder em uma sociedade orientada pelo patriarcado e, por conseguinte, pelo machismo na política.

Em uma busca ainda sem entendimento teórico ou metodológico apurado, segui os rastros de uma possível atuação na Câmara Municipal de Parintins, à procura de fontes que registraram a atuação das primeiras mulheres na política do município e, assim, compreender como se deu essa inserção e os enfrentamentos diante da desigualdade de gênero. Nessa pesquisa prévia encontrei apenas vereadoras que atuaram da década de 1990 a 2004⁶⁴, devido à limitação de documentos disponíveis para pesquisa dentro da Câmara Municipal de Parintins.

Ao buscar fontes e documentação sobre essas mulheres na política, um nome sempre surgia nas memórias dos munícipes: o nome da professora, vereadora, prefeita interina, líder do MDB e diretora da Unidade Educacional de Parintins, Geminiana Campos Bulcão Bringel, a dona Gemica.

Após a coleta inicial das atas que registraram a atuação das primeiras mulheres na política de Parintins, dirigi-me ao professor Júlio Claudio, com quem me identifiquei e sobre quem já manifestava interesse em ser orientando. Logo após a apresentação das documentações ao professor, as primeiras entrevistas foram feitas, conseguidas por ele, as quais já indicavam a trajetória da professora e vereadora como uma atuação emblemática e que necessitava de investimento para entender não só sua atuação pública, mas também os aspectos sociais, econômicos e políticos do período de atuação.

A trajetória de dona Gemica ajuda a iluminar a discussão sobre as mulheres em lugares de poder na região do Baixo Amazonas, discussão essa pouco abordada pela historiografia. A sujeita da pesquisa se coloca em conexão política e em articulações no período da Ditadura Militar, estabelecendo relações com acontecimentos em contextos macro, mostrando as conexões e influências nas lutas travadas nos campos político, social e das mulheres nesses espaços.

⁶⁴ Refiro-me das professoras e vereadoras Valdete Preste Pimentel na década de 1990 e Clotilde Cruz Valente no início dos anos 2000.

Ao estabelecer um fio condutor para a análise e aproveitar a potencialidade das discussões presentes, identifiquei três direções na trajetória da professora e vereadora, inclusive em seu acervo: a) o aspecto profissional, que está relacionado a sua vida como mulher e educadora; b) o aspecto político, voltado para as demandas da cidade, às quais a vereadora corresponde por meio de sua atuação dentro da Câmara Municipal de Parintins e na administração pública; c) e o aspecto de sua atuação na Ditadura Militar, que visa a combater e articular os sujeitos que atuavam contra o regime antidemocrático. Entendo que estes aspectos não estão separados e muitas vezes se correlacionam, pois ela, em sua atuação política e profissional, utiliza ambos para adentrar espaços de poder pouco acessíveis às mulheres, assim como para enfrentar as desigualdades de gênero presentes em cada um desses âmbitos.

Dona Gemica, como mulher e líder do MDB (Movimento Democrático Brasileiro), na segunda metade do século XX, permite entender a respeito das desigualdades presentes nos espaços políticos, assim como suas táticas de resistência para sobreviver ao patriarcado e as violências presentes nesses espaços. Sua trajetória permite inferir como se deu a luta contra a Ditadura Militar no interior do Amazonas em um município estratégico como era Parintins, em contexto de Ditadura Militar, bem como as articulações dos partidos diante das perseguições sofridas e da luta para não serem capturados pelos órgãos de vigilância e repressão.

Sua trajetória profissional evidencia as táticas que permitiram a uma mulher, na segunda metade do século XX, no Baixo Amazonas, adentrar esses espaços recentemente abertos a elas, em meio às inúmeras mudanças ocorridas nesse período, como o acesso à educação. Dona Gemica, por ser uma mulher de classe média, de uma família que possuía um poder aquisitivo e de alto consumo no município de Parintins, teve a possibilidade de adentrar o espaço público muito cedo, ainda na adolescência, aos 13 anos, no cargo de supervisora escolar contratada pelo Estado. Este talvez seja um ponto-chave para entender sua atuação no meio político e que será discutido no decorrer desta tese.

Sua participação na política se deu em diferentes momentos, com mandatos sucessivos, tendo início em 1956, aos 33 anos, permanecendo até 1968, aos 45 anos. Retomou sua atuação entre 1977, aos 54 anos, e 1982, aos 59 anos, na Câmara Municipal de Parintins, espaço onde os discursos dos homens eram predominantes. Nesse período de inserção, teve o pioneirismo de ser a primeira mulher a ocupar um cargo como vereadora na política do município. Assumiu também como presidente da Câmara, prefeita interina e manteve cargos em comissões da Câmara Municipal, o que indica que, em alguma medida, proporcionou ou realizou mudanças nas estruturas de poder até então não destinadas às mulheres.

Sua trajetória e atuação política ultrapassam os limites da Câmara Municipal de

Parintins, articulando-se com as conjunturas da política nacional. Esse protagonismo torna-se evidente por seu posicionamento e liderança durante a Ditadura Militar instaurada após o Golpe Civil-Militar de 1964. Os embates e as disputas travados na Câmara podem ser identificados por meio das atas da Câmara Municipal, de relatos orais e de jornais da época. Além disso, sua atuação permite analisar as desigualdades de gênero presentes nesse espaço de poder. Essas fontes constituem a base para as discussões desenvolvidas ao longo desta tese.

A vereadora teve conexões e articulações políticas nacionais em sua trajetória, após seu terceiro mandato, e ainda em contexto da Ditadura Militar, quando recebeu no município de Parintins o então líder do MDB, o antecandidato⁶⁵ à presidência, Ulysses Guimarães. Os relatos orais, em conjunto com outras fontes documentais, indicam que receber lideranças políticas em sua residência era uma prática recorrente. No caso de Ulysses Guimarães, a visita ocorreu durante sua campanha de antecandidatura à Presidência da República, realizada em um contexto de enfraquecimento da Ditadura Militar. Na Região Norte, essa campanha incluiu visitas a municípios do interior do estado do Amazonas, em 1974.

Geminiana Bringel e sua trajetória política, assim como sua trajetória de vida, possuem paralelos com as rupturas e quebras de instituições sociais e políticas validadoras do poder masculino em detrimento do feminino. Tais rupturas foram significativas para a inserção da mulher nos espaços públicos do século XX, mudanças ocorridas através das ideias e lutas do movimento feminista.

Sua trajetória permite a indagação: de que maneira a professora e vereadora se estabelece nesse espaço de poder, político e profissional? Em qual medida rompe e se fortalece com um poder já existente para sua inserção, como se implanta e se mantém nesses postos? Uma das possíveis hipóteses sobre sua trajetória é que ela foi viabilizada, de certa forma, devido sua classe social, seu poder aquisitivo e suas articulações, tornadas possíveis devido aos seus capitais políticos.

Vale ressaltar que sua trajetória política não se estende apenas ao recorte temporal e historiográfico desta tese. Destaco aqui o período dos primeiros sinais de abertura democrática no país no final da década de 1970 e início da de 1980, o qual carece de abordagens futuras.

Destaco, no período de atuação da professora e vereadora, a promulgação do Ato Institucional nº 2 (AI-2), que institucionalizou o bipartidarismo, e, posteriormente, do Ato Institucional nº 5 (AI-5), ato que aprofundou a repressão da Ditadura Militar e representou um

⁶⁵ Antecandidatura é como foi denominada a campanha à presidência de Ulysses Guimarães em 1973 como forma de desmascarar o regime ditatorial e antidemocrático para o exterior, uma vez que o regime tinha o intuito de transparecer uma suposta democracia (Corrêa, 2011).

momento-chave na trajetória política de Geminiana Campos Bulcão Bringel. Esse contexto é importante para os estudos da Historiografia em relação aos debates inclusive sobre a Ditadura Militar no Baixo Amazonas, permitindo iluminar consequentemente essa parte da história política partidária da região nesse espaço de poder entre 1964 e 1974.

Esta tese se situa junto a outras pesquisas desenvolvidas dentro do Grupo de Estudos Históricos do Amazonas (GEHA) sobre a história das mulheres e das relações de gênero no Baixo Amazonas. Cumpre, assim, uma demanda e exigência da Lei Nº 14.986, de 25 de setembro de 2024, que inclui “a obrigatoriedade de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio”⁶⁶. Entre os trabalhos desenvolvidos, resalto a dissertação de Jucinara Cabral da Silva, intitulada “*História oral e interseccionalidade na trajetória de Maria Amélia dos Santos Castro: Comunidades Remanescentes de Quilombo do Rio Andirá - Barreirinha/Am (2005-2022)*”⁶⁷, a qual já desenvolve no doutorado a pesquisa intitulada “*Aqui no Matupiri tudo acontece! Pessoa morre, a gente benze e elas tornam a viver: História, memória e interseccionalidade nas trajetórias de vida de Mestras Quilombolas do Rio Andirá*”. Outra pesquisadora, Geize Vieira de Almeida, possui um trabalho de dissertação intitulado “*Gênero e memória: a trajetória de dona Maria da Conceição Silva entre a infância no bairro São Raimundo e a gerência do Banco do Estado do Amazonas (1957-1980)*”⁶⁸. A pesquisadora Marcia Gabrielle Ribeiro Silva desenvolveu a tese intitulada “*LAROYÊ: Entre encruzilhadas de memórias e histórias afroindígenas na Amazônia Parintinense- trajetórias de mães de santo (1988-2025)*”⁶⁹. Além destes, há outros trabalhos do grupo de pesquisa, como o de Hayna Andrade “*NÃO É QUE EU SEJA FRACA, MAS A NOSSA VOZ É VISTA COMO FRACA!: história oral, memória, e interseccionalidade nas trajetórias de mulheres Sateré -Mawé (1964-2024)*”⁷⁰; o de Fabiana Saquiray “*Memória, Gênero e Relações Étnico-Raciais em trajetórias de lideranças indígenas*

⁶⁶ BRASIL. **Lei nº 14.986, de 25 de setembro de 2024**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (...). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ed. 187, p. 3, 26 set. 2024. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.986-de-25-de-setembro-de-2024-586715705>. Acesso em: 17 maio 2025.

⁶⁷ SILVA, Jucinara Cabral da. **História Oral e Interseccionalidade na trajetória de Maria Amélia dos Santos Castro**: Comunidades Remanescentes de Quilombo do Rio Andirá - Barreirinha/Am (2005-2022). Orientador: Júlio Claudio da Silva. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2025.

⁶⁸ ALMEIDA, Geize Vieira de. **Gênero e Memória**: a trajetória de dona Maria da Conceição Silva entre a infância no bairro São Raimundo e a gerência do Banco do Estado do Amazonas (1957-1980). Orientador: Júlio Claudio da Silva. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2025.

⁶⁹ SILVA, Márcia Gabrielle Ribeiro. **LAROYÊ**: Entre encruzilhadas de memórias e histórias afroindígenas na Amazônia Parintinense- trajetórias de mães de santo (1988-2025). Orientador: Júlio Claudio da Silva. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2025.

⁷⁰ Pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Amazonas, 2026-2027, sob a orientação do professor Dr. Júlio Claudio da Silva.

em Santo Antônio do Içá, Alto Solimões/Amazonas (1970 - 1990)”⁷¹; e o de Joandreo Batalha Campos, “A encruzilhada do silêncio: um estudo de memória, oralidade e silenciamentos com mulheres do município de Faro (Pará), a terra da feitiçaria”⁷².

Todas essas pesquisas são desenvolvidas no âmbito do Grupo de Estudos de História da Amazônia estão ligadas ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas. As pesquisas incluem os diversos aspectos das experiências e perspectivas das mulheres em suas abordagens, como determina a Lei 14.986 de 2024⁷³.

Nesta tese, alguns teóricos foram fundamentais para o entendimento da trajetória da vereadora. Esta tese de doutorado teve como parte de seu corpo documental entrevistas e análises fundamentadas em teóricos da metodologia de construção de fontes conhecida como história oral. Autores como Alberti⁷⁴, Delgado e Neves⁷⁵, Motta⁷⁶, e Pollak⁷⁷ auxiliaram tanto nas entrevistas quanto nas análises das memórias e dos seus processos de construção.

Também como aporte teórico para entender as *mudanças e o lugar de ocupação e permanência* da professora e vereadora, foram utilizados os autores Antunes⁷⁸, Costa⁷⁹, Capdevila⁸⁰, Chagas⁸¹, Del Priore⁸², Passos⁸³, Oliveira⁸⁴, Souza⁸⁵, Wolff⁸⁶, Soares⁸⁷ e Soihet⁸⁸.

Para *debater o feminismo* como um movimento gerador de mudanças relacionadas às

⁷¹ SAQUIRAY, Fabiana Lopes. **Memórias, narrativas e identidades**: trajetórias de vida de mulheres do Alto Solimões (1940-1970). Orientador: Júlio Claudio da Silva. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

⁷² Dissertação defendida no ano de 2026 pelo PPGICH/UEA, ainda não publicada.

⁷³ Brasil, 2024.

⁷⁴ Alberti, 2011.

⁷⁵ DELGADO, Lucilia de Almeida Neves, NEVES, Lucilia de Almeida. História oral e Narrativa: tempo, memória e identidades. **História oral** (Rio de Janeiro), São Paulo, v. 6, p. 9-26, 2003.

⁷⁶ MOTTA, Marcia Maria Menendes. “História, memória e tempo presente”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos caminhos da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

⁷⁷ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989; POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Traduzida por: Monique Augras. Edição de Dora Rocha. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

⁷⁸ ANTUNES, Vanessa. **Mulheres do Novo Século**: A Condição Feminina no Amazonas, 1900-1910: Um olhar a partir das representações da Imprensa Amazonense. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus: 2014.

⁷⁹ Costa, 2000.

⁸⁰ Capdevila, 2021.

⁸¹ Chagas, 2016.

⁸² DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

⁸³ Passos, 2001.

⁸⁴ Oliveira, 2021.

⁸⁵ SOUZA, Michelle Rabelo de. **A Presença da Mulher na Política**: o protagonismo de Eunice Michiles no Senado Federal. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

⁸⁶ Wolff, 2023.

⁸⁷ Soares, 2019.

⁸⁸ Soihet, 1997.

condições das mulheres na sociedade, assim como suas ideias dentro da academia e na sociedade, contribuíram autores como Bandeira⁸⁹, Garcia⁹⁰, Goldberg⁹¹, Henning⁹², Pinto⁹³, Pinsky e Pedro⁹⁴, Perrot⁹⁵ e Soihet⁹⁶.

Para discussão e análise das *relações de poder* estabelecidas nos espaços públicos, assim como as desigualdades de gênero e as táticas para se fazer presente nos espaços de poder e de decisão que a vereadora teve acesso, recorreu-se a autores como Biroli⁹⁷, Bourdieu⁹⁸, Reis⁹⁹, Duarte¹⁰⁰, Ferreira¹⁰¹, Krook e Sanín¹⁰², Pinho¹⁰³, Scott¹⁰⁴, Souza¹⁰⁵, e Zovatto¹⁰⁶.

Parte das documentações utilizadas, como as *atas* da Câmara Municipal de Parintins foram retiradas dos trabalhos de coletas e recuperação de documentações de Larissa da Silva Andrade e Paulo Carneiro¹⁰⁷; Irian Butel, Larice Butel e Jucielle Cursino;¹⁰⁸ e Larice Butel *et al.*¹⁰⁹

Para entender o *acervo pessoal* da professora e vereadora e o arquivamento de si,

⁸⁹ BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(1): 288, p. 207-228, jan./abr. 2008.

⁹⁰ Garcia, 2015.

⁹¹ GOLDBERG, Anette. Tudo começou antes de 1975: Ideias inspiradas pelo Estudo da Geração do feminismo “Bom para o Brasil”. In: **Relações Sociais de Gênero x Relações de Sexo**. São Paulo: Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero-USP, 1989.

⁹² HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97-128, jul./dez. 2015.

⁹³ Pinto, 2003.

⁹⁴ PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. Igualdade e Especificidade. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla (org.). **História da Cidadania**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

⁹⁵ PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC. 2005.

⁹⁶ SOIHET, Rachel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(3), p. 591-611, setembro-dezembro/2005.

⁹⁷ BIROLI, Flávia. O público e o privado. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 31-46.

⁹⁸ Bourdieu, 2011; Bourdieu, 2023.

⁹⁹ Reis, 2011.

¹⁰⁰ Duarte, 2019.

¹⁰¹ Ferreira, 2023.

¹⁰² Krook; Sanín, 2016.

¹⁰³ Pinho, 2020.

¹⁰⁴ Scott, 1991.

¹⁰⁵ Souza, 2016.

¹⁰⁶ ZOVATTO, Daniel. Financiamento dos partidos e campanhas eleitorais na América Latina: uma análise comparada. **Opinião Pública**, Campinas, v. XI, nº 2, p. 287-336, out. 2005.

¹⁰⁷ ANDRADE, Larissa da Silva; CARNEIRO, Paulo. **História e Memória Política do Município de Parintins: v. III. 1977 a 1988**. Parintins: Câmara Municipal de Parintins, 2012.

¹⁰⁸ BUTEL, Irian; BUTEL, Larice; CURSINO, Jucielle. **História e Memória Política do Município de Parintins: v. II. 1964 a 1976**. Parintins: Câmara Municipal de Parintins, 2012.

¹⁰⁹ BUTEL, Larice *et al.* **História e memória política do município de Parintins: 1.ª legislatura de 1947 a 1951**. Parintins: Câmara Municipal de Parintins, 2011.

produções como as de Artieres¹¹⁰ e Oliveira¹¹¹ contribuem para a análise do seu acervo e das implicações envolvidas no ato de arquivar a si mesmo.

Para *contextualizar o município de Parintins no período de atuação da professora e vereadora*, produções voltadas para compreender a cidade foram essenciais para o contexto regional e refletir sobre os fatores que influenciaram a atuação da vereadora, como a Igreja Católica, a economia e a sociedade parintinense, em trabalhos como os de Cavalcante¹¹², Saunier¹¹³, Silveira e Pinheiro¹¹⁴ e Bartoli¹¹⁵.

Nas discussões sobre Ditadura Militar, tanto no Brasil, como no Amazonas, e mais especificamente ao tratar o lócus da pesquisa no Baixo Amazonas, manifestam-se as diferentes formas de resistência das outras regiões do Brasil. Pesquisas responsáveis por possibilitar a discussão dessa temática junto à trajetória da vereadora foram: Corrêa¹¹⁶, Lima¹¹⁷, Torres¹¹⁸, Barbosa; Alcântara; Silveira¹¹⁹, Prado¹²⁰, Sales¹²¹, Pecoraro¹²², Araujo¹²³ e Fico¹²⁴.

Para as *análises dos jornais coletados*, como o *Jornal do Commercio*, para entendimento não apenas da fonte, mas o caráter político e ideológico dos jornais, trabalhos que investigam essas questões foram utilizados, entre os quais destaco Santiago¹²⁵, Ramos¹²⁶ e

¹¹⁰ Artieres, 1998.

¹¹¹ OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. A descrição arquivística e os arquivos pessoais: O desafio da representação. In: SILVA, Maria Celina de Mello; ABELLÁS, José Benito Yárritu; FRADE, Everaldo Pereira (org.) **Arquivos pessoais: constituição, preservação e usos**. Mast Colloquia, v. 13. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2014, p. 55-70.

¹¹² Cavalcante, 2019.

¹¹³ SAUNIER, Tonzinho. **Parintins: história dos acontecimentos históricos**. Manaus: Editora Valer, Governo do Estado do Amazonas. 2003.

¹¹⁴ Silveira; Pinheiro, 2017.

¹¹⁵ BARTOLI, Estevan. A Cidade Arquipélago: Expansão e Morfologia Urbana de Parintins (AM). **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, ano XXII, v. 2, n. 46, p. 347-397, ago. 2020.

¹¹⁶ Corrêa, 2011.

¹¹⁷ Lima, 2015.

¹¹⁸ Torres, 2019.

¹¹⁹ Barbosa; Alcântara; Silveira, 2014.

¹²⁰ PRADO, Carlos Batista. **Partidos e sindicatos: o PCB, a oposição de esquerda eo movimento operário no Brasil (1922-1936)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2019.

¹²¹ SALES, Jean Rodrigues. História do Partido Comunista do Brasil (PCdoB): um balanço Bibliográfico. In: **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 290 - 311, maio/ago. 2017.

¹²² PECORARO, Tamires Mascarenhas. O MDB na Ditadura Militar: sua formação e (re)estruturação até a vitória eleitoral de 1974. **Revista Historiar**, v. 15, n. 29, jul./dez. 2023.

¹²³ ARAUJO, Victor Leonardo de. A macroeconomia do governo Médici (1969-1974): uma contribuição ao debate sobre as causas do “milagre” econômico. **Economia Ensaios**, Uberlândia, 33(1): 41-70, jul./dez. 2018.

¹²⁴ Fico, 2004.

¹²⁵ SANTIAGO, Maria Célia. **Clandestinidade e Mobilização nas Linhas de Montagem: A construção da greve dos metalúrgicos de 1985**, em Manaus. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

¹²⁶ RAMOS, Evelyn Marcele Campos. **Os indígenas nas folhas do Jornal do Commercio (1904-1934): entre práticas e representações**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024, p. 64.

Bezerra¹²⁷.

Dito isso, esta tese foi dividida em cinco capítulos. Essa divisão teve o intuito de organizar a trajetória da professora e vereadora em categorias de análise que permitissem examiná-la em consonância com os objetivos da pesquisa e as possibilidades oferecidas pelas fontes.

No primeiro capítulo discuto sobre a inserção de dona Gemica Bringel na arena pública, em busca da compreensão sobre sua vida enquanto educadora e como figura pública na política partidária, por meio de fontes que mostrassem sua inserção nesse espaço no decorrer do século XX. Por meio das fontes documentais, faço uma análise breve e introdutória desses dois aspectos da vida da vereadora de atuação extensa. O capítulo também faz uma apresentação dos sujeitos de essencial importância para a análise das memórias públicas sobre sua atuação na arena pública.

No segundo capítulo, analiso as fontes documentais e os processos de construção da memória dos sujeitos. Por meio dessas memórias públicas, foi possível discutir as violências cometidas contra a vereadora por ser uma mulher em um espaço historicamente criado e ocupado por homens. Também realizo uma análise crítica dessas memórias para discutir as redes de relações de Gemica Bringel com diferentes sujeitos, bem como suas táticas como professora e vereadora nos espaços públicos e de poder.

No terceiro capítulo analiso documentos que mostram como Gemica se utilizou de seus cargos de poder para articular e lidar com os sujeitos de poder hierárquico, político e religioso. Reflito sobre sua atuação, muitas vezes ambígua ou contraditória, mas que possui um significado para sua trajetória longa nos espaços de poder.

No quarto capítulo apresento o corte temporal, pois suas motivações estão ligadas à sua atuação política e ao contexto enfrentado pela vereadora. Assim, analiso sua atuação no contexto da Ditadura Militar, 1964 a 1974, em campanha de anticandidatura, o período de maior atuação dentro da política, principalmente dentro da Câmara Municipal Parintins. Realizo a análise das ideias e posicionamentos da professora e vereadora dentro da Câmara Municipal de Parintins por meio das atas da Câmara Municipal que registraram suas falas. Em confronto com essa documentação, os relatos orais demonstram táticas da vereadora para se estabelecer e se posicionar em um período de restrição democrática e perigoso para se opor ao que foi a ditadura no Brasil. Ainda nesse sentido, este capítulo apresenta a análise do papel exercido pela vereadora em articular o partido de oposição (MDB) no município de Parintins, a exemplo sua

¹²⁷ BEZERRA, Cleber de Lima. **A imprensa amazonense**: dos preparativos do golpe à instituição do AI-5 (1963-1968). Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

recepção estratégica para se aproximar e se articular com as lideranças políticas locais e nacionais ao receber o então líder do partido MDB, Ulysses Guimarães, em sua casa. Também trago uma análise sobre o período de Ditadura Militar no Brasil.

No quinto capítulo busco compreender como ocorreu a vida política partidária da professora e vereadora Geminiana Campos Bulcão Bringel, após sua atuação durante a Ditadura Militar no Brasil. Busco esclarecer um momento em que dona Gemica Bringel passa a não estar sob os holofotes da vida pública de um político. Além disso, realizo a discussão e análise sobre a construção de seu acervo e as fontes deixadas pela professora e vereadora, indicando tanto a sua luta contra a Ditadura Militar como sua atuação como professora no município de Parintins.

Dito isso, concluo esta pesquisa com grande alegria; foram até aqui dez anos, aos quais me propus a atuar e me comprometer como pesquisador no Baixo Amazonas. Vale ressaltar que essa tese de doutorado não é o fim das discussões relacionadas à atuação da professora e vereadora Geminiana Campos Bulcão Bringel, mas uma parte de sua atuação pública como mulher em um espaço dominado numericamente por homens, durante a Ditadura Militar no Baixo Amazonas. Assim, localizando não apenas os espaços de poder generificados, mas também de luta pela democracia.

CAPÍTULO I: GEMICA, TRAJETÓRIA EMBLEMÁTICA DE UMA MULHER NA POLÍTICA NA METADE DO SÉCULO XX

Através de fontes do Acervo Privado de dona Geminiana Bringel observei como ocorreu o seu processo de formação escolar, abrangendo os níveis primário, ginásial, colegial e superior. Tal acervo revela dados de sua trajetória profissional como educadora. Outra dimensão de sua atuação, a política, está registrada nas atas da Câmara Municipal de Parintins. O conjunto desses dois cabedais de fontes permite-nos compreender quais espaços puderam ser ocupados por dona Gemica Bringel. O objetivo do presente capítulo é apresentar Geminiana Campos Bulcão Bringel e os sujeitos contemporâneos entrevistados. Seus relatos revelam aspectos da atuação da professora e vereadora na arena pública e nos espaços de poder da sociedade parintinense do século XX.

No primeiro tópico, discuto a trajetória profissional da professora e vereadora, cuja atuação como educadora teve início aos 13 anos de idade, em um contexto bastante distinto dos padrões atuais. Ao decorrer de sua atuação profissional como educadora, dona Gemica demonstrou constante preocupação com sua formação, realizando diversos cursos de aperfeiçoamento e atuando inicialmente em escolas do município até ingressar na rede estadual de ensino. Sua formação acompanha os avanços do acesso das mulheres à educação formal, aproveitando as brechas possíveis.

Em sequência, realizo uma discussão com alguns autores que analisam o município de Parintins até a metade do século XX para fins de entendimento dos contextos sociais, políticos e econômicos durante a atuação política da vereadora, possibilitando evidenciar crescimento urbano e mudanças na sociedade parintinense do período.

A seguir, uma análise geral da trajetória política de dona Gemica é desenvolvida, para além do corte temporal, buscando iluminar sua atuação na arena pública e pensar como sua performance foi emblemática.

Com base na metodologia da história oral, realizo entrevistas com sujeitos contemporâneos à atuação da biografada. Essa documentação construída em diálogo com os colaboradores selecionados será analisada nos capítulos posteriores. Por fim, apresento esses personagens e suas micro-biografias para entendimento de suas relevâncias nesta pesquisa, pois em seus processos de construção de memória possuem lembranças da atuação pública da vereadora Gemica Bringel.

1.1 A trajetória profissional: contextualizando formação e atuação

Geminiana Lauro Campos Bulcão¹²⁸ nasceu em 18 de julho de 1923, no município de Parintins, filha de Fausto de Campos Bulcão e Isaura Lauro Bulcão¹²⁹. Casou-se no civil em agosto de 1946¹³⁰, aos 23 anos de idade.

Celebrou o casamento religioso dois anos depois, no dia 20 de janeiro de 1948, na igreja matriz da paróquia de Parintins¹³¹, com Camilo Lopes Bringel, brasileiro, nascido em 26 de junho de 1918, natural do Ceará, homem branco¹³². Após seu casamento, dona Gemica passou a se chamar Geminiana Campos Bulcão Bringel. Em seu acervo, encontram-se documentos de seus três filhos biológicos, sendo o primeiro Sebastião Ramilo Bulcão Bringel¹³³, nascido em 1947, quando ela tinha 24 anos. Dois anos depois nasceu Sérgio Roberto Melo Bringel¹³⁴, em 1949. Em 1961 nasceu Sandra Regina Bulcão Bringel¹³⁵, quando Gemica tinha 38 anos.

Em sua certidão de nascimento, dona Gemica é identificada como parda. Em seu título de eleitor, consta a identificação “R. Clara”. As identificações presentes nesses documentos ajudam a compreender as questões interseccionais que influenciaram diretamente sua trajetória. A anotação “R. Clara” pode corresponder à expressão “raça clara”. Vale ressaltar que as identificações e os dados presentes nos documentos eleitorais sofreram diversas alterações ao longo do século XX.

Em 1932, por meio do Decreto nº 21.076¹³⁶ e da promulgação do primeiro Código Eleitoral, o título eleitoral padronizou-se de forma nacional. O Código Eleitoral de 1945, pelo Decreto-Lei nº 7.586¹³⁷, instituiu um novo modelo, contendo informações como nome, idade,

¹²⁸ Encontrado no livro de frequência da Escola Araújo Filho no município de Parintins. Documento digitalizado, depositado em acervo no GEHA e NEAB no CESP/UEA.

¹²⁹ Dados encontrados nos documentos pessoais de Geminiana Bringel, cedidos por familiares, documentos digitalizados e depositado em acervo.

¹³⁰ Certidão de casamento do Cartório do segundo ofício. Documento. Documento digitalizado, depositado em acervo no GEHA e NEAB no CESP/UEA.

¹³¹ Certidão de casamento. Documento. Documento digitalizado, depositado em acervo no GEHA e NEAB no CESP/UEA.

¹³² Dados encontrados no acervo de Geminiana Bringel como a Carteira de Habilitação de Camilo Bringel, cuja data de expedição é junho de 1975. Documento digitalizado e depositado em acervo.

¹³³ Certificado de Conclusão de Curso Secundário Ciclo Colegial. Documento. Documento digitalizado, depositado em acervo no GEHA e NEAB no CESP/UEA.

¹³⁴ Certidão de Nascimento. Documento. Documento digitalizado, depositado em acervo no GEHA e NEAB no CESP/UEA.

¹³⁵ Atestado para o Colégio Nossa Senhora do Carmo. Documento. Documento digitalizado, depositado em acervo no GEHA e NEAB no CESP/UEA.

¹³⁶ BRASIL. **Decreto n.º 21.076, de 24 de fevereiro de 1932**. Decreta o Código Eleitoral. Diário Oficial da União: Rio de Janeiro, DF, 26 fev. 1932.

¹³⁷ BRASIL. **Decreto-Lei n.º 7.586, de 28 de maio de 1945**. Institui o Código Eleitoral. Diário Oficial da União: seção 1, Rio de Janeiro, DF, 28 maio 1945.

filiação, naturalidade, estado civil, profissão e residência. Cinco anos depois, em 1950, houve outra mudança, a fotografia voltou a ser incorporada ao título de eleitor, com a implantação de um novo Código Eleitoral pela Lei nº 1.164¹³⁸, de 1950. Posteriormente, a Lei nº 2.550¹³⁹, de 1955, exigiu do eleitor o voto em uma seção eleitoral específica¹⁴⁰. É importante lembrar que os critérios que o Estado brasileiro adota hoje têm base nas mesmas classificações exigidas naquela época. Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, em “*Raça e cor no Brasil contemporâneo, oportunismo político e tendência histórica*”, ao analisar as classificações pelo estado brasileiro nos últimos 150 anos, afirma:

Uma observação importante é sobre o que significava o termo “cor” nesse período. Segundo as pesquisas etnográficas realizadas no país entre os anos 1930 e 1960 (Pierson, 1945; Wagley, 1952; Azevedo, 1953; Harris, 1956; Hutchinson, 1957; Zimmermann, 1952), o termo servia para agrupar pessoas com aparência física catalogada pelo racismo científico vigente entre o final do século XIX e o começo do XX (cor da pele, textura do cabelo, formato de nariz e lábios), além de pessoas de status socioeconômico semelhante (educação formal, recursos financeiros e sociais, redes de sociabilidade). Cor expressava, portanto, o avanço das concepções raciais sobre a antiga classificação do Brasil imperial em termos de *qualidade*, ou seja, valor social em que a origem familiar e posição social funcionavam como o critério de hierarquia social. Ou seja, substituía-se *qualidade* por *cor*.¹⁴¹

A compreensão desse ponto é importante para analisar e entender, dentro dessa classificação, a vereadora/professora e seu lugar na sociedade como uma mulher “clara” (branca), junto ao poder aquisitivo e influência familiar, prestígio e status social.

Refiro-me ao poder aquisitivo familiar como influência, pois há indicativos desse peso do papel da família de dona Gemica na documentação. Aprofundo-me nessa análise por meio da utilização dos relatos orais e dos documentos encontrados na Hemeroteca Digital do Arquivo Nacional. Um aspecto importante para compreender a inserção de dona Gemica Bringel no município de Parintins é a figura de seu pai, cujo nome foi atribuído a uma das vias da cidade, a Avenida Fausto Bulcão. A homenagem foi concedida pelo governador Gilberto Mestrinho, o qual também inaugurou a avenida. Mestrinho era um político próximo de Gemica, por isso, aprofundaremos sua relação com a vereadora no decorrer desta tese.

A matéria escrita no *Jornal do Commercio* na década de 1990 evidencia a importância

¹³⁸ BRASIL. **Lei n.º 1.164, de 24 de julho de 1950**. Institui o Código Eleitoral. Diário Oficial da União: Seção 1, Rio de Janeiro, DF, 26 jul. 1950.

¹³⁹ BRASIL. **Lei n.º 2.550, de 25 de julho de 1955**. Altera dispositivos do Código Eleitoral e dá outras providências. Diário Oficial da União: Seção 1, Rio de Janeiro, DF, 28 jul. 1955.

¹⁴⁰ Tribunal Superior Eleitoral. Título de eleitor: a evolução de um documento essencial para a cidadania. **Tribunal Superior Eleitoral**, 6 jan. 2025. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2025/Janeiro/titulo-de-eleitor-a-evolucao-de-um-documento-essencial-para-a-cidadania-1>. Acesso em: 17 maio 2025.

¹⁴¹ GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Raça e cor no Brasil contemporâneo, oportunismo político e tendência histórica*. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 67: e221938, 2024. p. 5.

dessa homenagem:

RUA PREPARADA PARA HOMENAGEM. “A avenida Fausto Bulcão é uma lembrança é também uma homenagem a um parintinense ilustre que aqui viveu e é o genitor da professora Geminiana Bulcão, diretora da Unidade de Ensino”, disse o prefeito Raimundo Socorro, acrescentando ainda ser ela importantíssima para os habitantes de vários bairros da cidade. Ela foi inaugurada pelo governador Gilberto Mestrinho, tendo ao lado o prefeito Raimundo Reis. Segundo o secretário municipal de Obras, Lucas Dias a avenida Fausto Bulcão tem 850 metros de extensão, ligando a avenida Paraíba aos bairros de São Vicente, Nossa Senhora de Fátima, daí ao centro da cidade.¹⁴²

É possível inferir, nas falas da matéria, que a homenagem era tanto para o seu pai quanto para a própria vereadora. Possivelmente, a homenagem seja também parte das articulações que ela fez durante sua atuação como vereadora e liderança local. Porém, mesmo que tenha sido fruto de articulação, há uma justificativa concreta, direcionada para o trabalho feito por Fausto Bulcão ao município. Outros documentos mais antigos fazem parte do acervo de Hemeroteca Digital do Arquivo Nacional e apresentam a atuação de Fausto Campos Bulcão, na qual é relacionado como Coletor de Renda do Estado¹⁴³.

Figura 1: Documento encontrado na Hemeroteca Digital.

N.º 1

QUADRO da conducta, assiduidade e idoneidade dos empregados da Collectoria de Rendas do Estado em Parintins, no período de Janeiro a Dezembro de 1904

Cargos	Nomes	Conducta	Assiduidade	Idoneidade	Faltas	Observações
Escrivão	Thomaz Antonio da S. Meirelles	Bôa	Bastante	Bastante	Nenhuma	O sr. Thomaz Antonio da Silva Meirelles, esteve fóra do exercicio de seu cargo de 15 a 22 de Abril, no dia 15 de Julho e de 24 de Outubro a 6 de Novembro, por ter funcionado como Intendente Municipal. O sr. Manoel Barretto Baptista, esteve no exercicio de conferente, de 24 de Out.º a 31 de Dez.º substituindo o sr. Francisco José de Andrade Azedo, que esteve licenciado.
Conferente	Joaquim José de Andrade Azedo	«	«	«	«	
«	Francisco José de Andrade Azedo	«	«	«	«	
«	Fausto de Campos Bulcão.....	«	«	«	«	
«	Manoel Barretto Baptista.....	«	«	«	«	

Collectoria de Rendas do Estado, Parintins, 2 de Janeiro de 1905.

JOSÉ FURTADO BELÉM
Administrador

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

No Almanak Laemert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) – 1891 a 1940, a seção destaca sobre quem fazia parte da Coletoria de Renda, chamados de coletores. O nome de Fausto Bulcão em outros documentos demonstra que ele era coletor e consta também como

¹⁴² HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio (AM)**. 18 nov. 1994, edição 36500. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_02&pesq=fausto%20bulc%C3%A3o%20Parintins&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=60914. Acesso em: 17 maio 2025.

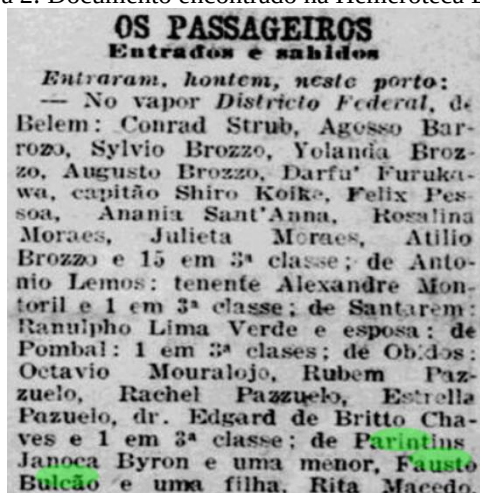
¹⁴³ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Relatórios dos presidentes dos estados brasileiros (AM)** - 1891 a 1930. Ano 1905, edição 00001 (2). Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720879x&pesq=fausto%20de%20campos%20bulc%C3%A3o%20Parintins&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2781>. Acesso em: 17 maio 2025.

“Guarda-Conferentes”¹⁴⁴. Nas buscas feitas no site houve 13 ocorrências em períodos diferentes no mesmo tipo de documento.

Um ponto que ressalta a posição financeira do pai de dona Gemica é o encontrado no Correio do Norte: Órgão Partido Revisionista do Estado do Amazonas, na seção “Notas Militares”, que diz: “Registro de Patente. Registrou sua carta patente na secretaria geral o sr. Fausto de Campos Bulcão, da 1ª companhia do 142º batalhão da comarca de Parintins”,¹⁴⁵ mostrando que o senhor Fausto de Campos Bulcão também possuía patente de oficial. Para aquela época, além de representar poder financeiro, também estabelece um status na sociedade.

Outro ponto encontrado nas pesquisas relacionadas ao pai de Gemica Bringel é sobre as viagens realizadas de barco pela região, que eram anunciadas nos jornais os nomes dos passageiros. De forma recorrente, aparecia o nome Fausto de Campos Bulcão ou apenas Fausto Bulcão.

Figura 2: Documento encontrado na Hemeroteca Digital.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Ainda que haja ocorrências similares, destaco nesta em específico a viagem de Fausto Bulcão acompanhado de sua filha¹⁴⁶. Isso possibilita supor que provavelmente a filha era

¹⁴⁴ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Almanak Laemmert**: administrativo, mercantil e industrial. Rio de Janeiro, ano 1913, ed. B00069, p. 50909. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pesq=fausto%20bulc%C3%A3o%20Parintins&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=50909>. Acesso em 17 maio 2025.

¹⁴⁵ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Correio do Norte**: Órgão Partido Revisionista do Estado do Amazonas, ano 1911, ed. 589. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=228095&pesq=fausto%20bulc%C3%A3o%20Parintins&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2282>. Acesso em 17 maio 2025.

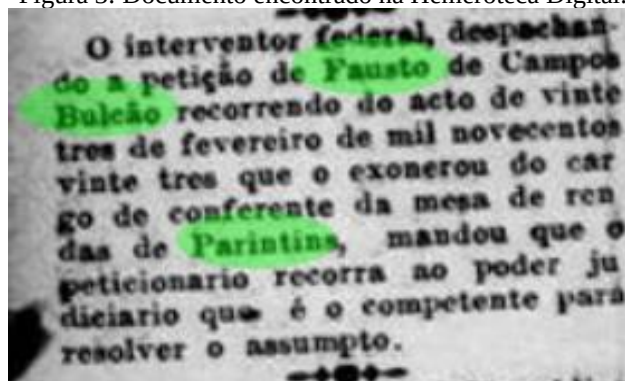
¹⁴⁶ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio** (AM). 13 fev. 1929, edição 08625. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_01&Pesq=fausto%20bulc%C3%A3o%20Parintins&id=556708855707&pagfis=37906. Acesso em 17 maio 2025.

Geminiana Campos Bulcão¹⁴⁷.

Existe também um registro sobre um conflito entre Fausto Bulcão e sua influência com o governador do período, datado de 10 de novembro de 1910: “Foi exonerado do cargo de conferente da mesa de rendas do Estado em Parintins o cidadão Fausto Bulcão”¹⁴⁸, visto que o cargo ocupado por ele era dependente de ordens maiores. Em outra publicação: “Foi mandado ao tesouro do estado para informa, a petição em que o Snr. Fausto de Campos Bulcão recorreu ao governador, do ato peço qual foi exonerado do cargo de oficial da mesa de rendas de Parintins”¹⁴⁹. Ou seja, após a exoneração, há um pedido para reverter esse processo.

Em outro jornal há um comunicado em relação a esse pedido, que diz: “O interventor federal, despachando a petição de Fausto de Campos Bulcão recorrendo do ato de 20 de fevereiro de 1923 que exonerou do cargo de conferente da mesa de rendas de Parintins, mandou que o peticionário recorra ao poder judiciário para resolver o assunto”¹⁵⁰.

Figura 3: Documento encontrado na Hemeroteca Digital.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Diante disso, evidencia-se que o cargo de Fausto Bulcão se trata de uma posição em constante disputa, marcada por uma luta burocrática para permanecer nele, exigindo influência política como se observa no processo de reintegração para o cargo de conferente da Mesa de

¹⁴⁷ Nome antes do casamento.

¹⁴⁸ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio (AM)**. Ano 1910, edição 02369. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_01&pesq=fausto%20bulc%C3%A3o%20Parintins&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=9243. Acesso em 17 maio 2025.

¹⁴⁹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio (AM)**. Ano 1924, edição 07099. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_01&Pesq=fausto%20bulc%C3%A3o%20Parintins&id=556708855707&pagfis=31775. Acesso em: 17 maio 2025.

¹⁵⁰ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio (AM)**. Ano 1925, edição 07401. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_01&Pesq=fausto%20bulc%C3%A3o%20Parintins&id=556708855707&pagfis=32590. Acesso em: 17 maio 2025.

Rendas de Parintins. Na seção “O Estado”:

Portaria dr. Governador:

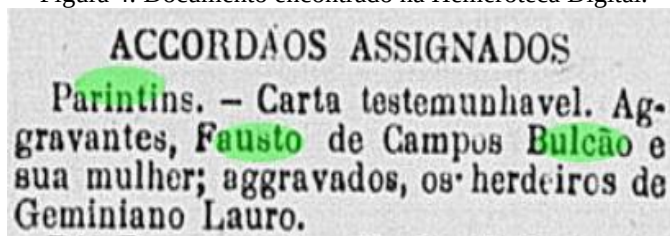
O Governador do Estado do Amazonas atendendo ao que requereu o sr. Fausto de Campos Bulcão, e tendo em vista o parecer do sr. Dr. Procurador fiscal da Fazenda Estadual, resolve reintegrar no cargo de conferente, hoje oficial da Mesa de Rendas de Parintins, onde deverá ter exercício, sem direito às vantagens pecuniárias durante o tempo que esteve afastado do referido cargo.

- Comunica-se Despachos do dr. Governador Fausto de Campos Bulcão, referido a 14 de agosto de 1917 – Em vista do parecer dr. Procurador fiscal, seja reintegrado, sem direito aos vencimentos durante o tempo em que esteve fora do exercício do cargo.¹⁵¹

Ao analisar esses trechos dos jornais, que exibem a burocrática luta de Fausto Bulcão para se manter no cargo de conferente, embora em nenhum momento seja citado o porquê de seu afastamento, suponho que a permanência de alguma forma dependia de articulações com autoridades com poder de decisão, de certa forma indicando a necessidade de relações com os poderes executivos e judiciário, ou a tentativa disso.

Outro ponto de seu evidente poder financeiro é o recebimento de bens herdados, como encontrado nas documentações de Gemica Bringel e como pode-se ver em um tópico nos jornais¹⁵².

Figura 4: Documento encontrado na Hemeroteca Digital.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Partindo das análises, supõe-se que a infância da professora e vereadora contou com conforto e possibilidade de estudos. Dona Gemica Bringel atuou profissionalmente na escola Araújo Filho no município de Parintins desde os 13 anos de idade e, a partir da década de 1950, inseriu-se na política local. Foi a primeira mulher a ocupar o cargo de vereadora do município de Parintins em 1956¹⁵³ até a década de 1980, além de líder do partido MDB. Foi prefeita

¹⁵¹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **A Capital (AM)**. Ano 1918, edição 00210 (1). Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=307149&pesq=fausto%20bulc%C3%A3o%20Parintins&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=828>. Acesso em: 17 maio 2025.

¹⁵² HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **A Capital (AM)**. Ano 1918, edição 00369 (1). Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=307149&pesq=fausto%20bulc%C3%A3o%20Parintins&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1400>. Acesso em: 17 maio 2025.

¹⁵³ Livro de atas 1956-58 p. 7 verso. In: Butel et al., 2011.

interina do município de Parintins¹⁵⁴ na condição de presidente da Câmara. Recebeu o líder do MDB, Ulysses Guimarães, no município de Parintins, durante a campanha de anticandidatura, no período da Ditadura Militar¹⁵⁵. Durante sua atuação como vereadora do município, continuou lecionando em paralelo à sua atuação na arena pública.¹⁵⁶

Na década de 1980 tornou-se Diretora da Unidade Educacional do município, unidade equivalente à atual Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar (SEDUC).¹⁵⁷

Figura 5: Geminiana Campos Bulcão Bringel



Fonte: Acervo pessoal de Geminiana Bringel, cedido por seus familiares.

Dona Gemica Bringel teve acesso à educação primária em um período em que poucas pessoas conseguiam ingressar no ensino no município de Parintins, devido a pouca oferta de vagas, até a primeira metade do século XX. Nesse período, apenas uma instituição ofertava o ensino formal.

O memorialista Saunier afirma que a implantação do ensino em Parintins ocorreu em 1853, no mesmo prédio da atual Escola Estadual Araújo Filho, o qual também era o paço municipal. O autor afirma que em 1857 foi aprovado o ensino feminino nessa instituição, abrigando diversos grupos escolares. É possível observar que a formação educacional para as mulheres foi de fato aplicada, pois em 1928, durante a homenagem do Grupo Escolar Monteiro

¹⁵⁴ Livro de atas 1964-69, p.179. In: Butel; Butel; Cursino, 2012.

¹⁵⁵ Tanto os relatos orais de colegas quanto as documentações registram esse acontecimento.

¹⁵⁶ Essa afirmação é possível, pois os registros em ata da Câmara Municipal datam do mesmo período das documentações em que esteve em processo de formação e atuação como professora do município.

¹⁵⁷ Documento disponível em seu acervo pessoal. Digitalizado e arquivado no acervo do GEHA/NEAB CESP/UEA.

de Souza ao odontólogo e político amazonense, estavam presentes estudantes no grupo escolar, e acompanhavam a solenidade. A presença dessas alunas demonstra que, nessa data, já havia mulheres com acesso ao ensino formal. Em 1931, por meio de um ato público, o nome desse educandário foi mudado para Grupo Escolar Araújo Filho.¹⁵⁸

A criação do ensino feminino no município de Parintins parece ser resultado de debates ocorridos no decorrer do século XIX. Como discute Costa:

As mudanças econômicas e políticas do século XIX (expansão da cultura cafeeira, expansão do comércio, urbanização, abolição dos escravos, imigração e a república), criavam novas demandas e as camadas médias emergentes pressionavam pela ampliação do ensino. A primeira Guerra Mundial na Europa, entretanto, foi sem dúvida, um fator decisivo para trazer os homens à terra, visto que muitas mulheres na Europa tiveram que ocupar as vagas deixadas por eles quando chamados ao fronte; oportunidade que puderam demonstrar suas capacidades. Essas notícias chegavam ao Brasil e alimentavam o movimento feminista, inclusive em prol da profissionalização das mulheres, com expansão do ensino médio, até então restrito para a mulheres às Escolas Normais públicas e, para as camadas mais favorecidas, os Colégios de Freiras.¹⁵⁹

Aparentemente não havia o Colégio de Freiras no século XIX, apenas o ensino inicial no município de Parintins. No início do século XX, somente um grupo escolar ofertava o ensino no município, tendo o surgimento de outras escolas a partir de 1945, como o Colégio Nossa Senhora do Carmo, de tradição católica, o que Costa¹⁶⁰ pontua como o mais próximo de um Colégio de Freiras. Dessa forma, em se tratando de dona Gemica, seu acesso à educação só é possível devido ao ambiente e classe social em que ela pertenceu.

Em ordem cronológica, foi criada em Parintins a Escola Araújo Filho. Posteriormente, em 1955, foi fundado o Colégio Batista de Parintins pelo pastor Eduardo França Lessa, da Primeira Igreja Batista de Parintins, com base nos princípios cristãos batistas. Entre 1969 e 1971, a instituição passou a ofertar o curso normal¹⁶¹. Ambos os colégios fariam parte, em diferentes momentos, da vida e trajetória de Gemica Bringel.¹⁶²

¹⁵⁸ Saunier, 2003.

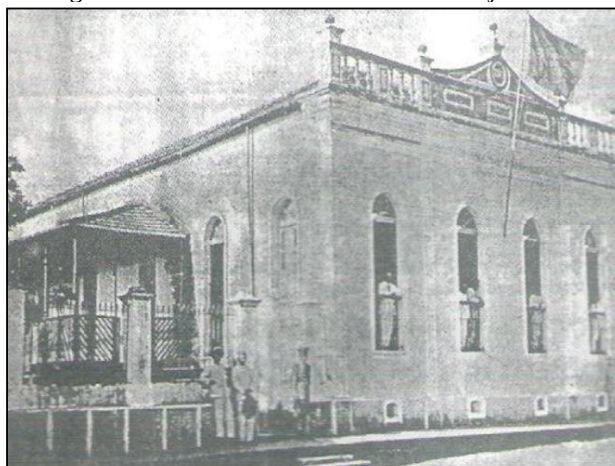
¹⁵⁹ Costa, 2005, p. 218.

¹⁶⁰ Ibid.

¹⁶¹ Saunier, 2003.

¹⁶² Essa relação será abordada de forma mais explicativa nos capítulos posteriores.

Figura 6: Prédio da Escola Estadual Araújo Filho



Escola Estadual Araújo Filho local onde funcionou a
Câmara Municipal de Parintins em 1947.

Fonte: Butel *et al.*, 2011.

Ainda segundo a autora, no século XIX, muitas correntes como a positivista e liberal começaram a pensar como seria o ensino voltado para as mulheres, buscando em alguns aspectos reforçar seu papel voltado para a família, o lar e o cuidado¹⁶³. Nesse sentido, a educação feminina, mesmo que estabelecida em Parintins no século XIX, muito provavelmente esteve destinada a uma educação voltada aos afazeres domésticos, valorização da mulher no lar, uma vez que se via utilidade no ensino para as mulheres desse período sob esse prisma. A trajetória de Gemica Bringel percorre o caminho aberto pelas conquistas das mulheres na educação ao longo do século XX. Segundo Saffioti:

O liberalismo de que se impregnava a legislação sobre o ensino na primeira República deixava larga margem de atuação à Igreja Católica, muito mais apta do que os leigos, pela tradição e pela posse de quadros habituados ao magistério, a desempenhar as tarefas educacionais situadas no terreno da livre concorrência. A Igreja se transformara, assim, como previra, na maior beneficiária da consagração da liberdade de ensino. Faltando à elite governamental republicana orientação pedagógica condizente com o novo.¹⁶⁴

Ao considerar os progressos obtidos pelo sistema educacional brasileiro, entre eles a Lei Orgânica do Ensino Secundário (Decreto-lei n. 4.244, de 9 de abril de 1942 - Reforma Gustavo Capanema)¹⁶⁵, observo que, embora tenha representado um avanço para a parcela feminina brasileira, em certo ponto, pode ser compreendida como um retrocesso. A lei estabeleceu um padrão de ensino, porém, ao estabelecer um ensino secundário feminino, contribuiu para a

¹⁶³ Costa, 2000.

¹⁶⁴ Saffioti, 1979, p. 226.

¹⁶⁵ BRASIL. **Decreto-Lei n.º 4.244, de 9 de abril de 1942**. Lei orgânica do ensino secundário. Diário Oficial da União: Seção 1, Rio de Janeiro, DF, 10 abr. 1942.

discriminação das mulheres e representou um obstáculo ao processo de aceitação social da coeducação em curso¹⁶⁶. A autora afirma ainda que:

Sem instituir a obrigatoriedade da educação segregada para os dois sexos, sugere que a educação da mulher se faça em classes especiais, isto é, em classes exclusivamente femininas. Embora as diferenças de currículo dos cursos secundários femininos e masculinos fossem de pouca significação, o espírito de segregação dos sexos preside aos termos da reforma, evidenciando-se nas expressões «natureza da personalidade feminina» e «a missão da mulher no lar». A contradição reside no fato de que o curso secundário era o único a permitir o ingresso direto nos Cursos superiores. Se, no nível secundário de estudos, a mulher deve receber educação especial orientada para «a natureza feminina de sua personalidade» e tendo em vista «sua missão no lar», por outro lado, é este o curso que, sem distinções, pode conduzir a mulher aos bancos das escolas superiores. De outra parte, as normalistas, cuja formação era marcadamente profissional (embora, é verdade, um certo cunho maternal se encobrisse sob o rótulo da profissão), teriam que aguardar alguns anos, a fim de obterem todas as vantagens conferidas pelo curso secundário no que tange ao ingresso nos cursos superiores.¹⁶⁷

Os avanços para a educação feminina no país possibilitaram a Gemica Bringel realizar sua formação e entrar no mercado de trabalho, mesmo que muito nova. Em seu *curriculum vitae*¹⁶⁸, no item “Vida Escolar” e subitem “Cursos de Formação”, consta a realização de cinco cursos de formação como Primário, de 1930 a 1935. Com sete anos, em 1930, no Grupo Escolar Araújo Filho, concluiu o curso em 1935¹⁶⁹. Nas atas lavradas de 1931-32-33-34 fica evidente que para ter acesso ao ensino do Grupo Escolar Araújo Filho era necessário realizar uma prova para admissão na escola¹⁷⁰.

Para ter acesso ao ensino, o aluno ou a aluna necessitava de conhecimentos prévios, o que excluía grande parte da população que não dispunha dessas condições. Esse caráter elitista do ensino contribuía para ampliar as desigualdades de acesso ao saber, especialmente entre as mulheres mais pobres. Nesse contexto, as reflexões de Costa sobre o acesso das mulheres à educação ajudam a compreender esse processo, conforme aponta a autora:

No decorrer da história das civilizações, a educação tem mostrado a tendência a se ajustar ao sistema dominante e agir como justificadora e reforçadora da Ordem Social. Os governos autoritários bem cedo reconheceram sua eficiência como agente veiculador e controlador da ideologia do poder; dessa forma procurando agir sobre o pensamento e as ações da coletividade, sem necessidade de recorrer à força física, que além de desgastante para o sistema, poderia conduzir a resultados contrários à subordinação, suscitando pela revolta, maior eclosão da consciência e oposição à

¹⁶⁶ Saffioti, 1979, p. 226.

¹⁶⁷ *Ibid.*, p. 226.

¹⁶⁸ Documento assim denominado em seu acervo com dados de sua trajetória profissional.

¹⁶⁹ *Curriculum vitae* de Geminiana Campos Bulcão Bringel, arquivado em seu acervo é disponibilizado por familiares.

¹⁷⁰ Boletim escolar dos alunos da Escola Araújo Filho, documento disponível no acervo físico da Escola Araújo Filho no município de Parintins.

Ordem.¹⁷¹

Embora o acesso à educação tenha possibilitado às mulheres a conquista de sua formação, ele ainda era restrito. Gemica nasceu em um período marcado por importantes avanços nos direitos das mulheres, alguns dos quais foram assegurados por lei e permitiram sua inserção em espaços até então pouco acessíveis ao público feminino. Em razão de sua posição social, de seu sobrenome e do contexto vivido pelo município de Parintins, Geminiana adentrou as primeiras frestas abertas pelo patriarcado às mulheres no século XX. Essa inserção da vereadora se deve também às mudanças ocorridas para as mulheres no trabalho, pois:

No final do século XIX, o trabalho feminino avança principalmente em direção ao magistério infantil, dedicado ao ensino das “primeiras letras”. Enquanto no ensino primário a participação da mulher era vista como honrada e digna, outros tipos de emprego, principalmente aqueles realizados fora de casa como o de secretária ou datilógrafa, ainda uma novidade dos “tempos modernos”, eram vistos com muita desconfiança.¹⁷²

Em seu *Curriculum Vitae*, na seção "Vida Profissional", dona Gemica relaciona sua trajetória profissional, registrando sua atuação como professora interina no município de Parintins entre 1936 e 1945; professora interina de 4.^a classe entre 1946 e 1954; professora normalista efetivada por concurso no Grupo Escolar "Escola Araújo Filho"; professora normalista contratada, com carga horária de 18 horas, entre 1976 e 1978; e supervisora escolar concursada, função exercida a partir de 1978. Os registros evidenciam uma trajetória profissional iniciada precocemente, aos 13 anos de idade, que evoluiu de funções interinas para cargos efetivos obtidos por concurso público, em que começa a atuar aos 55 anos de idade.

Vanessa Antunes, em sua dissertação Intitulada “*Mulheres do Novo Século: A Condição Feminina no Amazonas, 1900-1910. Um olhar a partir das representações da Imprensa Amazonense*”, analisa as representações sobre as mulheres no Amazonas produzidas e difundidas nos periódicos da região no final do século XIX e início do século XX. Esse período é marcado por significativas transformações na capital amazonense por conta da economia da borracha e pelas produções midiáticas da imprensa ao construírem imagens do que seria a modernidade e, com isso, o surgimento de uma “nova mulher”, atemorizando a sociedade na cena pública, uma vez que as práticas dessa nova mulher iam de encontro ao tradicionalismo da sociedade patriarcal.¹⁷³

¹⁷¹ Costa, 2005, p. 101.

¹⁷² PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Nos Meandros da Cidade: cotidiano e trabalho na Manaus da borracha, 1880-1920. In: Simpósio Nacional de História, 24, São Leopoldo, 2004. *Anais [...]*, ANPUH, 2007, p. 5.

¹⁷³ Antunes, 2014.

De todas as profissões ocupadas por mulheres que a pesquisa pôde nos evidenciar sobressai a figura da professora, quase sempre oferecendo seus serviços para o ensino infantil ou “das primeiras letras”, como se dizia à época. Delas falam tanto as pequenas como as grandes folhas, tanto da capital quanto do interior do estado.

A profissão foi, de fato, fundamental para a emancipação feminina, já que abriu um espaço de trabalho numa área mais valorizada (bem vista), inclusive pelo público masculino. Como outros ofícios, ser professora significava ter adquirido educação, refinamento, sofisticação, tornando a mulher mais apta para atuar no espaço público e até ofertar serviços antes somente oferecidos por homens.¹⁷⁴

Ainda que o corte temporal aplicado pela autora não seja o mesmo período em que a professora e vereadora se insere no ensino, seu estudo demonstra como as mulheres no estado do Amazonas estavam se inserindo nos espaços públicos. No decorrer do século XX, ao observar de forma macro, não somente para o estado do Amazonas, mas sim por uma ótica nacional, as mulheres passaram a se integrar no espaço de trabalho, embora de forma lenta ou quase estagnada. Saffioti observa isso em “*A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*” após analisar dados do recenseamento feito no Brasil na primeira metade do século XX. A autora afirma que:

Ao contrário, pois, do que se supõe, o desenvolvimento industrial dos anos 30 não resultou em aumento relativo substancial do emprego da força de trabalho feminina. Embora tenha havido uma elevação do número absoluto de mulheres empregadas nos três grandes ramos da economia nacional, o aumento relativo do número de homens foi substancialmente maior, o que resultou na quase manutenção da proporção verificada, há vinte anos, entre a força de trabalho feminina e masculina efetivas da nação. O padrão doméstico de mulher crescerá ainda mais nos 10 anos seguintes. Na categoria de atividades domésticas não-remuneradas e atividades escolares discentes dentre a população de 10 anos e mais as mulheres representavam 90,3%, caindo sua participação nas atividades diretamente econômicas para 14,7% em relação ao total de trabalhadores em 1950. A participação da mulher nas atividades secundárias sofreu nova queda comparando-se os dados de 1940 com os de 1950, havendo, entretanto, substancial elevação da participação feminina nas atividades terciárias. Enquanto nas atividades primárias era de 7,3% a participação feminina e nas secundárias, de 17,4%, as mulheres passaram a representar 32,2% das pessoas ocupadas no setor terciário da economia nacional. Do total da população feminina de 10 anos e mais apenas 10,0% se dedicavam a atividades extra domésticas, 84,1% às atividades domésticas e escolares discentes e 5,9% representavam as inativas. De toda a população desenvolvendo atividades econômicas extradomiciliariamente as mulheres não ultrapassavam os 11,3%. Como a economia não conseguia absorver a totalidade da força de trabalho potencial da nação, as mulheres foram grandemente marginalizadas do processo produtivo de bens e serviços, justificando-se esta marginalização em termos de concepções tradicionais dos papéis femininos.¹⁷⁵

O ensino e o ato de ensinar, associados aos papéis femininos, mostram-se, em primeiro momento, como um lugar de acesso para a professora Geminiana Bringel se inserir no espaço

¹⁷⁴ *Ibid.*, p. 101.

¹⁷⁵ Saffioti, 1979, p. 240.

público de poder e de trabalho profissional remunerado. Seu trabalho como educadora parece ter sido a porta de entrada para uma vida pública. Na década de 1950, a professora passa a integrar-se como vereadora da Câmara Municipal de Parintins. Nesse período, até final da década de 1970 e início de 1980, enquanto assumia a cadeira como vereadora, conciliou seu trabalho como educadora no município.¹⁷⁶

De 1965 a 1974, Gemica realizou outros cursos relacionados à sua atuação como educadora. Entre eles, destaca-se o "Treinamento de Professoras Elementares", realizado por três anos consecutivos. Além desse, participou de cursos promovidos pela Secretaria de Educação e Cultura, nas áreas de Jornalismo, Administração Municipal, Recreação Infantil, Leitura Escolar Primária, Aperfeiçoamento para Professoras Secundaristas, Aperfeiçoamento em Psicologia da Educação, Atualização em Educação Física e Gramática Fundamental.¹⁷⁷

Gemica concluiu o ginásio em 1970 pelo Colégio Batista de Parintins¹⁷⁸. Pela mesma instituição, em 6 de dezembro de 1973, concluiu o curso de Professora Normalista¹⁷⁹. A vereadora fez sua Licenciatura Curta de 1976 a 1978 em Pedagogia, com habilitação em Supervisão Escolar, para o exercício nas escolas de 1º grau, administrado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) no Campus Avançado de Parintins.¹⁸⁰

Sua formação no ensino superior ocorreu no contexto de Ditadura Militar, após a implementação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) no município de Parintins, por meio do projeto Rondon, que se alocou em muitos municípios da Região Norte, e possibilitou a formação de muitos profissionais na área da educação.

Gabriel Amato Bruno de Lima, em sua dissertação de mestrado intitulada *“Aula prática de Brasil’: ditadura, estudantes universitários e imaginário nacionalista no Projeto Rondon (1967-1985)”*, afirma que o projeto surgiu após os debates ocorridos no “I Seminário de Educação e Segurança Nacional”, realizado em 1966, ano em que estudantes de esquerda foram às ruas após a derrota das forças golpistas de 1964. Nesse seminário:

Sua resolução, na concepção dos participantes do seminário, passava pela promoção da “consciência cívica de brasilidade” entre os jovens. A comissão de número cinco, responsável por debater o tema do “Intercâmbio entre as Faculdades e as Academias

¹⁷⁶ Esse aspecto de sua trajetória política será melhor abordado no subcapítulo seguinte.

¹⁷⁷ *Curriculum Vitae*. Documento digitalizado e depositado no acervo do GEHA/NEAB no CESP/UEA.

¹⁷⁸ Certificados de conclusão de curso. Documento digitalizado e depositado no acervo do GEHA/NEAB no CESP/UEA.

¹⁷⁹ Certificado de conclusão de curso do Colégio Normal Batista de Parintins. Documento digitalizado e depositado no acervo do GEHA/NEAB no CESP/UEA.

¹⁸⁰ Certificados de conclusão de curso e histórico escolar, além disso é possível ver em seu acervo outras declarações que sobre sua formação. Documentos digitalizados e depositado no acervo do GEHA/NEAB no CESP/UEA.

Militares”, chegou à conclusão de que “cumpre apresentar mensagens e programas cívicos capazes de empolgar a juventude na obra de integração nacional e prepará-la no sentido da responsabilidade da defesa das instituições, manutenção da ordem pública e Segurança Nacional”.¹⁸¹

No seminário também foi discutida a necessidade de aplicar uma ação de caráter cívico e nacionalista para aproximar os estudantes universitários das Forças Armadas, mas o apoio foi mais expressivo em defesa da realização de estágios dos estudantes no interior do Brasil.¹⁸²

A criação do projeto Rondon partiu de ideias de integração do território nacional junto à aproximação dos universitários às Forças Armadas. Ainda que o projeto tenha gerado resultados positivos, é importante ressaltar que essa implementação ocorria em meio às atrocidades e crimes cometidos por ditadores que detinham o poder e a governança do país.

Com a gradativa expansão do projeto, foi criada a Fundação Projeto Rondon, para gerenciar o financiamento das expedições e a contratação de profissionais especificamente para o projeto. Houve o crescimento da participação das universidades brasileiras, principalmente do Sul e do Sudeste, constituindo *campi* avançados nos pontos de menor desenvolvimento do país, notadamente na Amazônia (p. 373). No total, foram implantados 22 *campi* avançados, a quase totalidade localizada nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste (Brasil, 1980). O *campus* avançado da UEG em Parintins iniciou suas atividades em 1969, por meio de convênio entre a UERJ, o Ministério do Interior e a Prefeitura de Parintins. Durante seminário de avaliação em 1979, o projeto recebeu várias críticas, principalmente relativas ao funcionamento dos *campi* avançados, que, segundo o Conselho Federal de Educação, operavam como “enclaves culturais”, sem comunicação e integração com setores e universidades locais. Houve preocupação também com o tempo curto de permanência do estudante e um possível choque cultural mais profundo, e nem sempre fácil de controlar, que poderia ocorrer.¹⁸³

Na mesma perspectiva, Silveira e Pinheiro afirmam que o projeto Rondon trouxe para a região o ensino superior, objetivando combater os fantasmas criados pelos ditadores, como o comunismo e a perda do território. Chegam “nas décadas de 1970 e 1980, com especial inserção na região Amazônica, com o objetivo principal de integrá-la e protegê-la”¹⁸⁴. É nesse contexto de Ditadura Militar que dona Gemica Bringel dá mais um passo importante em sua formação profissional. Nesse período, o governo restringia a liberdade, perseguia e torturava opositores, além de reproduzir um discurso sobre a região que, há muito tempo, se sobrepõe à sua realidade. Essas visões não se limitaram a esse governo, mas fazem parte de uma construção histórica que persiste ao longo do tempo¹⁸⁵.

¹⁸¹ Lima, 2015, p. 45.

¹⁸² *Ibid.*

¹⁸³ Silveira; Pinheiro, 2017, p. 374-375.

¹⁸⁴ *Ibid.*

¹⁸⁵ *Ibid.*, p. 273.

Durante o período de formação em pedagogia, dona Gemica estava com 53 anos, sua trajetória profissional permite compreender as necessidades que havia por uma constante procura de qualificação. Segundo o documento de seu acervo, foi convocada a exercer o cargo de professora do ensino do 1º grau, Classe I, parte permanente do Quadro do Magistério Estadual¹⁸⁶. Em 1936 assumiu cargo como supervisora¹⁸⁷. Em julho de 1979 concluiu o curso de Licenciatura em Pedagogia¹⁸⁸, por conseguinte, em 1983, por meio da Portaria GS nº 0342/83¹⁸⁹, passou a exercer o cargo de Diretora da Unidade Educacional.

Entre o início de sua atuação profissional e a conclusão da graduação, observa-se um intervalo em seu percurso formativo. É possível que esse hiato esteja relacionado ao seu casamento, em 1946, e a chegada de seus filhos, em 1947, 1949 e 1961. Essa hipótese dialoga com as exigências impostas às mulheres na sociedade patriarcal, visto que os primeiros anos de vida de uma criança recaem predominantemente sobre a mulher.

Em um documento datado de 1974, a diretora Maria de Nazaré Sousa de Jesus certifica que Geminiana foi professora normalista nível I da disciplina de Português¹⁹⁰. Em seu *curriculum vitae*, na seção denominada “*Outros Cursos*”, constam dezessete cursos de 1968 a 1975. Dentre eles, as qualificações: professora normalista efetivada e concursada no Grupo Escolar Araújo Filho; professora normalista contratada por tempo indeterminado nas turmas de 5º e 8º anos, de 1976 a 1978 e supervisora escolar concursada, constatado no diário oficial 22/08/1978, na subunidade Brandão de Amorim.

Um outro documento, de 1983, foi emitido em nome do secretário da Secretaria do Estado da Educação e Cultura, que designa alguns professores para serem diretores de escolas no município de Parintins. Entre esses, o nome da Geminiana Campos Bulcão Bringel encontra-se designada para dirigir a Unidade Educacional do município¹⁹¹, estando ela com 63 anos.

No final da década de 1980, a vereadora se torna uma apoiadora ferrenha de Gilberto Mestrinho, conquistando o cargo de Diretora da Unidade Educacional. O que se percebe nas atas do MDB após esse período é que, em sua casa, ela continuava atuando com os políticos através de reuniões com o partido e outras figuras políticas. Nas documentações analisadas não encontrei outras atuações dentro da Câmara Municipal de Parintins como vereadora e nem

¹⁸⁶ Diário oficial, 24/07/74 – 2º EDIÇÃO. Acervo pessoal de Geminiana Bulcão Bringel cedido pelos familiares.

¹⁸⁷ Documento em que solicita os quinquênios sustados pela secretaria.

¹⁸⁸ Diploma de conclusão do Curso de Pedagogia pela UERJ.

¹⁸⁹ AMAZONAS. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. **Portaria GS nº 0342/83**, de 5 de abril de 1983. Designa Geminiana Campos Bulcão Bringel para exercer a função de diretora da Unidade Educacional de Parintins. Documento pertencente ao acervo consultado pelo autor.

¹⁹⁰ Requerimento autenticado do Grupo Escolar Araújo Filho.

¹⁹¹ Documento datado em 16 de março de 1983 e assinado por Freida de Souza Bittencourt.

candidatura.

Talvez esse seu cargo na educação por ser de alto poder, ocasionou em seu afastamento, ou até mesmo, não participar dentro da Câmara como um tipo de contentamento. Outro aspecto levantado no decorrer desta tese é a restrição imposta à mulher decorrente do preconceito etário.

Sua constante busca por qualificação profissional possivelmente seja um reflexo de sua luta para se manter no espaço público e no ambiente de trabalho, pois é por meio desse espaço que as pessoas interagem e dialogam. Uma das maiores forças e que mantém o trabalho feminino como de menor valor é o patriarcado, o qual coloca o homem como provedor deixando assim o trabalho das mulheres como apenas um complemento da renda. Saffioti afirma que:

Para a mulher, ter um emprego significa, embora isso nem sempre se eleve a nível de consciência, muito mais do que receber um salário. Ter um emprego significa participar da vida comum, ser capaz de construí-la, sair da natureza para fazer a cultura, sentir-se menos insegura na vida. Uma atividade ocupacional constitui, portanto, uma fonte de equilíbrio. Todavia, o equilíbrio da mulher não pode ser pensado exclusivamente como o resultado do exercício de uma atividade ocupacional. Seu papel na família é a contrapartida necessária de suas funções profissionais, nas sociedades capitalistas. Sua força de trabalho ora se põe no mercado como mercadoria a ser trocada, ora se põe no lar enquanto mero valor de uso que, no entanto, guarda uma conexão com a determinação enquanto mercadoria da força de trabalho do chefe da família. Por tudo isso e ainda pelos arquétipos femininos que a sociedade constrói e alimenta, a adaptação da mulher às duas ordens de papéis que lhe cabe executar (se simultaneamente, de modo intermitente em grande parte dos casos) é tarefa complexa.¹⁹²

Assim, ao analisar a trajetória da professora Gemica Bringel, observa-se que sua inserção precoce no mundo do trabalho favoreceu sua participação nos espaços públicos desde a juventude. Ao mesmo tempo, sua trajetória evidencia os desafios enfrentados pelas mulheres que conciliavam a atuação profissional com as responsabilidades socialmente atribuídas ao ambiente doméstico. Nesse contexto, a busca contínua por qualificação também permite compreender as formas de inserção e permanência da mão de obra feminina no mercado de trabalho.

Favorece a oferta e aceitação de salários mais baixos que os masculinos. A menor qualificação da força de trabalho feminina, quer entendida meramente em termos de qualificação técnica, quer compreendida como um conjunto de traços de personalidade voltada para a realização do êxito econômico, é grandemente responsável pelo fato de a mulher desempenhar as funções pior remuneradas. Estes fatores e a transitoriedade com que é encarado o trabalho feminino continuam operando na sociedade brasileira de tal modo que a relação entre os salários masculinos e femininos era, em 1960, bastante próxima da verificada em 1920.¹⁹³

¹⁹² Saffioti, 1979, p. 58.

¹⁹³ *Ibid.*, p. 246.

É nesse período, no final da primeira metade do século XX, que o município de Parintins passa por modificações populacionais e econômicas, evidenciadas pela ampliação da oferta de escolas¹⁹⁴, além do crescimento da cidade como um todo, tanto em território quanto em quantitativo de pessoas. Nilciana Dinelly de Souza em “*O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM): evolução e transformação*” observa que no final do século XIX, “em 1873 há uma retomada do crescimento atingindo um total de 5.200 a 5.500 pessoas vivendo na cidade. Esse crescimento continua nas décadas seguintes chegando em 1960 com um total de 27.525 habitantes”¹⁹⁵. É evidente na pesquisa da autora que no decorrer do século XX, tanto o processo de urbanização quanto o crescimento populacional da cidade de Parintins estão em uma linha de crescimento.

As memórias públicas sobre dona Gemica Bringel aqui analisadas não mostraram entraves por parte dos Patriarcas, como no caso o marido ou até mesmo o pai, no seu processo de inserção no espaço público e de trabalho. Entendo que essas memórias podem se relacionar com a figura pública de quem foi a professora e vereadora Gemica Bringel, uma vez que dificuldades relacionadas à inserção nos espaços de trabalho podem ser observadas em diversas fontes da época, como no próprio Código Civil de 1916. Como Isabel Saraiva Silva destaca em “*Mulheres impressas: amor, honra e violência no cotidiano das mulheres em Manaus, 1932-1962*”:

Elaborado pelo professor de filosofia do curso de Direito da Faculdade de Recife, Clóvis Beviláqua, nos anos finais do século XIX, o Código Civil de 1916 representa bem a mentalidade da elite brasileira patriarcalista da época de sua concepção. [...] Conforme o Art. 67 do Código Civil: eram considerados incapazes relativamente a certos atos, os maiores de 16 e menores de 21 anos, os silvícolas, os pródigos e as mulheres casadas. Vejamos o Art. 242 da mesma Lei: que trata sobre a mulher casada e do que ela não poderia fazer sem autorização do marido. Como nos mostra a referida citação, enquanto o casamento civil emancipava o homem, tornava a mulher incapacitada. Havia uma transferência de tutela, a mulher que antes devia obediência ao pai, passava a dever obediência ao marido, só se emancipando da tutela de seu cônjuge com o fim das núpcias. Neste contexto, as mulheres eram ensinadas a permanecerem casadas até que a morte pusesse fim à união. De acordo com os discursos reinantes da época, deviam ser plenamente obedientes e fazer vista grossa para as aventuras extraconjugais dos maridos.¹⁹⁶

Dona Gemica, em seu processo de formação, passa por diversas mudanças ocorridas na primeira metade do século XX. Essas mudanças partem desde o acesso à educação, das possibilidades do mercado de trabalho e às demandas e obrigações designadas à mulher em um

¹⁹⁴ Saunier, 2003.

¹⁹⁵ Souza, 2013, p. 53.

¹⁹⁶ SILVA, Isabel Saraiva. **Mulheres impressas: amor, honra e violência no cotidiano das mulheres em Manaus, 1932-1962**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016, p. 18-20.

período de significativas transformações no município de Parintins.

A fotografia abaixo registra a professora e vereadora com o uniforme tradicional do Colégio Batista, evidenciando sua constante busca por qualificação profissional. Pela cronologia de sua trajetória, estima-se que dona Gemica estivesse próxima dos 50 anos quando a imagem foi produzida.

Figura 7: Geminiana Campos Bulcão Bringel, terceira pessoa da esquerda para a direita.



Fonte: Imagem cedida por Cleia Viana de seu acervo pessoal.

1.2 Parintins na metade do século XX: o contexto de atuação de Gemica Bringel

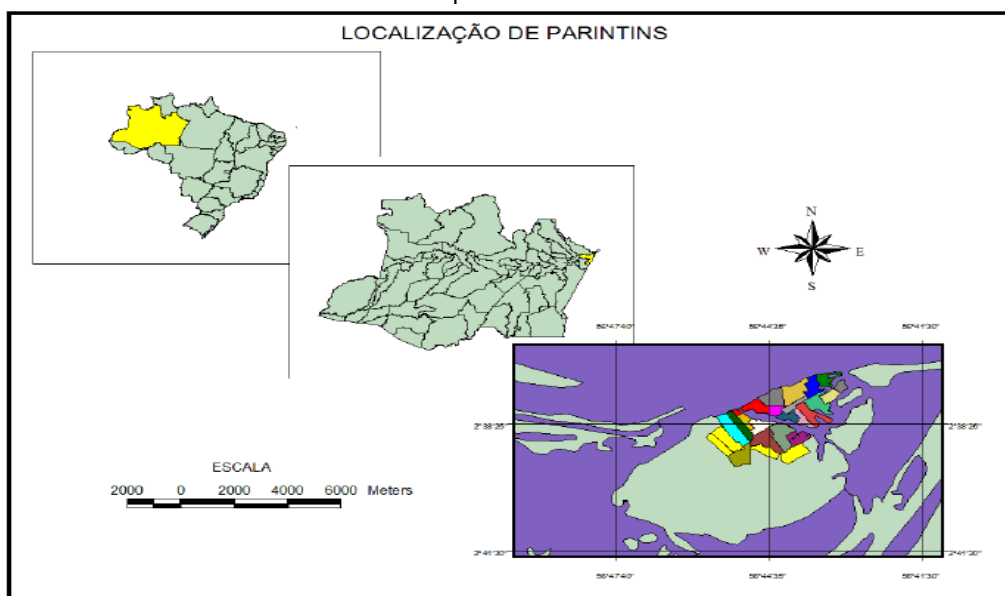
O município de Parintins está localizado na 9ª sub-região (Baixo Amazonas), com limites “ao norte com o município de Nhamundá; ao sul com município de Barreirinha; ao leste com o Estado do Pará e a oeste com o município de Urucurituba. O município possui quatro distritos que são: Mocambo, Caburi, Zé Açú e Maranhão”¹⁹⁷.

Em relação à cidade, configura-se pela estrutura de porte médio, localizada à margem direita do Rio Amazonas com uma distância da capital Manaus de 368,80 km, em linha reta, e 420 km por meio do curso de água.¹⁹⁸

¹⁹⁷ Souza, 2013, p. 33.

¹⁹⁸ *Ibid.*, p. 34.

Mapa 1: Parintins



Fonte: Souza, 2013.

Na metade do século XX, o município de Parintins, assim como nas décadas anteriores, passou por mudanças em sua estrutura física, social e econômica. Como o objetivo desta breve discussão é compreender o contexto de inserção de Gemica Bringel no município, destaco alguns aspectos das transformações ocorridas durante o período de sua atuação política. Para isso, serão abordadas as décadas de 1960 a 1970, por corresponderem ao recorte temporal desta pesquisa.

Segundo Butel, Butel e Cursino, na obra “*História e memória política do Município de Parintins-AM*”, a Quinta Legislatura coincide com o ano do Golpe Civil-Militar de 1964. A respeito dessa legislatura:

[...] apresenta novas personalidades políticas, como o jovem vereador e líder estudantil Raimundo Reis Ferreira, obrigado a renunciar, por não possuir idade suficiente para concluir o mandato. Assim como também consolida outras como os vereadores Gláucio Gonçalves, Líder do Governo, José Pedro de Almeida Faria, Presidente da Câmara eleito por três vezes, Geminiana Campos Bulcão Bringel, a primeira mulher a exercer o cargo de Presidente da Câmara e o Chefe do Executivo, Raymundo Dejard Vieira.¹⁹⁹

Essa legislatura já mostra a presença de Gemica Bringel como a primeira mulher a ocupar o cargo de Presidente da Câmara, fato que será abordado posteriormente. Além dessa atuação, os autores revelam o fato de que durante esses quatro anos, houve a pavimentação das ruas da cidade, a conquista da energia elétrica, a criação do Sistema Autônomo de Água e

¹⁹⁹ Butel; Butel; Cursino, 2012, p. 17-18.

Esgoto (SAAE) e a criação da Procuradoria do Município.

É possível dizer que esses fatos são ganhos significativos para a cidade e eles se mostram como resultado do desenvolvimento que estava ocorrendo e, mesmo assim, aparentemente, não conseguiam acompanhar o aumento da população e sua demanda. Contudo, ainda segundo os autores, “economicamente falando, o município ainda vivia do extrativismo, pecuária e comércio”²⁰⁰.

Em relação às questões de funcionários públicos, os autores também ressaltam que “o funcionalismo público recebia salários abaixo do que estava previsto em lei e que por vezes atrasava, levando a discussões recorrentes entre o poder Legislativo e Executivo, sobre os direitos assegurados aos funcionários municipais”²⁰¹.

Ainda durante essa legislatura, ocorreu a implantação da Fabriljuta, iniciativa privada destinada ao beneficiamento da fibra de juta em Parintins. A esse respeito, Butel, Butel e Cursino afirmam: “Os textos fazem pouca referência ao assunto, no entanto, é fato incontestável a relevância econômica para o município deste empreendimento”²⁰². As afirmações dos autores se dão após análise das documentações presentes na Câmara Municipal. Acrescentam, também, que “outro aspecto identificado indiretamente é o crescimento da população, os serviços básicos, já insuficientes, começam a ficar bem pior, levando o Poder Legislativo a intensificar suas reivindicações”²⁰³.

A expansão populacional ocorrida nesse período no município de Parintins parece acompanhar as mudanças e crescimento em contexto nacional. Como Souza afirma:

O Brasil experimentou um crescimento urbano mais acelerado a partir dos anos de 1950, quando as áreas urbanas abrigaram 36,16% do total de população brasileira. Esses valores se elevaram para 44,64% em 1960, após 10 anos de crescimento médio de 2% ao ano. Entre 1950 e 1960 a população urbana cresce de 18,8 milhões para 31,5 milhões de habitantes, ao tempo em que chegou a 2.763 o número de centros urbanos existentes no país, comparado com o total de 1.887 registrados em 1950. [...] A criação de Brasília como capital nacional em 1960, acompanhada da implantação de uma intensa malha de infraestrutura de transporte, energia e comunicação no Centro-Oeste, no Nordeste Região Norte, contribuiu para o crescimento da urbanização no interior do país, como parte da estratégia urbana articulada à expansão da fronteira agrícola, em direção ao interior, porém com bases capital-intensivas.²⁰⁴

Assim, é possível inferir que o município de Parintins e seu desenvolvimento, nesse período, acompanham, em alguma medida, as mudanças e crescimento da população dos

²⁰⁰ *Ibid.*, p. 18.

²⁰¹ *Ibid.*

²⁰² *Ibid.*

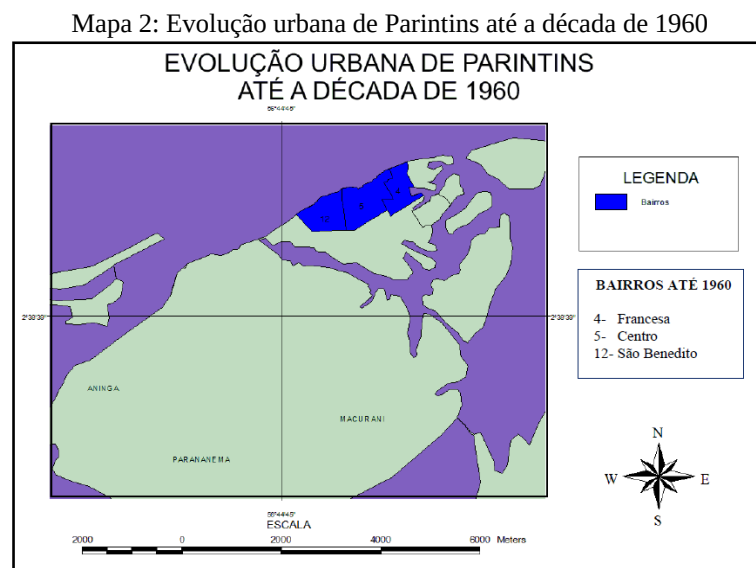
²⁰³ *Ibid.*

²⁰⁴ Souza, 2013, p. 14.

centros urbanos. “A Amazônia brasileira teve seu processo de urbanização muito acelerado, a partir da abertura das rodovias, na década de 1960 e, mais acentuadamente, na década de 1970.”²⁰⁵

Sobre o “crescimento da população de Parintins, até a década de 1960 a cidade experimentou um crescimento populacional [...], que registra no ano de 1833 um total de 3.048 habitantes. [...] Esse número aumenta para 7.089 em 1859, entretanto, em 1861 há um decréscimo da população para 4.560 habitantes. Em 1873 há uma retomada do crescimento atingindo um total de 5.200 a 5.500 pessoas vivendo na cidade. Esse crescimento continua nas décadas seguintes chegando em 1960 com um total de 27.525 habitantes.”²⁰⁶

A evolução da ocupação urbana demonstra como o crescimento da população esteve relacionado à formação de novos espaços dentro da cidade. A imagem abaixo apresenta a evolução urbana de Parintins até a década de 1960.



Fonte: Souza, 2013.

Essa década de crescimento populacional em Parintins teve a criação da primeira rádio da região. A criação dessa ferramenta foi capaz de comunicar e levar a voz da Igreja Católica, instituição que, junto à figura de Dom Arcângelo Cerqua, criou a rádio. Além do papel da Igreja, é importante destacar que a criação da rádio também se insere no contexto das políticas da ditadura, voltadas ao controle dessas regiões. Cavalcante aponta que:

Sendo Dom Arcângelo obediente aos ditames da Santa Sé, além de ser um visionário, percebeu a importância de uma emissora de Rádio para fomentar a evangelização na

²⁰⁵ *Ibid.*, p. 27.

²⁰⁶ *Ibid.*, p. 53.

Prelazia, e assim utilizou sua influência política em tal projeto, que se concretizou em 1967 com a inauguração da emissora que operava em Onda Média, passando mais tarde para Onda Tropical. Além da Rádio a Prelazia também criou em 1969 um jornal denominado “O Horizonte”, que divulgava informações da Igreja.

A instalação de uma emissora de rádio serviu não somente para transmitir programas religiosos como para manter informada a população sobre as notícias do Brasil e do mundo, a orientação para que os meios de comunicação social como rádio, jornal, televisão fossem usados como instrumento de evangelização foi um marco importante, pois foi a primeira vez que um documento oficial da Igreja assegura a obrigação quanto à utilização dessa ferramenta no processo de formação cristã, no caso da Rádio Alvorada a concessão foi aprovada em nome de brasileiros, pois não podia ser acionista da emissora nenhum dos missionários por serem estrangeiros e a legislação brasileira da época proibia tal situação, a emissora foi inaugurada em 01/10/1967, significando um avanço no desenvolvimento social e religioso da Prelazia.²⁰⁷

A rádio teve um papel importante na sociedade parintinense se tornando um marco por interligar a cidade com áreas mais distantes, por mais que o intuito de evangelizar tenha sido o seu principal objetivo. Como Cavalcante demonstra, ela desempenhou um relevante papel social.

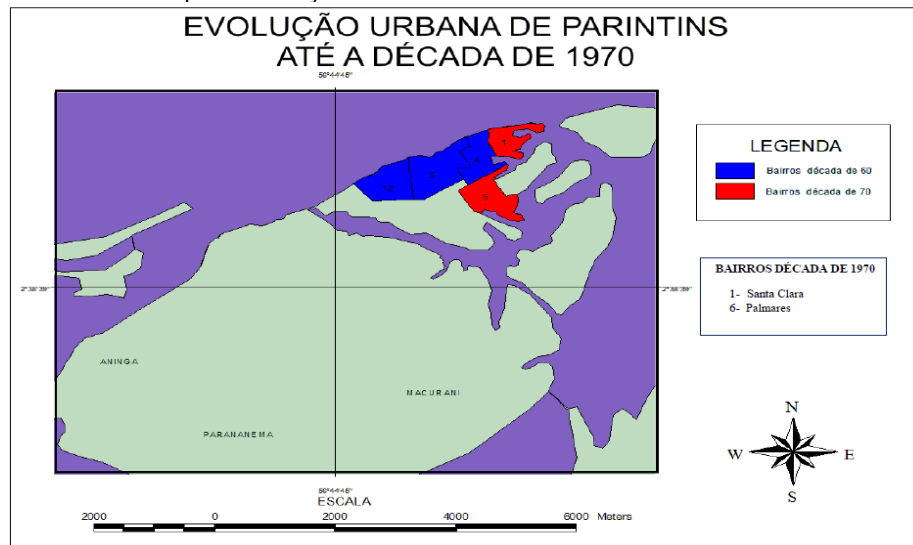
Na Sexta Legislatura, de 1969 a 1972, “Parintins seguia uma rotina de melhoramento em sua infraestrutura, com construções de Postos de Saúde, de Escolas, calçamento de ruas, convênios com Universidade e com Secretaria de Saúde Pública, além das ruas de Parintins receberem novas denominações”²⁰⁸. Já na década de 1970 chega a primeira Universidade na Cidade por meio do Projeto Rondon: “a chegada de uma universidade a cidade de Parintins foi um marco, através de um convênio da prefeitura com o Campus Avançado da Universidade do Estado da Guanabara – UERJ.”²⁰⁹

²⁰⁷ Cavalcante, 2019, p. 73.

²⁰⁸ Butel; Butel; Cursino, 2012, p. 168-169.

²⁰⁹ *Ibid.*

Mapa 3: Evolução urbana de Parintins até a década de 1970



Na primeira parte da década de 1970,

[...] se intensificou a produção de juta e malva em Parintins, chegando ao ápice da produção. A cidade possuía 16 estabelecimentos industriais. Entre estes, a Fabril Juta, que empregava mais de 1.000 funcionários em três turnos de trabalho; a Olaria Pe. Colombo e a Olaria São José; as prensas de juta da firma Martins Melo S. A. da Companhia de Aniagem de Caçapava e de Sebastião Araújo Sobral Santos S. A.; as usinas São Francisco, Santo Afonso e Santo Antonio, com o beneficiamento de pau-rosa: Guaraná Delícia e Oriental e outros.²¹⁰

A cultura da juta assumia importância econômica para os donos do capital nesse período, além de outros produtos que já eram exportados. Souza diz que:

Parintins exportava juta prensada, cacau, guaraná, essência de pau-rosa, borracha, cumaru, óleo da copaíba, batata e gado para os Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Pará e outras localidades.

No período que corresponde à segunda metade da década de 1970, o Brasil vive uma crise inflacionária decorrente da crise internacional do Petróleo e do Milagre Brasileiro, o que se reflete também em Parintins, quando ocorre o enfraquecimento da produção da juta e malva, motivado pela concorrência no mercado internacional. Ocorre o fortalecimento do mercado de gado bovino e bubalino e os grandes capitalistas locais começam a adquirir as áreas de várzea para criação de gado.

Em 1975 acontece a segunda maior enchente do Rio Amazonas, ocasião em que 13,45% dos ribeirinhos foram obrigados a abandonar a área rural e ocupar a área urbana, registrando a primeira explosão demográfica urbana, pelo característico fenômeno do êxodo rural.²¹¹

Em relação à juta, tratava-se de um trabalho de grande exploração para os sujeitos que

²¹⁰ Souza, 2013.

²¹¹ *Ibid.*, p. 58.

faziam parte da produção e que não eram donos dos meios de produção²¹². Aldenor da Silva Ferreira, em “*Fios dourados dos trópicos: culturas, histórias, singularidades e possibilidades (juta e malva - Brasil e Índia)*” afirma que

Tomando a realidade da cidade de Parintins nas décadas de 1960/70 como exemplo, havia uma dinâmica econômica encontrada somente no Sul e Sudeste do Brasil dos dias atuais; no que tange ao sistema de agroindústria, a cidade chegou a ter uma fábrica que funcionava em três turnos, com cerca de 400 funcionários empregados diretamente— a antiga Fabriljuta S.A. Trata-se de uma realidade que não é vista nas cidades do interior do estado do Amazonas nos dias atuais, onde o fraco desempenho de sua economia não proporciona emprego e renda de maneira satisfatória para a população, causa principal de migração para a capital.²¹³

Butel, Butel e Cursino, ao analisarem por meio das documentações presentes no acervo da Câmara Municipal, afirmam que:

Sétima Legislatura 1973 a 1976, tem suas ações pautadas no compromisso e percepção das demandas do município por parte do Poder Executivo, assim a atuação em conjunto com a Casa Legislativa na agilidade com que tramitavam os projeto e indicações. Os limites ultrapassam o campo de pouso e o perímetro urbano [...]. A presença e atuação do Campus Avançado da Universidade do Estado da Guanabara, responsável pela elaboração do Plano de Desenvolvimento. E as ações previstas no Plano Rodoviário. Parintins recebe o título de Cidade Modelo, Categoria “A”. Nesse contexto de reconhecimento nacional o município de Parintins consolida a política de embelezamento da parte central, melhoria e ampliação da infraestrutura portuária, aeroporto, concretagem de ruas e avenidas; abertura, piçarramento e denominação de estradas ligando as comunidades no interior do município; melhoramento das estradas no perímetro urbano e rural.²¹⁴

Bartoli afirma que “os ciclos econômicos anteriores aos descritos no Quadro 1 foram basicamente atrelados a fases de extração das chamadas drogas do sertão, não possuindo registros históricos quanto às áreas que hoje abrangem Parintins e municípios do entorno”²¹⁵. O quadro ao qual o autor se refere, retirado do seu texto e reproduzido abaixo, exemplifica os ciclos econômicos do período:

²¹² VIEIRA, Everton Dorzane. **Trabalho e Sociedade: o cotidiano de uma comunidade amazônica**. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2022.

²¹³ FERREIRA, Aldenor da Silva. **Fios dourados dos trópicos: culturas, histórias, singularidades e possibilidades (juta e malva - Brasil e Índia)**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016, p. 23.

²¹⁴ Butel; Butel; Cursino, 2012, p. 248.

²¹⁵ Bartoli, 2020, p. 377.

Quadro 1: Ciclos econômicos das décadas de 1950 a 1970.

Período / Ciclo econômico	Espaço intraurbano: eventos, mudanças e impactos	Impactos na forma urbana:
1950 a 1970	- Intensificação das migrações, instalação de empresas processadoras da fibra de juta.	- Início da ocupação do entorno núcleo central; primeiras estradas ligando a comunidades próximas; crescimento urbano nos arredores do centro; presença de seis praças.
- Entreposto comercial; consolidação da juta.		
Década de 1970	- Implantação de fábricas processamento de fibra de Juta; primeira Universidade implantada (convênio com a UERJ / Projeto Rondon); êxodo por Influência das cheias de 1975 (a segunda maior no estado).	- Ocupações irregulares; aterros; loteamentos feitos pela prefeitura; expansão do plano desvalorizando sítio urbano plano que passa a ter 38 ruas.
- Auge da produção da juta e extração do pau-rosa; expansão da atividade pecuária; intensificação da pesca.		

Fonte: Bartoli, 2020.

Nesse sentido, destacar os aspectos econômicos e as transformações sociais ocorridas no período não significa desconsiderar o contexto político vivido pelo país, marcado pela perseguição política, repressão e práticas de tortura. Esses elementos também fizeram parte da realidade social e política de Parintins e serão abordados de maneira mais aprofundada nos capítulos subsequentes. O processo de urbanização observado no município também pode ser compreendido dentro de um contexto nacional de intensas transformações sociais, marcado pelo deslocamento populacional do campo para as áreas urbanas. Nesse cenário, observa-se que Parintins acompanhava, em alguma medida, o processo de crescimento urbano vivenciado por outras localidades brasileiras.

1.3 A trajetória política de Gemica Bringel (1964-1974)

Entre as mudanças mais significativas ocorridas ao longo do século XX destaca-se a ampliação dos direitos das mulheres, embora outras conquistas também tenham contribuído para sua inserção nos espaços públicos. Em 1962, com a lei nº 4.121²¹⁶, as mulheres não precisavam mais da autorização do marido para trabalhar. Em 1977, com a lei nº 6.515²¹⁷, as mulheres conquistaram o direito ao divórcio. Esses avanços evidenciam as transformações sociais ocorridas ao longo do século XX e a ampliação gradual da participação feminina nos

²¹⁶ BRASIL. **Lei n.º 4.121, de 27 de agosto de 1962.** Dispõe sobre a situação jurídica da mulher casada. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, 3 set. 1962.

²¹⁷ BRASIL. **Lei n.º 6.515, de 26 de dezembro de 1977.** Regula os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e respectivos processos, e dá outras providências. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, 27 dez. 1977.

espaços públicos. Como já observado, dona Gemica Bringel iniciou muito cedo sua trajetória profissional e política, acompanhando e ocupando os espaços que passaram a se abrir às mulheres nesse contexto histórico.

O movimento sufragista esteve diretamente relacionado à conquista do direito ao voto feminino no Brasil, assegurado pelo Código Eleitoral de 1932 após anos de mobilização. Embora esse marco representasse um importante avanço para os direitos políticos das mulheres, sua efetivação ocorreu de forma limitada, como destaca Wolff, Neckel e Pedro:

Na luta pelo voto atuaram muitas mulheres de elite, brancas, intelectualizadas e morando em áreas urbanas. Isso não significa que mulheres negras não tivessem participado da luta. Almerinda Farias Gama, teve participação pois foi delegada na eleição para Constituinte, aprovada em 1934. Além disso, foi candidata a deputada, embora não tenha sido eleita. Da mesma forma, Antonieta de Barros, foi candidata para a Constituinte, e foi eleita e empossada em 1934. Enfim, a presença dessas mulheres mostra que embora não constem do rol das principais sufragistas brasileiras, estiveram presentes na luta pelo voto.

Destaca-se que grande parte das mulheres brancas, urbanas e de camadas médias e elite, que lutaram pelo direito ao voto, no Brasil, tinham uma posição conservadora: entendiam que o voto não era para todas. Em 1932 foi aprovado o voto apenas para mulheres alfabetizadas e não era obrigatório. Inúmeras mulheres ficaram de fora das eleições, apenas em 1985 o voto foi estendido às pessoas analfabetas.

Muitas mulheres consideradas de esquerda entendiam que o voto não traria benefícios para mulheres trabalhadoras. Daí a pouca importância que davam para essa luta. Além do que os parlamentares partidários do sufrágio para mulheres, consideravam que muitas das sufragistas envolvidas na luta, eram do campo conservador. E, tinham razão. As sufragistas argumentavam que se as mulheres passassem a votar não abandonariam seus deveres no lar e, ainda, seriam mais conscientes na formação dos filhos, pois seriam cidadãs. Enfim, a luta pelo voto, não anunciava propósitos de mudar as relações de gênero. Era, portanto, conservadora nesse aspecto.²¹⁸

Saffioti critica o movimento sufragista no Brasil, observando que o movimento feminista brasileiro se apropriou de ideias externas ao país em suas primeiras lutas. Conforme afirma a autora: “inicialmente, tomando como grupo de referência positiva as feministas europeias e, mais imediatamente, as norte-americanas, foram ampliando seus contatos com as conquistas do feminismo em vários países e tentando implantar aqui medidas legais análogas às adotadas em outras nações”²¹⁹. Segundo a autora, essa apropriação de referências externas não foi acompanhada de uma análise da realidade econômico-social do Brasil nem de uma crítica aprofundada da ordem social capitalista.

A organização do movimento feminista no Brasil, apesar de ter resultado da importação de ideias que não encontravam muito eco na sociedade brasileira (neste sentido, teria, se tivesse tido pleno êxito desde seu início, criado um grande hiato entre a legislação referente à mulher e as verdadeiras relações sociais que a interiorizavam),

²¹⁸ Wolff; Neckel; Pedro, 2023, p. 82.

²¹⁹ Saffioti, 1979, p. 167.

inoculou, em boa parcela das mulheres, a aspiração de libertar-se e de emancipar-se através do trabalho, processo este que foi amadurecendo à medida que, efetivamente, iam os elementos femininos penetrando em áreas até então reservadas exclusivamente aos homens.²²⁰

Outra crítica dirigida ao feminismo sufragista, especialmente aquele desenvolvido nos países do Norte Global, refere-se à exclusão de outras mulheres de suas reivindicações. Ao fazer uma crítica a essa vertente, que é um feminismo de pessoas brancas, bell hooks, na obra *Teoria feminista: da margem ao centro*, critica a influência exercida por Betty Friedan em *The Feminine Mystique (A mística feminina)*²²¹, argumentando que sua interpretação da realidade apresenta uma perspectiva unidimensional. Segundo hooks, o discurso feminino apresentado por Friedan é dado por mulheres brancas e que dominam o discurso feminista. Hooks também questiona o fato de Friedan não considerar se essa experiência, marcada por mulheres brancas e com ensino superior, poderia representar a realidade das mulheres como um todo.

As críticas feitas por hooks ao feminismo contemporâneo, por não contemplar a totalidade das demandas femininas, evidenciam que muitas mulheres em situação de marginalidade permanecem à margem dessas discussões. Sua perspectiva desvela outras experiências, demandas e feminismos. Isso não invalida a teoria feminista e suas conquistas, mas demonstra que novas vivências podem ser acrescentadas a essa abordagem, especialmente a partir da consideração dos marcadores sociais. Uma ferramenta analítica que busca compreender a relação entre esses marcadores é a da interseccionalidade. Para compreender esse conceito, utiliza-se como apoio o trabalho de Carlos Eduardo Henning²²², “*Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença*”.

Em seu artigo, o autor apresenta uma revisão sucinta, mas essencial para compreensão dos debates sobre noção de interseccionalidade nas diferentes abordagens do pensamento feminista, nos estudos sobre mulheres e as teorias de gênero na contemporaneidade. Com base na produção sobre o tema e a partir de um levantamento bibliográfico, Henning realiza uma sumarização das principais contribuições das análises interseccionais, inclusive os “*black feminisms*”, assim como debates desenvolvidos nos Estados Unidos, Reino Unido e Europa. Além disso, o autor apresenta críticas relacionadas ao campo que, de certa forma, continuam abertas. Ao analisar os primeiros debates sobre os estudos e pensamentos sobre interseccionalidade, ressalta que:

²²⁰ *Ibid.*, p. 274.

²²¹ hooks, 2019.

²²² Henning, 2015.

Embora o termo “interseccionalidade” tenha sido cunhado apenas em 1989 pela teórica feminista estadunidense Kimberlé Crenshaw (1991), a preocupação em entrelaçar distintas formas de diferenciações sociais (e de desigualdades) é bem anterior, e um de seus marcos simbólicos tem sido visto como as contribuições do influente manifesto de 1977 do *Combahee River Collective*. Tratava-se de um coletivo de feministas negras e lésbicas baseado em Boston, entre 1973 e 1980, o qual defendia uma luta articulada não apenas contra a opressão sexual das mulheres, mas também contra outras formas de dominação e de desigualdades baseadas em racismos, heterossexismos e exploração por classe social.²²³

Nesse sentido, os estudos que analisam as questões de raça, classe e gênero se mostram anteriores às discussões de dentro da academia. Segundo o autor, autoras como Avtar Brah e Ann Phoenix, remetem para um processo bem mais antigo de preocupação feminista com formas de entrelaçamento das diferenças na produção de desigualdades sociais. Elas se referem ao “movimento feminista abolicionista nos Estados Unidos de meados do século XIX, parte dos ‘feminismos de primeira onda’²²⁴”.

Henning chama atenção para algumas das principais vertentes e discussões sobre a interseccionalidade contemporânea. Ele apresenta a filósofa Baukje Prins, que discute vertentes “estabelecidas a partir principalmente de distintas concepções de poder, agência e estrutura/sistema²²⁵”. Nesses pontos de vista sobre a interseccionalidade, argumenta:

[...] *uma abordagem construcionista* – encampada principalmente por acadêmicas do Reino Unido, como Anne McKlinton (1995) e Avtar Brah (2004; 2007). E, por outro lado, – a qual tenderia a desenvolver uma concepção de poder mais dinâmica e relacional, levando em consideração aspectos de agência e identidade social. Para a *abordagem sistêmica/estrutural*, a tendência, em termos gerais, é conceituar gênero, “raça” e classe como sistemas de dominação, opressão e marginalização que *determinam* ou *estruturam* a formação de identidades (PRINS, 2006, p. 279). A historiadora colombiana Mara Viveros Vigoya (2008, p. 06), por exemplo, contextualiza o pensamento de Crenshaw (2005) afirmando que para essa autora a “interseccionalidade é inerente a toda relação de dominação e que, como estrutura de dominação, *impede ou debilita as tentativas de resistência*”.²²⁶

Ao final da discussão, o autor apresenta uma conclusão a partir dos debates sobre as correntes e críticas relacionadas às abordagens da interseccionalidade construcionista, de agência e de estrutura/sistema:

Levando em consideração o conjunto das questões apresentadas até o momento, proponho uma noção de interseccionalidade compreendida primeiramente como relativa às formas de entrelaçamento entre os marcadores sociais da diferença e suas

²²³ *Ibid.*, p. 101.

²²⁴ Brah; Phoenix, 2004 *apud* Henning, 2015., p.103.

²²⁵ Henning, 2015, p.101.

²²⁶ Viveros Vigoya, 2008 *apud* Henning, 2015.

potenciais decorrências em termos de desigualdades sociais, assim como relativa ao desenvolvimento de táticas de resistência, questionamento e desconstrução da desigualdade, sobretudo sob distintas formas de agência interseccional.

Reforça-se que a interseccionalidade, portanto, precisa ser concebida também a partir de práticas sociais decorrentes da interação conjuntural desses marcadores não apenas em seus efeitos de produção de desigualdades.

Dessa maneira, é preciso frisar que ao mesmo tempo em que a noção de interseccionalidade abre um relevante espaço para análise de contextos específicos de construção de diferenciações e de desigualdades sociais, ela pode também proporcionar uma contrapartida em termos de um potencial para analisar e por em relevo as ferramentas agenciais para “desfazer”, “desmontar” e “desconstruir” possíveis desigualdades. Essa atenção, conseqüentemente, auxiliaria a evitar o risco de uma reificação da “produção” e “construção” da diferença, vista como sinônimo de desigualdade, e a frisar a potencialidade “igualitarista” que o conceito pode prover em termos de práticas sociais no campo de distintas formas de *agência interseccional*.²²⁷

Essa discussão se faz pertinente para entender como as agências interseccionais entrelaçam as mulheres em suas especificidades e seus lugares na sociedade. Não encontramos elementos que possibilitem pensar a trajetória da professora e vereadora Gemica Bringel a partir do marcador racial, pois nem em documentações ou em relatos orais é possível vê-la por essas lentes. Contudo, cabe ressaltar que tal limitação das fontes é essencial para entender as mulheres em suas múltiplas formas de resistir.

A atuação da professora e vereadora segue, direta ou indiretamente, os avanços do movimento de mulheres e o movimento feminista no século XX, dando acesso ao espaço público, político e de poder. Quase vinte anos após a conquista do voto feminino no Brasil e antes das eclosões do movimento feminista da década de 1970, a professora entra na política partidária em 1956, com 33 anos, por meio da suplência do vereador Acioly Teixeira, eleito para o mandato de 1956 a 1959 pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que se afastou por motivos de saúde²²⁸. Em 1958 assumiu também o vaga do vereador Djard Vieira por sessenta dias²²⁹.

Em 1956, foi a primeira mulher a entrar na política partidária no Baixo Amazonas, dado que até o momento não há registros de outra mulher vereadora antecedente a ela na região.

Quanto ao Brasil, nessa década, verifica-se que:

O ano de 1951 foi marcado pelo retorno de Getúlio Vargas para o cargo de Presidente da República. Contudo, desta vez, Vargas se valeu de mecanismos democráticos, como o voto popular, para promover novamente a sua ascensão política. [...] O período da 39ª Legislatura (1951-1954) marcou o retorno feminino para o universo da política com a eleição da jornalista Cândida Ivete Vargas Tatsch (1927-1984), sobrinha-neta de Getúlio Vargas.

²²⁷ Henning, 2015, p.117-118.

²²⁸ Livro de atas 1956-58 p. 7 verso. In: Butel *et al.*, 2011.

²²⁹ Butel, 2011.

Ivete Vargas, foi a primeira e única mulher a se eleger para deputada federal após o término do período do Estado Novo. Filiada ao Partido Trabalhista Brasileiro, Ivete Vargas foi eleita com 18.067 votos em seu primeiro pleito eleitoral no Estado de São Paulo e se elegeu por mais 5 legislaturas subsequentes.²³⁰

Daswanny Araújo dos Reis, em sua dissertação intitulada “*Por um novo cenário: a mulher na política partidária*”, analisa as mulheres no interior dos partidos e os mecanismos criados para essa inserção no mundo da política institucional. Também investiga os entraves que reforçam a baixa representatividade feminina nas casas legislativas, assim como as mudanças eleitorais realizadas nas últimas décadas e a adoção da lei de cotas. Segundo a autora:

A história da participação parlamentar das mulheres no Amazonas mostra que o espaço da Câmara Municipal foi o primeiro a ser ocupado por uma mulher. Porém, somente em 1965 desde que foi fundada em 1833, uma representante feminina conseguiu chegar a Câmara. Foi Léa Alencar Antony (PSD), a primeira vereadora do município de Manaus, chegando ao parlamento pelos trabalhos voltados à educação.²³¹

A trajetória de Dona Gemica Bringel é anterior à afirmação mencionada. A autora, ao debater a inserção da mulher na política no Amazonas, restringe-se à Câmara Municipal de Manaus – que é a capital do estado –, o que não corresponde com exatidão à inserção das mulheres na política partidária amazonense, visto que Geminiana Campos Bulcão Bringel se insere na política partidária uma década antes. Ainda assim, Reis analisa pertinentemente o perfil das mulheres que ingressam na política do Amazonas, permitindo considerar a atuação de dona Gemica Bringel na arena pública e política de Parintins. Para a autora:

A integração das mulheres na política amazonense durante um longo tempo esteve associada a uma dependência das forças políticas conservadoras, dos laços de parentesco e das elites privilegiadas em nosso estado. Poucos são os exemplos de mulheres que ascenderam à vida política pela via dos movimentos sociais ou pela luta nos partidos.²³²

Ao refletirmos sobre a trajetória da vereadora Gemica Bringel, partindo desse último ponto, observa-se que sua inserção na política do município de Parintins não ocorreu por meio dos movimentos sociais, tal como propõe a análise da autora. Seu perfil de atuação não indica ser alguém que se reúna com movimento de mulheres ou que traga pautas e lutas desse grupo dentro do município. Como discutiremos posteriormente, os movimentos de mulheres no

²³⁰ FREITAS, Necilene Almeida de; FELISBINO, Riberti de Almeida; SANTIAGO, Danilo Roberto Pereira. **Da cozinha ao palanque**: a baixa representatividade feminina na política e o Partido da Mulher Brasileira nas eleições capixabas de 2016. 1. ed. Curitiba: CRV, 2018, p. 71.

²³¹ Reis, 2011, p. 72.

²³² *Ibid.*, p. 74.

município de Parintins só ganharão visibilidade no final da década de 1980 e início dos anos 1990²³³.

Outro ponto relevante para a trajetória da vereadora é sua influência e dependência da política conservadora, dos laços de parentesco e das elites privilegiadas do Estado. Ao analisar sua inserção e sua permanência na política, é visível que sua atuação e estratégia nesse espaço de poder se mostra contraditória: embora tenha se posicionado em oposição às elites locais em diferentes momentos²³⁴, Dona Gemica também transitou entre essa mesma elite conservadora.

Butel *et al.* representam essas relações no ano de 1956:

Na terceira legislatura, foram eleitos seis vereadores, 3 (três) pelo PTB (Partido trabalhista Brasileiro) e 3 (três) pelo PSD (Partido Social Democrata). As divergências políticas eram frequentes, o primeiro embate político aconteceu dia 2 de outubro entre a vereadora Geminiana Bulcão (PTB) e o vereador Gláucio Gonçalves (PSD), tal divergência solicitava providências em relação ao Mercado Público e ao Grupo escolar Araújo Filho.²³⁵

Em alguns momentos o posicionamento da vereadora se mostra conservador mediante ações na Câmara Municipal. Exemplo disso foi sua defesa da não permanência das prostitutas em via pública, em determinados horários: “apresentou um requerimento, através do qual pedia ao Delegado de Polícia desta cidade, que o mesmo proíba que prostitutas perambularem pelas principais artérias de nossa cidade, antes das oito horas da noite”²³⁶.

Quanto aos laços de parentescos, trata-se de um fator que exerceu influência dentro de seu eleitorado. Gemica construiu sua trajetória política a partir de seu nome, de sua família e de seu poder aquisitivo no município, elementos que se mostram cruciais para seu desempenho, seu prestígio e hierarquia entre os demais vereadores, como será abordado nos capítulos seguintes.

As atas da Câmara registram sua integração como vereadora na política partidária, porém não definem o início de suas relações políticas como um ser político, mas permitem supor que essas relações – bem como a existência de um grupo político – antecedem tais registros, uma vez que Geminiana nasceu em uma das famílias tradicionais de Parintins e integrou a elite do município. Refiro-me ser político da perspectiva de Pierre Rosanvallon, que compreende:

[...] o político ao mesmo tempo a um campo e a um trabalho. Como campo, ele designa

²³³ Um debate mais aprofundado sobre essa temática pode ser encontrado em: Soares, 2019.

²³⁴ Essa afirmação será melhor abordada nos capítulos posteriores.

²³⁵ Butel *et al.*, 2011, p. 120.

²³⁶ Livro de Atas 1964-69, p.103. In: Butel *et al.*, 2011.

o lugar em que se entrelaçam os múltiplos fios da vida dos homens e mulheres; aquilo que confere um quadro geral a seus discursos e ações; ele remete à existência de uma "sociedade" que, aos olhos de seus partícipes, aparece como um todo dotado de sentido. Ao passo que, como trabalho, o político qualifica o processo pelo qual um agrupamento humano, que em si mesmo não passa de mera "população", adquire progressivamente as características de uma verdadeira comunidade. Ela se constitui graças ao processo sempre conflituoso de elaboração de regras explícitas ou implícitas acerca do participável e do compartilhável, que dão forma à vida da polis.²³⁷

Em 10 de agosto de 1961²³⁸ cedeu seu cargo de vereadora para o suplente Osmar de Oliveira Costa, em um movimento semelhante ao ocorrido durante sua inserção. Posteriormente, na quinta legislatura, em 1964, aos 41 anos, retomou sua trajetória partidária, eleita por voto popular e permanecendo na política até a década de 1980. Nessa legislatura de 1964 e nas seguintes, Osmar de Oliveira não participou do espaço legislativo. Essa diferença entre as trajetórias evidencia um aspecto relevante: o acesso aos espaços políticos não garante, por si só, a permanência neles, sendo necessário dispor de condições sociais que possibilitem sua continuidade. Nesse sentido, a trajetória da vereadora Gemica Bringel revela capitais sociais que podem ter contribuído tanto para seu acesso quanto para seu êxito na vida política, especialmente aqueles vinculados à sua família e à escolaridade.

O artigo de Luis Felipe Miguel e Cristina Monteiro de Queiroz, intitulado “*Diferenças regionais e o êxito relativo de mulheres em eleições municipais no Brasil*”, permite refletir sobre a trajetória da vereadora. Ao apresentarem hipóteses para explicar o êxito de campanhas eleitorais de mulheres em municípios fora dos centros urbanos, os autores se orientam pelo questionamento: “por que, nas eleições locais brasileiras, as mulheres apresentam um desempenho melhor nas regiões economicamente menos desenvolvidas?”. Miguel e Queiroz não usam tal questionamento para responder, mas para guiar sua discussão e possíveis hipóteses para a pergunta e, de certa forma, afirmação. Três hipóteses são colocadas e desenvolvidas em seu trabalho: “1) a associação das candidatas dessas regiões com partidos de direita; 2) o gap educacional que as beneficia; e 3) a maior presença de mulheres no eleitorado”²³⁹. Os autores entendem que análises mais complexas são necessárias para entender o fenômeno, mas observam as limitações da legislação brasileira em relação às cotas eleitorais para mulheres.

Embora o estudo de Miguel e Queiroz foque em dados das eleições da década de 1990 ao início do século XXI, alimentam o pensamento sobre a trajetória da vereadora Gemica

²³⁷ ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do Político**. Tradução de Christian Edward Cyrill Lynch. São Paulo: Alameda, 2010, p. 70-71.

²³⁸ Livro de Atas 1960-62, p. 155. In: Butel et al., 2011.

²³⁹ MIGUEL, Luis Felipe; QUEIROZ, Cristina Monteiro de. Diferenças regionais e o êxito relativo de mulheres em eleições municipais no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(2), maio-ago. 2006, p. 363.

Bringel a partir das hipóteses trazidas por eles relacionadas às mulheres que se inserem na política, como a política tradicional e a hiperqualificação.

Em relação à hipótese da política tradicional, os autores sustentam que “nas regiões mais atrasadas do país, ainda predominam os padrões da política tradicional, baseada na formação de clientelas e no familismo”²⁴⁰. Assim, “esses padrões abriram certos espaços para as mulheres, que seriam então eleitas não por suas trajetórias pessoais ou vínculos com movimentos da sociedade civil, mas na qualidade de representantes de seus clãs familiares”²⁴¹.

A predileção feminina pelos partidos mais conservadores é anotada há tempos pelos estudiosos, embora seja desafiada pelos estudos mais recentes. A partir de dados de 60 países, constantes do projeto World Values Surveys, Inglehart e Norris identificam uma transformação na inclinação política das mulheres, que, nos anos 1990, passaram a favorecer posições políticas à esquerda daquelas preferidas pelos homens. No entanto, o “moderno *gap* de gênero”, como eles o rotulam, só é percebido nos países industrializados da Europa Ocidental e América do Norte. O mundo pós-comunista e o Terceiro Mundo apresentam resultados mistos ou a sobrevivência do “*gap* tradicional de gênero”, segundo o qual as mulheres são mais conservadoras do que os homens. [...] A acreditar nessa teoria, as mulheres das regiões menos desenvolvidas do Brasil permaneceriam presas aos padrões tradicionais de preferência pelos partidos conservadores. Essa afinidade, de alguma forma, repercutiu no processo de recrutamento da elite política.²⁴²

Após analisar os dados das eleições de prefeitas e vereadoras de 1994 a 2004 nas cinco regiões do Brasil, na busca por evidenciar a hipótese, os autores esclarecem que os “resultados eleitorais mostram que não há nenhum indício que sustente a ideia de uma afinidade especial das eleitas (em eleições municipais) nas regiões menos desenvolvidas com os partidos conservadores”²⁴³, concluindo que, “portanto, o pressuposto da ‘hipótese da política tradicional’ está invalidado e a hipótese, como um todo, deve ser considerada incorreta”²⁴⁴.

No caso da professora e vereadora Gemica Bringel, a questão familiar pode ter tido peso em sua trajetória política, considerando sua origem em uma família tradicional de Parintins, inclusive com homenagens na Câmara. Mesmo que sua atuação tenha sido sempre em partidos com alguma ideia de esquerda, em alguns momentos não apresentou perfil de uma esquerda combativa, seja dentro da câmara ou ao ocupar cargos de liderança nos partidos que participou.

Na terceira legislatura a vereadora era do PTB, onde teve atuação de liderança, e no ano

²⁴⁰ *Ibid.*, p. 370.

²⁴¹ *Ibid.*

²⁴² *Ibid.*, p. 371.

²⁴³ *Ibid.*, p. 377-378.

²⁴⁴ *Ibid.*, 378.

de 1963 atuou como líder do Partido Democrático Trabalhista (PDT)²⁴⁵. Na ata de 1965, a vereadora é representada como integrante do PDT²⁴⁶. Também foi encontrada uma menção da vereadora como líder do MDB. No período de abertura democrática é possível observar algo intrigante, como é observável nas atas de 1979 a 1980²⁴⁷, dona Gemica Bringel se integra ao PTB, como verificado no dia 13 de novembro de 1980, já no período de início de abertura democrática²⁴⁸. Em 20 de agosto de 1981, a vereadora expressa na Câmara Municipal que irá acompanhar Gilberto Mestrinho nas eleições de 1982 e se integrar ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB)²⁴⁹. Em 1º de outubro de 1981, se integra ao Partido Popular (PP)²⁵⁰.

A outra hipótese analisada por Miguel e Queiroz é a da hiperqualificação; essa consiste em afirmar que “as mulheres, assim como integrantes de outros grupos subalternos, quando entram na disputa por posições de poder e prestígio, se veem constrangidas a compensar o preconceito negativo que sofrem apresentando uma qualificação superior”²⁵¹.

A hiperqualificação feminina pode ser detectada em diversos espaços na sociedade, dentre eles a política. Nesse espaço, embora as mulheres ocupem posições hierarquicamente equivalentes às dos homens, apresentam, em geral, níveis de escolaridade superiores²⁵². Ainda assim, segundo os autores, alguns estudos abordam sobre o problema da desigualdade, que se localiza “principalmente, no nível da introjeção do preconceito pelas mulheres, que apresentariam um nível de ambição política inferior ao dos homens”²⁵³.

Como a predisposição para disputar cargos públicos cresce de acordo com a escolaridade, o viés negativo de gênero teria de ser compensado com uma escolarização maior. Os diplomas escolares serviriam como um atestado, para as próprias mulheres, de sua competência para ingressar na arena política. (É claro que, nesse contexto, é duvidoso falar de “ambição” ou “predisposição para disputar”. As mulheres podem competir menos por se saberem com menos chances. Assim, o argumento permite, mas não exige, a introjeção do preconceito).²⁵⁴

Seguindo essa lógica, nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, por terem uma menor

²⁴⁵ O fato de estar escrito PDT no ano de 1963 deve ser um erro na transcrição das atas. Pois o PDT foi criado por Leonel Brizola como uma tentativa reorganizar o PTB, quando, na abertura democrática, Brizola perde a sigla do PTB e cria PDT para dar continuidade ao trabalhismo Varguista e Janguista.

²⁴⁶ Livro de atas de 1964-09, p. 32. In: Butel *et al.*, 2011.

²⁴⁷ Livro de atas de 1979-1980, p. 175. In: Butel *et al.*, 2011.

²⁴⁸ Livro de atas de 1979-1980, p. 179. In: Butel *et al.*, 2011.

²⁴⁹ Andrade; Carneiro, 2012.

²⁵⁰ Livro de atas de 1981-1982, p. 124. In: Butel *et al.*, 2011.

²⁵¹ Miguel, Queiroz, 2006, *passim*.

²⁵² *Ibid.*

²⁵³ *Ibid.*, p. 371.

²⁵⁴ *Ibid.*, p. 371-372.

média de escolarização, o nível de instrução tem peso nas disputas eleitorais, uma vez que a “maior raridade valorizaria cada diploma”. Assim, a escolaridade teria um efeito positivo, capaz de compensar o viés negativo de gênero, aumentando as oportunidades para as mulheres com maior grau de instrução. O reforçador dessa hipótese é o fato de que “embora em todo o Brasil haja mais mulheres matriculadas no ensino médio e superior do que homens, a diferença é nitidamente maior nas regiões menos desenvolvidas”²⁵⁵. De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), “em 2003, para o ensino superior, a diferença de matrículas em favor das mulheres chegava a 10,7 pontos percentuais no Sul, 11 no Sudeste, 13,6 no Nordeste, 19,9 no Centro-Oeste e 21,2 no Norte”²⁵⁶. Dessa forma, reforça-se a hipótese de que a maior qualificação credencia as candidatas, na visão de seu eleitorado, nessas regiões.

Na tentativa de testar essa hipótese, as análises de Miguel e Queiroz observam que “o hiato de escolaridade costuma ser maior na região Sul, seguida, em muitos casos, pela região Sudeste”²⁵⁷. Segundo os autores, nas regiões menos desenvolvidas, as mulheres candidatas e eleitas não apresentaram um diferencial educacional maior das outras regiões, “ocorre antes o contrário”; as diferenças entre ambas as regiões foram sempre pequenas, raramente ultrapassando três décimos. Ao analisar o apontamento dos autores, é possível afirmar que os dados “não permitem dizer que haja uma janela de oportunidade especial para as mulheres mais escolarizadas no Norte, Nordeste e Centro-Oeste”²⁵⁸.

Ainda que o estudo dos autores não contemple o corte temporal explorado neste trabalho, o levantamento da questão da hiperqualificação permite pensar sobre as décadas anteriores e o início da inserção da mulher na educação, no mercado de trabalho e na política, sendo utilizado como aporte para analisar de que modo o nível de instrução pode ter influenciado a trajetória política da vereadora Geminiana Bringel, como será discutido nesta tese, por meio dos relatos orais.

Em Parintins, a educação formal só teve de fato uma ampliação no município a partir da década de 1950, quando a professora Gemica já somava mais de trinta anos de idade e mais de uma década de experiência profissional. Ao olhar em caráter quantitativo, por meio da análise dos dados assim como os autores Miguel e Queiroz fizeram, não é possível identificar um diferencial entre as regiões, ao comparar o êxito nas candidaturas pós década de 1990. Porém, ao observar o perfil das candidatas em um recorte temporal voltado à primeira metade

²⁵⁵ *Ibid.*

²⁵⁶ *Ibid.*, p. 372.

²⁵⁷ *Ibid.*, p. 380.

²⁵⁸ *Ibid.*

do século XX, especificamente para Geminiana Bringel e outras mulheres como a professora Eunice Michiles²⁵⁹, a primeira senadora por voto popular pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA), e a primeira vereadora da Câmara Municipal de Manaus Léa Alencar Antony²⁶⁰, parece que esse é um fator determinante da sua inserção na política, ou uma qualificação para estar nesse ambiente de poder e generificado.

Geminiana Bringel teve atuação partidária ativa na política do município, integrando inúmeras comissões, como a Comissão de Finanças e Orçamento e membro da redação final da Câmara Municipal, em 1957. Em 1958, voltou a assumir o cargo na suplência do vereador Raymundo Djard Vieira²⁶¹. No ano de 1959, seu nome se encontra na lista de vereadores que atuaram naquele ano. Em 1960, na quarta legislatura, Geminiana assumiu uma cadeira na vereança por meio de voto direto. Foi membro, durante esse mandato, da Comissão de Constituição e Justiça, além de presidir, em 1961, a Comissão de Redação Final²⁶² e, em 1963, a Comissão de Finanças e Orçamento²⁶³. Em 1963, Geminiana, já na primeira eleição, se torna vice-presidente da Câmara.

De 1964 a 1968, Geminiana foi reeleita para a quinta legislatura, assumindo a presidência da Câmara Municipal após vencer por cinco votos, sendo a primeira mulher a ocupar a Presidência: “No último ano da Quinta Legislatura, em 1968, o vereador José Pedro de Almeida Faria, não concorreu mais à Presidência. A vereadora Geminiana Campos Bulcão Bringel eleita com cinco votos, foi a primeira mulher a ocupar o cargo de Presidente”²⁶⁴. Nessa mesma legislatura, foi prefeita interina, assumindo o cargo do prefeito Raymundo Dejard Vieira²⁶⁵.

Em seu acervo, arquivou inúmeras atas do balanço de contas do período da década de 1970, incluindo denúncias sobre o prefeito, vice-prefeito e presidente da Câmara da época, em que suas prestações de contas não foram aprovadas pelo Tribunal de Contas. Nesse mesmo bloco de documentos, como atas e balanços orçamentários, há requerimentos de dona Gemica Bringel solicitando atas de sessões da Câmara e exigências por explicação dos prefeitos em relação ao recurso utilizado na educação e no Festival Folclórico de Parintins²⁶⁶.

²⁵⁹ Souza, 2016.

²⁶⁰ Não foi encontrado registro de sua formação, mas possuiu cargo de chefia que necessita de instrução, o que tudo indica é que a vereadora possuía alguma formação. Para uma breve biografia da vereadora: CÂMARA MUNICIPAL DE MANAUS. Léa Alencar Antony. **Câmara Municipal de Manaus**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cmm.am.gov.br/memorial/lea-alencar-antony/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

²⁶¹ Butel *et al.* 2011, p. 149.

²⁶² Livros de Atas 1960-62, p. 79, frente e verso. In: Butel *et al.*, 2011.

²⁶³ Livro de Atas 1962-64, p. 65 verso e p. 66 frente. In: Butel *et al.*, 2011.

²⁶⁴ Butel *et al.*, 2011, p. 26.

²⁶⁵ Livro de atas 1964-69, p. 179. In: Butel; Butel; Cursino, 2012.

²⁶⁶ Acervo pessoal de Geminiana Bringel, que contém atas da Câmara Municipal de Parintins.

Entre os requerimentos identificados em seu acervo, destaca-se um requerimento verbal solicitando a revisão do serviço elétrico da cidade, cujo teor apresenta um tom de protesto²⁶⁷. Durante sua participação na quarta legislatura, sempre pediu revisão dos serviços elétricos da cidade, cobrando fiscalização nas feiras. Nesse mesmo ano, foi reeleita para a legislatura (1964 – 1968) e assumiu um terceiro mandato parlamentar. Nesse período, foi a vereadora que mais se posicionou contra o valor do preço da carne no município e do gerenciamento da verba pública por parte do prefeito. Defendeu a distribuição de água para as áreas mais distantes do centro da cidade, a pavimentação das ruas e a questão da falta de eletricidade em alguns lugares da cidade²⁶⁸.

Em discussões posteriores, abordarei de forma aprofundada o período de atuação de dona Gemica Bringel na sétima legislatura. Por ora, cabe apenas destacar que sua atuação nesse período corresponde à década de 1970. A professora e vereadora não compôs o corpo de vereadores da Câmara Municipal de vereadores, mas seguiu atuante. Ainda nesse período, concorreu às eleições como deputada estadual pelo partido MDB²⁶⁹.

Dona Gemica esteve em constante luta pelas pautas do partido MDB, a favor da democracia. O fato que evidencia essa luta em sua trajetória foi sua participação na campanha de anticandidatura de Ulysses Guimarães, ocorrido em 1974²⁷⁰. Um documento de seu acervo denominado “*Apontamentos de Viagem pela Amazônia*”, identificando como autor do escrito o líder do diretório do MDB regional, evidencia a densa trajetória de dona Gemica em contexto de Ditadura Militar²⁷¹.

Vale destacar que na oitava Legislatura, em 1977, foi outra vez eleita vereadora²⁷² e esteve muito presente na Câmara junto aos embates ocorridos. Essa legislatura se deu de maneira diversa e nesta participação na política apresenta características diferentes. Primeiramente, o país estava passando por uma inicial ideia de abertura democrática, a campanha de anticandidatura promovida pelo MDB aparenta ter evidenciado a real situação do país, com os primeiros indícios de que haveria uma abertura democrática. Em Parintins, na Câmara Municipal, colegas de vereança, antigos opositores no modelo bipartidário, fizeram

²⁶⁷ Livro de atas 1960-62, p. 87. In: Butel; Butel; Cursino, 2012.

²⁶⁸ Butel *et al.*, 2012

²⁶⁹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio (AM)**, 19 nov. 1970, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_01&pesq=%22Geminiana%20Bulc%C3%A3o%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=93275. Acesso em: abr. 2025.

²⁷⁰ Evento registrado em fotos, jornais e documentos do acervo pessoal de dona Gemica Bringel. Também nas memórias dos entrevistados que foram exploradas e analisadas a partir do terceiro capítulo.

²⁷¹ Texto datilografado encontrado no acervo da vereadora que descreve a viagem de Ulysses

²⁷² Andrade; Carneiro, 2012.

parte integrante de um mesmo partido²⁷³, assim, Geminiana, que estava à frente do então MDB passa a fazer parte do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), com José Maria Pinheiro Ferreira e Iranildo Nóbrega de Melo Azêdo²⁷⁴.

Dona Gemica Bringel, da segunda até início da quinta legislatura, pertenceu ao PTB²⁷⁵, embora também haja referências de outro partido, o PDT²⁷⁶. Durante o período de bipartidarismo, ela se torna do MDB, na oitava legislatura, que ocorreu de 1979 a 1985. Após esse período, a vereadora volta a pertencer ao PTB. Já no início da década seguinte,

No dia 20 de agosto de 1981, a edil Geminiana Bulcão faz uma declaração dizendo que não pertence mais as fileiras do P.T.B. que acompanhará Gilberto Mestrinho Bancada do PMDB, a fim de ajudar a levá-lo ao governo do Estado nas eleições de 1982.²⁷⁷

Sua trajetória política após esse período antidemocrático no país continua nas atas do MDB, cuja sede indicava o endereço de sua residência, e evidenciam as articulações políticas de seu meio.

A professora e vereadora Gemica teve uma trajetória política extensa e longa dentro e fora da Câmara Municipal, não ocupando o cargo de maneira vil e desprezível, mas ativa em prol das melhorias da cidade e na luta democrática. Não foi encontrado nas atas da Câmara Municipal²⁷⁸, nem em documentos de seu acervo pessoal²⁷⁹, pautas e lutas a favor das mulheres nos lugares de poder. Possivelmente essa falta em sua trajetória seja devido a maior parte de seus mandatos terem sido no período da Ditadura Militar, se inserindo de fato como vereadora eleita em 1964, com uma atuação voltada à luta democrática.

Céli Regina Jardim Pinto, em “*Uma História do feminismo no Brasil*”, destaca um ponto importante para o entendimento do movimento feminista no Brasil, e de certa forma, compreender dona Gemica Bringel e sua atuação na política do século XX. A autora discute como, na segunda metade do século XX, enquanto na Europa e nos Estados Unidos se vivia

²⁷³ Livro de Atas de 1979-1980, p. 40 e 157. In: Andrade; Carneiro, 2012.

²⁷⁴ Livro de Atas de 1979-1980, p. 40. In: Andrade; Carneiro, 2012.

²⁷⁵ Por meio das atas da Câmara Municipal é possível encontrar as mudanças de partido no decorrer de sua trajetória política, assim como nas atas do MDB encontradas em seu acervo.

²⁷⁶ Em Butel *et al.* (2011, p. 207), é citado que Geminiana Bulcão Bringel é líder do PDT, essa é a única vez que o partido é citado na legislatura. Após isso, o partido só é citado nas atas de 1979 a 1985.

²⁷⁷ Andrade; Carneiro, 2012.

²⁷⁸ “*História e memória do município de Parintins*” vl. I, II e III. Livros organizados por pesquisadores parintinenses junto a Câmara Municipal, com o objetivo de resgatar documentos que se encontravam em processo de degradação devido ao mau armazenamento. Os documentos recuperados foram transcritos e organizados nos livros separados por datas e legislaturas.

²⁷⁹ Acervo arquivado pela vereadora, cedido por seus familiares. Digitalizado e depositado no acervo do GEHA/NEAB CSP/UEA.

uma efervescência política, revolução de costumes, radical renovação cultural, no Brasil o clima era de Ditadura Militar, repressão e morte. Além disso:

Um aspecto fundamental da realidade brasileira que deve ser notado desde o princípio é a presença dos movimentos de mulheres entre as classes médias e populares no Brasil. Esse é um fenômeno anterior à década de 1970 e que continuou a existir paralelamente a todo o desenvolvimento do feminismo. Se não se pode tratar os movimentos de mulheres como algo totalmente do feminismo. Se não se pode tratar os movimentos de mulheres como algo totalmente dissociado do movimento feminista, deve-se de qualquer forma sua especificidade: foram movimentos organizados não para, a partir da própria condição de opressão da mulher, como no caso do feminismo, mas para, a partir da própria condição de dona-de-casa, esposa e mãe, intervir no mundo público. São exemplos dessas organizações os movimentos contra a carestia, os clubes de mães, o movimento pela anistia entre muitos outros.²⁸⁰

Como evidenciado, o terreno no qual as ideias feministas se inseriram no país era complexo. Já existiam movimentos de mulheres, voltados à luta por direitos relacionados às desigualdades vivenciadas no cotidiano, o que contribuiu para que a incorporação do próprio movimento feminista não ocorresse de forma imediata, uma vez que já havia uma mobilização com propostas distintas daquelas defendidas pelo movimento²⁸¹. Esses movimentos de mulheres não podem ser considerados feministas, já que seus propósitos e suas integrantes não objetivavam, à princípio, a mudança do papel da mulher na sociedade; contudo, ao final do século XX, passa a haver uma aproximação entre ambas as frentes.

As propostas e os projetos de leis de Geminiana Bulcão Bringel se restringem a solicitações de manutenção da cidade, ampliação da iluminação pública em lugares periféricos, questões de ordem pública e fiscalização dos serviços prestados à população, além de títulos de cidadãos parintinenses para figuras de certa influência no município ou que contribuíram de alguma forma para seu desenvolvimento – em geral, membros da elite local. Entre as homenagens, deu congratulação a Raquel de Queiroz e Marinildes Mendonça Lima, a primeira mulher a fazer parte do Tribunal Pleno da Justiça do Amazonas, como desembargadora. Na ocasião, enfatizou na Câmara Municipal o papel da mulher brasileira, “que estava ganhando espaços em todas as áreas, dentre essas a ascensão à cadeira na Academia de Letras da primeira mulher, a escritora Raquel de Queiroz, em 1977”²⁸².

Mesmo não tendo uma atuação que evidencie uma posição feminista, um feminismo de agenda, é possível perceber sua atuação neste prisma. Há uma percepção, por parte da vereadora, sobre a desigualdade presente nos espaços de poder, colocando dentro das ideias e

²⁸⁰ Pinto, 2003, p. 43.

²⁸¹ *Ibid.*

²⁸² Andrade; Carneiro, 2012, p. 148.

da consciência feminista, evidenciando a importância da conquista das mulheres em um lugar masculinizado, que a autora Raquel de Queiroz e a desembargadora Marinildes Mendonça Lima passaram a ocupar.

A falta de defesas sobre as temáticas feministas dentro dos espaços formais de política não é algo específico da vereadora, esse dilema também é encontrado na trajetória da primeira senadora do Amazonas, Eunice Michiles. Segundo Souza, a então deputada Eunice Michiles integrou a chapa para o Senado como suplente de João Bosco Ramos de Lima, no ano de 1978, a pedido da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), renunciando sua candidatura à reeleição como deputada estadual; esse pedido do partido se deu devido ao MDB já possuir uma mulher concorrendo ao mesmo cargo ao qual seria suplente; assim, uma candidata filiada ao partido imprimia um ar moderno, além de servir como estratégia para ganhar votos femininos.

Na dissertação de Souza, ao analisar duas falas de Eunice Michiles, observa-se que “Eunice atribui sua rejeição por parte do movimento feminista ao fato de ela não se posicionar com relação a algumas discussões que na época eram reivindicações dos movimentos de mulheres”²⁸³. Na capital federal, no período em que atuou como Senadora, Eunice Michiles teve uma exposição a nível nacional com embates do movimento feminista devido ao seu lugar na política.

No caso de dona Gemica Bringel, em nível local, as primeiras movimentações de mulheres de forma organizada ocorrem no final da década de 1980 e vão se inserir na política partidária na década de 1990. Diferente da senadora, dona Gemica Bringel era a única mulher nesse ambiente político partidário e assim permaneceu por quase 50 anos. Seus questionamentos possuíam um aspecto coletivo sobre a desigualdade, embora não relacionado diretamente às causas feministas organizadas. Vale ressaltar que durante a Ditadura Militar, período em que atuou a ex-vereadora e a ex-senadora atuaram, o movimento feminista contava com diversas correntes: “nesta época, o movimento feminista não era totalmente unitário e homogêneo, ainda que todas lutassem contra a opressão, havia divergências ideológicas com bandeiras de luta consideradas burguesas e/ou moralmente inadequadas, como o aborto”²⁸⁴.

Somado a isso, Garcia identifica as ideias feministas já em mulheres no século XV com o feminismo pré-moderno de Christine de Pizan, que “no ano de 1405, escreve o seu livro mais conhecido e reconhecido, *A cidade das mulheres*. Nele, questiona a autoridade masculina dos grandes pensadores e poetas que contribuíram para formar a tradição misógina e decide fazer

²⁸³ Souza, 2016, p. 64.

²⁸⁴ *Ibid.*

frente às acusações e insultos contra as mulheres”²⁸⁵.

A autora chega a essas intelectuais do período pré-moderno por meio da sua definição de que o feminismo

pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim. Partindo desse princípio, o feminismo se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social.²⁸⁶

Essas ideias feministas, ou a tomada de uma consciência feminista, podem ser anteriores às movimentações feministas do final do século XIX. Nesse sentido, é errôneo supor que as mulheres – historicamente submetidas a condições de opressão patriarcal – não tenham sentido indignação diante da opressão sofrida e que não possuíam o entendimento das desigualdades vivenciadas, ainda que as formas de opressões inviabilizassem as reações. Deste modo, quando as chamadas primeira e segunda onda do feminismo²⁸⁷, composta por mulheres de classes médias e brancas, ganham força a partir dos anos 1970, muitas lutas e ideias que podem ser consideradas feministas já existiam, inclusive antes de suas primeiras mobilizações coletivas. A partir disso, torna-se necessário compreender como o feminismo é definido, ou ao menos como suas ideias são compreendidas.

Para Garcia, sempre que uma mulher se posiciona diante das injustiças do patriarcado e reivindica seus direitos, tanto individual quanto coletivamente, se dá uma ação feminista. Nesse sentido, a autora reafirma que o feminismo pode ser definido como uma tomada de consciência coletiva das mulheres, no seio do patriarcado, diante da opressão sofrida, articulando-se como filosofia política e movimento social. Existem diversos tipos e correntes de feminismo, pois ele se construiu através do fazer e pensar de mulheres em diferentes contextos. Conforme Garcia, “a tomada de consciência feminista transforma – inevitavelmente – a vida de cada uma das mulheres que dela se aproximam, pois, a consciência da discriminação supõe uma postura diferente diante dos fatos”²⁸⁸. Isto é, desenvolve uma consciência de gênero.

As mulheres souberam apossar-se dos espaços que lhes eram deixados ou confiados, para desenvolver sua influência junto às portas do poder. Elas encontraram ali os contornos de uma cultura, matriz de uma “consciência de gênero”. Elas tentaram também “sair” deles, para ter “enfim lugar em toda a parte”. Sair fisicamente:

²⁸⁵ Garcia, 2015, p. 27.

²⁸⁶ *Ibid.*, p. 13.

²⁸⁷ Há uma ressalva em considerar essas como únicas ondas até essas datas.

²⁸⁸ Garcia, 2015, p. 13.

deambular fora de sua casa, na rua, penetrar em lugares proibidos - um café, um comício - viajar. Sair moralmente dos papéis designados, construir uma opinião, passar da sujeição à independência: o que pode ser feito no público assim como no privado.²⁸⁹

Partindo dessa lógica, dentro da esteira de mudanças e conquistas, do processo de tomada de consciência feminista, a professora e vereadora Gemica Bringel inseriu-se nas brechas permitidas para algumas mulheres nos espaços públicos. Aproveitando-se das possibilidades jurídicas vigentes, que a permitiram chegar ao legislativo no município de Parintins, Gemica ocupa um lugar almejado pelas mulheres no início de suas lutas.

Vale frisar os diversos fatores que favoreceram a inserção e permanência de dona Gemica Bringel no espaço político, assim como suas lutas para enfrentar desigualdades de gênero e as relações de poder existentes nesse campo, exigindo entendimento e táticas para se manter na política.

Sua atuação política e carreira na educação se entrelaçam e coexistem, influenciando-se mutuamente. Se a política lhe trouxe elementos – como sua rede de contatos que a beneficiou em cargos e o entendimento da política local –, o meio educacional e sua formação lhe proporcionaram condições para se inserir e permanecer no meio político, em um período de pouco acesso à educação formal.

Essa inserção nesse lugar, ao que tudo indica, se deu graças ao seu lugar privilegiado na sociedade da época, o que lhe permitiu o acesso à educação e posteriormente à política, ambos ligados de alguma forma por meio da disponibilidade de tempo para exercê-los, diferente de muitas mulheres que estavam sobrecarregadas com as atribuições do lar e da família. Pierre Bourdieu, em “*O Campo Político*”, não apenas constata o acesso desigual ao campo político, como atesta a importância de não naturalizarmos a desigualdade política. Assim:

Há, portanto, condições sociais de possibilidade de acesso a esse microcosmo, como, por exemplo, o tempo livre: a primeira acumulação de capital político e característica de pessoas dotadas de um excedente econômico que lhes possibilita subtrair-se as atividades produtivas, o que lhes permite colocar-se na posição de porta voz. Além do tempo livre, há este outro fator que é a educação.²⁹⁰

Dessa forma, não é possível negar que a classe social e a posição de poder de Gemica Bringel, associadas a uma condição econômica privilegiada, lhe permitiram acessar oportunidades que apenas outras mulheres em situação equivalente poderiam. Esses elementos configuram-se como capital mobilizado nos espaços de poder, especialmente no âmbito

²⁸⁹ Perrot, 2005, p. 279-280.

²⁹⁰ Bourdieu, 2011, p. 196.

profissional, em que o trabalho qualificado atua como fator de legitimação, articulando-se, ainda, ao campo político.

Poucos políticos dispunham de acesso ao ensino formal, ainda que, no período, os vereadores Orlando Hatta, José Maria e Geraldo Medeiros possuíam formação. Outros políticos que não possuíam formação ou instrução, recebiam apelidos como “redondo quadrado”²⁹¹, dado pelo vereador José Maria a um político que não tinha habilidades para entender as relações e era considerado alguém sem intelecto equivalente ao demais em relação à política. Não somente em relação a isso, a formação de dona Gemica dava autoridade e poder quando se tratava de impor seu saber acima dos outros. José Maria Pinheiro expressa como se dava o exercício dessa hierarquia:

A dona Geminiana ela era uma pessoa que, você ao conversar com ela, e quando você era interessado você tirava proveito, era uma aula você conversando com ela. Por que ela era uma mulher do linguajar culto né? De uma língua culta praticamente culta, embora antiga né? Mas ela conhecia muito, quando você conversava com ela assim pra quem estava interessado, ficava assim só tirando lições, por que se você desse uma palavra errada, vamos dizer errada, troncada, ela o corrigia imediatamente ela dizia “olha fulano é assim a pronúncia e assim”. Me lembro de uma a gente está conversando com ela, aí um amigo meu tem sempre uns caras prosas que quer aparecer tal, tal, não se toca quando tá conversando, o cara falou: “dona Geminiana mande buscar uma água aí na sua frisar, aí ela disse – meu filho não é na sua frisar, é no seu frizer.”²⁹²

A imagem de dona Gemica como professora proporcionava vantagem e impacto nos demais homens, com formação ou não, uma vez que sua experiência como educadora era extensa e a colocava à frente de seus colegas, figuras políticas. Voltando à discussão sobre a hiperqualificação, esse ponto evidencia que, possivelmente, seu saber proporcionou ferramentas que realmente influenciaram o êxito de sua atuação política.

Mesmo que não seja possível colocar a atuação de dona Gemica Bringel como uma atuação propriamente dentro das pautas e agenda do movimento feminista das feministas da chamada primeira no início do século XX e da segunda onda da década de 1970, é possível olhar sua atuação por uma ótica feminista.

Por mais que dona Gemica Bringel tenha sido a primeira mulher na política no município de Parintins, leva-se em conta a presença de outras mulheres no cenário político, e que em alguma medida, não por acaso, assumem esse espaço de poder. Nesse sentido, havia uma série de práticas políticas exercidas por essas mulheres que Gemica Bringel igualmente

²⁹¹ José Maria Pinheiro Ferreira, entrevista realizada em sua residência no bairro João Novo Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

²⁹² *Idem*.

exercia e representava.

1.4 Narrativas de vida: memórias dos sujeitos da atuação no meio educacional de Gemica Bringel no século XX

Entre as metodologias utilizadas nesta tese, destaca-se a história oral. Essa metodologia consiste na construção de fonte propondo uma escuta sensível dos relatos dos sujeitos e suas versões vividas sobre acontecimentos já debatidos, embora frequentemente não incluídos nas discussões da história nacional, local e regional. Esses relatos são pontos de vista não registrados em documentos oficiais e, muitas vezes, ainda ignorados nas discussões acadêmicas.

A história oral é uma “metodologia de pesquisa [...] surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador de fitas. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente”²⁹³.

Dessa forma, analiso nesta tese as memórias públicas sobre a atuação de Gemica Bringel nos espaços de poder, por meio de uma escuta sensível aos sujeitos que se mostraram dispostos a compartilhar seus processos de construção de memória. Devido à sua atuação pública ter sido iniciada no início da segunda metade do século XX, esse recorte temporal teve impacto no número de entrevistados. Assim, por meio das indicações dos primeiros sujeitos entrevistados, como seu Geraldo Soares Medeiros e Dona Raimunda da Silva, o número de entrevistados foi ampliado.

O objetivo desta seção é apresentar os sujeitos que fizeram parte da trajetória de dona Gemica, ainda que suas relações com a vereadora tenham ocorrido em diferentes momentos e em recortes específicos de suas vidas. Nossos colaboradores possuem trajetórias próprias, que se cruzam com a história de Gemica Bringel e contribuem para a compreensão de sua atuação. Nesse sentido, a proposta não é apenas destiná-los apenas a notas de rodapé, mas apresentar aspectos de suas vidas por meio de breves biografias, reconhecendo que essas sínteses não contemplam a complexidade de suas experiências enquanto sujeitos históricos. Dessa forma, a construção desta seção busca humanizar os relatos utilizados como fonte, permitindo uma reflexão sobre os vínculos estabelecidos entre esses sujeitos e Gemica Bringel.

Muitas das relações políticas ou contatos de dona Gemica com a vida pública se deram por meio da educação, como ilustra o caso de Dalva Maria Ribeiro Nascimento, amiga da

²⁹³ Alberti, 2011, p. 155.

professora, que se refere a ela de forma carinhosa, chamando-a de dona Gemica Bringel.

Dona **Dalva Maria Ribeiro Nascimento**, filha de Sebastião Dias Ribeiro e Raimunda Nascimento Ribeiro, é professora aposentada. Na data, em que a entrevista foi realizada, Dona Dalva atuava como diretora da Pestalozzi de Parintins²⁹⁴.

A Pestalozzi é uma associação que não possui fins lucrativos e busca promover o acesso de pessoas com deficiência em todos os aspectos da vida para a efetivação dos direitos iguais, objetivando construir a educação, saúde e assistência social²⁹⁵. A associação potencializa e oferece melhor qualidade de vida para as pessoas ali atendidas através do desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da percepção, atenção e da memória voluntária, articulando saberes Científicos e Pedagógicos, em parceria com a Secretaria Estadual da Educação (SEDUC/AM), Secretaria Municipal de Educação (SEMED), Secretaria Municipal de Saúde (SEMSA) e CAPS/ Parintins-Antônio Laurindo²⁹⁶.

Dalva Ribeiro relata ter conhecido a vereadora Gemica Bringel por meio da amizade que esta mantinha com sua mãe, ambas compartilhando o desejo de prosseguir nos estudos e enfrentando as barreiras e limitações impostas pelo ofício, por serem mulheres e desejarem continuar sua formação, conforme é possível analisar em seu *processo de construção de memória*²⁹⁷:

[...] a relação da... minha com Geminiana, começou da minha mãe né, ela ia estudar lá em casa, elas iam estudar juntas em casa, aí eu fui conhecendo, era eu que fazia a merenda pra elas né, na época eu era muito jovem mas que fazia merenda pra elas , aí quando minha mãe faleceu, essa amizade continuou e a Gemica era uma pessoa que, apesar dela ser bem mais velha, mas ela tinha um espírito muito jovem e depois a gente foi fazer Licenciatura juntas e ela fazia parte de uma equipe onde só tinha gente bem mais novo do que ela, mas ela entrava nessa onda, ela participava de tudo, de todas as brincadeiras, a gente malinava dela, aprontava com ela, e ela não se chateava por isso, ela se divertia, ela fazia questão da nossa companhia, ela se sentia muito jovem junto com a gente.²⁹⁸

²⁹⁴ Dalva Ribeiro, entrevista realizada no prédio da Associação Pestalozzi de Parintins, no bairro Centro, Parintins, Amazonas, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 25 mai. 2023.

²⁹⁵ Informações encontradas nas redes sociais da Associação Pestalozzi Parintins. **Instagram** [em linha], destaque: *Stories Highlights*, 2026. Disponível em: <https://www.instagram.com/stories/highlights/18006263041568422/>. Acesso em: jun. 2025.

²⁹⁶ Associação Pestalozzi Parintins. Localização: Avenida Nações Unidas, 1289, Centro, 69151-060, Parintins-AM. **Instagram** [em linha], 2026. Disponível em: <https://www.instagram.com/associpestalozzi/>. Acesso em: jun. 2025.

²⁹⁷ Utiliza-se o termo processo de construção da memória pensando e por meio das reflexões feitas por Michael Pollak (1992, p. 204) que entende que a organização da memória se dá “em função das preocupações pessoais e políticas do momento”, o que “mostra que a memória é um fenômeno construído [...] os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”.

²⁹⁸ Dalva Ribeiro, entrevista realizada no prédio da Associação Pestalozzi de Parintins, no bairro Centro, Parintins, Amazonas, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 25 mai. 2023.

O relato de Dalva Ribeiro expressa parte do cotidiano e da convivência com dona Gemica, revelando como a professora e vereadora gerenciava seus estudos, considerando que sua formação como pedagoga foi em uma idade mais avançada, estudando com pessoas mais jovens.

Clotilde Cruz Valente e Valdete Preste Pimentel são ex-vereadoras de Parintins, que atuaram na política local após Gemica. Valdete teve três mandatos na década de 1990 e Clotilde de 2000 a 2004. Ambas também são professoras formadas em Parintins; logo, percebemos uma aproximação dentro de sua atuação na área educacional no município.

Valdete Preste Pimentel nasceu no dia 31 de janeiro de 1952, no município de Parintins-AM, e lembra: “conheço... mais assim, quando ela passou a ser diretora da unidade educacional de Parintins que foi nossa diretora sabe, ela representava o estado aqui em Parintins sabe?”²⁹⁹. Embora não tenha muitas memórias sobre dona Gemica, sua entrevista revela aspectos da política local posteriores à primeira vereadora, em uma trajetória que se mostra rica nos aspectos do município de Parintins. Além do mais, participou de movimento de mulheres anteriores a sua atuação como vereadora³⁰⁰. É professora formada em Educação Física, atuando no município para além da política em práticas de esporte da cidade.

Clotilde Cruz Valente é licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e estudou com Geminiana no mesmo curso. Seu nome consta na lista de formandos encontrada no acervo de dona Gemica. Clotilde Cruz Valente, em sua narrativa, diz:

Conheci dona Gemica, Geminiana foi minha colega de curso na UERJ, ela era também supervisora escolar, estudamos juntas, era professora, ela também foi diretora aqui da unidade educacional de Parintins né? Ela era diretora e ela estudou comigo, foi a Geminiana, naquele tempo ela era do MDB, antigo né? Que hoje eu acho que é o PMDB, Movimento Democrático Brasileiro, era isso.³⁰¹

Fez parte, também, do movimento de mulheres que mobilizou protestos diante de casos de estupro no município de Parintins, assim como Valdete Preste Pimentel e Fátima Guedes. Filiou-se ao Partido dos Trabalhadores (PT) em 1995 e foi vereadora do município de Parintins do ano de 2000 a 2004. Em seu relato, permite evidenciar algumas nuances da atuação pública

²⁹⁹ Valdete Preste Pimentel, entrevista realizada em sua residência, no bairro da Francesa, Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva., 2 dez. 2016.

³⁰⁰ Para um maior aprofundamento sobre o movimento de mulheres em Parintins no final da década de 1980 e início de 1990, ler: OLIVEIRA, Roger Kenned Repolho de. história oral, Memória E Movimento Feminista: a luta e conquista por espaço e direitos no município de Parintins no século XX. In: BEZERRA, César Aquino; VIEIRA, Everton Dorzane; OLIVEIRA, Roger Kenned Repolho de (org.). **Um rio de histórias: conexões entre memória, cultura e patrimônio no Baixo Amazonas**. Curitiba: CRV, 2021; Soares, 2019.

³⁰¹ Clotilde Cruz Valente, entrevista realizada em sua residência no bairro Centro, Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 1 abr. 2017.

da vereadora Gemica Bringel e seu papel como diretora da Unidade Educacional no Município.³⁰²

Fátima Guedes nasceu no dia 21 de junho de 1952, na Vila Amazônia, interior do município de Parintins. É licenciada em Letras pela UERJ, com especialização em Estudos Latino-Americanos pela Universidade Federal de Juiz de Fora. É ativista feminista no município de Parintins com décadas de atuação. Atualmente, ainda é envolvida em movimentos sociais dentro do município. Segundo seus dados, na Agência de notícias *Amazônia Real*, jornal independente sobre a região e seus povos.

Fátima Guedes é educadora popular e pesquisadora de conhecimentos tradicionais da Amazônia. Uma das fundadoras da Associação de Mulheres de Parintins, da Articulação Parintins Cidadã, da TEIA de Educação Ambiental e Interação em Agrofloresta. Militante da Marcha Mundial das Mulheres (MMM) e Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde (ANEPS). Autora das obras literárias, Ensaio de Rebeldia, Algemas Silenciadas, Vestígios de Curandage e Organizadora do Dicionário - Falares Cabocos.³⁰³

Fátima Guedes não conviveu com Geminiana, porém possui memória compartilhadas de sua atuação na arena pública.

Olha dona Geminiana na época ela fez a diferença por que ela flui em plena Ditadura Militar em Parintins, ela flui no finalzinho ditadura, ela flui e ela chega a vereadora de Parintins e chegou a ser candidata a prefeita ou a vice prefeita, não tenho nesse momento, eu não lembro direito. Ela foi bem votada, mas os estigmas que caíam sobre ela eram muito grande.³⁰⁴

A trajetória da ativista, professora e escritora Fátima Guedes se mostra prolífica para abordagens que buscam entender as relações sobre a Amazônia, os sujeitos, a luta dos povos da região e por suas melhorias de vida.

Ângela Rodrigues Reis, filha de Maria do Carmo Rodrigues Reis e Adelson Ferreira Reis, nasceu no interior de Parintins, em 1956. Trabalhou como coordenadora adjunta administrativa na SEDUC, como professora por dez anos e foi gestora da Escola Estadual Waldemar Pedrosa por 17 anos. Ângela Reis, assim como sua mãe, trabalhou na casa de Gemica Bringel. Em razão de um problema de saúde de seu pai, mudou-se com a família para o

³⁰² Clotilde Cruz Valente, entrevista realizada em sua residência no bairro Centro, Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 1 abr. 2017.

³⁰³ Perfil de autora. *Amazônia Real*, [s.d.]. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/author/fatima-guedes/>. Acesso em: 19 maio 2025.

³⁰⁴ Fátima Guedes, entrevista realizada em sua residência no bairro Itaúna II, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 5 dez. 2016.

município de Parintins para que ele pudesse receber tratamento.³⁰⁵

Quando meu pai faleceu, como a minha mãe se criou com ela, na casa dos pais dela, então eles eram, além de muito como irmã, eles eram, ela era minha madrinha né? E aí quando meu pai faleceu, a minha madrinha ela deu um pedaço de terra em frente lá o, o Estádio Tupi Cantanhede e a mamãe mandou fazer uma casinha lá para nós morarmos né? Mas como era minha mãe e seis crianças, ela teve que nos dar pra, pros outros né? Ela disse que ela nos deu pra morar pra gente não morrer de fome junto com ela (rindo) e assim eu me criei, me criei na casa da Geminiana desde eu acredito que quando eu me entendi como pessoa já estava na casa dela né? E ela era minha madrinha e eu fiquei lá até praticamente aos 22 anos de idade.³⁰⁶

A professora Ângela Reis, que conviveu na casa de dona Gemica, assim como Dalva Ribeiro, foi amiga e esteve presente com a vereadora até seus últimos dias de vida. Segundo seus relatos, a atuação de Gemica se estendeu além da política partidária, expondo outras formas da condição das mulheres de baixa renda no município de Parintins e que trabalhavam na casa de famílias com poder aquisitivo para suprir suas necessidades, como educação, alimentação, entre outros, em troca da prestação de serviços domésticos.

Garcia discute as conquistas paradoxais ocorridas dentro do sistema patriarcal, destacando o fato de que sua existência não significa que as mulheres não possuam direitos. No entanto, essa permanência gera situações como a apresentada pela autora: “as sociedades ocidentais contemporâneas, as mulheres conseguiram o direito à educação e ao trabalho remunerado, mas a maioria daquelas que trabalham fora de casa, tanto as assalariadas quanto as autônomas, continua encarregada do trabalho doméstico e do cuidado”³⁰⁷. Essas mulheres, ainda sobrecarregadas com uma dupla jornada ou dupla presença, mesmo aquelas que conseguem delegar essa tarefa, o fazem sobre outras mulheres mais pobres ou mais velhas: as empregadas domésticas e as avós³⁰⁸. Dona Gemica, mesmo tendo acesso ao espaço público, parece se encaixar nesse exemplo, tendo uma demanda dos serviços domésticos, onde utilizava de um contingente de mulheres para a realização dessas funções. E graças a seu poder aquisitivo, a vereadora auxiliava no lar e na formação educacional dessas mulheres.

José Maria Pinheiro Ferreira nasceu em 7 de março de 1945, no município de Parintins. Estudou no Colégio Agrícola, em Manaus, ao retornar a Parintins, cursou o Colégio Batista de Parintins, concluindo a formação de professor no Colégio Nossa Senhora do Carmo. Durante o período da ditadura civil-militar, foi membro do MDB e integrava o Partido

³⁰⁵ Ângela Rodrigues Reis, entrevista realizada na Unidade da SEDUC em Parintins-AM, no Bairro de São José, por Roger Kenned Repolho de Oliveira, 6 set. 2017.

³⁰⁶ *Idem*.

³⁰⁷ Garcia, 2015, p. 17.

³⁰⁸ *Ibid.*, p. 17-18.

Comunista do Brasil (PCdoB), no contexto marcado pelas restrições impostas aos grupos de oposição pelo regime. O ex-vereador também é professor aposentado pela SEDUC.³⁰⁹ Em seu relato, destaca quando e como conheceu dona Gemica:

Olha eu conheci a dona Geminiana Bulcão há muito tempo, quando eu era estudante ainda, estudava no Colégio Nossa Senhora do Carmo, porque sempre ela foi atuante, ela era professora, sempre ela foi atuante, sempre ela foi... esteve em evidência na cidade. Então isso já vinha, já trazia aquele conhecimento de imagem desde desse tempo aí né? Ela sempre foi uma mulher atuante aguerrida e depois eu me aprofundi mais na amizade com ela, foi quando eu já tinha me formado como professor de segundo grau né? Que eu fui, já fui começar a trabalhar e ela estava aí comandando a educação em Parintins, aí fui ter uma amizade muito mais forte com ela.³¹⁰

O relato de José Maria evidencia o destaque que Gemica Bringel possuía na cidade em razão de sua atuação pública e de seu envolvimento com a educação. Assim como ocorreu com outros entrevistados, sua aproximação com a vereadora se deu inicialmente por meio do trabalho e do ensino, relação que posteriormente se transformou em amizade. Seu depoimento também contribui para compreender aspectos da atuação de Gemica em espaços de poder, bem como o contexto político em que esteve inserida, marcado pela presença do MDB na política local e nacional e pelas disputas partidárias durante o período da Ditadura Militar.

Geraldo Soares Medeiros nasceu no dia 24 de maio de 1934, na cidade de Solano Bananeiras-PB. Estudou na Escola Agrotécnica onde se formou com 19 anos e se mudou para o Amazonas para trabalhar no Ministério da Agricultura, no município de Parintins. Passou 15 anos diretamente na Comunidade do Mirití, administrando o porto agropecuário, uma dependência do Ministério da Agricultura do município. Em 1965, mudou-se para a cidade de Parintins, para que seus filhos iniciassem os estudos, sendo isso possível pois havia um escritório do ministério na cidade. Ainda, foi professor de técnicas agrícolas no Colégio Nossa Senhora do Carmo.³¹¹

E em 1968 seu Geraldo Medeiros entrou na política local. Sobre este ponto, destaca:

Entrei na política primeiro porque já gostava, meus pais, meu pai era apaixonado por política no Nordeste, naquele tempo da revolução, menino já conhecia alguma coisa que tinha os partidos perrepistas liberais, como hoje tinha PMDB como depois ficou MDB e Arena no Brasil inteiro, lá ficou perrepista liberais, como ficou naquela época e de lá minha vida, minha paixão [...].³¹²

³⁰⁹ José Maria Pinheiro Ferreira, entrevista realizada em sua residência no bairro João Novo Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

³¹⁰ *Idem.*

³¹¹ Geraldo Soares Medeiros, entrevista realizada em sua residência no bairro Centro, Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 30 set. 2016.

³¹² *Idem.*

O ex-vereador do partido ARENA chama o Golpe Civil-Militar de Revolução, termo usado por quem tem posicionamentos a favor da Ditadura Militar. No final da Ditadura Militar, entretanto, se filiou ao partido MDB. Sua narrativa sobre a vereadora está ligada a política, permitindo ressaltar características voltadas a políticas de atuação de Geminiana, além de suas articulações e influência na política local.³¹³ O site *Parintins Amazonas*, em publicação no dia 24 de maio de 2024, numa homenagem em comemoração aos 90 anos de Geraldo Medeiros, traz informações que na entrevista não foram rememoradas:

[...] ajudou como presidente e torcedor o time do Amazonas Esporte Clube, a Cobra Coral da ilha. Foi da direção da Liga Desportiva de Parintins como vice-presidente e foi presidente do Boi Bumbá Caprichoso por duas vezes. Também presidiu a Associação dos Pecuaristas de Parintins.

Na militância política, entrou por vocação. Foi vereador de três mandatos na Câmara Municipal de Parintins, onde permaneceu até 1983. Disputou várias campanhas como candidato, cabo eleitoral e coordenador. No ano de 1994, Seu Geraldo Medeiros elegeu-se deputado estadual do Amazonas. Também disputou a prefeitura em 2000 na função de vice-prefeito.³¹⁴

Em seu relato sobre a professora e vereadora, ele lembra:

Geminiana foi uma das primeiras mulheres, uma das primeiras mulheres professora em Parintins, professora respeitada, foi política [...]. Por sinal hoje estranho pois, a Gemica fez parte da minha vida política, fui vereador junto com ela, fui presidente, ela foi minha vice-presidente, mantivemos um largo, um largo, assim um largo laço de amizade até ela morrer, até hoje temos com os filhos dela, o marido dela morreu pouco tempo, e a dona Geminiana deixou seu legado aqui como professora, foi a primeira diretora da unidade educacional de Parintins, por indicação nossa que naquele tempo era PMDB, Gemica deu conta desse recado, eu acho que como política foi uma excelente política e como professora há hoje muitas lembranças dela [...]³¹⁵

Geraldo Medeiros reforça a existência da amizade entre ele e Geminiana, quando assumiu a presidência da Câmara e ela foi vice-presidente. Sua aproximação está ligada a uma relação político-familiar entre ela e o político. A vereadora parece ter estabelecido esse tipo de relação com outros grupos familiares da cidade.

Dona **Raimunda da Silva** nasceu no dia 09 de setembro de 1937, no município de Parintins. Aos 14 anos foi ajudante no Grupo Araújo Filho, da professora e diretora Alzira Soles. Também atuou como diretora da Rádio Alvorada desde sua formação, a convite de Dom

³¹³ *Idem*.

³¹⁴ LIMA, Hudson. Seu Geraldo Medeiros faz 90 anos. **Parintins Amazonas**, 24 maio 2024. Disponível em: <https://parintinsamazonas.com.br/noticia/seu-gerald-soares-de-medeiros-faz-anos>. Acesso em: 04 jul. 2024.

³¹⁵ Geraldo Soares Medeiros, entrevista realizada em sua residência no bairro Centro, Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 30 set. 2016.

Arcângelo Cerqua. Devido a esse cargo e a relação da Igreja Católica e a rádio, teve uma relação próxima com o Bispo de Parintins e outras lideranças. Dona Raimunda, que tem parentesco com seu Geraldo, relata como conheceu Geminiana: “eu não me envolvia muito assim na política, assim, eu votava simplesmente, aí a mamãe pedia pra votar, aí eu votava na Gemica, aí tá bom... nós aqui de casa votava na Gemica”.³¹⁶

Seu processo de construção de memória possibilitou relacioná-la como parte atuante na maior rádio de comunicação do Baixo Amazonas, a Rádio Alvorada. Essa ferramenta de comunicação se insere no município de Parintins de maneira estratégica para os órgãos do governo. Junto à Igreja Católica, a rádio exerceu um papel fundamental para gerar uma unidade das comunidades com a igreja e, assim, propagar seus dogmas e influências. Sua atuação na rádio atravessa as décadas, ultrapassando o período da Ditadura Militar no país. Seu relato revela a proximidade que possuía com a vereadora e a relação de dona Gemica com seu eleitorado, onde a relação familiar possuía influência na escolha do voto.

Orlando da Silva Hatta nasceu no dia 16 de abril de 1945, descendente de imigrantes japoneses. Foi professor de Física e Matemática no Colégio Batista de Parintins. Em suas memórias, lembra de sua participação na construção da torre da Rádio Alvorada, além de mostrar sua atuação na política do município de Parintins. Ao rememorar, é possível observar a influência de duas lideranças religiosas no município que ajudaram em sua atuação como professor e de certa forma como político: Dom Arcângelo Cerqua e Pastor Eduardo Lessa.³¹⁷

Conheceu Gemica no período que atuou na política do município: “conheci Geminiana Bulcão como vereadora, Geminiana Bulcão, ela se destacava uma mulher de fibra, ela se destacava, mas além de ser guerreira ela dispunha o apoio integral do Gilberto”³¹⁸. Foi vereador pelo partido ARENA e no final da década de 1970, na Ditadura Militar, foi para o MDB, estando também no final da década de 1980 no mesmo partido que a professora Gemica Bringel.

Iranildo Nóbrega de Melo Azedo, ex-vereador por quatro mandatos, natural de Parintins, filho de Osório de Melo Azedo e de Francisca Nóbrega de Melo, ambos naturais da Paraíba. Foi taxista antes de sua trajetória na política onde se cruzam: “eu taxista fazia, fazia as viagens para o Dutra, José Cardoso Dutra, que era do MDB na época. José Cardoso Dutra, [...] secretário do interior de justiça do Amazonas e eu começava a fazer as viagens deles quando

³¹⁶ Raimunda da Silva, entrevista realizada em sua residência no bairro Centro, em Parintins, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 30 nov. 2016.

³¹⁷ Orlando da Silva Hatta, entrevista realizada em sua residência no bairro de São José, Parintins-AM por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

³¹⁸ *Idem*.

chegava em Parintins”.³¹⁹

O ex-vereador revela sobre sua aproximação com dona Gemica Bringel, segundo ele:

Um certo dia estavam pegando membros para se filiar ao partido do MDB, o MDB e a dona Geminiana pegou e me chamou para que eu me filiasse, “o que precisa?” eu disse pra ela, ela me disse que só o título, título eleitor, ela disse “você já tem?” eu tenho. Aí eu fui até minha residência, eu peguei o meu título de eleitor e levei até ela e fiquei filiado.³²⁰

Iranildo Azedo teve uma extensa trajetória na política parintinense, atuando por diversos mandatos. Em seu relato, descreve como dona Gemica Bringel o convidou para fazer parte de seu partido; ele foi eleito por voto popular, assumindo o cargo de vereador e atuando nas pautas do partido MDB na Câmara Municipal, ao lado da vereadora.

Alfredo Jorge Cardoso Saunier, conhecido como seu Alfredo Saunier, nasceu em 13 de fevereiro de 1960, filho de Antônio Pacífico Saunier, conhecido como Tonzinho Saunier, e Maria Miracema Cardoso Saunier. Seu pai, formado em contabilidade, foi poeta, figura política e memorialista do município e entre outras atribuições que Alfredo Saunier rememora. Segundo Alfredo Saunier, seus antepassados vieram da França e se instalaram na Amazônia.³²¹

Alfredo Saunier, assim como seu pai, também é escritor e poeta. Produz literatura sobre a região e a cidade de Parintins, com diversas produções literárias ainda a serem publicadas. Em seu ato de rememorar, é possível observar aspectos da atuação política da vereadora Geminiana Bringel durante e após seu mandato. Seu Alfredo foi aluno de dona Gemica desde criança e teve um grande apreço pela vereadora. Era adolescente durante a atuação política da vereadora Geminiana Campos Bulcão Bringel, presenciando esse período tanto por sua trajetória quanto pela de seu pai, que foi um colega próximo de dona Gemica.³²²

Após seu período de atuação na arena pública, seu Alfredo visitava a vereadora ao final das tardes em sua residência. Segundo seu relato, Geminiana costumava sentar-se em sua cadeira de balanço, compartilhando conselhos e conversas sobre política. Os encontros demonstram a proximidade e a amizade que permaneceram mesmo após sua atuação nos espaços de poder³²³.

Os sujeitos aqui apresentados e suas memórias sobre a atuação de Geminiana Campos

³¹⁹ Iranildo Nóbrega de Melo Azedo, entrevista realizada em sua residência no bairro Centro, por Roger Kenned Repolho de Oliveira, 25 ago. 2022.

³²⁰ *Idem.*

³²¹ Alfredo Jorge Cardoso Saunier, entrevista realizada na biblioteca Alfredo Saunier no bairro Centro, por Roger Kenned Repolho de Oliveira, 20 fev. 2024.

³²² *Idem.*

³²³ *Idem.*

Bulcão Bringel constituem parte importante das fontes mobilizadas nesta tese. Seus relatos revelam aspectos da história local que se articulam à história política nacional, abordando temas e discussões relevantes para compreender a história do país, bem como da atuação de sujeitos que tiveram versões até então pouco ouvidas na análise da política local, regional e nacional.

CAPÍTULO II: PIONEIRISMO, DESIGUALDADES, VIOLÊNCIA DE GÊNERO E TÁTICAS NA ATUAÇÃO PÚBLICA DE GEMICA BRINGEL, NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

Quais foram as táticas adotadas por dona Gemica Bringel para adentrar e se estabelecer nos espaços públicos? Em que medida sua trajetória pode ser tomada como um fio condutor para as discussões pertinentes ao entendimento do acesso da mulher no espaço público? Para responder a estas e outras perguntas, o presente capítulo busca analisar o lugar da mulher na política em Parintins, na segunda metade do século XX. Para isso, mobilizo estudos e análises de fontes para compreender como se deu a inserção da professora e vereadora na arena pública.

Apoiado nas fontes coletadas sobre a trajetória da vereadora, este capítulo analisa as barreiras presentes em sua atuação pública e política. O cotejo dessas fontes com a bibliografia pertinente permite recuperar aspectos de sua trajetória e discutir os desafios enfrentados por Gemica Bringel em uma sociedade marcada por relações patriarcais e por diferentes formas de violência de gênero. O capítulo está organizado em cinco seções, dedicadas à análise de sua atuação pioneira na política parintinense.

No primeiro tópico são utilizadas fontes documentais, como o Jornal do Comércio, que registrou as barreiras de violência de gênero dentro da política relacionadas à atuação da vereadora. A partir dessas evidências, discuto como práticas atualmente reconhecidas como violência política de gênero já se manifestavam muito antes de sua tipificação legal, permitindo refletir sobre suas ocorrências no exercício da vereança de Geminiana Bringel.

Em seguida, os relatos orais serão analisados para o entendimento de como as memórias sobre a atuação da vereadora possibilitam identificar as desigualdades de gênero, assim como a violência sofrida por Gemica Bringel. O processo de construção de memória dos entrevistados deu acesso aos estigmas e preconceitos enfrentados pela vereadora em sua atuação na política local.

Após isso, as memórias e suas nuances serão analisadas, problematizando os atos de lembrar e de esquecer dos sujeitos entrevistados. Nesse sentido, busca-se compreender como, no processo de construção da memória, esses sujeitos selecionam lembranças para estabelecer determinadas narrativas, lembrando ou esquecendo à medida que as próprias desigualdades de gênero estão ligadas a influências do presente.

A sujeita da pesquisa deixou uma memória de si no trabalho de rememoração dos entrevistados; essa memória parece revelar algumas de suas táticas nos espaços de poder. Pioneira dentro da política em Parintins, a vereadora contava com uma rede de relações fortes

que lhe dava sustentação para uma atuação emblemática. Tais aspectos, próprios da política, parecem ter sido entendidos pela vereadora, que aproveitou seu lugar na sociedade para articular-se.

Observam-se, então, os obstáculos que a professora e vereadora enfrentou para se estabelecer como a primeira mulher na arena política do município, bem como as barreiras impostas pelo patriarcado às mulheres nesse contexto da segunda metade do século XX. Para isso, são mobilizadas narrativas, memórias e outras fontes que permitem compreender sua atuação nos espaços públicos e de poder.

2.1 “*Estranha a política de Parintins*”³²⁴: a violência política de gênero no exercício da vereança de Geminiana Bringel na Ditadura Militar

A trajetória política e profissional de Gemica Bringel foi extensa, o que possivelmente se deu graças ao lugar social que sua família ocupava no município de Parintins. Entretanto, sua inserção em um espaço historicamente marcado pela presença masculina suscita questões: como se deu essa atuação enquanto primeira mulher em posição de poder e decisão? Qual é o lugar da mulher na política?

Sua atuação pública deixou diversos rastros em documentações e memórias dos sujeitos que registraram sua participação. Essas fontes evidenciam barreiras de gênero e as violências relacionadas ao espaço público dentro da sociedade patriarcal. Considera-se que tais violências incidem sobre mulheres tanto quando ocupam espaços historicamente naturalizados aos homens, quanto quando permanecem submetidas às condições sociais que lhes são impostas. Na política, lugar herdado pelos homens, brancos e de poder aquisitivo alto, a violência se manifesta por meio da violência política de gênero.

Twig Santos Lopes em “*Violência política contra as mulheres*” diz que:

O tema da violência política de gênero passou a ser debatido no âmbito acadêmico e institucional brasileiro a partir do que considero eventos deflagradores, embora seja necessário reafirmar que obstaculizar a presença de mulheres na esfera pública não se trate de uma prática inovadora. [...]

Conforme tenho argumentado, a discussão conceitual sobre a “violência política” no Brasil tem avançado desde o âmbito das ciências sociais, especialmente a Ciência Política, trazendo ao debate o uso dessa categoria para denominar um conjunto de experiências de hostilidade, discriminação, assédios e violações de direitos contra mulheres em variados espaços, sendo dado um enfoque maior à esfera representativa

³²⁴ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio (AM)**, 09 out. 1977, p. 05. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/170054_01/165323. Acesso em: 17 maio 2025.

e aos problemas atinentes ao sistema eleitoral.³²⁵

[...]

A violência política contempla uma gama de exemplos que podem ser visualizados ao longo do período eleitoral, durante o exercício de mandatos eletivos ou quando as mulheres pretendem exercer seus direitos políticos em espaços públicos, como associações, sindicatos e partidos, mas são limitadas ou impedidas de exercê-los. Essa é a conceituação que emerge dos debates acadêmicos sobre a categoria da violência política de gênero.

A divulgação de informações falsas (fake news), a importunação e o assédio sexual, a interrupção de discursos, as ofensas, ameaças de morte e incitação à violência, dentre outras, não são eventos isolados direcionados somente a determinadas pessoas. Constituem, em realidade, expressão de uma cultura institucional alicerçada na cisheteronormatividades racista a qual não reconhece outras representações de gênero, sexualidade, raça e etnia que não correspondam ao padrão eleito como universal - branco, heterossexual e masculino, cuja presença ainda é hegemônica nos parlamentos. Trata-se de um problema sistemático que tem como pressuposto a ideia de que o espaço público não pode ser democratizado.³²⁶

Apesar de a regulamentação legal e o reconhecimento da violência política de gênero serem recentes, essas práticas já estavam presentes na sociedade antes de sua tipificação como crime.

Ao analisar os jornais por meio da Hemeroteca do Arquivo Nacional e ao pesquisar na ferramenta de busca pelos nomes “Geminiana”, “Geminiana Bulcão” e “Geminiana Bulcão Bringel”, no site do Arquivo Nacional, entre a década de 1950 (período de sua inserção na política) e a década de 1980 (período de seu último mandato como vereadora), encontram-se poucos registros com seu nome. Muitos deles destacam somente o exercício do papel de liderança do partido, como ao receber o senador e líder regional do MDB no município de Parintins, José Cardoso Dutra³²⁷, ou seu nome em um cargo para eleição³²⁸, ou até mesmo ao homenagear alguma figura pública na Câmara Municipal³²⁹. De maneira direta, não foi localizado registro explícito de discriminação ou violência de gênero sofrida no exercício de sua função como figura política. A exceção é uma nota intitulada: “Estranhos os casos políticos em Parintins”, no *Jornal do Commercio*, cujo conteúdo apresenta:

Casos estranhos e acontecimentos interessantes estão marcando com frequência a política do Município de Parintins, notadamente na Câmara Municipal, onde ARENA e MDB se degladiam com obstinação. A confusa e cómica situação política da Velha Tupinambarana, foi denunciada na Assembleia Legislativa pelo deputado José Cardoso Dutra, do MDB. Um vereador pela Oposição, durante acontecimentos recentes, foi cassado e descasado pelo presidente da Câmara, edil Raimundo Muniz, sob alegação de "falta de decoro parlamentar", pelo simples fato de haver chamado a

³²⁵ LOPES, Twig Santos. **Violência política contra as mulheres**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2024, p. 148.

³²⁶ *Ibid.*, p. 156.

³²⁷ “Parintins recebeu os membros do PMDB”. *Jornal do Commercio*, Manaus, 09 nov. 1984, p. 11.

³²⁸ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Commercio (AM)*, 20 nov. 1966, p. 08. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/170054_01/79640. Acesso em: 17 maio 2025.

³²⁹ *Ibid.*

Câmara de capenga. A camarista Geminiana Bulcão, durante a reunião do dia 30 de setembro, resolveu ensinar a seus pares, o significado de "decoro parlamentar", "afirmando que seria falta de decoro, andar nua pelas ruas da cidade".³³⁰

O título da nota sinaliza como o episódio seria tratado, mesmo informando que o caso havia sido levado à Assembleia Legislativa do Estado. O texto ressalta como a política de Parintins era algo, em suas palavras, "confusa e cômica", e que isso fazia parte de uma disputa acirrada da política local. Chama atenção a forma como se encerra esse enunciado de primeira página, colocando de forma isolada a fala da vereadora Gemica Bringel. Segundo o jornal, ao exemplificar o que seria falta de decoro, a vereadora disse que "seria falta de decoro, andar nua pelas ruas da cidade"³³¹. Talvez com a intenção de preparar o leitor para a reportagem na página cinco, a primeira página demonstra uma tendência de caráter político, pois coloca as palavras da vereadora de forma descontextualizada e negativa.

Para analisar o *Jornal do Comercio* e compreender a matéria na íntegra, faz-se necessário olhar para o contexto político e social que influenciava o periódico no período. É preciso considerar sua relevância como um dos poucos jornais no estado do Amazonas, seu peso e influência na opinião popular.

Sobre essa influência do *Jornal do Comercio* – fonte rica de temáticas regionais e nacionais, tanto da cidade de Manaus quanto dos municípios interioranos –, o trabalho de Evelyn Marcele Campos Ramos, intitulado "*Os indígenas nas folhas do Jornal do Comercio (1904-1934): entre práticas e representações*", analisa os artigos do periódico entre os anos de 1904 a 1934, e as práticas e representações dos povos indígenas no Estado do Amazonas representados nesse meio. A autora debate as significativas transformações socioculturais e políticas nas quais a figura do indígena ocupava o centro das discussões. Ao examinar o jornal, Ramos observa as múltiplas narrativas que expressam os pensamentos, ideologias e agendas da época, revelando projetos e articulações que possuíam o intuito de moldar a percepção sobre os povos indígenas da região.

Sobre o posicionamento do periódico, Ramos afirma que "ainda na primeira edição, o jornal afirma ser neutro querendo mostrar ao público que exerceria seus direitos constitucionais da livre apreciação e da crítica sem que tivesse nenhuma interferência alheia a sua vontade"³³². Acrescenta ainda "essa neutralidade é posta em contradição nas diversas vezes que o jornal se

³³⁰ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Comercio (AM)*, 09 out. 1977. p. 05. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/170054_01/165323. Acesso em: 17 maio 2025.

³³¹ *Ibid.*

³³² Ramos, 2024, p. 31.

posicionava ao lado de quem estava no Governo ou da elite dominante”³³³. Conforme demonstra a autora, embora o discurso do jornal no século XX reforçasse a neutralidade, ele próprio fomentava uma posição mutável, uma vez que o próprio jornal trazia múltiplas vozes e interesses políticos:

Durante este período, o *Jornal do Commercio* se envolveu em debates públicos sobre a reconfiguração do espaço urbano de Manaus. Ele frequentemente publicava editoriais, artigos de opinião e relatórios que apoiavam ou criticavam as políticas públicas. Em um momento, poderia estar exaltando as obras de embelezamento que alinhavam Manaus com os padrões de Paris; em outro, denunciando as desapropriações como ações autoritárias que desconsideravam os direitos dos moradores.³³⁴

A tentativa de uma posição de neutralidade parece ter sido abandonada no período da Ditadura Militar no país. Cleber de Lima Bezerra, em sua dissertação de mestrado “*A Imprensa Amazonense: dos preparativos do golpe à instituição do AI-5 (1963-1968)*”, aborda a atuação dos jornais *A Crítica* e o *Jornal do Commercio*:

Os dois periódicos tratavam o golpe como revolução, assim como boa parte das Forças Armadas, além de elevarem os feitos dos ditadores. O *Jornal do Commercio* prosseguia sua reportagem elogiando o caráter de Arthur Reis, pois o novo governante varreria a corrupção, enumerando suas principais metas “*Lisura com os Dinheiros Públicos, Municipalismo Sem Falsas Unidades, Saúde e Educação: Ponto de Honra, Servir a Coletividade Sem Engodo, Governo de Labor Sem Promessas*”. O *Jornal do Commercio* continuava com suas críticas a Plínio Coelho, antecessor de Arthur Reis. Perceba a manchete “*Ataques Rebatidos com Perdão de uns e Afirmativa de que Revolução Livrou-nos de mais um Corrupto*”, na qual tratava o golpe como um ato revolucionário e seus opositores como corruptos, com isso o periódico divulgava sua visão dos fatos.³³⁵

Em seu trabalho, o autor esclarece que o posicionamento do *Jornal do Commercio* era a favor da Ditadura Militar. Ao analisar um artigo do periódico, Bezerra conclui: “o jornal usava, insistentemente, o termo revolução, a fim de caracterizar o ato anticonstitucional como democrático, assim como demonstrar para o leitor que aquele episódio era inevitável para a construção de um país livre e democrático”³³⁶. Também destaca as intenções das autoridades ao considerar que “os ataques de golpistas através da imprensa eram frequentes, propiciando uma visão interessante aquele grupo, já que os periódicos, demonstrando poder, influenciavam diversas opiniões”³³⁷.

³³³ *Ibid.*

³³⁴ *Ibid.*, p. 37.

³³⁵ Bezerra, 2010, 60-61.

³³⁶ *Ibid.*, p. 58.

³³⁷ *Ibid.*, p. 48.

Partindo desse entendimento, o jornal, ao gerir a reportagem sobre a política parintinense, enquadra-se no período a favor do Golpe Civil-Militar.

A fonte analisada abaixo é a reportagem anunciada na capa daquela edição. Para compreensão mais aprofundada, se faz necessário observá-la em sua totalidade, pois sua conclusão parece revelar um ataque pessoal à vereadora Geminiana. Além disso, o jornal apresenta múltiplas faces dos conflitos envolvendo a política do período:

ESTRANHA POLÍTICA A DE PARINTINS COM FATOS QUE SUCEDEM EM SUA EDILIDADE. Os casos estranhos e acontecimentos interessantes que ultimamente vêm se registrando na política do município de Parintins, no baixo-Amazonas, bem que poderiam situar a "Velha Tupinambarana" com o certo destaque no anedotário político nacional.

A coisa realmente, segundo tomamos conhecimento, está meio atabalhoava, confuso, com uma grande dose da comicidade, com os vereadores, fazendo por exemplo, definições como está para explicar a falta de decoro parlamentar: "A falta de decoro parlamentar pode ser caracterizada, por exemplo de eu sair despida pelas ruas da cidade" — Geminiana Bulcão, do MDB.

Com a palavra a vereadora da oposição, após outras considerações sobre o momento político de Parintins, resolveu partir para as explicações sobre o assunto, afirmando entre outras coisas: "A falta de decoro parlamentar pode ser caracterizada, por exemplo, se eu (a vereadora Geminiana Bulcão, do MDB) fosse vista frequentando boates suspeitas (infernhos), percorrendo as ruas da cidade despida ou ainda praticando atos de pederastia na via pública".

Isso, no entender da camarista Geminiana Bulcão, são alguns fatos lógicos que podem caracterizar a falta de decoro parlamentar.

REPERCUTE NA ALE. A confusa e cômica situação política de Parintins, um dos municípios mais desenvolvidos do Estado está repercutindo de certa forma na Assembleia Estadual.

O deputado José Cardoso Dutra, líder político daquele Município e da bancada majoritária do MDB na Assembleia, ao tecer considerações sobre os últimos acontecimentos políticos registrados em Parintins, afirmou entre outras coisas que o presidente da Câmara Municipal daquele Município, deliberada e propositadamente, mudou completamente o tema do discurso da vereadora Bulcão, na ata dos trabalhos da reunião do dia 30, a fim de comprometê-la pública e politicamente.

A atitude do presidente Raimundo Muniz, da Arena, foi repudiada pela bancada oposicionista com assento na Assembleia Legislativa do Estado.³³⁸

Os dois tópicos ressaltados acima apresentam pontos que se correlacionam: o jornal foca apenas nas falas da vereadora, o ato anunciado já na primeira página e destacado entre aspas, indicando tratar-se de uma reprodução literal de seu discurso.

No intuito aparente de minimizar a importância e ignorar a denúncia de José Cardoso Dutra, o periódico descreve o caso com termos como “anedotário”, “atabalhoava”, “confuso”, ou a frase “com uma grande dose da comicidade”, diminuindo as considerações que o deputado fez em relação ao ato do presidente da Câmara Municipal de alterar o discurso da vereadora.

Analisando o pronunciamento da vereadora em si, é possível que a fala estivesse

³³⁸ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio (AM)**, 09 out. 1977. p. 05. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/170054_01/165323. Acesso em: 17 maio 2025.

relacionada a um confronto verbal com algum vereador da ARENA, uma vez que buscou em sua fala dar exemplos, como: se ela “fosse vista frequentando boates suspeitas (infernhinhos), percorrendo as ruas da cidade despida”, “ou ainda praticando atos de pederastia na via pública”³³⁹. Seu discurso pode ser de alguma forma também um ataque a alguém da oposição de maneira indireta e aberta à interpretação dos demais vereadores.

A declaração da vereadora Gemica Bringel parece ser uma estratégia, se utilizando do gênero como instrumento para se estabelecer dentro da ordem exigida. Ao tentar chocar em suas falas, dizendo que a “falta de decoro seria ela andar despida nas ruas da cidade de Parintins” ou “fosse vista frequentando boates suspeitas (infernhinhos), percorrendo as ruas da cidade despida”³⁴⁰, está justamente buscando evidenciar a lógica e limites do que é ser “mulher” naquela sociedade, para combater discursivamente e enfrentar a oposição. Outras táticas que instrumentalizam o gênero seriam utilizar o papel social atribuído às mulheres, ou determinado modelo de feminilidade, para lutar por demandas específicas³⁴¹.

No trabalho intitulado “*Resistência Civil e jogos de gênero. França-Alemanha-Bolívia-Argentina. (Segunda Guerra Mundial- anos 1970-1980)*”, Capdevila faz um estudo de como mulheres, inseridas em quatro movimentos de resistência civil, participam de “jogos de gênero” para enfrentar as opressões e intervir no espaço público, se adequando aos valores das ditaduras. O autor analisa esses jogos de gênero tanto nas lutas na Europa Ocidental, durante a Segunda Guerra Mundial, quanto no Cone Sul, durante as ditaduras militares das décadas de 1970 e 1980.

Para Capdevila:

Os regimes reacionários do século XX ocidental, ao se apegarem a representações do “eterno masculino” e do “eterno feminino”, reforçaram a ideologia familista e criaram uma relação de forças que veio a interferir na ordem ditatorial. Os jogos de gênero são, antes de mais nada, jogados como um divertimento, como uma brincadeira de esconde-esconde, o gênero aparece aqui como máscara. Os jogos de gênero são, também, o jogo como um equipamento; assim como os jogos de xadrez, são como um conjunto de peças à disposição dos atores políticos, para intervir no espaço público. Os jogos de gênero são também a diferença, entre encenações, o que realmente é, e o que é percebido pelo adversário. Os jogos de gênero, enfim, é a ideia de um mecanismo, de uma impulsão, de um equilíbrio instável, onde o senso ou as dinâmicas iniciadas pelas crises podem induzir uma redefinição das relações homem/mulher em um quadro limitado, conduzindo, na margem, a um ajuste do masculino e feminino... por vezes a uma simples oscilação.³⁴²

³³⁹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio (AM)**, 09 out. 1977, p. 05. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/170054_01/165323. Acesso em: 17 maio 2025.

³⁴⁰ *Ibid.*

³⁴¹ Capdevila, 2021.

³⁴² *Ibid.*, p. 164.

Seu argumento é que a utilização dos jogos de gênero ocorre por meio da instrumentalização das normas de gênero. Nos países analisados – França, Alemanha, Bolívia e Argentina –, diferentes mulheres se utilizaram do jogo de gênero para lutar e alcançar suas demandas, usando a função imposta para o gênero feminino, para lutar contra os regimes de opressão.

Em Berlim, a expressão da dissidência inicial sobre a *Rosenstrasse* tinha tomado forma, essencialmente, numa reunião de esposas arianas que tinham vindo perguntar sobre o destino dos seus maridos judeus; quando se manifestaram contra as autoridades, fizeram-no ao ritmo de slogans de solidariedade conjugal: "libertar os nossos maridos", "deixar os nossos maridos ir", "queremos os nossos maridos de volta". Na Bolívia, as quatro grevistas que iniciaram o jejum pensavam-se, em primeiro lugar, como a esposa de um trabalhador cuja casa estava em perigo devido à prolongada prisão de seu companheiro. A sociologia política do movimento era, evidentemente, mais complexa. Mas, esta dimensão emocional foi a principal força motriz para a ação. Como companheira de um militante revolucionário, Ludmila de Pimentel apresentou a sua decisão como a de mulheres e crianças "em solidariedade com os seus companheiros privados de justiça e liberdade". Como resultado, as autoridades tentaram parar o movimento libertando e reintegrando os cônjuges das grevistas entre 29 de dezembro e 6 de janeiro.³⁴³

Capdevila analisa também táticas de luta, ainda utilizando jogos de gênero, como por exemplo a França, em que “as manifestações contaram com a participação de donas de casa mobilizadas sobre temas considerados como "assuntos de mulheres". Mulheres donas-de-casa reclamavam sobre a questão do abastecimento alimentar”³⁴⁴. E no caso da Argentina, em que as “mães e avós passaram a testemunhar para o mundo”, através das ações na Plaza de Mayo, que surgiram “da decisão de tornar pública a sua dor aos transeuntes e depois aos jornalistas: ‘Nós queremos nossos filhos, que nos digam onde eles estão’, enquanto desafiavam os líderes do governo”³⁴⁵.

Os estereótipos familiares foram ainda mais difundidos nestas manifestações. Os protestos foram sexados, num sentido muito convencional. Para tornar a ação possível, as mulheres agitadoras divulgavam imagens de uma mulher conformada. Em outras palavras, as mulheres manifestantes, e os homens que as acompanharam, consideraram que as mulheres poderiam intervir numa situação de grande perigo, onde os pilares do movimento e outros atores sociais sofriam um grave déficit de representação, a sua identidade tornou-as demasiado vulneráveis.³⁴⁶

Nesse sentido, é possível inferir que dona Gemica Bringel usou do jogo de gênero ao utilizar-se do papel exigido a ela como mulher para confrontar seus adversários e colocar em

³⁴³ *Ibid.*, p.173.

³⁴⁴ *Ibid.*

³⁴⁵ *Ibid.*

³⁴⁶ *Ibid.*, p. 173-174.

voga uma demanda de seu interesse. Evidência disso é sua fala destacada pelo jornal, ao deixar explícito que sabe o significado de decoro e, implicitamente, o segue, implicando que outros parlamentares não o fazem ou não agem de acordo. Esse discurso, dentro do contexto de Ditadura Militar e conservadorismo, revelava os padrões exigidos para os modelos de “ser homem” e de “ser mulher”.

Continuando a mesma seção da notícia, no subtópico seguinte, diz:

REPERCUTE NA ALE. A confusa e cômica situação política de Parintins, um dos municípios mais desenvolvidos do Estado está repercutindo de certa forma na Assembleia Estadual. O deputado José Cardoso Dutra, líder político daquele Município e da bancada majoritária do MDB na Assembleia, ao tecer considerações sobre os últimos acontecimentos políticos registrados em Parintins, afirmou entre outras coisas que o presidente da Câmara Municipal daquele Município, deliberada e propositadamente, mudou completamente o tema do discurso da vereadora Bulcão, na ata dos trabalhos da reunião do dia 30, a fim de comprometê-la pública e politicamente. A atitude do presidente Raimundo Muniz, da Arena, foi repudiada pela bancada oposicionista com assento na Assembleia Legislativa do Estado.³⁴⁷

Esse subtópico explicita a denúncia do deputado José Cardoso Dutra: o presidente da Câmara Municipal alterou o discurso da vereadora no intuito de comprometê-la publicamente, deixando sua fala de maneira incerta e de difícil afirmação, pois houve um movimento da oposição para distorcer o conteúdo do discurso da vereadora. É possível supor também que a denúncia realizada na Assembleia Legislativa, por José Cardoso Dutra, tenha sido fruto das articulações e aproximações da vereadora com a liderança estadual do partido. Em seguida, no subtópico da matéria, mais uma vez ao retratar os fatos, o jornal se utiliza de comentários jocosos para introduzir os casos:

CASSOU E DESCASSOU. Uma prova evidente de que a política no município de Parintins está ficando uma "gracinha" com uma grande dose de comicidade, pode ser comprovada através do seguinte fato. Na metade do ano em curso, segundo se informa, o presidente da Câmara Municipal de Parintins, vereador Raimundo Muniz, da Arena, "cassou" e em seguida "descassou" o vereador José Maria Pinheiro, do MDB por considerar que a edil oposicionista havia faltado com o decoro parlamentar, por ter feito declarações como esta: “Lamento fazer parte de uma Câmara Municipal capenga como é a de Parintins”. Por isso o camarista teve o seu mandato de vereador cassado pelo presidente do Poder, edil Raimundo Muniz, que mais tarde reconsiderou o seu ato e “descassou” o vereador José Maria Pinheiro que continua militando naquela Câmara.³⁴⁸

Mesmo quando o jornal finalmente chega no assunto, o texto utiliza adjetivos e

³⁴⁷ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio (AM)**, 09 out. 1977, p. 05. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/170054_01/165323. Acesso em: 17 maio 2025.

³⁴⁸ *Ibid.*

expressões para enfatizar uma linha de posicionamento contra o governo, como “Oposicionista” e “continua militando”. Há também uma leve crítica à atitude do Presidente da Câmara de Parintins que permitiu ao “oposicionista”, nas palavras do jornal, reassumir suas funções e continuar fazendo oposição ao governo local.

Em seguida, o jornal ressalta que Geminiana Campos Bulcão Bringel pertencia a uma das famílias mais tradicionais de Parintins, descrevendo a vereadora com palavras tendenciosas, numa aparente tentativa de criar um contraste e chocar a opinião do leitor:

EXPLICANDO O DECORO. O fato não foi muito bem compreendido nos meios políticos da cidade e no dia 30 do mês passado, a vereadora Geminiana Bulcão, do MDB, pertencente a uma das mais tradicionais famílias da "Velha Tupinambarana", resolveu assomar a tribuna par prestar alguns esclarecimentos aos camaristas das duas bancadas, explicando inclusive o que é "decoro parlamentar" a fim de dirimir quaisquer futuras dúvidas a respeito do assunto.³⁴⁹

A GOZAÇÃO ARENISTA. Tranquila, a bancada da Arena ouviu todos os enfoques sobre a situação da política parintinense, sendo chamada a atenção pelas definições dadas pela vereadora do MDB Geminiana Bulcão, sobre o que seria falta de decoro parlamentar.

Em tom de gozação, alguns arenistas afirmaram que se por ventura a vereadora Geminiana Bulcão chegar a tirar um dia a roupa e desfilar nua pelas ruas de Parintins, o fato não poderá ser caracterizado como "falta de decoro parlamentar" e sim, "falta de decoro de estética" – a vereadora é muito gorda.³⁵⁰

Em “Explicando o Decoro”, o texto busca mais uma vez enfatizar o que a vereadora disse e ressalta sua origem em uma das famílias mais tradicionais de Parintins. No trecho final, intitulado “Gozação Arenista”, a reportagem tenta passar uma serenidade por parte dos vereadores arenistas, os quais ouviram de maneira “tranquila” as “definições dadas pela vereadora”. Esse discurso busca imprimir a ideia binária de imposição de papéis em função do sexo. Conforme define Passos, essa discriminação de funções destina para o homem aquilo que é identificado com a racionalidade e calma, como aquele que reflete e raciocina; já a mulher é o seu oposto, é mística, difícil de compreender, a qual não foi feita para estar no espaço público, por ser impulsiva e não racional³⁵¹.

Contudo, é possível observar que a vereadora passou por duas dimensões de violências de gênero no episódio analisado: a primeira foi aplicada na Câmara Municipal de Parintins por seus colegas, ao ser invalidada em seu discurso e, a segunda, na matéria do jornal, que reitera a violência ao divulgar: “se por ventura a vereadora Geminiana Bulcão chegar a tirar um dia a roupa e desfilar nua pelas ruas de Parintins, o fato não poderá ser caracterizado como ‘falta de

³⁴⁹ *Ibid.*

³⁵⁰ *Ibid.*

³⁵¹ Passos, 2001.

decoro parlamentar’ e sim, ‘falta de decoro de estética’”³⁵². Além disso, é preciso considerar que a matéria também faz pouco caso de qualquer ataque sofrido por Gemica Bringel de colegas da Câmara, validando a agressão por meio de uma narrativa tendenciosa, e encerra atacando a sua aparência física.

Tássia Rabelo de Pinho, em “*Debaixo do Tapete: A Violência Política de Gênero e o Silêncio do Conselho de Ética da Câmara dos Deputados*”, realiza um levantamento sobre a participação das mulheres e suas denúncias em relação a abusos sofridos no Congresso Nacional, bem como casos noticiados pela mídia que se enquadrariam como violência política de gênero. Além disso, a autora buscou compreender o papel do Conselho de Ética e Decoro da Câmara dos Deputados diante de representações abertas em função de denúncias de violência política de gênero.

As reflexões de Pinho auxiliam no entendimento da violência sofrida pela vereadora Geminiana Bringel no espaço político na segunda metade do século XX, pois se na atualidade existem atos criminosos que podem ser tipificados como tal violência, isso se deve aos estudos e avanços voltados a o tema. Em sua discussão, a autora esclarece:

Tal caracterização hierárquica que confere ao homem a posição de mando e à mulher a de submissão, estabelece também formas de violência específicas contra as mulheres, cujo diferencial reside na impossibilidade de compreensão deste fenômeno sem que se leve em consideração a relação entre a sua motivação e o gênero da vítima. A violência doméstica é a sua mais conhecida expressão. Tendo sido durante muito tempo associada à agressão física cometida contra mulheres na qual o agressor é o marido, sua conceituação no Brasil adquiriu contornos mais amplos a partir da promulgação da Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006).

Segundo a referida legislação, a violência doméstica é: “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (BRASIL, 2006, art. 5º). Esta, portanto, passou a ser compreendida como um rol mais amplo de violências que atinge as mulheres e se estrutura em relações íntimas de afeto, indo além da agressão por parte do cônjuge, incluindo ex-parceiros, namorados e familiares.

Ao dar visibilidade a outras modalidades de violência sofridas pelas mulheres, a Lei Maria da Penha contribuiu não apenas para o enfrentamento a estas no âmbito doméstico, mas também para o debate público sobre outras modalidades de violência às quais as mulheres são expostas e que comprometem sua participação igualitária na sociedade.³⁵³

Pinho ressalta que a desnaturalização da violência doméstica é um processo recente, com a Lei Maria da Penha,³⁵⁴ quando essa violência deixou de ser tratada como assunto privado,

³⁵² HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio (AM)**, 09 out. 1977, p. 05. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/170054_01/165323. Acesso em: 17 maio 2025.

³⁵³ Pinho, 2020, p. 03.

³⁵⁴ BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e

sobre o qual o Estado não devia intervir, e passou a ser vista como crime. Porém “a violência contra as mulheres na política brasileira, entretanto, segue sendo naturalizada e, tal como antes ocorria com a violência doméstica, não é sequer reconhecida como tal”³⁵⁵. Mas na “América Latina, porém, este conceito tem se desenvolvido de maneira potente, tendo inclusive sido positivado em alguns ordenamentos jurídicos na região”, sendo pioneira “a Bolívia que, em 2012, aprovou legislação que tipificou como crime o assédio e a violência política contra mulheres”³⁵⁶.

Os debates se mostram recentes em relação às problematizações da desnaturalização da violência contra a mulher no espaço privado, e ainda mais escassos no tocante às violências políticas de gênero nos espaços públicos. Ao analisar a trajetória pública da vereadora Geminiana Bringel é possível refletir que, mesmo que essa problematização seja recente, o movimento para desnaturalização da violência no espaço público ocorre há muito tempo, como observado no período da Ditadura Militar.

Para compreender em essência o que define a violência política de gênero, é importante antes entender o significado de gênero. Para esse ponto-chave é necessário considerar que o feminismo gerou um impacto metodológico na ciência e mudanças sociais por meio das lutas e movimento das mulheres.

Segundo Bandeira,

[...] a crítica feminista redefiniu os conceitos de reprodução social, de socialização, dos papéis sexuais, de discriminação/desigualdade, [...], em função dos diversos conceitos, categorizações, linguagens culturais e simbólicas, como também dos diversos grupos e instituições, objetos do conhecimento.³⁵⁷

Um ponto relevante para a discussão da autora é que “alguns pressupostos orientaram essa nova discussão inclusiva das questões que dizem respeito não apenas às mulheres, mas aos homens também”³⁵⁸:

A crítica feminista evidenciou a necessidade premente de integrar as mulheres como categoria sociológica e filosófica em qualquer análise, com isso colocando um final às análises truncadas sobre a sociedade e as relações sociais. Nesse sentido, supera os determinismos biológicos, geográficos e sociais; rompe com o pensamento centrado

Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 29 out. 2024.

³⁵⁵ Pinho, 2020, p. 03.

³⁵⁶ *Ibid.*

³⁵⁷ Bandeira, 2008, p. 224.

³⁵⁸ *Ibid.*

nas díades: sujeito/objeto, razão/ moção ou imaginação, natureza/cultura. Essas díades se evidenciaram incompatíveis com a dimensão ontológica da condição do humano, pois negam todas as possibilidades de interdependências e de historicidade.³⁵⁹

Ao falar sobre as feministas, Scott afirma que elas produziram análises que ultrapassaram o determinismo biológico e, apesar das críticas ao movimento feminista marxista, reconhece nelas o ponto de partida para uma reflexão sobre a mulher como indivíduo marginalizado em um sistema de opressão³⁶⁰.

No ensaio “*Gênero: uma categoria útil de análise*”, a autora estabelece o conceito, colocando o gênero no campo teórico: é uma categoria de análise que busca entender as relações entre homens e mulheres. O gênero permitiu “trabalhar diversas inter-relações entre homens e mulheres, mostrando o poder não só que se realizava na dominação de homens sobre mulheres, mas também de mulheres sobre homens e homens sobre homens”³⁶¹. No campo da história, nos estudos da história das mulheres, o gênero veio para provocar mudanças, pois ele:

[...] não implica necessariamente na tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem mesmo designa a parte lesada (e até agora invisível). Enquanto o termo “história das mulheres” revela a sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais), que as mulheres são sujeitos históricos legítimos, o “gênero” inclui as mulheres sem as nomear, e parece assim não se constituir em uma ameaça crítica.³⁶²

Portanto, o gênero “se efetiva pelos tipos das relações que se produzem (ou que podem se produzir) entre homens e mulheres que, em boa medida, resultam dos processos sociais e culturais”³⁶³. Ele é “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”³⁶⁴. Outras abordagens sobre gênero, como a proposta por Connell, é orientada por uma perspectiva decolonial, cuja aplicação se volta a realidades situadas fora dos países de referência global, aproximando-se de contextos como o sul-americano³⁶⁵.

Entendido isso, e na busca por definir a violência política de gênero, a autora fundamenta-se na análise do trabalho de Krook e Sanín, *Gender and Political Violence in Latin America*. Segundo ela, muitos autores que debatem o tema adotam definições próximas àquelas presentes na legislação boliviana, que prevê três tipos de violência política de gênero: física,

³⁵⁹ *Ibid.*, p. 220.

³⁶⁰ Scott, 1991.

³⁶¹ Campos, 2008, p. 164.

³⁶² Scott, 1991, p. 6.

³⁶³ Bandeira, 2008, p. 221.

³⁶⁴ Scott, 1991, p. 21.

³⁶⁵ CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.

sexual e psicológica. As autoras também propõem a inclusão de mais duas categorias, a simbólica e a econômica, sem excluir a possibilidade de interação entre elas³⁶⁶. Segundo Pinho:

Apontam que estas diversas formas de violência política de gênero se distinguem de outros atos de violência, inclusive no âmbito da política, por ter como objetivo impedir a participação de uma mulher como mulher, não como indivíduo, membro do partido ou defensora de determinada posição ideológica.³⁶⁷

Dentre as tipologias de violência política de gênero apresentadas acima, talvez a que se enquadre no caso ocorrido com a vereadora Gemica Bringel pode ser lida a seguir:

A violência simbólica contra as mulheres na política procuraria deslegitimá-las por meio de estereótipos de gênero que lhes negam competência na esfera política. Para estas autoras, o tratamento negativo se converte em violência quando implica desrespeito fundamental à dignidade humana, como produzir e distribuir imagens altamente sexualizadas e pejorativas, usar as mídias sociais para incitar atos violentos, ou não reconhecer ou negar explicitamente a existência de uma mulher nos espaços políticos pelo simples fato de ser mulher.

Esta tipologia distingue os tipos de violência sem deixar de incorporar o fato de que manifestações específicas podem estar inter-relacionadas, dado que a um ato podem ser atribuídos múltiplos significados, em função de suas diferentes possibilidades de experimentação ou interpretação.

Outro esforço importante do debate realizado por essas autoras consiste em buscar precisar o conceito de violência política de gênero por meio da distinção em relação à violência eleitoral. Tanto homens quanto mulheres podem ser vítimas de atos violentos ou ameaças que visem influenciar o processo eleitoral; logo, nem todos os casos de violência eleitoral são orientados pelo gênero da vítima, e mesmo que os casos de violência política de gênero possam ocorrer no contexto das eleições, estes não se limitam a este período.³⁶⁸

Partindo desse olhar, evidencia-se o exercício de violência simbólica por parte da matéria jornalística. Ao construir uma narrativa voltada à deslegitimação da vereadora, o texto do *Jornal do Comércio* a posiciona como alguém cujas falas são cômicas, absurdas e deslocadas do espaço político, gerando estranhamento. Observa-se, assim, uma tentativa do periódico amazonense de reforçar esse enquadramento, ao mesmo tempo em que responde a uma suposta arbitrariedade atribuída ao partido ARENA. A matéria destaca um único pronunciamento da vereadora, repetindo-o inúmeras vezes, com o intuito de caracterizá-lo como insano.

Em contrapartida, seus opositores são calmos e serenos, mesmo quando lhe respondem de maneira violenta, atacando sua aparência, mas não definindo em que sentido seu ato hipotético seria uma “falta de decoro estético”.

O *Jornal do Commercio* encerra a matéria com mais um ato de violência simbólica. A

³⁶⁶ Krook; Sanín, 2016.

³⁶⁷ Pinho, 2020, p. 04.

³⁶⁸ *Ibid.*

escolha das palavras expõe, de maneira a não causar dúvidas, a violência sofrida pela vereadora no episódio referente às falas dos arenistas. Suas falas não são objetivas, permitem múltiplas interpretações. O jornal revela sua visão sobre a vereadora e ao fim da matéria, exprime tom debochado: “a vereadora é muito gorda”³⁶⁹.

Quanto a essa violência, ela tem um sentido para existir. Pinho argumenta que:

A violência contra as mulheres na política pode ter um impacto que vai além das mulheres que a sofrem diretamente, dado que cumpre o duplo papel de buscar alijar aquela que é alvo das agressões da política e diminuir o alcance de sua atuação, bem como passar uma mensagem para todas as outras mulheres que indique que a esfera pública não é o seu lugar, e caso insistam em disputá-lo, sofrerão sanções por tal comportamento. Assim, a análise do tratamento dado a esse tipo de violência no âmbito da Câmara dos Deputados, mais alto espaço eletivo proporcional do Brasil, é importante para a compreensão mais geral dos diversos limites impostos às mulheres na política.³⁷⁰

Dado o contexto em que ocorreu, é possível supor que essa violência atua como um reforço negativo à participação e à permanência de mulheres nos espaços públicos. Conforme ressalta a autora, a depender do contexto em que a violência de gênero se manifesta e dos instrumentos mobilizados – neste caso, o jornal –, reforça-se a ideia de inadequação da presença feminina nesses espaços, desestimulando a resistência às estruturas de opressão.

Nesse sentido, os vereadores utilizaram a violência política de gênero como estratégia de reafirmação da exclusão feminina do espaço público e de contenção de posicionamentos contrários à Ditadura Militar, dinâmica igualmente reforçada pelo próprio jornal.

Um ponto importante é que a violência política de gênero não ocorre apenas dos homens para as mulheres e nem somente com as mulheres; ela pode ocorrer de ambas as partes. Essa violência visa atacar e reforçar justamente as atribuições de papéis exigidas para os sujeitos dentro do sistema patriarcal. Nesse cenário, a vítima pode, em um ato de resposta, inverter os papéis, como visto na fala da vereadora Gemica Bringel em resposta irônica ao presidente da Câmara: “a falta de decoro parlamentar pode ser caracterizada, por exemplo, se eu (a vereadora Geminiana Bulcão, do MDB) fosse vista frequentando boates suspeitas (infernhinhos), [...] ou ainda praticando atos de pederastia na via pública”³⁷¹. Ou seja, sua colocação supõe que algum de seus opositores teve relações com um homem ou jovem em via pública da cidade. De certa forma, se olharmos apenas para a acusação da vereadora, ela está usando da mesma lógica que

³⁶⁹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio (AM)**, 09 out. 1977, p. 05. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/170054_01/165323. Acesso em: 17 maio 2025.

³⁷⁰ Pinho, 2020, p. 05.

³⁷¹ HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio (AM)**, 09 out. 1977, p. 05. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/170054_01/165323. Acesso em: 17 maio 2025.

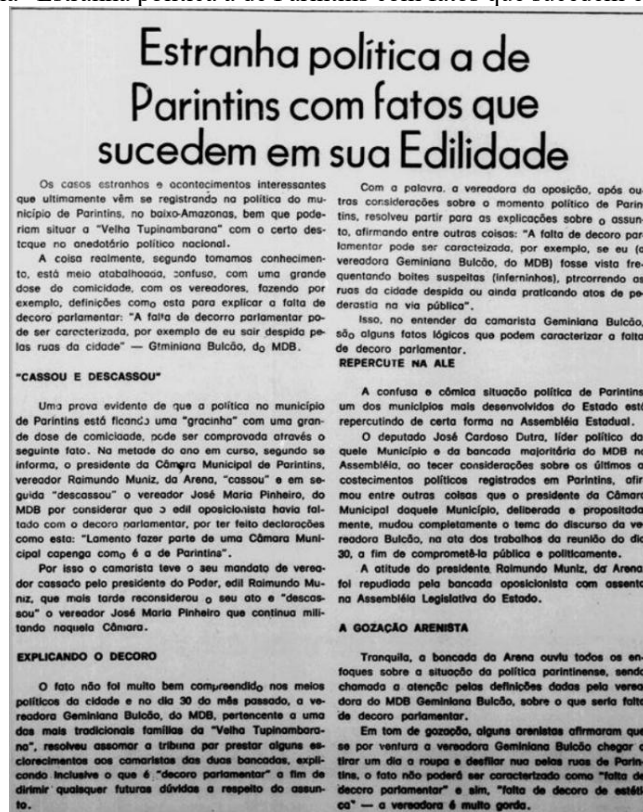
a discriminou para atacar seu adversário político.

Figura 8: Chamada “Estranhos os casos políticos em Parintins”.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Figura 9: Matéria “Estranha política a de Parintins com fatos que sucedem em sua Edilidade”



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Os documentos reproduzidos nas Figuras 8 e 9 evidenciam como a atuação de Geminiana Bringel se inseria em um cenário de intensas disputas políticas. Ao mesmo tempo, os registros permitem problematizar os desafios enfrentados por mulheres que ocupavam espaços historicamente masculinos, discussão que será aprofundada na seção seguinte a partir das memórias e interpretações dos sujeitos que conviveram com a vereadora.

2.2 “O problema todo, é que ela era mulher”³⁷²: desigualdades e violências de gênero na trajetória de Gemica como primeira mulher na política de Parintins

Como visto anteriormente, Geminiana teve acesso à educação e ao espaço profissional muito cedo: teve uma formação contínua, acesso ao ambiente político-partidário aos 33 anos, era de uma família que possuía um alto poder aquisitivo no município de Parintins e foi casada com Camilo Lopes Bringel. Também foi educadora no município e teve uma renda fixa durante toda sua vida. Tais atributos lhe proporcionaram uma vida de privilégios, exercendo aquilo que gostava: o fazer e o fazer-se política.

Porém, esse espaço de poder permanecia masculinizado, resultado de uma construção histórica que restringiu a participação das mulheres na esfera pública. Nesse contexto, alguns autores situam o surgimento do patriarcado por volta do ano 4.000 a.C., quando grande parte das sociedades agrícolas passou a adotar estruturas sociais marcadas pela desigualdade entre homens e mulheres³⁷³. Esse sistema, mais conhecido como patriarcado, restringiu a participação política da mulher na esfera pública³⁷⁴.

O patriarcado, como sistema de opressão sobre as mulheres, justificou a desigualdade e as violências sofridas: “Culturalmente, os sistemas patriarcais enfatizavam a fragilidade das mulheres e sua inferioridade”³⁷⁵. Como demanda de um papel a ser exercido na sociedade, em muitos casos “insistiam nos deveres domésticos e algumas vezes restringiam os direitos das mulheres a aparecerem em público (...) Muitas mulheres tão intimidadas e isoladas que formas de protesto se tornavam improváveis”³⁷⁶.

Embora as mulheres tenham participado ativamente da sociedade em diferentes períodos históricos, observa-se, nas relações de gênero, uma predominância masculina que se

³⁷² José Maria Pinheiro Ferreira, entrevista realizada em sua residência no bairro João Novo Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

³⁷³ STEARNS, P. N. **História das relações de gênero**. Trad. Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007, p. 27.

³⁷⁴ *Ibid.*, p. 32.

³⁷⁵ *Ibid.*, p. 33.

³⁷⁶ *Ibid.*

estende aos diversos espaços de poder e conflito, constituindo uma desigualdade estrutural.

Especificamente no caso da experiência política de mulheres no Baixo Amazonas no século XX, é importante atentar para o modo como as mulheres líderes políticas lidavam com a desigualdade de gênero decorrente da estrutura patriarcal da sociedade ocidental.

Muitas instâncias reproduzem e legitimam estruturas de poder que limitam a atuação das mulheres em espaços como a política, reforçando desigualdades e hierarquizando as relações sociais. Bourdieu, em “*A dominação masculina*”, explana essas instâncias:

O trabalho de reprodução esteve garantido, até à época recente, por três instâncias principais, a Família, a Igreja e a Escola, que objetivamente orquestradas, tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes. É, sem dúvida, a Família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas; é na Família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão [...].³⁷⁷

Elizabete Silva Passos, ao discutir como o seio familiar é validador e criador de formas de agir na sociedade, afirma que:

[...] quanto a família, sabe-se que sua herança patriarcal é forte, definindo modelos de educação para a prole, a depender do sexo. Os machos devem ser educados para vencer (nos negócios, nos esportes, nas relações de poder) enfim, para “ter sucesso”. Seu modelo identificatório é o do caubói: viril, duro, solitário destemido. Quanto as filhas, o padrão deve ser o de mocinha: ingênuas, dóceis, companheiras, frágeis, submissas.³⁷⁸

Essas formas de opressão feminina estão relacionadas ao regime patriarcal, cujos mecanismos foram historicamente incorporados à organização da sociedade e permanecem presentes em diferentes instituições e espaços de convivência. Assim, romper com as determinações impostas por essa estrutura pode gerar resistências por parte daqueles que se beneficiam das desigualdades por ela produzidas, como ocorre nas relações de poder entre homens e mulheres.

Dona Gemica Bringel, ao se inserir no espaço público, profissional e político, em um período de acesso inicial às mulheres, experienciou tais desafios. O entendimento das limitações estabelecidas pelo patriarcado e das desigualdades de gênero nas relações sociais permite analisar o desdobramento da trajetória da professora e vereadora.

Sua atuação, tanto nos espaços políticos quanto nos privados, deixou marcas na memória dos sujeitos que conviveram com ela, possibilitando compreender aspectos de sua

³⁷⁷ Bourdieu, 2023, p. 141.

³⁷⁸ Passos, 2001, p. 24.

trajetória e das experiências relacionadas à sua condição de mulher no município de Parintins. Nesse sentido, a história oral permite acessar experiências e trajetórias que frequentemente permanecem pouco visíveis na documentação oficial. O uso sistemático dos testemunhos orais contribui para compreender processos históricos a partir das perspectivas de sujeitos cujas vozes nem sempre foram registradas, como mulheres, crianças, trabalhadores e outros grupos historicamente marginalizados³⁷⁹.

Dessa forma, a metodologia é de primordial importância para entender parte da memória coletiva sobre a atuação política de dona Gemica Bringel. A professora Ângela Reis, por exemplo, narra como Gemica era vista nesse espaço dominado por homens, em se tratando da política na metade do século XX: “assim, porque falavam dela que ela era naquele tempo ‘machuda’. Por que né? Tudo isso ela pegou, mas pra ela aquilo era elogio né?”³⁸⁰.

O relato de Ângela Reis chama atenção para três pontos que marcam a trajetória de dona Gemica. O primeiro é o ataque sofrido pelo fato de ocupar um lugar historicamente masculino e que dentro do regime patriarcal e de opressão feminina não era para ela. Ao ocupar esse espaço, sua atuação sofre tentativas de ser invalidada; nesse caso, a chamam de “machuda”, pois, ali é um sujeito feminino agindo como “macho”, fazendo aquilo que o “macho” dentro da sociedade patriarcal é ensinado e imposto a fazer, sendo o papel atribuído a ele. Essa fala tem o intuito de oprimir, ofender e desqualificar. Dentro dessa lógica do patriarcado, “o macho precisa ser frio, determinado, insensível, fechado, duro; enquanto a fêmea deve ser dócil, carinhosa, acomodada, sensível, dependente”³⁸¹. Dessa forma, os sujeitos que tentam agir de maneira não condizente com o que era esperado sofrem retaliações.

O segundo ponto, ainda nesse relato, que evidencia o patriarcalismo é quando Ângela Reis faz uma pergunta a si mesma: “por que né?”³⁸². Esse é o fenômeno que Michael Pollak, em *Memória, Esquecimento, Silêncio*, identifica com o “não dito”. Segundo ele, “essa tipologia de discursos, de silêncios e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos”³⁸³. Nesse sentido, sua resposta à própria pergunta demonstra que aquilo é tão óbvio e a resposta já se encontra explícita e não precisa ser dita. Não precisa ser explicada, pois já se entende que a mulher que ocupa esse lugar sofrerá tais retaliações.

³⁷⁹ Ferreira, 2023, p.169.

³⁸⁰ Ângela Rodrigues Reis, entrevista realizada na Unidade da SEDUC/AM Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira., 6 set. 2017.

³⁸¹ Passos, 2001, p. 22.

³⁸² Ângela Rodrigues Reis, entrevista realizada na Unidade da SEDUC/AM Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira, 6 set. 2017.

³⁸³ Pollak, 1989, p. 7.

No seio do patriarcado, o feminino é subalternizado ao masculino; assim, o ato de falar, expressar opinião ou até mostrar o entendimento da opressão sofrida é por si só, uma denúncia. Pollak ressalta também que “distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas memórias, a ênfase é dada a um ou outro aspecto”³⁸⁴.

O terceiro ponto identifica a forma como Geminiana tomava para si o discurso para continuar presente nos lugares de poder e fazendo disso uma estratégia para resistir à opressão. Quando a narrativa de Ângela Reis diz “aquilo era um elogio”, demonstra um entendimento do lugar que viera a ocupar, ou uma tomada de consciência já existente em sua atuação, pois sempre esteve nesses espaços públicos, atribuindo outro valor à suposta ofensa, para ressignificá-la e assim resistir.

Quando dona Gemica Bringel toma a ofensa como elogio, ela ressignifica uma característica atribuída negativamente a ela, atribuindo valor positivo àquilo que, dentro da lógica patriarcal, era utilizado como forma de desqualificação. Isso demonstra que, de alguma forma, mesmo por meio de uma tomada de consciência individual sobre seu lugar como mulher nesse espaço político, dona Gemica compreendia que sua atuação provocava reações e incômodos nos seus opositores. Nesse sentido, os ataques direcionados a ela acabavam por evidenciar a presença de sua voz e de sua atuação política, indicando que sua participação era percebida e capaz de tensionar aquele espaço.

O relato acima é recorrente nas entrevistas de outros sujeitos que participaram junto a dona Gemica Bringel nos espaços públicos e evidenciam suas táticas de resistência para ultrapassar as fronteiras dentro dos espaços masculinizados. Para Passos:

Ainda são muitos os preconceitos delimitadores nos campos considerados masculinos e femininos, amparados, entre outros, por uma lógica de inspiração racionalista, que em nome de uma suposta neutralidade, desconsidera o indivíduo, exclui a alteridade e a pluralidade.

A lógica da modernidade separou o ser humano entre a razão e o “resto”, incluindo neste a emoção, os sentimentos, a paixão enfim tudo que não possa ser controlado e previsível. A esse esquema, alinhou os indivíduos a partir de seus respectivos sexos adjudicando-lhes características e identificações, como fazendo parte da sua natureza.”³⁸⁵

O diálogo com a autora possibilita uma pergunta: o que ocorre quando uma mulher tenta romper com esse lugar imposto a ela, ou quando ela se coloca nesse espaço inicialmente aberto,

³⁸⁴ *Ibid.*

³⁸⁵ Passos, 2001, p. 21.

como fez dona Gemica Bringel? Múltiplas são as formas de opressão para condicionar o sujeito ao lugar imposto.

O espaço político não se fez para as mulheres do mesmo jeito que se fez para os homens; às mulheres foi dado o papel de estar sempre em segundo plano, de apoio, nunca o de uma atuação vivenciada de fato.

Na Grécia Antiga, o público identificava-se com a vida política, vivida por pessoas com poder de argumentação e de decisão, oposição à vida privada, consistia naquela desenrolada na cena do lar, por pessoas que não participavam da polis, como escravos e as mulheres. Estabelece-se, com isto, a distinção entre as esferas da vida pública e da privada e do domínio da primeira sobre a segunda.³⁸⁶

Para o homem, o palanque, a atenção, a permissão de falar e discursar em público estão vinculadas ao ato de existir e, a depender de seu lugar no mundo, isso já lhe é colocado como destino inevitável.

Flávia Biroli, ao analisar o discurso feminista e sua crítica, afirma que uma característica do pensamento feminista é a crítica sobre a esfera pública e a esfera privada. A autora chama a atenção para o fato de que compreender como se fez a fronteira entre o público e o privado, tanto no pensamento como nas normas políticas, expõe o caráter histórico e, dessa forma, suas implicações que diferenciam mulheres e homens, assim contestando a pretensa naturalidade dessa divisão.

Na modernidade, a esfera pública estaria baseada em princípios universais, na razão e na impessoalidade, ao passo que a esfera privada abrigaria as relações de caráter pessoal e íntimo. Se na primeira os indivíduos são definidos como manifestações da humanidade ou da cidadania comuns a todos, na segunda é incontornável que se apresentem em suas individualidades concretas e particulares. Somam-se, a essa percepção, estereótipos de gênero desvantajosos para as mulheres. Papéis atribuídos a elas, como a dedicação prioritária à vida doméstica e aos familiares, colaboraram para que a domesticidade feminina fosse vista como um traço natural e distintivo, mas também como um valor a partir do qual outros comportamentos seriam caracterizados como desvios. A natureza estaria na base das diferenças hierarquizadas entre os sexos.³⁸⁷

Partindo daquilo que se compreende como desvio é que se funda a fala construída para colocar a vereadora Gemica Bringel em um lugar de estranhamento que fugia do pressuposto natural.

A crítica feminista possibilita “observar que a suspensão das relações de poder na esfera privada, como tópico e problema de primeira ordem para as abordagens no âmbito da teoria

³⁸⁶ *Ibid.*, p. 24.

³⁸⁷ Biroli, 2014, p. 21.

política”³⁸⁸. Mais que isso, ela “faz mais do que deixar na sombra as experiências de parte dos indivíduos ou parte da vida de todos eles”³⁸⁹.

O entendimento do que se passa *na esfera pública* é deficiente, nesse caso, porque ficam suspensas e mal compreendidas as conexões entre as posições e as relações de poder na vida doméstica, no mundo do trabalho e na esfera dos debates e da produção das decisões políticas. Em outras palavras, a análise crítica das relações de poder nas esferas convencionalmente entendidas como não públicas ou não políticas é necessária para se compreenderem as consequências políticas dos arranjos privados. Por outro lado, sem essas conexões fica difícil entender de que maneira relações tidas como voluntárias e espontâneas, mas que respaldam padrões de autoridade e produzem subordinação, têm impacto ao mesmo tempo para o exercício da autonomia por *cada indivíduo* – em ambas as esferas – e para a construção da democracia.

O feminismo mostra, assim, que é impossível descolar a esfera política da vida social, a vida pública da vida privada, quando se tem como objetivo a construção de uma sociedade democrática. Faz sentido, assim, abandonar a visão de que esfera privada e esfera pública correspondem a “lugares” e “tempos” distintos na vida dos indivíduos, passando a discuti-las como um complexo diferenciado de relações, de práticas e de direitos – incluídos os direitos à publicidade e à privacidade – permanentemente imbricados, uma vez que os efeitos dos arranjos, das relações de poder e dos direitos garantidos em uma das esferas serão sentidos na outra.

A crítica às desigualdades de gênero está geneticamente ligada à crítica às fronteiras convencionais entre o público e o privado nas abordagens teóricas, na prática política, nas normas e nas instituições.³⁹⁰

Por essa ótica, observa-se que a vereadora, em seu protagonismo na arena pública e política, tem reações que buscam delimitar as fronteiras do sujeito político, mas que em alguns momentos precisa transgredir as esferas demarcadas. A estranheza produzida em torno de sua atuação precisa ser compreendida considerando sua trajetória no espaço público, especialmente por meio de sua prática profissional como professora. Essa experiência lhe possibilitou desenvolver habilidades de conexão e influência ligadas às duas esferas, fortalecidas tanto no âmbito privado quanto no público, mesmo tendo atribuições e funções postas para desenvolver no privado.

Essa percepção de separação entre as esferas pública e privada e de que tais fronteiras são intransponíveis não é verdadeira; a falsa ideia de que o público e o privado ocorrem como esferas separadas da vida esconde sua interdependência na produção das oportunidades para os sujeitos. As expectativas exigidas aos sujeitos os direcionam a desenvolver habilidades diferentes entre mulheres e homens: “As atividades para as quais eles são orientados correspondem, por outro lado, a posições diversamente valorizadas, levando não apenas a ‘diferenças’, mas à assimetria nos recursos”³⁹¹. Talvez esse seja o diferencial da trajetória de

³⁸⁸ *Ibid.*, p. 24.

³⁸⁹ *Ibid.*

³⁹⁰ *Ibid.*, p. 22.

³⁹¹ *Ibid.*, p. 23.

vida de Gemica Bringel, por estar sempre entre as duas esferas.

Passos, ao falar desses limites, afirma:

Colocam-se, com isso, os limites e as possibilidades dos indivíduos, a partir do seu sexo. Para os homens, pertencentes ao mundo da polis, do público, o limite é a liberdade; as mulheres, ao contrário, vivem na luta continua para ultrapassar a limitação que as necessidades impõem. Afinal, elas são indicadas para o papel de guardiãs da comida e do teto. Sua liberdade depende de tal superação, que parece fadada a não acontecer. Primeiro, porque a espécie precisa ser reposta e as necessidades para garantir sua existência se sucedem. Em segundo lugar porque, encerradas no privado, estarão impedidas de aprender outras regras que não sejam as da submissão, da doação, da sublimação dos seus sonhos e desejos.³⁹²

Essas discussões sobre o público e o privado, suas determinações e sua influência sobre os sujeitos e como estes moldam suas habilidades nas esferas da sociedade permitem pensar sobre a influência de sua participação no espaço público. A vereadora, dentro dos espaços de poder, teve um desempenho denso, com inúmeros cargos e articulações políticas na Câmara Municipal de Parintins, posição oposta à lógica destinada às mulheres, que é o privado, na escuridão e submissão.

O relato de Fátima Guedes, ativista feminista do município de Parintins, reconhece a importância da atuação política de Geminiana, recordando as dificuldades vividas no meio público:

Olha dona Geminiana na época ela fez a diferença né? Porque ela flui em plena Ditadura Militar em Parintins, ela flui no finalzinho ditadura, ela flui, e ela chega à vereadora de Parintins e chegou a ser candidata a prefeita ou a vice-prefeita, não tenho nesse momento... eu não lembro direito, ela teve, foi bem votada, mas os estigmas que caíam sobre ela eram muito grandes, as gozações, os discursos dela eram distorcidos pelo enxovalhamento popular.³⁹³

A memória de Fátima Guedes deixa claro seu posicionamento em relação ao contexto da Ditadura Militar no século XX, objeto de análise em outro momento. Em sua memória sobre a atuação da vereadora Gemica, Fátima Guedes percebe que havia um discurso de invalidação da fala e formas de desvalidar o discurso de Geminiana. A entrevistada ressalta adjetivos que eram ditos e distorções feitas ao discurso, como “enxovalhamento”, “gozações”, “estigmas” e “discursos distorcidos”.

Uma narrativa que se encontra presente nas memórias dos entrevistados e na memória de muitos moradores do município é o exemplo mais evidente das desigualdades de gênero nos

³⁹² Passos, 2001, p. 24-25.

³⁹³ Fátima Guedes, entrevista realizada em sua residência no bairro Itaúna II, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 5 dez. 2016.

espaços políticos. As memórias nos relatos de muitos munícipes da cidade de Parintins evidenciam uma experiência de desigualdade de gênero durante sua atuação política. Trata-se de uma memória compartilhada que testemunha discursos pejorativos para desqualificar Gemica por estar em um espaço não construído historicamente para as mulheres.

Fátima Guedes traz em sua construção de memória que:

Ela dizia: “quem quiser”. Virou chacota em Parintins, que era: “quem quiser meter o pau no partido, que meta pela frente, e não por trás”, né? E isso virou chacota em Parintins, por que era forma do discurso que ela arranjava pra enfrentar, pra dizer que ela também tinha força, tinha poderes como cidadã política.³⁹⁴

Esse discurso é desqualificador pois tem como objetivo colocar a condição feminina em um lugar de subalternidade, pelo viés sexual e cômico. A própria entrevistada traz um prévio entendimento de como Geminiana utilizou essa fala a seu favor, mais uma vez ressignificando o ataque sofrido, como estratégia dentro desse espaço político.

José Maria Pinheiro, ex-vereador e professor aposentado, conviveu com dona Gemica Bringel no período da Ditadura Militar no Brasil. Suas memórias sobre Geminiana, além de demonstrarem aspectos da vida pessoal, se estendem para o campo político e partidário. Ao relatar a relação entre dona Gemica e seus adversários políticos, seu José Maria ressalta uma memória que mostra as dificuldades que eram ser mulher dentro desse espaço generificado e evidencia um suposto “problema”:

[...] **o problema todo é que ela era mulher** [grifo nosso]. Ah, porque ela é mulher, pau, pau, pau³⁹⁵. E inventaram um discurso muito triste, que diziam assim, ela nunca disse isso né? Que ela dizia: “é vocês metem o pau na Geminiana aqui, vocês metem por que, venham meter o pau pela frente”.³⁹⁶

A afirmação do ex-vereador e professor, ao declarar que “o problema todo é que ela era mulher”, evidencia a percepção, própria de uma sociedade patriarcal e machista, de que a presença feminina em espaços públicos e de poder constitui um problema quando não obedece às fronteiras socialmente estabelecidas entre homens e mulheres.

Passos chama atenção para essas fronteiras impostas na sociedade:

Essa mesma fronteira que serve para separar o público do privado e destinar o primeiro aos homens e o segundo às mulheres. Essa divisão é prenhe de significações, que

³⁹⁴ *Idem.*

³⁹⁵ O dialeto usado pelo entrevistado ao falar “pau, pau, pau” se aproxima mais do dito “*muitas vezes*” “*e tudo mais*”.

³⁹⁶ José Maria Pinheiro Ferreira, entrevista realizada em sua residência no bairro João Novo Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

começam a ser desveladas pela compreensão dos dois termos. Público é tudo aquilo que merece ser mostrado, que possui um valor, independente da época ou da situação. É através dele que os indivíduos se eternizam e transcendem. Enquanto o privado se identifica-se como o que não deve ser iluminado, que precisa ser protegido, escondido, guardado.³⁹⁷

O valor atribuído ao privado é diferente; é menor, visto como menos importante, porém é nele que também se fazem e se estabelecem as relações políticas. Para o ex-vereador e professor José Maria Pinheiro, a narrativa pejorativa foi inventada com o propósito de ridicularizar dona Gemica Bringel, buscando atingi-la dentro de uma narrativa misógina, como evidencia sua fala seguinte:

Sabe? Aí o pessoal inventou esse discurso pra tentar diminuí-la como mulher. Era muito difícil, ela enfrentou muita dificuldade aqui em Parintins. Cara nesse sentido, até que depois apareceu uma, duas, mas as mulheres nunca predominaram na vida política de Parintins, só agora tem bem poucas.³⁹⁸

Seu relato sugere que a vereadora enfrentava outras barreiras que exemplificam os obstáculos encontrados pelas mulheres ao tentar adentrar e permanecer nos espaços políticos e de poder. A constatação ressaltada pelo ex-professor no final de sua fala – sobre a presença mínima de mulheres no espaço político do município –, é uma problemática encontrada na dissertação de Ivanilce Nogueira Chagas, com o título “*Participação feminina na política: mulheres, poder e patriarcalismo no Amazonas*”. Chagas analisa a participação feminina no Poder Legislativo e Executivo do Amazonas, fazendo uma discussão teórica e conceitual para entender os espaços de poder, a política, a desigualdade de gênero e o patriarcado. Segundo ela:

Evidentemente, a dinâmica de exclusão funda-se em desigualdades sociais que ultrapassam os limites dos espaços da política, sejam os partidos ou as dinâmicas eleitorais, além de ser fortalecida através de mecanismos que reproduzem internamente a hierarquia de gênero, determinando a valorização diferenciada de tarefas e papéis e estigmatizando as mulheres em espaços de poder considerados secundários. Assim, a maneira como se concretizam as relações partidárias e os mecanismos de seleção das direções, ao contrário de introduzir críticas a esta segmentação, a reforça.

No decorrer da história, verifica-se que a prática e a dinâmica da atividade política foram sempre baseadas em modelos masculinos, legitimados por leis e costumes culturais, segundo os quais a mulher era alijada de tais atribuições.³⁹⁹

A autora constata que há uma diminuta presença feminina no Poder Legislativo e

³⁹⁷ Passos, 2001, p. 24.

³⁹⁸ José Maria Pinheiro Ferreira, entrevista realizada em sua residência no bairro João Novo Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

³⁹⁹ Chagas, 2016, p. 37.

Executivo; porém, essa não é apenas uma realidade brasileira, mas um traço das sociedades democráticas do globo.

O que as memórias revelam sobre as desigualdades de gênero sofridas por dona Gemica Bringel é que, independentemente da forma como a professora se portava, o problema para a sociedade decorria dela ser uma mulher, ocupando um espaço não destinado a ela. Como registrado no relato de dona Ângela Reis, dona Gemica era chamada pejorativamente de “machuda”, pois queria desempenhar um papel destinado ao “macho”. Era vista de maneira masculinizada, sem características permitidas para estar nesse lugar; contudo, a crítica se dava por ela possuir aspectos que, no homem, são positivos para seu estabelecimento nesses lugares, mas nas mulheres ou no corpo feminino, isso se torna um entrave.

As memórias de Fátima Guedes e José Maria Pinheiro ressaltam uma discriminação que opera quase pelo caminho oposto; se antes dona Gemica era criticada por assumir características associadas ao masculino, aqui a desqualificação ocorre por meio da associação a aspectos considerados femininos. Utilizando expressões que relacionam a mulher à posição passiva em um ato sexual, o caráter cômico é produzido pela atribuição de inferioridade a essa condição. Assim, o feminino passa a funcionar como um marcador de subordinação e, conseqüentemente, de desqualificação.

Dessa forma, não importa como dona Gemica Bringel se coloca; por ser mulher, os estigmas caem sobre ela. Como observa Bourdieu, para compreender adequadamente a distribuição de poder e privilégios entre homens e mulheres, deve-se entender dois pontos. O primeiro é que:

[...] qualquer que seja sua posição no espaço social as mulheres têm em comum o fato de estarem *separadas dos homens por um coeficiente simbólico negativo* que, tal como a cor da pele para os negros, qualquer outro sinal pertencer a um grupo social estigmatizado, afeta negativamente tudo que elas são e fazem [...].⁴⁰⁰

O segundo ponto observado pelo autor é que, apesar das experiências aproximarem as mulheres, como por exemplo a opressão, elas continuam separadas umas das outras pelas diferenças econômicas e culturais⁴⁰¹.

Em “*Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários*”, Soihet analisa a década de 1960 durante a repressão da Ditadura Militar no Brasil. Nesse mesmo período, ocorria a explosão do movimento feminista nos Estados Unidos e na Europa, que

⁴⁰⁰ Bourdieu, 2023, 153.

⁴⁰¹ *Ibid.*

influenciou o movimento feminista no Brasil. Naquele momento, havia um engajamento inspirado em ideais da contracultura para se opor ao regime autoritário⁴⁰². No entanto, a autora também destaca uma ferramenta usada como arma antifeminista nessa luta de contracultura, a ridicularização. No caso do jornal *O Pasquim*, os membros do periódico usavam charges e textos contra mulheres lutavam por direitos ou que adotavam posicionamentos vistos como inadequados ao modelo tradicional de feminilidade. Os articulistas do jornal, assim, ridicularizavam e depreciavam as militantes em razão do medo de não possuírem mais o poder dentro da hierarquia das relações de gênero, demonstrando com isso seu conservadorismo⁴⁰³.

Essa zombaria realizada para atacar as mulheres feministas é similar aos relatos sobre a vereadora parintinense.

Já que a utilização da zombaria, ridicularizando-se as mulheres, como freio para os possíveis desequilíbrios de poder entre os sexos constitui-se em algo habitual, perdendo-se na sua longa duração. Já na Grécia Antiga, tais formas de expressão manifestavam-se, das quais uma das mais conhecidas revela-se na obra de Aristófanes, mais precisamente na comédia *Assembléia de mulheres*, em que a mensagem veiculada é a de que a participação política das mulheres só podia constituir-se em objeto de riso e característica infamante para os homens. Dentre os mais famosos exemplos daqueles que seguem essa trilha, no século XVII, temos Molière com suas *Preciosas ridículas*, zombando das mulheres, na sua concepção, pretensamente intelectualizadas.⁴⁰⁴

Igualmente para Gemica Bringel, esses discursos serviram para desqualificar sua voz, uma mulher a qual não é “permitido” falar. Mesmo tendo acesso ao espaço público e atuando com ampla receptividade na Câmara Municipal, sua presença não anulava os entraves que lhe eram impostos.

É possível encontrar no relato do ex-vereador Iranildo Nóbrega reações ou posicionamentos parecidos com os dos articulistas do jornal *O Pasquim*, analisado por Soihet:

Ah isso aí era o termo que... vocês metem pau por trás, tem que meter pela frente, que a gente quer saber e tal, mas meter o pau no bom sentido não era na aquele sentido da pessoa falar dela ou falar do partido, longe dela, longe da gente né? Então falava de escondidas, como se a gente não pudesse mais se defender, como a gente não sabia a verdade né e ela ia pro plenário e largava peia. Não tinha esse negócio com ela não, ela não tinha o prefeito, não tinha vereador, governador, se ela tivesse que dizer alguma coisa sobre você que era vereador ela também dizia sabe.⁴⁰⁵

⁴⁰² Soihet, 2005.

⁴⁰³ *Ibid.*, p. 592.

⁴⁰⁴ *Ibid.*

⁴⁰⁵ Iranildo Nóbrega de Melo Azedo, entrevista realizada em sua residência no bairro Centro, por Roger Kenned Repolho de Oliveira, 25 ago. 2022.

Como visto, em seu ato de rememorar, o ex-vereador não se coloca como alguém que produziu tais discursos, mesmo que ele não compartilhasse do mesmo posicionamento político da vereadora durante sua atuação dentro da câmara; sua narrativa é oposta ao de José Maria Pinheiro e Fátima Guedes e até mesmo de outros sujeitos. O sentido dado pelo vereador ao comentário feito, muito possivelmente por opositores, equivale ao dos escritores de *O Pasquim*: o tom de zombaria do discurso tem o intuito de desqualificar, no caso, a atuação da vereadora. Esse discurso distorcido, uma zombaria, se deve ao fato de que nesse espaço político e de poder atribuído ao gênero masculino, a mulher não se encontra em um equilíbrio de poder da mesma forma que o homem, pois o sistema patriarcal favorece o homem.

Vale enfatizar que o ocorrido constituiu um ato violento, evidenciado também no processo de construção de memória da ativista Fátima Guedes, no qual emergem termos como “enxovalhamento”, “gozações”, “estigmas” e “discursos distorcidos”. José Maria Pinheiro, em seu rememorar, pontua que o problema todo – problemas dos homens para com a vereadora – era pelo fato dela ser mulher, e assim ocorreram as agressões por ocuparem um lugar de poder, validando assim a violência. A violência política de gênero é destinada à vereadora apenas por conta de seu gênero e por ocupar um cargo na política. Pinto, a partir do trabalho das autoras Krook e Sanín sobre a violência política de gênero, dentre as tipificações analisadas por elas, destaca uma tipificação que ocorreu com a vereadora Gemica Bringel, a violência política de gênero simbólica⁴⁰⁶.

A violência política simbólica deslegitima, a partir de estereótipos de gênero, a competência da mulher na esfera pública⁴⁰⁷. Não seria caso apenas de um tratamento negativo visto como uma violência política, afinal, por ser um lugar de luta por poder, por si só é um lugar de embates, mas sim quando este ato negativo se torna

[...] desrespeito fundamental à dignidade humana, como produzir e distribuir imagens altamente sexualizadas e pejorativas, usar as mídias sociais para incitar atos violentos, ou não reconhecer ou negar explicitamente a existência de uma mulher nos espaços políticos pelo simples fato de ser mulher.⁴⁰⁸

Nos relatos dos entrevistados, José Maria Pinheiro aborda os atos violentos contra a vereadora; Ângela Reis, pontua o uso de uma linguagem para estigmatizá-la; e Fátima Guedes, observa ainda a violência política de gênero simbólica. Pinto esclarece:

⁴⁰⁶ Pinto, 2020.

⁴⁰⁷ *Ibid.*

⁴⁰⁸ *Ibid.*, p. 04.

Esta tipologia distingue os tipos de violência sem deixar de incorporar o fato de que manifestações específicas podem estar inter-relacionadas, dado que a um ato podem ser atribuídos múltiplos significados, em função de suas diferentes possibilidades de experimentação ou interpretação.⁴⁰⁹

Além de ser um ato de violência política de gênero contra a figura de Gemica Bringel, é necessário entender esse discurso com intuito de desqualificá-la, por esse viés de violência. Compreende-se como um ato que visa atacar, sendo algo pertencente não apenas à política; mas, ao ser analisado nessa ótica de espaço de poder, é tipificado como tal.

Quanto ao discurso desqualificador, Soihet fala sobre a zombaria realizada por editores de *O Pasquim* às feministas e seus movimentos. A autora analisa especificamente a resposta de Paulo Francis à carta de Rita Moreira que os criticava por seu posicionamento misógino. O articulista se justificou alegando “querer que se interprete tais formas burlescas de apresentar as mulheres empenhadas na luta por direitos como algo sem maiores consequências, visando apenas a divertir o público leitor”⁴¹⁰. Diante disso, a autora faz uma observação pertinente em relação a essas zombarias que permitem compreender os ataques feitos contra Gemica Bringel; segundo Soihet:

Na verdade, porém, percebe-se um aspecto perverso nessas insinuações, o que me faz enquadrar tais colocações em uma das modalidades de violência simbólica contra as mulheres. Isso, porque a reiteração da comicidade na abordagem de suas reivindicações tende a difundir uma imagem em voga, acerca das feministas como masculinizadas, pesadas como elefantes, perigosas, feias, bruxas... Imagens que se contrapõem ao ideal feminino, constantemente re-atualizado de beleza, meiguice, delicadeza, paciência, resignação, o que não poucas vezes leva mulheres a rejeitar sua inserção no feminismo e até a combatê-lo. Evidencia-se que algo aparentemente inofensivo como a zombaria, o deboche, configura-se como forma de violência, inoculando representações com vistas à conservação do *status quo*, através da ridicularização de movimentos em prol de mudanças com relação aos papéis exercidos por mulheres e homens na sociedade.⁴¹¹

Pode-se afirmar que, sob a opressão do sistema patriarcal, dona Gemica Bringel enfrentou as desigualdades de gênero ao ocupar o espaço político, mesmo dispondo de elevado poder aquisitivo e origem familiar, os quais lhe possibilitaram acesso à formação e ao trabalho, além de vantagens sociais relacionadas à sua inserção na política. Tais formas de subjugação decorrem de sua condição de mulher, ainda que essa experiência se manifeste de maneira distinta em relação a outras, em função de seu poder aquisitivo. Diante do exposto, é possível afirmar que os ataques sofridos pela vereadora ao deslegitimá-la dentro da política são violência

⁴⁰⁹ *Ibid.*

⁴¹⁰ Soihet, 2005, p. 609.

⁴¹¹ *Ibid.*

simbólica.

Sua atuação se mostrou multifacetada, como revelada pelas fontes. O espaço político é um espaço de embates e permanecer nele por muito tempo, especialmente em um período autoritário e em um contexto de recente participação das mulheres como sujeitos políticos em espaços de decisão, significa compreender a existência de controvérsias. Tais controvérsias também se fazem presentes nas memórias públicas analisadas nesta tese.

As fotos abaixo ilustram a presença da professora e vereadora Geminiana Bringel na arena pública do município. Embora não sejam foco de análise neste momento, as imagens demonstram sua atuação dentro desse espaço público e de poder.

Figura 10: Colagem de fotos de Geminiana Campos Bulcão Bringel em reuniões públicas.



Fonte: Acervo pessoal de Geminiana Bringel, cedido por seus familiares.

Uma vez que os espaços acessados pela professora e vereadora eram majoritariamente frequentados por homens, é improvável que uma mulher ficasse ileso às violências e barreiras limitantes e opressoras nas sociedades patriarcais.

2.3 “Ela como mulher no meio do pessoal, dos homens, ela era outro homem”⁴¹²: memória, esquecimento e desigualdade de gênero no período da Ditadura Militar

A história oral, enquanto metodologia de construção de fontes, pautada em procedimentos metodológicos e éticos, permite uma escuta de múltiplas versões sobre um mesmo objeto de estudo. Os procedimentos posteriores à entrevista, como a transcrição, a análise da memória, resultam no acesso apenas às versões dadas pelos sujeitos, cabendo ao trabalho do historiador a crítica sobre a fonte.

As narrativas dos sujeitos carregam as imagens que desejam construir sobre si mesmos, articulando questões relacionadas tanto ao que é lembrado e selecionado de forma intencional quanto ao que é esquecido. Como um ato político, o sujeito elabora uma imagem por meio do ato de rememorar e seleciona lugares, ações e experiências pelo qual quer ser lembrado. Essas especificidades encontradas na história oral a tornam rica e com camadas de interpretações sobre o sujeito; com ele, para ele e dele com os outros.

Dentro das observações que devem ser feitas sobre a memória dos sujeitos, é necessário considerar que “a memória só pode acionar o passado até certo limite e é o tempo”⁴¹³. O historiador deve ter em mente o funcionamento da memória em relação com o presente, bem como seu uso por determinados grupos na legitimação de características que se quer perpassar. A memória é atravessada pelas demandas do presente e estimulada a partir de determinados pontos de vista. Para Ferreira, o presente atua sobre a memória ao selecionar, do passado, determinados elementos e organizá-los de maneira coerente.

Esse entendimento atua como ferramenta para exercer o papel crítico sobre a fonte, permitindo uma análise das conjunturas dela. Pollak ressalta que a memória vai para além do que o indivíduo quer representar: ela também é uma representação de como ele quer ser visto, contemplando a si próprio na imagem criada. Ainda segundo o autor, essa imagem é o que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, somando ao que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser recebida da maneira como quer ser recebida pelos outros⁴¹⁴.

Essa memória, quando mobilizada por determinado grupo, tem o intuito de validar um posicionamento coletivo. Essa validação traz para si um pertencimento ao grupo, pois essas

⁴¹² Orlando da Silva Hatta, entrevista realizada em sua residência no bairro de São José, Parintins-AM por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

⁴¹³ Ferreira, 2012, p. 24.

⁴¹⁴ Pollak, 1992, p. 05.

memórias estabelecem lutas que são relevantes e possuem valor, proporcionando unidade ao grupo e como ele quer ser lembrado por meio dessa memória.

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui o território (no caso de Estados), eis as duas funções essenciais da memória comum. Isso significa fornecer um quadro de referências e de pontos de referência.⁴¹⁵

O ato de lembrar ou não é elemento crucial para legitimar uma coesão na história contada de um grupo, pois pode conferir unidade aos sujeitos que compartilham as mesmas memórias. O ato de lembrar estabelece os sujeitos dentro de suas fronteiras, dando-lhes ordenamento aos mesmos pertencentes ao grupo, unitário por meio da memória que possuem, buscando uma lógica por meio da memória compartilhada, a qual exclui os outros.

Como observado anteriormente, alguns colaboradores possuem memórias sobre a participação de dona Gemica no espaço público que evidenciam as desigualdades de gênero. Sua atuação política na ilha tupinambarana se estende por mais de três décadas, atravessando todo o período da Ditadura Militar no Brasil. José Maria Pinheiro ressalta outro aspecto da atuação política de Geminiana: sua recorrente posição de oposição, mesmo ocupando papel de destaque na articulação política dentro da Câmara Municipal.

Sempre foi oposição, sempre ela foi muito criticada, por que ela era, ela era mulher, ainda uma das primeiras mulheres exercer um mandato né? E a gente já tinha um número de eleitores dois ou três a mais né? E era que comandava, e a gente começou a pegar o discurso dela e começamos a apertar o cerco em cima do prefeito sabe? Aí os caras se achavam enrascado, começavam a apelar, apelavam pra ignorância porque ela era mulher e tal, tal, discriminação.⁴¹⁶

Seu relato expõe a reação dos opositores do grupo político de Geminiana que não conseguiam vencer as articulações e popularidade política naquele ambiente, nem conseguiam alcançar seu entendimento e a inteligência política; eles buscavam nas desigualdades e opressões desqualificar o lugar ocupado por ela.

Como discutido anteriormente, foi construído um discurso pejorativo relacionado a

⁴¹⁵ *Ibid.*, p. 10.

⁴¹⁶ José Maria Pinheiro Ferreira, entrevista realizada em sua residência no bairro João Novo Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

atuação política de Geminiana. Independentemente de ter sido criado por ela ou não, o fato é que o discurso existiu e está na memória de muitos munícipes que presenciaram a trama política da época, como algo dito pela vereadora em palanque. Esses sujeitos, que em seus relatos anteriores evidenciaram discriminações sofridas por Gemica Bringel, ocupavam posições distintas em sua trajetória política. Entre eles estão uma ativista feminista e um colega de vereança e de partido durante o período da Ditadura Militar. Ambos acompanharam a atuação política da vereadora no campo de oposição ao regime, vinculada ao MDB, e mantinham proximidade com dona Gemica Bringel.

Os ex-vereadores entrevistados que atuaram durante a Ditadura Militar foram seu Geraldo Medeiros e seu Orlando Hatta, ambos filiados a ARENA e que se desvincularam do partido no final da década de 1970, além de Iranildo Nóbrega, que ingressou na Câmara Municipal no final daquele período. Esses três vereadores possuem uma memória que difere dos sujeitos agrupados anteriormente, uma memória sobre as desigualdades de gênero na atuação política de dona Gemica Bringel.

Ao ser questionado sobre o clima político da época em que a vereadora Gemica Bringel atuou como a única mulher na política local, o ex-vereador Geraldo Medeiros afirma que:

Ela era nossa grande líder política do PMDB, da oposição era grande líder do MDB, amada pelo José Cardoso Dutra, pelo Gilberto Mestrinho, pelo Plínio Gomes, pelo João Bosco Ramos de Lima, todos que chegavam iam pra casa dela, depois passaram a ir pra minha casa, mas iam, mas primeiro na casa dela. Foi a criadora da oposição aqui, de receber o Ulysses Guimarães no porto de Parintins.⁴¹⁷

O ex-vereador não apenas ressalta o caráter de liderança de Geminiana, mas destaca que Geminiana recebia líderes políticos da oposição em sua casa, um ato de proximidade e de certa forma confiança, mostrando uma relação amigável, com lideranças do estado do Amazonas, como José Cardoso Dutra e Gilberto Mestrinho, e com Ulysses Guimarães, liderança nacional do MDB.

Essa resposta, ao não abordar diretamente o conteúdo da pergunta, pode ser interpretada como um “não dito”, configurando uma estratégia evasiva voltada a evitar uma posição potencialmente delicada no âmbito da construção de sua imagem política. Além do mais, ressalta a existência de uma aproximação, inclusive com inserção no mesmo grupo político de dona Gemica, evidenciada pela frequência com que as lideranças mencionadas passaram a visitar sua residência.

⁴¹⁷ Geraldo Soares Medeiros, entrevista realizada em sua residência no bairro Centro, Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 30 set. 2016.

Sua memória, de certa forma, o coloca dentro do grupo político que a vereadora Gemica Bringel fazia parte. Esse mesmo grupo possui uma memória diferente sobre a desigualdade de gênero passada pela ex-vereadora.

Pollak ao abordar os elementos que constituem a memória, apresenta um aspecto fundamental para compreender a narrativa do ex-vereador. Para o autor, a memória se organiza a cargo das preocupações políticas de lugar e momento do indivíduo, dessa forma a “*memória é um fenômeno construído*”⁴¹⁸. As formas pelas quais a memória é construída podem ser tanto conscientes como inconscientes. Assim tudo que a memória individual grava ou exclui é resultante de uma organização trabalhada⁴¹⁹.

Outro relato é o do ex-vereador Orlando Hatta. Questionado sobre a atuação de Gemica como mulher em um ambiente político de predominância masculina, ele rememora:

Rapaz, é até engraçado, ela como mulher no meio do pessoal, dos homens, ela era outro homem, não tinha essa porque é ela ser mulher, sexo frágil, era na porrada lá! Era de igual para igual, não tinha esse negócio de “ah, dona Gemica deixa para lá”. Deixa pra lá nada, ela botava pra... depois o pessoal não era tanto por... pelo respeito, era respeito e o que ela ia trabalhar em cima eram coisas que estavam do programa. Ela sempre lutou muito pela educação, é muito aquele negócio, Jesus também não agradou a todo mundo, teve alguém que ficou chateado, por causa disso, de ir na cara e ter que dizer e acabou-se. Goste ou não goste, não tem esse negócio de ficar enrolando não, mas como parintinense foi uma grande mulher.⁴²⁰

Ao reformular a pergunta com outras palavras, seu Orlando, em seu processo de construção de memória, responde:

Não, impressionante, olha, uma pergunta boa. Impressionante as discussões relativas ao assunto que ia, engraçado, gritavam de todo jeito dentro da Câmara e lá morria, não tinha esse negócio, “ah, e porque está atacando”. Nada disso chegava em um consenso sabe, endireitava no início, baixava o tom de voz e depois chegava em um consenso.⁴²¹

O relato do ex-arenista se assemelha à memória de Geraldo Medeiros por não pontuar a desigualdade de gênero no ambiente político da época, porém acentua outras características. Ao afirmar que não havia discriminação pelo fato de Gemica ser mulher, o ex-vereador Orlando Hatta relata que, dentro daquele ambiente político, a vereadora “era outro homem”, atribuindo uma falsa igualdade às relações políticas. Não há igualdade no embate entre homens e mulheres,

⁴¹⁸ Pollak, 1992, p. 04-05.

⁴¹⁹ *Ibid.*

⁴²⁰ Orlando da Silva Hatta, entrevista realizada em sua residência no bairro de São José, Parintins-AM por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

⁴²¹ *Idem.*

mas diferenças a serem consideradas, pois ao se equiparar a mulher ao homem em um ambiente masculinizado e generificado, tal como é o espaço público, suas diferenças não devem ser niveladas.

Muitas das desigualdades de gênero presentes nos relatos anteriores vinham dos opositores de dona Gemica, ou seja, políticos do partido ARENA, em um contexto no qual, por quase duas décadas, apenas dois partidos possuíam legitimidade no Brasil em razão do bipartidarismo imposto pela Ditadura Militar. Dessa forma, supõe-se que, para o ex-vereador, assim como para seu Geraldo Medeiros, a imagem construída sobre si ao final da Ditadura Militar – marcada pela reorganização partidária e pela aproximação com novos espaços políticos compartilhados com dona Gemica Bringel – constitui uma memória em conflito com os relatos sobre as desigualdades de gênero vivenciadas pela vereadora. Isso porque tais relatos os colocam em uma posição de embate com ela, tensionando a imagem política que buscam construir sobre suas próprias trajetórias ao final de um período marcado pela ausência de democracia no país.

Uma terceira memória dessa atuação da vereadora e ex-prefeita Gemica Bringel vem do ex-vereador Iranildo Nóbrega. Ao ser questionado sobre as discriminações sofridas por Geminiana, como a fala pejorativa discutida anteriormente, o entrevistado observa:

Ah isso aí era o termo que... vocês metem pau por trás, tem que meter pela frente, que a gente quer saber e tal, mas meter o pau no bom sentido não era na naquele sentido da pessoa falar dela ou falar do partido, longe dela, longe da gente né? Então falava de escondidas, como se a gente não pudesse mais se defender, como a gente não sabia a verdade né e ela ia pro plenário e largava peia. Não tinha esse negócio com ela não, ela não tinha o prefeito, não tinha vereador, governador, se ela tivesse que dizer alguma coisa sobre você que era vereador ela também dizia sabe.⁴²²

Em sua interpretação da fala sobre a vereadora – ou dita por ela própria (não há como afirmar com precisão) –, o ex-vereador inicialmente não nega que houve um discurso sobre sua fala. Porém, ele atribui um sentido de não falarem do partido em si, na frente dos integrantes do MDB, não de forma a desqualificá-la e sim do embate político de uma forma geral, sem sentido pejorativo. Ainda assim, se percebe a produção de um discurso sobre a fala de dona Gemica, mesmo diante de um posicionamento distinto por parte do vereador.

Os relatos de seu Orlando Hatta e Geraldo Medeiros chamam a atenção pelo fato de ambos, no final da Ditadura Militar, terem saído do partido ARENA e, com o fim do

⁴²² Iranildo Nóbrega de Melo Azedo, entrevista realizada em sua residência no bairro Centro, por Roger Kenned Repolho de Oliveira, 25 ago. 2022.

bipartidarismo, não terem migrado para o Partido Democrático Social⁴²³, como muitos dos ex-arenistas fizeram⁴²⁴. Em vez disso, permaneceram como vereadores independentes. Orlando Hatta foi para o PTB⁴²⁵, mudança que motivou a vereadora Gemica Bringel a fazer uma fala em homenagem ao vereador⁴²⁶. As atas da época também registram a movimentação dos vereadores Geraldo, Iranildo e Geminiana: “Em 1º de outubro de 1981, [...] Geraldo Soares de Medeiros, Iranildo Nóbrega de Melo Azêdo, Geminiana Campos Bulcão Bringel e José Maria Pinheiro Ferreira, passaram a integrar o partido PP (Bloco Parlamentar do Partido Popular)”⁴²⁷.

Possivelmente, por essa razão, os ex-veredores em seus processos de construção de memória sobre a atuação de Gemica Bringel não trazem os mesmos elementos sobre as desigualdades de gênero no espaço político, como feito por José e Ângela, sujeitos que viveram de forma mais próxima de Gemica. Como os vereadores estiveram, por algum tempo, em posição oposta à da vereadora, reconhecer as desigualdades vivenciadas é se colocar nesse espaço de oposição; assim, não relatam as barreiras presentes na inserção da vereadora em um espaço que, ainda, não é totalmente alcançado pelas mulheres no município de Parintins.

Desse modo, é possível supor a existência de uma disputa por uma memória desse passado nos dois primeiros grupos – a disputa por uma memória sobre as desigualdades de gênero enfrentadas por dona Gemica Bringel. Há também outro relato situado entre esses dois grupos, no qual se observam duas memórias em conflito e em disputa. Como observa Pollak, “se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que *a memória e a identidade são valores disputados* em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos”⁴²⁸.

Os sujeitos mobilizam a memória a partir de uma lógica que os inclui ou os afasta de situações e acontecimentos considerados convenientes ou inconvenientes. A memória funciona como uma ferramenta acionável, utilizada para se afirmar pertencente a determinado posicionamento que o sujeito julga adequado ou alinhado ao presente, ao mesmo tempo em que pode implicar o apagamento ou a seleção de fatos frequentemente disputados por outros sujeitos, que buscam justamente reposicionar tais narrativas e os lugares por elas legitimados.

Essa seleção da memória reflete a visão que esse grupo quer passar após anos de discussões ocorridas sobre o período da Ditadura Militar no Brasil. O embate desses grupos

⁴²³ Livro de Atas de 1979-1980, p. 157. In: Andrade; Carneiro, 2012.

⁴²⁴ Livro de Atas de 1979-1980, p. 40, 157. In: Andrade; Carneiro, 2012

⁴²⁵ Livro de Atas de 1979-1980, p. 157. In: Andrade; Carneiro, 2012.

⁴²⁶ Livro de Atas de 1979-1980, p. 179. In: Andrade; Carneiro, 2012.

⁴²⁷ Livro de Atas de 1981-1982, p. 124. In: Andrade; Carneiro, 2012.

⁴²⁸ Pollak, 1992, p. 05.

políticos é importante para consolidar uma memória de luta por um espaço que, com o decorrer do tempo, teve cada vez mais ampliação e discussões nos meios públicos e acadêmicos, que é a desigualdade de gênero nos espaços públicos e o que foi a Ditadura Militar.

O objetivo da análise da memória sobre a desigualdade de gênero não é compreender apenas como os sujeitos recordam o que lhes convém, nem negar a proximidade de Geminiana com as pessoas entrevistadas. Considera-se que, em alguma medida, ela mantinha relações com ambos os grupos analisados, em diferentes graus de proximidade, tendo em vista que sua trajetória exigiu táticas e articulação com os sujeitos aqui enquadrados. Nos relatos orais, sua forma de fazer política revela um caráter conciliador, o que também pode ser compreendido como uma estratégia de permanência no contexto do regime militar brasileiro.

O objetivo desta discussão foi entender o que está em jogo no ato de rememorar as desigualdades de gênero em um período não democrático, de restrições da liberdade de forma geral. Buscou-se analisar como essa memória emerge para situar os sujeitos em lugares nos quais a memória é parte da construção de identidade dos grupos e como esses querem ser vistos sobre o período de ditadura.

O campo político é um campo de constantes lutas e conflitos de forças políticas, como coloca Bourdieu:

Um campo é um campo de forças, e um campo de lutas para transformar as relações de forças. Em um campo como o campo político ou o campo religioso, ou qualquer outro campo, as condutas dos agentes são determinadas por sua posição na estrutura da relação de forças característica desse campo no momento considerado.⁴²⁹

Levando em consideração as influências do presente nos relatos orais coletados, é necessário observar que essas memórias foram produzidas posteriormente ao período da Ditadura Militar, em um contexto no qual esse regime passou a ser compreendido como autoritário e antidemocrático. Dessa forma, os entrevistados constroem narrativas sobre suas próprias trajetórias políticas a partir das percepções e valores presentes no momento da entrevista. Esses sujeitos rememoram sob a influência desses embates e debates, das implicações atuais, em cima da própria imagem construída de si e por dona Gemica Bringel, e dela para os outros.

Acompanhar e articular a trajetória de vida política e privada de Geminiana Campos Bulcão Bringel com as mudanças presentes na Amazônia é interligá-la com as rupturas das instâncias de poder do patriarcado ocorridas no mundo e no município de Parintins. Entendê-

⁴²⁹ Bourdieu, 2011, p. 201.

las a partir de sua atuação é compreender a política e as desigualdades de gênero presentes nela, assim como as formas pelas quais o patriarcado atua nesse espaço e campo político.

2.4 “*Ela gostava em ser política a Geminiana*”⁴³⁰: redes, relações e articulações políticas

Dona Gemica Bringel foi uma figura política atuante no município de Parintins que, devido a uma série de capitais políticos, pôde se estabelecer na política local. Ainda assim, mesmo com uma série de recursos que lhe possibilitaram o acesso a esse campo, o espaço político não era tido como um lugar para as mulheres. Porém, como coloca Costa, ao discutir a relação da mulher e seu papel na política, reconhecer a maior presença da mulher no privado não significa negar seu papel político⁴³¹.

A discussão deste capítulo busca analisar as relações políticas, assim como as possíveis redes de contatos e influências do poder político patriarcal de Geminiana. O objetivo não é encontrar uma resposta única para compreender a permanência de dona Geminiana no cenário político, mas analisar como se constituíram suas redes de relações, de que forma essas redes contribuíram para sua permanência no espaço público e como ela própria as alimentava e cultivava.

Na Amazônia do século XIX, os diários revelam que as mulheres davam apoio aos familiares candidatos a cargos políticos. Elas eram encarregadas de preparar grandes almoços para os políticos de fora, além de dar apoio logístico; em troca de nomeações para si ou para o marido, da manutenção de cargo ou de empregos para parentes⁴³².

Sobre esse lugar da mulher na política, Costa⁴³³ revela a desvalorização institucional da mulher, que é afastada do meio político formal, exercendo um trabalho no campo comunitário, doméstico e informal. Essas ações na informalidade podem gerar resultados, assim como no meio da política formal, mas, em relação à importância e impacto do seu trabalho, não é dado o mesmo valor ou notoriedade.

Gemica, em suas articulações políticas, é um exemplo de como as relações construídas pelas mulheres no campo da informalidade também podem produzir resultados políticos significativos. O relato do ex-vereador Geraldo Medeiros revela uma prática exercida por ela:

⁴³⁰ Orlando da Silva Hatta, entrevista realizada em sua residência no bairro de São José, Parintins-AM por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

⁴³¹ Costa, 2005.

⁴³² *Ibid.*

⁴³³ *Ibid.*

Ela era nossa grande líder política do PMDB, da oposição era grande líder do MDB, amada pelo José Cardoso Dutra, pelo Gilberto Mestrinho, pelo Plínio Gomes, pelo João Bosco Ramos de Lima, todos que chegavam iam pra casa dela, depois passaram a ir pra minha casa, mas iam, mas primeiro na casa dela. Foi a criadora da oposição aqui, de receber o Ulysses Guimarães no porto de Parintins.⁴³⁴

Dona Gemica Bringel recebia em sua casa lideranças em níveis local, regional e nacional. Suas articulações parecem ter resultados satisfatórios, haja vista suas conquistas em diversos cargos ao decorrer da carreira, tanto no âmbito educacional quanto político. Dessa forma, como visto no relato anterior, a líder política Gemica Bringel utilizava a potencialidade das atividades do privado atribuídas às mulheres para estender e aproximar sua rede de relações.

O relato do ex-vereador e professor Orlando da Silva Hatta, ao rememorar a trajetória da professora e vereadora Gemica Bringel, evidencia aspectos relacionados às suas articulações políticas:

Geminiana Bulcão, ela se destacava como uma mulher de fibra, ela se destacava, mas além de ser guerreira, ela tinha o apoio integral do Gilberto, então com esse apoio ela não pegava para barganhar qualquer coisa. Ela ficou na frente da escola e deu um grande impulso da educação o que ela queria – Gilberto eu quero uma folha de papel almaço. Ele mandava pra ela, ela dizia uma coisa, ela recebia na hora né? Brigaram, brigaram pra coisas melhorarem, foi uma guerreira.⁴³⁵

O relato de seu Orlando Hatta demonstra que as relações políticas de Gemica ocorriam dentro e fora da informalidade, mostrando como ambas estavam integradas para a obtenção de resultados mais satisfatórios na política local. A narrativa do ex-vereador usa o exemplo da solicitação do papel almaço para revelar a resposta da liderança política para um recurso solicitado pela vereadora Gemica, o qual era atendido.

É possível, também, levar em conta que essas articulações influenciavam o financiamento das campanhas da vereadora, uma vez que esse apoio financeiro é fundamental para as vitórias nos pleitos.

Daniel Zovatto, em *“Financiamento dos partidos e campanhas eleitorais na América Latina: uma análise comparada”*, analisa os sistemas de financiamento de partidos políticos e de suas campanhas eleitorais em dezoito países da América Latina por meio de uma abordagem regional e comparada. O autor avalia a relação do financiamento de campanhas e as principais descobertas e tendências, assim como os seus efeitos sobre os partidos e o sistema democrático.

⁴³⁴ Geraldo Soares Medeiros, entrevista realizada em sua residência no bairro Centro, Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 30 set. 2016.

⁴³⁵ Orlando da Silva Hatta, entrevista realizada em sua residência no bairro de São José, Parintins-AM por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

Ao falar sobre o financiamento e sua importância para a participação das mulheres na política, o autor ressalta que:

[...] não basta o estabelecimento de sistemas de cotas para assegurar a equidade e a incorporação da mulher na disputa política. Alguns estudos afirmaram que a questão do financiamento tem implicações na participação das mulheres, porque elas contam com menor poder econômico, menor formação interna nos partidos e um conhecimento limitado da máquina eleitoral, e por isso enfrentam maiores dificuldades para competir. Portanto, se argumenta, quanto mais democrático for um sistema em termos de financiamento, mais oportunidades terão as mulheres. [...] Esses condicionamentos, que pesam significativamente sobre as possibilidades de participação política e eleitoral da mulher, são os que motivaram que alguns setores defendam o favorecimento da equidade de gênero a partir da regulamentação do financiamento dos partidos.⁴³⁶

Devido à análise desta tese estar voltada às memórias públicas sobre a atuação da vereadora, não foi possível examinar os aspectos do financiamento de suas campanhas de forma mais detalhista e aprofundada. Contudo, é possível supor que, em alguma medida, havia um apoio financeiro em suas articulações, uma vez que o financiamento de uma campanha política é fundamental para seu êxito e a vereadora prezava por suas articulações e apoio político. Cabe ressaltar que o financiamento não é o único requisito ou elemento necessário para uma vitória eleitoral; pressupõe-se que a vereadora detinha outros capitais para o êxito de sua trajetória política no Baixo Amazonas.

Aparentemente, não apenas as solicitações de recursos para uma melhor administração eram atendidas, mas também havia a possibilidade de indicação para cargos de confiança, tanto para ela quanto para pessoas de sua rede de relações, como revela a professora Dalva:

Quando ela foi chamada pra ser diretora de unidade e acho que... que eu já era com o outro governo eu acho, alguma coisa assim, ela me chamou lá na casa dela, ela disse “eu não posso te dá nem um cargo, porque tu foste abertamente contra, e se eu fizer isso vão brigar comigo”. Inclusive ela chamou alguns colegas nossas, a Gadelha foi ser diretora lá no lado dela, “mas tu faz o seguinte, menina, vai te embora viajar, vai passear”, aí ela, aí quando o Dutra veio pra dá a posse pra ela, veio empossá-la e empossar os outros diretores de escola, aí do avião que ele voltou, eu fui junto, ela pediu pra ele me levar. Aí eu fiquei em Manaus uns tempos de férias, era assim, porque ela gostava tanto de mim que ela fez isso, em vez de ela brigar comigo, ela disse assim “eu não posso te dar o cargo, mas tu vai passear, tu vai”.⁴³⁷

O relato de Dalva Ribeiro evidencia como Gemica Bringel compreendia o cenário político de sua época. Mesmo sendo amiga de Gemica, Dalva havia apoiado o candidato

⁴³⁶ Zovatto, 2005, p. 324.

⁴³⁷ Dalva Ribeiro, entrevista realizada no prédio da Associação Pestalozzi de Parintins, no bairro Centro, Parintins, Amazonas, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 25 mai. 2023.

opositor, enquanto aquele que recebeu o apoio da vereadora, venceu aquela eleição. Contudo, devido às relações políticas estabelecidas e à possibilidade de conflitos decorrentes dessa escolha, quando assumiu o cargo na Unidade Escolar de Parintins, Gemica não indicou Dalva para um cargo de confiança. Ainda assim, encontrou outras formas de demonstrar consideração à amiga. Isso revela mais um pouco como dona Gemica se estabelecia e fazia política, unindo dois pontos por meio de uma diplomacia. Ela compreendia como funcionava o jogo político e como ele era dado dentro dessas redes de relações, nas quais os poderes e benefícios circulavam entre diferentes sujeitos, estabelecendo relações de concessão e reciprocidade.

Esse modo de fazer política se revela também no relato de seu Orlando Hatta, que vivenciou o afastamento de seu cargo político em um momento da Ditadura Militar no município de Parintins. O ex-vereador narra seu processo de saída do partido ARENA e as articulações exercidas pela vereadora para restabelecê-lo em seu cargo:

Eu fui, eu saí da ARENA. Fui eleito em 79 na chapa da ARENA com Raimundo Reis Ferreira, que foi prefeito naquela época. Como ele estava fazendo umas besteiras com os amigos deles, aí eu comecei a denunciar, era do mesmo partido. Hoje não tem mais desse tipo, você é do time, deixa o cara roubar, como está agora, eu não, eu denunciei. Então pra ele se ver livre, ele caçou meu mandato, eu passei quatorze meses fora da Câmara na época.⁴³⁸

Esse trecho exprime o comportamento de um grupo de vereadores do município no contexto do final da Ditadura Militar no Brasil. Como muitas atrocidades e crimes cometidos pelo regime estavam sendo revelados, portanto, é necessário entender em que medida a denúncia de seu Orlando Hatta o coloca em um lugar oposto aos ditadores.

Em que medida sua memória estabelece essa narrativa para criar uma imagem de si para os outros? Uma característica muito comum nos políticos entrevistados é a lembrança nostálgica da política no período em que a vereadora Gemica Bringel atuava, destacando principalmente como a forma de ser político mudou. Em seus relatos, trazem para si ou para os políticos daquele período, características “honrosas”, com valores acima das vantagens conquistadas individualmente e que muitas vezes possuíam coragem, lutando por aquilo que achavam certo.

Entretanto, essas memórias sofrem interferências do presente, como argumenta Pollak

[...] a memória é, em parte herdada, não se refere apenas a vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento

⁴³⁸ Orlando da Silva Hatta, entrevista realizada em sua residência no bairro de São José, Parintins-AM por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

de estruturação da memória.⁴³⁹

Dessa forma, é preciso ter em mente que, ao memorar, seu Orlando Hatta se coloca em um lugar pós-ditadura e, mesmo fazendo parte do partido ARENA até certo período, mudou-se para o MDB por questões de posicionamento. Nesse contexto, a presença da Ditadura Militar em Parintins também pode ser observada em episódios de repressão política, como o caso de Tomaszinho Meirelles⁴⁴⁰, cuja morte permanece como uma referência da violência praticada pelo regime na memória local.

Ao rememorar sua trajetória política, Orlando Hatta também destaca as articulações que possibilitaram seu retorno à atuação política. Em sua narrativa, evidencia-se a participação de Gemica Bringel nesse processo:

O Gilberto era o governador e o Zé Dutra era o secretário de justiça, não, mas mesmo assim eu levei doze meses pra retornar o ponto. Aí eu passei pro MDB, aí eu fui presidente do MDB quinze anos. Na época o Gilberto, “olha fala pro japonês [se referindo ao vereador] lá que”... Rapaz, a Geminiana ela gostava, e o progresso das coisas está em fazer o que você gosta, e **ela gostava em ser política a Geminiana** né? Ela era contestada por várias coisas, porque se ela dissesse que pau era pedra, era porque tinha que ser pedra!⁴⁴¹

É possível perceber a ligação da vereadora com algumas lideranças políticas do Estado do Amazonas, como o Governador Gilberto Mestrinho e o Secretário de Justiça José Dutra. Gemica Bringel ocupava uma posição de liderança política no município de Parintins, articulando relações com diferentes sujeitos e instâncias de poder. Essa atuação demonstra que a vereadora compreendia o funcionamento das redes políticas e dispunha de influência para mobilizar articulações em favor de determinadas demandas.

[...] o que é importante é o aprendizado de todos esses saberes e de todas essas habilidades que lhe possibilitam comportar-se normalmente, isto é, politicamente, em um campo político, que lhe abrem a possibilidade de participar no que habitualmente se chama de “a política politiqueira”. Essa percepção do jogo político é o que faz com que se possa negociar um compromisso, que se silencie a respeito de algo que habitualmente se diria, que se saiba proteger discretamente os amigos, que se saiba falar aos jornalistas[...].⁴⁴²

É possível ver que a vereadora Gemica era conhecedora do jogo político e se estabelece

⁴³⁹Pollak, 1992, p. 50.

⁴⁴⁰ Para uma breve discussão sobre o tema, ver: PRINTES, Ivana Pinheiro. **Thomaz Meirelles**: memória de um parintinense desaparecido político na ditadura civil-militar. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade do Estado do Amazonas, Parintins, 2019.

⁴⁴¹ Orlando da Silva Hatta, entrevista realizada em sua residência no bairro de São José, Parintins-AM por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

⁴⁴² Bourdieu, 2011, p. 200.

nesse espaço articulando e se posicionando quando necessário, concedendo cargos a seus aliados e até mesmo trazendo outros para sua forma de fazer política.

Isso fica mais evidente quando seu Orlando diz, “Rapaz, a Geminiana ela gostava, e o progresso das coisas está em fazer o que você gosta, e ela gostava em ser política a Geminiana né?”, afirmando que as conexões e seu retorno à política se deram graças às articulações realizadas por Gemica com as duas lideranças do Estado do Amazonas.

Dona Raimunda reforça os relatos anteriores sobre a atuação e influência de dona Gemica Bringel, que não se restringia apenas a lideranças políticas, mas ao eleitorado, revelando a dinâmica da política local:

Bom, o pessoal gostava dela, depois ela se tornou professora também, mas ela não deixava a política. Ela fez amizade também com o Zé Dutra não sei nem se são parentes, mas o Zé Dutra veio pra deputado federal, ela pra deputado estadual, mas o pessoal gostava muito dela aí votavam, votavam nela, na esperança de mudança essas coisas assim, aí votava, aí ela ajudava muita gente sabe?⁴⁴³

Dalva Ribeiro, colega de formação, de trabalho e amiga, reafirma:

Gilberto Mestrinho voltou pra governador, era superamigo dela, ela também tinha uma amizade muito grande com o Dutra né? O José Dutra que era deputado estadual, deputado federal, ele já até faleceu também, e ela foi chamada imediatamente pra ser, pra ser coordenadora, na época era diretora de Unidade.⁴⁴⁴

Os relatos de dona Raimunda e de dona Dalva revelam a proximidade da vereadora com Zé Dutra, que também foi citado por seu Orlado Hatta. Dona Raimunda ainda rememora sobre a relação que possuía com a vereadora:

Era uma pessoa muito legal, era uma pessoa boa. O Geraldo conheceu bem a Gemica, no tempo dele tinha esse negócio de política, mas foi uma pessoa muito amiga e aquela pessoa que era amiga mesmo ela apontou a mamãe pra ser a... [intervenção de Geraldo Medeiros: Mãe do ano]... Mãe do ano, aí foi, ela deu tudo pra mamãe, pra lá, pra ser a mãe do ano lá em Manaus. Então por que a mamãe tinha muitos filhos, oito, então no que ela podia ajudar a mamãe ela ajudava.⁴⁴⁵

O relato de dona Raimunda relaciona o irmão Geraldo Medeiros, ex-vereador da ARENA, o qual era, ao menos dentro da Câmara Municipal, rival de Gemica. Entretanto,

⁴⁴³ Raimunda da Silva, entrevista realizada em sua residência no bairro Centro, em Parintins, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 30 nov. 2016.

⁴⁴⁴ Dalva Ribeiro, entrevista realizada no prédio da Associação Pestalozzi de Parintins, no bairro Centro, Parintins, Amazonas, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 25 mai. 2023.

⁴⁴⁵ Raimunda da Silva, entrevista realizada em sua residência no bairro Centro, em Parintins, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 30 nov. 2016.

quando ela diz “no tempo dele tinha esse negócio de política”, traz como se houvesse algo entre a relação dos dois. Ela complementa a frase dizendo: “mas era uma pessoa muito amiga e aquela pessoa que era amiga mesmo ela apontou a mamãe pra ser a... Geraldo: - mãe do ano⁴⁴⁶”, apontando a amizade de Geminiana com a família, apesar dos conflitos políticos, tanto que indicou a mãe do arenista Geraldo Medeiros para o concurso de “Mãe do ano”, atribuindo mais valor à proximidade. Esse concurso é encontrado nas atas da Câmara Municipal.

O dia vinte e três de abril, na sessão presidida pela vereadora Geminiana, chegou ao conhecimento da Câmara o nome da vencedora do Concurso “A mãe do Ano”, a senhora Dona Antônio Ribeiro. O concurso “A mãe do Ano”, foi lançado no município pelo jornalista José Colliex, dos Diários Associados do Estado do Amazonas e por isso a senhora Antônio Ribeiro irá a capital do estado representar as mães parintinenses na festa geral das mães.⁴⁴⁷

As relações tecidas por Geminiana criavam laços não apenas com líderes políticos e figuras públicas, mas também moviam famílias inteiras, como demonstra o caso de dona Raimunda: “nessa coisa de política assim, eu não me envolvia muito assim, na política assim eu votava simplesmente, aí a mamãe pedia pra votar, aí eu votava na Gemica, aí tá bom, nós aqui de casa votava na Gemica”⁴⁴⁸. Ainda que naquela época dona Raimunda não percebesse a importância da trajetória da vereadora, seguia a influência da matriarca da família, assim direcionando não apenas um voto, mas os votos de toda a família.

Gemica fazia parte da política local de forma constante e presente não apenas articulando com as lideranças políticas, mas com os sujeitos que votavam na vereadora como forma de gratidão às suas ações. Isso é reforçado nas memórias da professora Ângela Reis:

Claro, ela levava a gente pra gente aplaudir (risos). Aí minha mãe também que era comadre dela, Deus o livre, então ela tinha aquelas pessoas assim mais humilde que eram assim fiéis a ela na campanha, onde ela dissesse lá... assim, “olha o fulano vai ser candidato, vocês vão votar nele”, e a gente votava! Naquele tempo a gente não tinha muito conhecimento, aí nesse período teve vários candidatos como que ela apoiou assim como Luiz Teixeira né? Que hoje ainda é vivo, mora em Manaus, Luiz Teixeira. Viveu a recente conquista da mulher a política, a política sempre esteve com a mulher.⁴⁴⁹

Dona Gemica Bringel reunia duas características em sua atuação política: a realização

⁴⁴⁶ Aparentemente era um concurso realizado para prestigiar algumas mães e necessitava ser indicado por alguma figura política.

⁴⁴⁷ Butel, 2012, p.131.

⁴⁴⁸ Raimunda da Silva, entrevista realizada em sua residência no bairro Centro, em Parintins, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 30 nov. 2016.

⁴⁴⁹ Ângela Rodrigues Reis, entrevista realizada em sua residência no Bairro de São José, Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira, 11 mai. 2023.

de funções historicamente atribuídas às mulheres, como a articulação de apoio político por meio de jantares para lideranças e o suporte aos políticos homens nos bastidores; e a articulação de votos e apoio político para si mesma, uma vez que, com a conquista dos direitos políticos pelas mulheres, estabeleceu-se como liderança política com apoio popular e uma rede de relações em diferentes níveis hierárquicos no município. Conforme Costa aponta, “tanto pela ausência de gozo dos direitos políticos, como pela exclusão nos direitos da família onde era considerada tutelada pelo pai ou marido, não podendo possuir bens em seu nome, a mulher ficava automaticamente excluída da esfera política”⁴⁵⁰. As articulações de Geminiana procuravam superar essas exclusões.

Os entrevistados eram pessoas próximas a ela, inclusos dentro dessa rede de apoio, assim, a memória construída sobre dona Gemica Bringel em relação a sua atuação e seu modo de lidar com o contexto político da época revela uma liderança que dispunha de um apoio tanto de seus eleitores e amigos quanto de seus adversários, pois ambos estavam dentro de sua rede de relações.

Vale destacar uma narrativa de dona Raimunda, que se apresenta inclusive no relato de seu Orlando Hatta, sobre a impossibilidade dele de fazer filantropia em comunidades próximas, pois não podia se deslocar ao interior devido às suas condições financeiras. Ao ser questionado sobre a vereadora Gemica Bringel, seu Orlando diz que “ela se socava dentro de qualquer motor aí e ia embora no interior, aí fazia rodar, catequizar o pessoal, pra política, virava todinho do avesso”⁴⁵¹.

Já no relato de dona Raimunda: “mas o pessoal gostava muito dela aí votavam, votavam nela, na esperança de mudança essas coisas assim, aí votava, aí ela ajudava muita gente sabe?”⁴⁵². A professora Ângela afirma que “ela tinha aquelas pessoas assim mais humilde que eram assim fiéis a ela na campanha, onde ela dissesse lá... assim, “olha o fulano vai ser candidato, vocês vão votar nele”, e a gente votava”⁴⁵³. Essas narrativas deixam perceptível o lado filantrópico da vereadora, o qual fortalecia sua liderança política.

Perrot, ao analisar as mulheres que tiveram acesso ao espaço público por meio de filantropia, muitas das vezes exigidas das mulheres na religião cristã, diz que essa filantropia teve vários impactos em uma consciência feminina e de gênero. Segundo ela: “as mulheres

⁴⁵⁰ Costa, 2005, p. 273.

⁴⁵¹ Orlando da Silva Hatta, entrevista realizada em sua residência no bairro de São José, Parintins-AM por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

⁴⁵² Raimunda da Silva, entrevista realizada em sua residência no bairro Centro, em Parintins, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 30 nov. 2016.

⁴⁵³ Ângela Rodrigues Reis, entrevista realizada em sua residência no Bairro de São José, Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira, 11 mai. 2023.

souberam apossar-se dos espaços que lhes eram deixados ou confiados, para desenvolver sua influência junto às portas do poder. Elas encontraram ali os contornos de uma cultura, matriz de uma ‘consciência de gênero’⁴⁵⁴. Continuando a refletir sobre mulheres e a filantropia, a autora escreve:

Para este “trabalho de amor”, as mulheres não devem esperar nenhuma retribuição: fazer a limpeza da cidade é tão gratuito quanto fazer a limpeza da casa. Dos grandes filantropos, honrados, condecorados e homenageados com estátuas, todos se lembram, foi esquecida a maioria das mulheres que, ao menos no primeiro terço do século, não organizava assembleias ou redigia relatórios. Catherine Duprat teve muita dificuldade em identificar as “figuras mudas da Sociedade de Caridade Materna de Paris, tão ativa, entretanto, durante a Restauração e a Monarquia de Julho. Assim como escrevia Sylvain Marechal, “o nome de uma mulher só deve ser gravado no coração de seu pai, de seu marido ou de seus filhos ou de seus pobres, seus outros filhos. Na obscuridade de um voluntariado anônimo, uma imensa energia feminina foi engolida, cujos efeitos sociais são difíceis de avaliar.

No entanto, a filantropia constituiu, para as mulheres, uma experiência não negligenciável que modificou sua percepção do mundo, seu sentido de si mesmas e, até certo ponto, sua inserção pública.⁴⁵⁵

Esse ponto suscita reflexões sobre a inserção e permanência de Gemica Bringel na política local, embora não se deva comparar diretamente sua trajetória ao discutido pela autora. A filantropia praticada por mulheres que saíram do confinamento por meio das atividades de caridade incentivadas pelas igrejas, provavelmente partia daquelas que pertenciam a uma classe favorecida e com capital excedente suficiente que permitiam o trabalho voluntário e o recolhimento ao lar. Enquanto isso, outras mulheres lutavam pelo básico para viver. No caso da professora e vereadora, seu eleitorado votava nela em razão dessa “ajuda” que era dada por ela, prática que era possível pois a vereadora dispunha de poder aquisitivo e influência no município.

Outra característica desse processo de ampliação da presença feminina nos espaços de poder é que, muitas das vezes, elas precisavam reforçar qualidades ou virtudes relacionadas ao papel feminino, como discutem Carla Pinsky e Joana Maria Pedro:

Nesse caso, o alargamento dos espaços de atuação da mulher se deu, inicialmente, a partir da valorização das próprias virtudes e papéis tidos como femininos (“devoção incondicional”, “afetividade”, “mansidão”, “responsabilidade de zelar pela moral”); as mulheres deveriam “tomar conta” da sociedade, assim como faziam nos seus lares. Dessa forma, mulheres privilegiadas, “respeitáveis” - frequentemente moralistas e conservadoras, mas não só, pois o contato com os miseráveis provocou em algumas a revolta contra as injustiças sociais, cuidaram de doentes, crianças e todos, participaram de campanhas de caridade, manifestaram-se contra bebidas alcoólicas e a exploração da prostituição, praticaram ações destinadas a educar os mais pobres,

⁴⁵⁴ Perrot, 2005, p. 279-280.

⁴⁵⁵ *Ibid.*, p. 281.

amparar órfãos e viúvas, divulgar noções de higiene, melhorar a saúde pública. No limite, defenderam, a partir de seus próprios valores, o direito de as mulheres reformarem a sociedade"

Agiram inicialmente em instituições dirigidas por mãos masculinas, constituindo, mais tarde, grupos e associações próprias. Muitas vezes seu trabalho colheu frutos significativos e em vários campos obtiveram conquistas, alimentando uma infinidade de serviços sociais que não existiriam sem elas (num tempo em que o Estado ainda não tinha assumido seu dever para com o bem-estar social e as antigas formas de caridade religiosa mostravam-se insuficientes). Além disso, a filantropia proporcionou o contato entre mulheres das classes privilegiadas, entre estas e mulheres pobres, e a criação de uma identidade entre mulheres de lugares distintos a base de uma "consciência" de gênero" que desembocaria muitas vezes no feminismo.⁴⁵⁶

Gemica, ao prestar essa ajuda financeira – certamente com o intuito de manter um eleitorado cativo –, agregava também um eleitorado masculino, muito provavelmente favorecida por ser católica e frequentar instituições de ensino evangélicas. É possível observar essa característica em relatos e em memorialistas do período, que ressaltam a moralidade e respeitabilidade que a vereadora possuía, sempre lembrada com nostalgia, como se fossem tempos gloriosos e livres de erros. Ao falar da vereadora, enfatizam virtudes, como "moralidade", "mulher de respeito", "trabalho com seriedade", "zelava a moral" e "justa".

Isso pode ser observado quando o memorialista João Cabral Mourão⁴⁵⁷, no livro *"Histórias, estórias e contos"*, escreve as lembranças de sua juventude no século XX, no município de Parintins, descrevendo aspectos da cidade e acontecimentos memoráveis, que marcaram sua história e trajetória de vida no município. Ele descreve uma experiência sobre a política local que envolve a vereadora Geminiana, em um momento em que estava na praça da Catedral de Nossa Senhora do Carmo, onde foi realizado um grande comício:

Estavam reunidos no grande ato público todos os políticos todos importantes da ARENA I e II⁴⁵⁸ e, que, diga-se de passagem, não se entendiam muito bem. Lá pelas nove e meia da noite após terem se pronunciado o seu Gláucio, o Rafael Faraco e outros, não sei ao certo por que razão, teve início uma contenda que acabou nas vias de fato entre partidários do Zé Esteves e do Rafael Faraco, com direito até de empurrões entre os próprios candidatos. A turma do Faraco, pegando o som e suas tralhas se dirigiu para o parque das castanholeiras, também conhecido à época por Urubuzal, deixando o pessoal do Zé Esteves em maus lençóis.⁴⁵⁹

Ao prosseguir com a narrativa, Mourão conta que parte da multidão ficou na praça para ver o comício, então descreve o momento que deixou uma memória sobre a atuação política de

⁴⁵⁶ Pinsky; Pedro, 2005, p. 274.

⁴⁵⁷ MOURÃO, João Cabral. **Histórias, estórias e contos**. Parintins: Gráfica João XXIII, 2012.

⁴⁵⁸ Nesse período, de bipartidarismo no Brasil, segundo o senhor Geraldo Medeiros, em Parintins, o partido Arena se dividia em Arena 1 – formado por Geraldo Medeiros, Fernando Castro, Raimundo Nonato Barbosa e Raimundo Mendes Leal – e Arena 2 – formado por Raimundo Ruy Mendes e Benedito Lima.

⁴⁵⁹ Mourão, 2012, p. 47-48.

Gemica:

O Neto Esteves, filho do Senador José Esteves que era candidato a Deputado Federal, após acalmarem-se os ânimos, iniciou seu discurso, mesmo sem som. Minutos depois sem que ninguém esperasse, e, nem mesmo entendesse direito o que estava acontecendo, aparece a Dona Geminiana Bulcão, cuja família ainda reside nas proximidades da Praça da Catedral e que era um dos baluartes do MDB, com um pequeno alto-falante nas mãos (daqueles que se usavam antes nas procissões), subiu ao palanque e o entregou ao Neto que discursava. Todos ficaram atônitos. Raro isso, na política atualmente não acham?⁴⁶⁰

Essa memória de João Cabral talvez demonstre a forma de atuar da vereadora Gemica Bringel na arena pública, como estratégia para se colocar no lugar certo e agir de maneira apurada. Assim, essa demonstração a coloca em um lugar que não a põe em atrito com o opositor em um período de Ditadura Militar, podendo explicar sua permanência na política local naquele cenário político conflituoso. Observa-se um caráter apaziguador, transmitindo sensatez em um momento em que os ânimos estavam à flor da pele em um debate político. Ao demonstrar uma ética no modo de fazer política, projetava para seus adversários uma imagem de honestidade, com o “jogo limpo”, o que colaborou para construir para si uma memória no outro, de uma atuação política que marcou inclusive o memorialista.

Dessa forma, é possível entender que a atuação no meio público da vereadora Gemica Bringel atendia daquilo que se exigia para a mulher se manter nos espaços públicos. Uma mulher que buscava estabelecer a ordem, organizar o ambiente onde estava, assim como era exigido fazer no lar.

Talvez, ao receber políticos em sua casa, dado sua condição de professora, se utilizava do papel hierárquico para ensinar durante o próprio exercício político – vale destacar que o papel de autoridade da profissão docente, à época, possuía um peso maior que atualmente. Desse modo, ao exercer uma atividade considerada masculina, que é a política, reunia as figuras políticas masculinas em sua residência – o que de certa forma já lhe dava uma vantagem –, onde seu papel como professora se destacava, permitindo-lhe educar esses sujeitos, alguns dos quais recém-inseridos na política local, se impondo para não cair nos estigmas dado a uma mulher nesse espaço. Além do mais, em algumas atas das reuniões do MDB, é possível observar seu marido ao seu lado, assinando junto, demonstrando uma atuação compartilhada. Ou seja, Gemica usava elementos do próprio *status quo* para validar sua atuação.

Nesse tipo de atuação, não é possível esperar posturas transgressoras ou críticas de sua condição como mulher na política. Muito pelo contrário, seu papel é justamente dentro daquilo

⁴⁶⁰ *Ibid.*

que se exigia dela, pautado muito mais pela manutenção do patriarcado do que pelo seu fim. Afinal, em sua posição, o patriarcado muitas vezes lhe favoreceu, já que Gemica Bringel tinha recursos econômicos, família tradicional, educação e mulheres que absorviam sua carga de serviço doméstico.

2.5 “Não se conformava quando uma coisa estava errada, ela era brigona”⁴⁶¹: narrativas do outro, a memória política sobre a atuação de Gemica

Os espaços públicos e de poder, historicamente associados ao masculino, foram consolidados como lugares nos quais os sujeitos atuantes buscam se eternizar. A nova historiografia, entendida como uma história problematizadora⁴⁶², propõe uma nova visão que permite compreender os agentes de transformação social. Ainda que se reconheça que o espaço privado possua relevância e influência consideráveis nas mudanças de conjuntura, ele permanece como um lugar de pouca visibilidade para os sujeitos que o habitam e nele atuam, sobretudo ao buscarem reconhecimento social e histórico.

Os espaços públicos são de grande visibilidade e exposição, configurando-se como lugar para figuras políticas projetarem a si mesmas, um ambiente em que é possível construir uma imagem intencional de si, pois é um espaço em que o sujeito político, pode expor suas ideias e até mesmo estabelecer um novo paradigma.

A política é uma luta em prol de ideias, mas um tipo de ideias absolutamente particular, a saber, as ideias-força, ideias que dão força ao funcionar como força de mobilização. Se o princípio de divisão que eu proponho for reconhecido por todos, se meu nomos se tornar o nomos universal, se todos virem o mundo como eu o vejo, terei atrás de mim toda a força das pessoas que compartilham minha visão.⁴⁶³

É por meio de suas ideias e posicionamentos que os sujeitos políticos se estabelecem nesse campo. Ao refletir sobre a inserção das mulheres no espaço político e sobre a permanência de dona Gemica Bringel por mais de três décadas na política local, torna-se possível compreender sua atuação enquanto sujeito político, mesmo com as limitações impostas por ser mulher e estar nesse espaço.

Nesse sentido, Wolff, Neckel e Pedro⁴⁶⁴ pontuam que a tradição ocidental colocou o

⁴⁶¹ Orlando da Silva Hatta, entrevista realizada em sua residência no bairro de São José, Parintins-AM por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

⁴⁶² Bloch, 2001.

⁴⁶³ Bourdieu, 2011, p. 203.

⁴⁶⁴ Wolff; Neckel; Pedro, 2023.

espaço privado como um lugar das mulheres, enquanto o debate e o discurso público eram um direito que definia a masculinidade e assim a forma da própria política.

Ao examinar a literatura feminista, a discussão sobre a mulher e a política, há pontos ainda a serem discutidos⁴⁶⁵. A questão *mulher versus política* evidencia que, historicamente, o ingresso feminino nesse domínio ocorreu dentro de limites estabelecidos. O primeiro ponto discutido por Costa refere-se às imposições que as mulheres sofrem quanto à sua participação na política partidária, as quais se originam no âmbito doméstico e comunitário. Esse posicionamento já se encontrava presente, por exemplo, nos discursos dos republicanos positivistas, em que se mostrava uma aparente defesa da mulher na política, mas sempre com o intuito de manter o *status quo*, sofrendo críticas das feministas.

O segundo ponto é que a “política não exerce o mesmo impacto, nem a mesma reação sobre as mulheres e homens. Elas vivem diuturnamente os problemas domésticos e para eles estão voltadas quando pensam em política”⁴⁶⁶, enquanto um terceiro ponto é o esforço em mexer nas relações de gênero e nas estruturas patriarcais por meio da luta política. Para Costa, a luta das mulheres – assim como suas táticas e lutas políticas por moradia, creches e serviços de saúde – decorrem de demandas de causa mais imediata e não podem ser consideradas ingênuas ou conservadoras, pois dizem respeito às necessidades fundamentais para a cidadania.

Em relação ao primeiro ponto destacado pela autora, a trajetória de Gemica Bringel dialoga, de certa maneira, com essa dinâmica ao utilizar seu lar e a realização de jantares como espaços de articulação política. Contudo, essa prática não se restringia ao apoio a outros homens, pois também era mobilizada pela própria vereadora para estreitar relações e construir redes que possibilitavam indicações de cargos para pessoas próximas. Ou seja, como afirma Perrot, as mulheres desenvolveram suas influências junto às portas do poder por meio dos espaços que lhes foi deixado. E por esses lugares conseguiram encontrar contornos que permitiu penetrar em lugares proibidos e assim sair moralmente dos papéis designados a elas.⁴⁶⁷

O segundo ponto manifesta-se, na trajetória de Geminiana, na vivência dos afazeres domésticos em sua vida, uma experiência compartilhada com mulheres que contavam com menos poder aquisitivo para cobrir tal demanda. O terceiro ponto se evidencia nas reivindicações apresentadas pela vereadora Gemica Bringel na Câmara Municipal de Parintins, que cobravam atenção aos problemas locais cotidianos, mas não se conectava diretamente às demandas das correntes feministas da época, como será analisado posteriormente.

⁴⁶⁵ Costa, 2005.

⁴⁶⁶ *Ibid.*, p. 76.

⁴⁶⁷ Perrot, 2005.

O patriarcado impossibilitou a mulher, por meio de uma falsa lógica, de ocupar espaços de poder dentro da hierarquia dos espaços públicos; esses lugares estavam mais que posto para o homem, já que sua natureza pressuposta era de pertencimento a esses espaços.

A política partidária, primeiramente, é um domínio destinado para os homens. Nesse lugar, suas características prevalecem como a ideal, a imagem do político se fez masculina. O sistema patriarcal dividiu os papéis e, nessa distribuição, impôs diversos mecanismos às pessoas que estão em uma posição de subalternidade, para inviabilizar as chances de reação para sair dessa condição quase nula.

A luta para sair dessa condição de submissão tem sido grande, árdua e contínua e as ideias feministas se colocam em oposição ao sistema que oprime as mulheres de forma sistemática. As correntes feministas buscam entender os muitos feminismos existentes, considerando as vivências das mulheres que objetivam romper com a opressão.

Dessa forma, cabe questionar: como estão estabelecidas as memórias e as narrativas de uma mulher que ocupa um lugar de poder dentro dessa sociedade? As práticas políticas da ex-vereadora estão presentes nas memórias de muitos dos entrevistados, que ressaltam aspectos de sua forma característica de atuação. Dona Gemica Bringel detinha uma autonomia viabilizada por sua classe social, haja vista que não era qualquer mulher que poderia ocupar o lugar que ela ocupava, lugares que nem mesmo muitos homens de baixo poder aquisitivo dispunham de acesso.

Os relatos coletados abrangem outras formas de fazer-se e fazer política dentro desse meio e reafirma o que foi discutido, como aponta a gestora Dalva Ribeiro:

Quando ela era da política, ela fazia política mais do que um homem, ela saía pro pau, ela brigava, ela dava na cara das pessoas, é acho que seu Be... É , acho que era um irmão do seu Betinho, acho que já faleceu também, ela deu na cara dele, ele era colega dele vereador, parece que ele ofendeu ela, ela levantou e meteu a mão na cara dele. Então ela era resolvida, ela resolvia as coisas dela, e ela ficou um tempo assim que ela, ela assim não tinha muito espaço, aí quando o Gilberto Mestrinho voltou pra governador, era super amigo dela, ela também tinha uma amizade muito grande com o Dutra né? O José Dutra que era deputado estadual, deputado federal, ele já até faleceu também, e ela foi chamada imediatamente pra ser, pra ser coordenadora, na época era diretora de Unidade.⁴⁶⁸

A afirmação de dona Dalva de que Gemica “fazia política mais do que um homem” evidencia os territórios em que uma mulher pode atuar como política, tomando como referência o homem. Ou seja, ao se destacar dentro da política, dona Gemica Bringel estaria fazendo algo

⁴⁶⁸ Dalva Ribeiro, entrevista realizada no prédio da Associação Pestalozzi de Parintins, no bairro Centro, Parintins, Amazonas, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 25 mai. 2023.

para além da figura comum desse lugar, que é o homem, usando o parâmetro comum como referência de seu destaque. Embora dona Dalva não explicita isso, reflete exatamente a percepção da sociedade em relação ao destaque de uma mulher na política.

Posteriormente, Dalva Ribeiro rememora táticas adotadas por Geminiana Bringel – que, em certa medida, poderiam ser vistas como agressivas – para resolver questões dentro do cenário político da época, evidenciando em seu relato como a vereadora atuava diante dos conflitos e demandas políticas: “ela saía pro pau, ela brigava, ela dava na cara das pessoas”. Ao rememorar um episódio envolvendo um colega vereador de Gemica, que teria a ofendido, pontua: “ela deu na cara dele, ele era colega dele vereador, parece que ele ofendeu ela, ela levantou e meteu a mão na cara dele (...) então era ela resolvida, ela resolvia as coisas dela”⁴⁶⁹. Essa representação da vereadora revela uma dualidade em oposição ao masculino, considerado o ideal para a política.

Essas ideias partem de uma lógica moderna, que separou o ser humano entre a razão e o “resto”, atribuindo ao homem tudo que deve ser apresentado ao público, como a razão e a neutralidade, enquanto as mulheres são vistas como parciais, emotivas, imprevisíveis e não confiáveis⁴⁷⁰.

Ao afirmar que “ela resolvia as coisas dela”, enfatiza mais uma vez os seus embates na arena pública, mesmo que o processo de construção de memória de dona Dalva não revele de maneira explícita quais seriam as suas formas de resolução. Porém, possibilita elementos que permite entender que dentro desse lugar de atuação na arena pública, a vereadora dispunha de seus meios, pelos quais enfrentava a opressão ou embates que recaíam sobre ela.

Em seguida, concluindo seu raciocínio, a entrevistada coloca um contraponto para suas afirmações anteriores, dando a entender que as coisas mudaram quando José Dutra e Gilberto Mestrinho estiveram próximos da vereadora, evidenciando uma certa tutela que Gemica Bringel precisou recorrer para permanecer no espaço público.

Na sociedade patriarcal, o acesso da mulher ao espaço público se dá com a autorização de seus senhores, o homem, o guardião; suas relações só podem ser concebidas devido às suas permissões e seus créditos. No caso de dona Gemica Bringel, tanto o apoio de lideranças políticas maiores, de contexto macro, quanto suas articulações, evidenciam táticas para ter poder político em contexto local e regional, que viabilizaram sua inserção e permanência nos espaços de poder.

Para Passos, a relação de poder que existe entre a vida pública e a privada, na sociedade

⁴⁶⁹ *Idem.*

⁴⁷⁰ Passos, 2001.

ocidental, marcada pelo androcentrismo, tem colocado o privado à mercê do público, enquanto este precisa do primeiro para se sustentar. Assim, de alguma forma, o final do relato de dona Dalva evidencia como o feminino, que se coloca em dependência do masculino para estar no espaço público, resulta em um silenciamento das mulheres na história.

Outros entrevistados revelam distintas características políticas que podem ser entendidas como parte da atuação de Geminiana na cena pública e na política partidária. Dona Raimunda Medeiros, ex-diretora da Rádio Alvorada, filha de uma amiga muito próxima de Geminiana, a quem a vereadora ajudava e em troca a família destinava seu apoio com votos, ao rememorar como a ex-vereadora discursava, narra gesticulando com os braços:

Olha, que eu me lembre, é que ela era assim uma pessoa valente e dizia as coisas assim e falava assim (dona Raimunda gesticula com os braços, em seu rosto faz expressões de raiva ou fúria tentando demonstrar o jeito que dona Geminiana discursava), falava com tudo que é candidato, mas ela foi uma pessoa boa nessa parte aí! De vereadora e hoje a gente não vê mais esse tipo de vereador sabe? Assim, que lute, que fale, tem um ou outro que se destaque, mas tem que ter aquela força né?⁴⁷¹

No processo de construção de memória de dona Raimunda, em primeiro lugar, é possível encontrar uma proximidade com a narrativa de dona Dalva, sobre o modo de dona Gemica atuar com os políticos da ARENA e nos espaços públicos. Sua atuação e forma de lidar com os opositores, todos homens, já que era a única mulher naquele espaço, provoca reações e chamava atenção de quem lembra dela. Em segundo lugar, vale ressaltar que a memória está sobre a influência do presente. Ao revisitar em sua memória a trajetória da professora e vereadora, dona Raimunda complementa:

Era daquelas, brigava, brigava mesmo e o que ela não concordava ela falava, ela era a mais... que nós tínhamos assim na câmara, agora eu acho (...) pra defender, pra defender o pessoal, defender as pessoas, defender os pobres, defender os empregados domésticos ela era assim tudo, ela era a pessoa que representava o pessoal então.⁴⁷²

Ainda que algumas memórias atribuam características negativas à atuação de Dona Gemica Bringel – por não estar de acordo com os limites estabelecidos para as mulheres, ultrapassando o espaço privado e a posição de subordinação –, demonstram também que, dentro desses espaços públicos, ela fazia-se ser ouvida. As memórias analisadas indicam que ela não tinha receio de dizer aquilo que não lhe agradava, uma postura que nem mesmo todos os homens poderiam realizar naquele ambiente político.

⁴⁷¹ Raimunda da Silva, entrevista realizada em sua residência no bairro Centro, em Parintins, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 30 nov. 2016.

⁴⁷² *Idem*.

A vereadora dialogava com seu eleitorado, e mobilizando seus capitais políticos, ganhava o público pela atuação e discurso, não esquecendo do capital financeiro que ela possuía. Não era qualquer mulher que tinha permissão de dizer o que pensava. Essa possibilidade de “bater de frente” com os adversários políticos, só era possível por ser quem ela era.

Sua trajetória deu-se em um período de perseguição política, cujas dificuldades se agravavam por ser uma mulher tentando se estabelecer na oposição no período da Ditadura Militar. Essa forma de agir pode ser compreendida também a partir de sua posição social e financeira, de sua origem familiar, de seu trabalho como professora e de sua experiência anterior na política. Na sociedade capitalista, a mulher encontra um pouco de sua liberdade e afrouxamento de amarras por meio da autonomia financeira.

Simone de Beauvoir em *“O segundo sexo” vol. 2: A experiência vivida*, ao falar sobre a mulher independente, ressalta:

Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte da distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. Desde que ela deixa de ser uma parasita, o sistema baseado em sua dependência desmorona; entre o universo e ela não há mais necessidade de um mediador masculino. A maldição que pesa sobre a mulher vassala reside no fato de que não lhe é permitido fazer o que quer que seja: ela se obstina então na impossível procura do ser através do narcisismo, do amor, da religião; produtora, ativa, ela reconquista sua transcendência; em seus projetos afirma-se concretamente como sujeito; pela sua relação com o fim a que visa, com o dinheiro e os direitos de que se apropria, põe à prova sua reponsabilidade.⁴⁷³

Essa autonomia e liberdade ao falar e defender suas ideias estão presentes nas narrativas de seus colegas de docência e da Câmara Municipal de Parintins, sendo recordadas com uma certa admiração, a exemplo dos ex-vereadores Orlando Hatta, Clotilde Cruz Valente e Valdete Preste Pimentel. Como destaca Valdete: “ela era do PT, PN, PMDB... ela era uma mulher muito assim é... lutadora sabe? lutava muito pela sigla partidária sabe?”⁴⁷⁴. Clotilde Cruz Valente reforça essa impressão ao lembrar da atuação de Geminiana:

Ela tinha assim um discurso, como é que se diz? Era... me falavam que ela era muito combativa, ela tinha um discurso assim, com muita convicção, era uma marca do discurso dela, ela era muito corajosa também, tinha muita coragem de falar as coisas.⁴⁷⁵

⁴⁷³ BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2019, p. 503.

⁴⁷⁴ Valdete Preste Pimentel, entrevista realizada em sua residência, no bairro da Francesa, Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva., 2 dez. 2016.

⁴⁷⁵ Clotilde Cruz Valente, entrevista realizada em sua residência no bairro Centro, Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 1 abr. 2017.

Gemica se posicionava nos espaços públicos, lugar que muitas mulheres não conseguiam acessar no século XX. Mesmo após muitos avanços, no século XXI, permanecem dificuldades para a inserção das mulheres nos espaços políticos. Como aponta Wolff, Neckel e Pedro⁴⁷⁶, não há dúvidas que os benefícios têm sido extremamente pequenos; porém, sem a obrigação formal da cota dos 30% de participação das mulheres nos partidos, os números poderiam ser ainda menores. Os estudos sobre essa temática demonstram que a pouca presença das mulheres na política é evidência das resistências dos sistemas políticos em democratizar o exercício do poder.

Após analisar as contribuições de Clara Araújo⁴⁷⁷, que argumenta fatores para além das relações de gênero, como capital familiar, capital institucional, capital financeiro, capital político pessoal, as autoras chegam à conclusão que:

Ter ou não esses capitais, são decisivos para definir a disposição das pessoas para participar do processo eleitoral. Para as mulheres a carreira política seria definida pela existência ou não desses capitais, assim ocorreria uma participação política como “circunstância”, ao passo que para os homens ocorre a participação.⁴⁷⁸

As evidências sugerem que dona Gemica Bringel detinha vários desses capitais decisivos para sua atuação política. Outros relatos sobre a marcante atuação política de dona Gemica também aparecem nas memórias de outras entrevistadas, que a destacam como uma figura política combativa. Fátima Guedes lembra, “só me lembro dos discursos inflamados dela no palanque, né? Que ela, ela enfrentava, mesmo era a única mulher no palanque enfrentando a ‘macharada’ patriarcal, machista, ela era única mulher”⁴⁷⁹.

Esse discurso talvez fosse uma forma de se impor e se fazer validada dentro do espaço de poder, como uma maneira de permanecer nesse espaço e fortalecer suas articulações políticas ao integrar sujeitos, como no caso de seu José Maria Pinheiro:

Então eu conheci a dona Geminiana porque ela sempre teve esse espírito não de rebeldia, mas de opositora né? Era uma mulher, ela foi a primeira mulher a entrar na vida pública de Parintins, ela tinha esse discurso de oposição de condenar a

⁴⁷⁶ Wolff; Neckel; Pedro, 2023.

⁴⁷⁷ ARAÚJO, Clara. Potencialidade e Limites da Política de Cotas no Brasil. **Estudos Feministas**, ano 9, 2º semestre de 2001, p. 231-252; ARAÚJO, Clara. Rotas de ingresso, trajetórias e acesso das mulheres ao legislativo – um estudo comparado entre Brasil e Argentina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 18 (2): 352, 2010.

⁴⁷⁸ Wolff; Neckel; Pedro, 2023, p. 85-86.

⁴⁷⁹ Fátima Guedes, entrevista realizada em sua residência no bairro Itaúna II, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 5 dez. 2016.

corrupção de condenar as amarras políticas né?⁴⁸⁰

O relato, além de corroborar as memórias de outros entrevistados, enfatiza o caráter de oposição de Gemica Bringel. Possivelmente, como o espaço público para o homem é moldado por ele e para ele, a mulher que se insere nesse ambiente – que não feito por ela e nem para ela –, ao se levantar e se posicionar, sempre vai se encontrar em um lugar de oposição.

Seu Orlando Hatta, ao falar sobre o modo de agir de Geminiana na política local, afirma:

Por exemplo: os caras queriam fazer as coisas contra, porque, uma hipótese, o senhor é do PMDB eu sou PSDB então eu quero as coisas, vá pela minha cartilha e ela não aceitava isso, e impressionante ela não aceitava o que eu dizia, mas queria que rezasse na cartilha dela. Era aquele negócio, porque levava um pouco de vantagem porque o chefe era do partido dela e tudo. Nós éramos cinco, Geminiana, Geraldo Medeiros, Zé Maria Pinheiro, eu e o Raimundo Muniz, nós cinco a gente virava do avesso as coisas. Naquela época não tinha tanto como é hoje, “olha eu vou fazer um projeto, pra votar em um projeto você vai receber x”. Hoje é uma porcaria, eu chamo de porcaria, uma vergonha né? E se o cara vai lutar pelo povo não tem esse negócio “eu vou agradecer o prefeito”, tem que votar pela comunidade, e eu não participava desse.⁴⁸¹

Com uma espécie de nostalgia, o ex-vereador ressalta as forma que Geminiana se colocava dentro do espaço político e as articulações realizadas por ela para fazer aquilo que julgava certo e se estabelecer dentro da câmara. Seu Orlando ressalta outro ponto sobre a forma de Gemica se posicionar no meio político: “era uma pessoa que era muito sincera, se ela achava que o senhor estava errado ela dizia na sua cara, “o senhor está errado, não é assim”. Quer dizer por essas coisas que ela levava vantagem, não deixava ficar nesse diz que me disse, mas era difícil a política naquela época”⁴⁸².

A memória dos ex-parlamentares sobre a atuação de Gemica Bringel evoca para si o perfil político da época. Como político, ao falar da vereadora e do perfil que se encontra cristalizado nas memórias deles, é possível constatar que estão legitimando por meio dela as suas próprias atuações do passado a partir da influência do presente, afirmando que naquele período os políticos atuavam por uma política mais digna, com princípios.

Assim, defino-os como um grupo. Pollak afirma que “se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é

⁴⁸⁰ José Maria Pinheiro Ferreira, entrevista realizada em sua residência no bairro João Novo Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

⁴⁸¹ Orlando da Silva Hatta, entrevista realizada em sua residência no bairro de São José, Parintins-AM por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

⁴⁸² *Idem*.

o Outro”⁴⁸³. Quando o ex-vereador destaca características positivas em determinados modos de agir de Geminiana em seu grupo político, não está apenas falando da ex-colega de Câmara, mas também do grupo político que ele passou a fazer parte, com a intencionalidade de ser lembrado pela identidade do grupo.

O ex-vereador Geraldo Medeiros, em sua narrativa, reforça os mesmos pontos indicados pelos entrevistados anteriores:

Geminiana foi uma das primeiras mulheres, uma das primeiras mulheres professora em Parintins, professora respeitada, foi política muito, muito é assim muito intransigente, dessas que não se conformava quando a coisa estava errada. Ela era brigona, brigona mesmo, porque não concordava com as coisas, uma das coisas que eu também nunca aceitei.⁴⁸⁴

Seu Geraldo, ao falar de Geminiana, evoca sua formação e trajetória profissional:

Ela era daqui mesmo de Parintins, Geminiana Campos Bulcão Bringel, era daqui mesmo de Parintins, professora. Normalista que chamava naquele tempo, né? Segundo grau, era professora de segundo grau. Depois com a licenciatura que veio da UERJ, ela fez licenciatura e conseguiu ser diretora da unidade por muitos anos, aposentou como diretora da unidade e morreu. Então há um tempo, foi uma, a mulher que implantou a política, uma política séria em Parintins, mas nós tivemos políticos bons em Parintins.⁴⁸⁵

Os entrevistados destacam, em suas memórias, características combativas, colocadas com um tom de agressividade por parte da vereadora Gemica Bringel, sempre ressaltando características positivas ligadas à sua atuação profissional e à influência política local.

O ex-vereador Geraldo Medeiros, ao exemplificar mais sobre a atuação combativa, diz:

Por exemplo, um vereador apresentava um projeto de brincadeira, ela não aceitava. Um vereador queria gritar na câmara, ela não aceitava, as coisas erradas. Uma prestação se não estava certa, ela queria discutir, pois é o dever do vereador discutir a prestação de conta. Os orçamentos do programa, ela brigava, porque não estava de acordo, o que a cidade precisava.⁴⁸⁶

Essa narrativa revela um pouco da atuação da vereadora e como se irritava com atitudes como a apresentação de “um projeto de brincadeira”. Talvez a resposta a uma atitude dessas seria a resposta que seus opositores homens queriam para reafirmar que aquele não era o espaço de uma mulher. No ambiente político, uma vez que a mulher deixe seu emocional vir à tona, reforça o argumento de que ela não segue com a razão e sim com a emoção, portanto, não serve

⁴⁸³ Pollak, 1992, p. 05.

⁴⁸⁴ Geraldo Soares Medeiros, entrevista realizada em sua residência no bairro Centro, Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 30 set. 2016.

⁴⁸⁵ *Idem*.

⁴⁸⁶ *Idem*.

para a política.

A atuação política que se mostra por meio das narrativas orais sobre a vereadora Gemica Bringel é parte muito viva de uma memória coletiva desses espaços públicos, que é de certo modo um acervo vivo de memórias. Dentro de todo entendimento sobre a sua atuação política nos espaços públicos e de poder, surge a pergunta: em que medida essa atuação era uma reação ao modelo patriarcal de poder que moldou os espaços públicos como a política? E em que medida esses relatos revelam uma estratégia por parte da vereadora?

Essas memórias sobre a atuação de Geminiana revelam a imagem que criou de si nos espaços de atuação política, conforme discute Pollak: “a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros”⁴⁸⁷.

Dessa forma, a memória sobre a atuação de um indivíduo é construída ao longo de sua trajetória, sendo moldada conforme deseja ser percebido – trata-se de uma elaboração que orienta modos específicos de lembrança. No caso de Geminiana, essa construção evidencia-se na memória de sua atuação nos espaços públicos, registrada inclusive na obra de um memorialista do município. Cabe destacar que essa visibilidade está relacionada à sua origem familiar, classe social, formação profissional, articulações políticas e poder financeiro.

Talvez as atribuições dadas a Gemica como “rígida”, “durona”, “brigona” e “séria”, sejam um reflexo de uma estratégia por parte da vereadora para conviver em um espaço no qual a fragilidade já é atribuída a mulher. Antes mesmo dela apresentar tal fragilidade, ainda que seja presente em todos seres humanos, sua postura parece se construir no combate a esse estereótipo. O relato de dona Dalva, a seguir, deixa isso mais explícito: “olha, era uma pessoa que era de um jeito quando profissional, como política, mas com a gente era de uma outra forma, era uma outra Gemica, era uma Gemica que realmente ficava alegre, porque a vida dela não era fácil, a vida dela era muito difícil também”⁴⁸⁸.

Ao ser questionada sobre o porquê dessa postura, Dalva Ribeiro, em seu processo de construção de memória, acrescenta:

Porque ela precisa lidar com todas essas situações de política, que as pessoas não aceitavam, que era difícil ela abrir esse caminho pra ela, e ela, ela, que depois a coordenação da unidade, que não é fácil, você sabe que é um trabalho difícil né? Você lidar com tantos alunos, tantos professores, e ela, e ela ficava, e ela era durona, ela era

⁴⁸⁷ Pollak, 1992, p. 5.

⁴⁸⁸ Dalva Ribeiro, entrevista realizada no prédio da Associação Pestalozzi de Parintins, no bairro Centro, Parintins, Amazonas, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 25 mai. 2023.

muito durona nas coisas que ela fazia, e quando ela estava com a gente, ela conseguia relaxar e ser a outra Gemica, alegre, menina, é. Outro lado dela. Não é que ela tivesse duas personalidades não, só que com a gente ela relaxava, ela deixava o lado jovem dela fluir bastante, mas com o trabalho dela, como vereadora, ela era muito séria, muito rígida, ela era rígida, na casa dela com as meninas que moravam com ela, ela era muito rígida.⁴⁸⁹

Esse relato esclarece os modos de atuação de Gemica e proporciona um entendimento sobre a mulher nesse lugar político, público e profissional. Demonstra um entendimento de Gemica de como atuar em cada ambiente e ter táticas para estar nos lugares destinados e ocupados por homens.

Embora dispusesse de capital social, familiar e financeiro, Gemica não tinha o capital exigido, que é o capital patriarcal; assim, dentro da sociedade patriarcal, ela não foi livre das cobranças exigidas para as mulheres, como o cuidado do lar, dos filhos, da feminilidade, da submissão, exigências essas que sempre combateu.

As duas imagens a seguir evidenciam o tamanho da desigualdade enfrentada por Gemica na política em um nível nacional, ambas pertencentes ao seu acervo pessoal:

Figura 11: Vereadores Iranildo Nóbrega de Melo Azêdo, Geraldo Soares Medeiros e Geminiana Campos Bulcão Bringel, na segunda fila.



Fonte: Acervo pessoal de Geminiana Bringel, cedido por seus familiares.

⁴⁸⁹ *Idem.*

Figura 12: Geminiana Campos Bulcão Bringel ao lado de Iranildo Nóbrega de Melo Azêdo e Geraldo Soares Medeiros.



Fonte: Acervo pessoal de Geminiana Bringel, cedido por seus familiares.

Analisar essas fotos permite algumas conclusões que se conectam diretamente com a discussão dos relatos orais aqui apresentados. Primeiramente, o poder aquisitivo de Gemica Bringel pôde levá-la a lugares que nem mesmo muitos homens do município de Parintins poderiam. Em segundo lugar, o tamanho da desigualdade de gênero presente na política partidária nacional. Por fim, evidencia-se um certo valor simbólico dessa imagem: Gemica Bringel em um encontro nacional de vereadores, nas primeiras fileiras, sendo possível identifica-la como a única mulher no registro. Podia haver outras mulheres no encontro, porém era gritante a participação em sua vasta maioria de homens.

CAPÍTULO III: ENTRE NEGOCIAR E SE IMPOR: AS RELAÇÕES CONFLITUOSAS E TÁTICAS COM OS SUJEITOS E AS INSTITUIÇÕES

Esse capítulo discute a relação de dona Gemica Bringel com as instituições nos espaços públicos – as quais reproduzem um poder de opressão em relação às mulheres – e como se estruturavam essas relações de poder com os sujeitos e tais instituições. Para compreender esse viés, serão analisadas as táticas que a vereadora utilizava como ferramenta para se manter nesses lugares generificados, instituições que reproduzem o patriarcado e as relações desiguais de poder.

Na busca por entender a trajetória de dona Gemica Bringel, serão utilizados como fonte de análise documentos e materiais tais como: a documentação deixada pela vereadora em seu acervo pessoal; arquivos do Sistema Nacional de Informação (SNI); relatos orais de amigos e colegas de trabalho e de política; atas da Câmara Municipal de Parintins, contidas nos livros *“História e memória política do município de Parintins”* (vols. I, II, III); e sites que disponibilizam dados para compreensão de algumas figuras políticas e religiosas.

Com base nisso, a trajetória da professora e vereadora será o norte desta análise, possibilitando compreender o contexto político local, o lugar das mulheres nesse tempo e espaço, a atuação e a forma como ela se utilizou de seus capitais sociais, culturais e políticos por meio de seu cargo na Câmara de Parintins. Ela se estabelece no espaço público, concedendo títulos de cidadãos para figuras políticas e religiosas (a exemplo do vereador Geraldo Medeiros e do bispo católico Dom Arcângelo Cerqua), e se impondo naquilo que acredita ser o certo a se fazer.

Para driblar as barreiras do patriarcado e da Ditadura Militar, utilizou-se do lugar de poder no meio público e da herança familiar que possuía, fazendo movimento de ida e vinda para articular e se manter nos espaços de poder. As atas da Câmara Municipal revelam uma atuação ativa, expondo sua movimentação para se manter no poder enquanto mulher – embora, por meio dessa documentação, não seja possível afirmar que sua atuação implicasse uma ação declaradamente feminista. Porém, sua contribuição e representação no cenário político do município em uma luta contínua para se manter nesse espaço historicamente não destinado às mulheres, reforça a permanência dessa resistência para se manter em um lugar pouco dado às mulheres.

Gemica Bringel alcançou o status de pioneirismo político e parece ter rompido algumas estruturas de poder valiosas ao patriarcado ocidental em sua experiência na política no Brasil, particularmente no Baixo Amazonas. Décadas após sua atuação, a representatividade

feminina na política partidária no Brasil ainda demonstra possuir fortes restrições resultantes do sistema patriarcal e das desigualdades de gênero.

O esforço normativo, fruto das pressões dos movimentos feministas, é uma evidência empírica na legislação que ordena o regime eleitoral partidário no país, buscando equilibrar ou diminuir essas desigualdades de gênero por meio da Lei nº 9.504/1997⁴⁹⁰. Essa lei estabeleceu as normas para eleição no país e prevê, em seu artigo 10º, parágrafo 3º, que os partidos e/ou coligações devem preencher, na oferta de candidaturas para eleições proporcionais, o mínimo de 30% e o máximo de 70% de representantes de cada sexo⁴⁹¹.

Dezoito anos após a promulgação da lei que estabelece as cotas de gênero nas candidaturas, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) reforçou a observância da legislação⁴⁹². Ambos os dispositivos indicam as dificuldades para ampliar a representatividade das mulheres na arena política partidária brasileira, um desafio que parece se estender, mesmo com as lutas feministas e dos dispositivos normativos no decorrer dos séculos XX e XXI. Nesse sentido, Chagas analisa dados que evidenciam a permanência dessas desigualdades no cenário político brasileiro:

Desde o sufrágio, a medida mais contundente foi tomada em 1995, quando entrou em vigor uma lei que previa cotas para as candidatas nas eleições proporcionais (para vereador, deputado estadual e deputado federal). Partidos e coligações foram obrigados a reservar para as mulheres 20% das candidaturas disponíveis, o que ampliou significativamente o espaço para a inserção da mulher na luta por cargos representativos, entretanto, as diferenças em termos quantitativos ainda são bastante acentuadas, uma vez que não há obrigatoriedade de preenchimento dessas vagas, sendo necessária apenas a reserva dessas vagas para a candidatura.

Na realidade, o Brasil acompanhou um movimento mundial. Pouco antes, naquele mesmo ano, a Organização das Nações Unidas (ONU) realizava a 4ª Conferência Mundial sobre a Mulher, em cujo documento final os países se comprometiam a executar políticas que favorecessem a igualdade entre homens e mulheres. A partir daí as cotas nas eleições ganharam o mundo.

Avanços significativos ocorreram. No México, a participação das mulheres no Parlamento saltou de 14,2% para 36,8% em apenas 15 anos. Na França, de 6,4% para 26,9%. No Brasil, os resultados não foram os esperados. Em 1997, a reserva para as candidaturas femininas subiu de 20% para 30%. Como a lei obrigava os partidos a reservar as vagas, eles entenderam que não estavam obrigados a efetivamente preenchê-las. Assim, há quem garanta que a Lei 9.504/97, um instrumento criado para diminuir as desigualdades de gêneros na política, é ineficaz no que diz respeito à luta por equidade política, realçando as disparidades ao invés de reduzi-las. Ora, se a maioria do eleitorado brasileiro é formado por mulheres, mais de 52%, é justo que a lei de cotas garanta, de maneira igualitária, pelo menos 50% das vagas para as

⁴⁹⁰ BRASIL. **Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997**. Estabelece normas para as eleições. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9504.htm. Acesso em: 23 jul. 2024.

⁴⁹¹ *Ibid.*

⁴⁹² Tribunal Superior Eleitoral. **Resolução nº 23.455, de 15 de dezembro de 2015**. Dispõe sobre a escolha e o registro dos candidatos nas eleições de 2016. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/legislacao/compilada/res/2015/resolucao-no-23-455-de-15-de-dezembro-de-2015>. Acesso em: 23 jul. 2024

mulheres e assegure que tais vagas sejam efetivamente preenchidas. Em vez de ter sete homens e três mulheres concorrendo à Câmara Municipal, por exemplo, as siglas lançavam sete candidatos e apenas uma candidata. Argumentavam que as duas vagas restantes estavam reservadas, em estrito cumprimento da lei, mas não havia mulheres interessadas.⁴⁹³

Kamila Pagel de Oliveira⁴⁹⁴, em “*Trajetória da mulher na política brasileira: as conquistas e a persistência de barreiras*”, reflete sobre a busca por uma efetiva participação das mulheres na política brasileira, destacando que esse processo ocorreu em diversas fases e teve, desde o início, o objetivo de garantir às mulheres a condição de sujeitos políticos, sociais e econômicos.

Para Reis, “quando se pensa a relação política e poder, o fundamental é percebê-la num processo de interrelação, onde o poder só pode ser visto, sentido, avaliado, ao exercer-se, ou seja, é em ação que se analisa o poder, não só na elaboração intelectual abstrata”⁴⁹⁵. A autora afirma que a política, por ser um espaço singular de práticas e relações sociais, é o lugar em que ocorre a luta e a defesa de direitos e de interesses, tornando-se um *lócus* de relações de poder e conflitos. Dessa forma, tendo como maneira de enfrentamento nesse espaço o diálogo, o consenso, a negociação, as concessões e até o uso da violência física, torna-se um ambiente desafiador para as mulheres na sociedade contemporânea⁴⁹⁶.

Pensar em como se deram os enfrentamentos da professora e vereadora Gemica Bringel no espaço da política partidária para se estabelecer é, acima de tudo, observar suas sobreposições aos obstáculos inerentes à sua participação nesse espaço desigual. Isso faz refletir sobre a baixa representatividade feminina na política e seus entraves, tais como “resistências e preconceitos presentes nas organizações partidárias, ao acesso seletivo aos recursos econômicos e sociais, aos papéis de gênero”⁴⁹⁷. Além disso, a trajetória de Gemica Bringel leva à compreensão de outro ponto relacionado “à socialização diferenciada que, por meio da formação educacional e da cultura dominante, não favorece a preparação da mulher para a disputa política e para o poder”⁴⁹⁸. Ainda assim, ela parece ter utilizado esses poucos recursos para fazer-se política.

Esses obstáculos encontram-se em muitos âmbitos da sociedade, reproduzindo as desigualdades e atrasando o acesso da mulher a esse espaço no decorrer dos séculos XX e XXI.

⁴⁹³ Chagas, 2016, p. 40-41.

⁴⁹⁴ OLIVEIRA, Kamila Pagel de. *A trajetória da mulher na política brasileira: as conquistas e a persistência de barreiras. Cadernos da Escola do Legislativo*, Belo Horizonte, v. 16, n. 26, p. 11-49, ago./dez. 2014.

⁴⁹⁵ Reis, 2011, p. 69.

⁴⁹⁶ *Ibid.*

⁴⁹⁷ *Ibid.*, p. 70.

⁴⁹⁸ *Ibid.*

Chagas, ao tratar das desigualdades enfrentadas pelas mulheres no espaço político, afirma que as dinâmicas sociais são fundadas em disparidades e extrapolam os espaços da política; segundo Chagas,

[...] sejam os partidos ou as dinâmicas eleitorais, além de ser fortalecida através de mecanismos que reproduzem internamente a hierarquia de gênero, determinando a valorização diferenciada de tarefas e papéis e estigmatizando as mulheres em espaços de poder considerados secundários.⁴⁹⁹

Dessa forma, “no decorrer da história, verifica-se que a prática e a dinâmica da atividade política foram sempre baseadas em modelos masculinos, legitimados por leis e costumes culturais, segundo os quais a mulher era alijada de tais atribuições”⁵⁰⁰.

A trajetória de dona Gemica Bringel permite olhar para a sociedade parintinense do passado e observar as influências políticas e religiosas da sociedade naquele período. A dimensão religiosa pode ser encontrada por meio das interrelações com o bispo da igreja católica e o pastor da igreja evangélica do município, os quais detinham poder naquilo que o Estado não conseguia se fazer presente, como na educação e na saúde, e consequentemente, com isso, garantindo a aprovação popular⁵⁰¹. A dimensão política é traduzida em sua liderança no partido MDB, no qual ajudou a movimentar a oposição no Baixo Amazonas, e com articulações que tiveram peso significativo, pois iam de lideranças políticas locais até o nível nacional, e facilitando, em diversos momentos, as ações do partido na política local. Em contrapartida, sofreu retaliações e restrições dessas mesmas instituições políticas e religiosas, demonstrando resistência em suas ações.

Contudo, é possível inferir que a vereadora se utilizou de suas táticas e protagonizou ações políticas; em alguns momentos, negociou com outros sujeitos para se estabelecer e se articular nesses espaços, e em outros defendeu suas ideias políticas e opiniões mesmo que isso a colocasse em conflito. Ela utilizou-se dos universos a que pertenceu para se impor nesse lugar, o das letras e o das relações políticas, exercidos graças à sua classe social e núcleo familiar.

3.1 O protagonismo e a relação ambivalente com a Igreja Católica

Uma relevante evidência de como a presença e poder de Gemica Bringel eram inviabilizados também por integrantes da Igreja se encontra na carta relacionada abaixo:

⁴⁹⁹ Chagas, 2016, p. 37.

⁵⁰⁰ *Ibid.*, p. 37-38.

⁵⁰¹ Para aprofundar ver Cavalcante, 2019.

SENHORA GEMINIANA. Como representante de Cristo na terra e responsável pela salvação das almas não posso me esconder diante dos fatos que nos últimos dias envolveram sua pessoa como representante maior da educação em Parintins.

Primeiro peço desculpas pela minha atitude, mas se tomei essa decisão é por que algum dia fui seu confessor e sei que a senhora é uma mulher sensível e temente a Deus. Gostaria que a senhora refletisse seriamente sobre o que estar fazendo com os professores desta cidade. Ouço muitos comentários sobre certas atitudes da senhora que, se forem verdadeiras com certeza desagradam a Deus nosso Pai e os seus planos para a senhora.

Em Isaías 29,13 está escrito “Este povo somente me honra com os lábios; seu coração, porém está longe de mim. Vão é o culto que me prestam, porque ensinam preceitos que só vem dos homens”.

A senhora não está servindo mais estas autoridades do que a Deus?

Em Mateus 23, 2-4 Jesus também fala a respeito as essas coisas: “os escribas e os fariseus e os sentaram-se na cadeira de Moises. Observai e faze tudo o que eles dizem, mas não façais como eles, pois dizem e não fazem. Atam fardos pesados e esmagadores e com eles sobrecarregam os ombros dos homens, mas não querem movê-los sequer com o dedo”.

Nossa vida senhora Geminiana, é passageira Deus pode nos chamar a qualquer momento. Ele não avisa e se não estamos preparados corremos o risco de perder a salvação, pois o mesmo destino após a morte é preparado em vida. Deus deixa bem claro no Santo evangelho a existência do céu e do inferno e sei de sua crença na palavra de Deus.

Não assino esta carta senhora Geminiana para que a senhora não fique preocupada quando me encontrar pela rua, saiba que estou rezando para a senhora do Carmo pedindo pela sua salvação.

Um padre amigo.⁵⁰²

A transcrição na íntegra da documentação acima se justifica por ser um emblema dos diversos modos de opressão aos quais Geminiana Campos Bulcão Bringel parece ter sido submetida. Trata-se de uma carta encontrada em seu acervo privado, cujo autor assina sob o pseudônimo “Um padre amigo”. Pelo conteúdo da carta, é possível perceber que a documentação é, muito possivelmente, do período em que a professora e vereadora atuava como Diretora da Unidade Educacional. Supõe-se isso pois somente quando estava ocupando esse cargo que Geminiana Bringel teria poder para influenciar, positivamente ou negativamente, a vida dos professores no município, como é indicado na carta “a maior representante da educação em Parintins”. O objetivo de trazer essa carta, de forma ilustrativa, é compreender como esse conteúdo pode ser analisado sob outras perspectivas, para além do corte temporal analisado neste momento.

Esse documento foi selecionado de seu acervo com objetivo de ilustrar como a relação da Igreja Católica na vida da professora e vereadora Gemica Bringel possuía relevância. A proximidade e a forma de manter o controle sobre a vereadora ficam evidente nas palavras do padre anônimo, assim como também evidencia características da religião da época.

⁵⁰² Carta digitalizada e armazenada em acervo pessoal.

Pierre Bourdieu, em “*A dominação masculina*”, ao tratar da igreja, diz:

Quanto a igreja, marcada pelo antifeminismo profundo de um clero pronto a condenar todas as falas femininas à decência, sobretudo em matérias de trajes, e de produzir, do alto de sua sabedoria, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade, ela inculca (ou inculcava) explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres. Ela age, além disso, de maneira mais direta, sobre as estruturas dos textos sagrados, da liturgia e até do espaço e do tempo religioso.⁵⁰³

Sobre as mulheres, a instituição religiosa cristã busca o controle do corpo feminino, uma vez que em seus próprios dogmas, seguimentos e ensinamentos pautados e criados em cima de um patriarcado fortíssimo, concedem à instituição uma posição validadora de poder aos mesmos que sempre estiveram no poder, para assim se firmar cada vez mais na sociedade.

Sobre a Igreja Católica, Saffioti diz que:

Como instituição social, a Igreja Católica tem sofrido transformações que marcam o processo de sua adaptação a um mundo social movente e instável. Todavia, esse processo de ajustamento tem sido suficientemente lento para acusar um grande *décalage* entre as posições assumidas pela Igreja e um conjunto de comportamentos que já deixaram de ser inovadores e se encontram em vias de institucionalização na sociedade. Como grupo de pressão, ela tem atuado no sentido de atenuar tensões e retardar mudanças sociais que, de um lado, poderiam reduzir a defasagem entre as estruturas parciais da sociedade e, de outro, elevar as contradições da economia capitalista. Atenuar tensões geradas pela economia de mercado significa, em última instância, para a Igreja, garantir uma posição no *status quo* presente, de cuja manutenção depende sua sobrevivência enquanto grupo que concentra grande poder de decisão.⁵⁰⁴

A Igreja Católica busca manter sua influência social, mas, para isso, precisa dialogar com uma sociedade em constante transformação. Nesse processo, também se relaciona com os grupos que ocupam posições de poder, procurando preservar sua capacidade de influência e seu espaço nas estruturas sociais.

A carta recebida por dona Gemica Bringel é um reflexo desses posicionamentos. Se, por um lado, sob pressão social, o “padre amigo” tenta persuadir a vereadora, utilizando-se das crenças e dogmas da instituição, por outro, não quer se indispor com uma figura que detém poder em uma instituição do município, conduzindo seu discurso em um caráter social e como parte de um grupo que exerce pressão.

A instituição católica exercia (e continua exercendo) grande influência no município de Parintins, tanto por uma parcela significativa da população ser adepta da religião quanto pelas

⁵⁰³ Bourdieu, 2023, p. 141.

⁵⁰⁴ Saffioti, 1979, p. 90.

diversas instituições prestadoras de serviços públicos serem administradas pela Igreja Católica. Entre elas, destacam-se o Hospital Padre Colombo, um dos principais hospitais do Baixo Amazonas, a Rádio Alvorada, importante meio de comunicação, alguns colégios no município e regiões interioranas, além de sedes em diversas dessas comunidades. Essas influências podem ser vistas nas atas da Câmara Municipal, que registram solenidades, homenagens e felicitações por parte dos políticos eleitos⁵⁰⁵. Essa estrutura eclesiástica, com sede em Parintins, possui domínio sobre regiões próximas ao município, incluindo as cidades de Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Maués, Nhamundá e a área indígena Sateré -Mawé⁵⁰⁶, um vasto território no Baixo Amazonas.

Cavalcante, em sua dissertação “*Ide pelo mundo inteiro e anunciai o evangelho: as práticas sociais e religiosas do PIME em Parintins*”, analisa a atuação do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (PIME) e a presença católica no município de Parintins, destacando a influência política e social da Igreja, assim como os desafios e medidas tomadas para se manter no cenário de influência no Amazonas e, especificamente, no município de Parintins.

O autor afirma que:

A Igreja Católica está presente no município de Parintins desde o período colonial com a catequização dos indígenas que aqui habitavam; assim, foi e/ou ainda é importante instituição que organiza a sociedade por meio de várias ações no campo social e religioso, porém é com o trabalho do PIME, a partir de 1955, que a Instituição ganhou envergadura, esse Instituto desenvolveu ações com o intuito de desenvolver socialmente e religiosamente a sede Prelazia.⁵⁰⁷

Possivelmente a influência e o poder da Igreja podem ser vistos nos modos de interagir com a professora e vereadora. A carta guardada por dona Gemica Bringel carrega um tom de ordem e persuasão: já na introdução, o padre se destaca como representante de Deus na terra e responsável por conceder a “salvação”, mostrando sua autoridade diante daqueles que creem na religião. Dessa forma, ao se posicionar como tal, sua crítica à vereadora adquire também um caráter moral, sugerindo que não está agradando a Deus. O autor não adverte diretamente, mas possui uma certa cautela discursiva, na tentativa de persuadi-la. Essa cautela é intrigante, pois mesmo em tom de ameaça, há um pedido para tomar uma atitude favorável ao desejo do remetente, denominado “*Um padre amigo*”⁵⁰⁸.

Essa carta permite refletir sobre a influência que a Igreja Católica detinha na sociedade

⁵⁰⁵ Butel *et al.*, 2011.

⁵⁰⁶ DIOCESE DE PARINTINS. **Revista da Festa de Nossa Senhora do Carmo**, Parintins, 28 jul. 2005.

⁵⁰⁷ Cavalcante, 2019, p. 10

⁵⁰⁸ Acervo pessoal de Geminiana Campos Bulcão Bringel. Coletado e depositado em acervo pessoal do autor do projeto.

parintinense, acolhendo demandas, denúncias e reivindicações da população, como o próprio autor da carta revela. Uma das grandes lideranças religiosas no município, figura representativa da instituição católica, não só no estado do Amazonas, como no Brasil, na América Latina e no Vaticano, era o bispo de Parintins, Dom Arcângelo Cerqua. Frequentemente citado nas atas da Câmara Municipal de Parintins, com homenagens e títulos, ele articulou em diversos setores do município, como observa Butel acerca da relação entre o poder executivo e a Igreja:

O Poder Executivo procurava caminhar harmoniosamente com todos os setores da comunidade parintinense, inclusive com a Igreja Católica. Sob a direção de Dom Archangelo Cerqua [sic], a Igreja, além da questão religiosa, tinha um importante papel social em vários setores da sociedade, principalmente na educação. Em 10 de setembro de 1962, a Câmara Municipal realizou uma Sessão Solene para homenagear o Líder Católico Dom Archangelo Cerqua, Bispo Prelado de Parintins, que viajaria a Roma para tomar parte em um Concílio Ecumênico.⁵⁰⁹

O então Padre Arcângelo foi nomeado Administrador Apostólico da Prelazia de Parintins e, em 1º de maio de 1955, foi empossado por Dom Alberto Ramos, arcebispo. Suas ações de influência estão diretamente relacionadas aos objetivos e propostas de ações do Pontifício Instituto das Missões Exteriores (PIME).

Segundo Cavalcante, o PIME foi criado em Saronno, Itália, no dia 31 de julho de 1850, idealizado pelo então padre Ângelo Ramazzotti, que enviou o projeto ao Papa Pio IX após conflitos que evidenciaram a necessidade de criar um instituto exclusivamente missionário.

Cavalcante afirma que, durante o pontificado de Pio IX, ocorreram transformações no campo religioso católico, as quais também atingiram a Igreja no Brasil. O resultado foi um clero mais disciplinado, assim como o aumento das congregações, ordens religiosas e novas devoções, ocorrendo um florescimento da vida religiosa, comparável ao que havia ocorrido na era medieval. Tais missionários foram enviados para as missões, chegando na Amazônia, assumindo as atividades pastorais e sociais, zelando pela direção de seminários e santuários, bem como fundando escolas, hospitais e obras beneficentes.

O PIME possui algumas características diferentes de uma ordem religiosa tradicional: seus membros não faziam voto de pobreza e castidade, mas os padres mantinham o celibato, pois assim poderiam se dedicar mais às missões e demonstrar seu amor a Cristo⁵¹⁰.

Sobre o PIME no Brasil, Cavalcante aponta que sua história no país se inicia em dezembro de 1946, com a chegada dos três primeiros padres: Pe. Aristides Pirovano, Pe. José Maritano e Pe. Atílio Garré. Pirovano e Maritano posteriormente tornaram-se bispos de

⁵⁰⁹ Butel *et al.*, 2011, p. 245.

⁵¹⁰ Cavalcante, 2019.

Macapá, aparentemente um reconhecimento ao trabalho desenvolvido pelo PIME. Os padres vieram ao Brasil devido à impossibilidade de partirem para missões tradicionais do instituto na Ásia, atendendo, assim, a um apelo do Papa Pio XII em favor da América Latina. O PIME teve duas dioceses fundadas, sendo uma em Macapá e outra em Parintins, além de colaborar com os bispos locais em quase vinte dioceses de oito estados brasileiros, assumindo ou fundando mais de cinquenta paróquias⁵¹¹.

A chegada de Arcângelo Cerqua ao município de Parintins se deu, conforme Cavalcante, porque a Igreja considerava a região carente de ação missionária; então, em 26 de abril de 1955 chegam na cidade os três primeiros padres do PIME: Cerqua, João Airaghi e Jorge Frezzini. Naquele mesmo ano, o papa erigiu a Prelazia de Parintins.

Um ano após a chegada do religioso, ocorreu a inserção de dona Gemica Bringel na política local por meio da suplência. Em 1961, Monsenhor Arcângelo foi nomeado primeiro bispo prelado de Parintins. Em 1962, Dom Arcângelo inicia a construção da Catedral de Nossa Senhora do Carmo de Parintins e passou a participar do Concílio Vaticano II nesse mesmo ano e nas sessões seguintes, até 1965⁵¹².

Em 1971, Dom Arcângelo Cerqua estabeleceu o Cursilho da Cristandade na prelazia. Participou da Conferência Latino-Americana de Puebla em 1979. No ano de 1980, teve uma audiência com o Papa João Paulo II. No dia 15 de julho de 1981, Dom Arcângelo, muito doente, recebeu do Papa João Paulo II a bula “*Conferentia Episcopalis Brasiliensis*”, elevando a Prelazia de Parintins à Diocese⁵¹³.

No dia 11 de maio de 1986, celebrou na Itália seus 25 anos de sagração episcopal e, devido à doença, solicitou a sagração de um bispo coadjutor à Nunciatura Apostólica, sendo escolhido o Padre João Rizatti, no dia 17 de dezembro de 1987. No dia 5 de julho de 1988, Dom Arcângelo renunciou à Diocese de Parintins, tornando-se bispo emérito. Faleceu na Itália no dia 21 de fevereiro de 1990⁵¹⁴.

As ações de Dom Arcângelo Cerqua estão ligadas diretamente às demandas e ações da Igreja Católica propostas para o PIME, definindo sua chegada ao município, as obras realizadas e os modos de atrair as populações para o interior das ideologias da Igreja.

⁵¹¹ *Ibid.*, p. 33.

⁵¹² DIOCESE DE PARINTINS. **Revista da Festa de Nossa Senhora do Carmo**, Parintins, 28 jul. 2005.

⁵¹³ *Ibid.*

⁵¹⁴ *Ibid.*

Figura 13: Colagem de fotos de Dom Arcângelo Cerqua com os papas João XXIII e João Paulo II.



Fonte: Revista Rádio Alvorada.

Cavalcante afirma que o bispo frequentemente buscava defender e lutar por demandas da população, organizando abaixo-assinados ou movimentos populares. Outro ponto destacado pelo autor diz respeito a um acionista da Rádio Alvorada que teve envolvimento com um sindicato, o que fez com que o pedido de ondas tropicais da rádio fosse negado pelo SNI⁵¹⁵. Em sua justificativa, Dom Arcângelo Cerqua afirmou que ele fez o acionista se infiltrar no sindicato para vigiar os comunistas. Tais informações não permitem entender definitivamente qual era seu posicionamento em relação à Ditadura Militar. Por mais que ele tenha declarado que o acionista da rádio era um infiltrado seu para vigiar os comunistas, não revela elementos suficientes para definir seu posicionamento. Outra hipótese é que essa sua fala tenha sido uma forma de tirar o foco de seu acionista, livrando da acusação ao nível popular e, ao mesmo tempo, a imagem da Rádio Alvorada.

Nos relatórios do SNI⁵¹⁶ sobre o pedido dos candidatos de Cotista e Diretora-Gerente da Rádio Alvorada de Parintins LTDA, constam os nomes: (1) Raimunda Ribeiro da Silva, candidata a Diretora-Gerente; (2) Rafael Faraco, candidato a cotista; (3) Raimundo da Costa Crespo, candidato a cotista e (4) Carmela Faraco, candidata à cotista. O relatório ressalta que a emissora era de propriedade da Prelazia de Parintins e que os epigrafiados:

[...] prestam seus nomes para a organização da Sociedade. A utilização desse artifício permite aos dirigentes da Prelazia burlar a Constituição Brasileira, que veda a estrangeiros a propriedade e administração de empresas de comunicação social, como também a orientação intelectual delas.⁵¹⁷

⁵¹⁵ O Serviço Nacional de Informações foi um órgão de repressão, criado em 13 de junho de 1964 pela Lei nº 4.341 com a finalidade de vigiar as atividades de pessoas consideradas suspeitas pela Ditadura Militar.

⁵¹⁶ ARQUIVO NACIONAL. **Ministério das Comunicações**. Documento digitalizado. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/aaa/75084111/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_aaa_75084111_d0001de0001.pdf.

⁵¹⁷ *Ibid.*

Isso evidencia a existência de um motivo para a proteção por parte do bispo a essas pessoas, como o fato de a lei da época não permitir às pessoas estrangeiras assumir veículos de comunicação social. Nesse relatório, ressalta-se que Raimundo da Costa Crespo não possui antecedentes criminais, porém:

[...] é ex-membro do Sindicato do Bancários do Estado do Amazonas e ex-secretário da União dos Estudantes do Amazonas. Em 18 de agosto de 1965, foi apoiado por um grupo de estudantes universitários de esquerda, foi eleito para o Diretório Central do Estudante. No mesmo mês e anos foi ouvido no IPM/SUPRA, o qual fora instituído para apurar atividades subversivas no Estado, tendo ficado esclarecido pertencer a AÇÃO POPULAR no Amazonas.⁵¹⁸

O relatório do SNI evidencia que os posicionamentos do candidato a cotista extrapolavam a simples participação no Sindicato dos Bancários do Estado do Amazonas, mostrando que de alguma forma estava mais envolvido com a esquerda no país, fato que despertava o temor da Ditadura Militar por conta dos fantasmas criados por ela, o colocando em envolvimento com as chamadas “atividades subversivas”.

A análise de Cavalcante sobre a Rádio Alvorada destaca sua importância para o processo de evangelização, já que a comunicação na região era crítica. Essa importância pode ser medida ao examinar o relatório do SNI, somado ao posicionamento do bispo, demonstrando uma estratégia para correlacionar os sujeitos cotistas como forma de burlar leis sobre os veículos de comunicação. A ampliação da frequência da rádio era fundamental, dada a importância desse meio de comunicação na região. Não servia apenas para noticiar acontecimentos, mas também para transmitir mensagens a pessoas em áreas de difícil acesso, desempenhando suas atividades em um contexto marcado pelas exigências e restrições do regime ditatorial.

Dona Raimunda, ex-diretora da Rádio Alvorada, cujo nome consta no relatório do SNI, teve seu cargo concedido por Dom Arcângelo. A Igreja Católica, por meio da figura do bispo de Parintins, financiou sua formação em outro estado para exercer o cargo de diretora da Rádio Alvorada. Raimunda, em sua narrativa, relata a relação do bispo com a política: “olha Dom Arcângelo, ele não se metia, ele, digo assim, ele tinha as preferências dele, mas ela não mandava a gente votar ele não pedia voto e ele gostava muito, gostava muito do Geraldo, gostava muito da Gemica, gostava muito do Gláucio”⁵¹⁹. Seu relato indica uma tentativa de neutralidade do bispo na política local, “ele não se metia”, uma vez que mantinha proximidade com figuras políticas de ambos os lados, como Gláucio Gonçalves e Geraldo Medeiros, membros da

⁵¹⁸ *Idem*.

⁵¹⁹ Dona Raimunda da Silva, entrevista realizada em sua residência no bairro Centro, em Parintins, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 30 nov. 2016.

ARENA, e com Geminiana Bringel, do MDB.

Essa narrativa se conecta com a documentação do SNI encontrada no Arquivo Nacional, em relatórios sobre Arcângelo Cerqua:

O nominado é Bispo Prelado de PARINTINS/AM, onde chegou em 1955 e onde continua a desenvolver suas atividades.

[...]

Foi constatado que o nominado é o maior líder político do Município. Domina 80% do eleitorado do interior por meio dos Presidentes de Comunidades, as instruções são transmitidas em sigilo só aparecendo o efeito após as eleições.⁵²⁰

O relatório, além de ressaltar sua popularidade e influência junto ao eleitorado, evidencia o papel político exercido pelo bispo, indicando que ele instruía sigilosamente políticos e eleitores. O ex-vereador Geraldo Medeiros também revela mais sobre a liderança local do religioso:

Dom Arcângelo foi a maior personalidade que já passou por Parintins, como cidadão, como ser humano, como pessoa, como pastor e da Igreja Católica, um homem extraordinário, uma visão impressionante. O senhor vê tamanho de nossa Catedral, o que nós temos de bom hoje em Parintins, o Hospital Padre Colombo, lá o centro de treinamento, Padre Jorge Frezzini e quer dizer, o que o senhor encontra aqui de bom, o Colégio do Carmo, o Colégio do Carmo não foi dele, mas a igreja, quer dizer um homem de uma visão tremenda.⁵²¹

Por estar à frente da Igreja Católica no município, a memória de seu Geraldo associa as obras geridas pelo PIME como sendo unicamente dele, demonstrando o impacto que essas realizações realizadas pela Igreja Católica por meio do PIME exerceram na sociedade local e possivelmente na construção do apoio popular.

O carisma do PIME é voltado para as missões e formação do clero local, tendo como objetivo estruturar a Igreja local e partir para outra missão com o propósito de testemunhar o evangelho a todos os povos. Essa situação pode ser constatada em Parintins, várias obras foram realizadas pelo PIME, mas a de maior relevância que não está relacionada com estrutura física e sim espiritual foi a criação da Igreja e o fortalecimento do catolicismo.⁵²²

Como evidenciado, a atuação de Dom Arcângelo Cerqua no município não se restringia

⁵²⁰ ARQUIVO NACIONAL. **Serviço Nacional de Informações**. Agência de Manaus. Informe n. 004/740/AMA/81, de 27 fev. 1981. Assunto: antecedentes de Dom Arcângelo Cerqua. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/III/81001359/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_III_81001359_d0001de0001.pdf.

⁵²¹ Geraldo Soares Medeiros, entrevista realizada em sua residência no bairro Centro, Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 30 set. 2016.

⁵²² Cavalcante, 2019, p. 31-32.

ao âmbito religioso. Dona Gemica Bringel exercia sua religiosidade na catedral do município, situada em frente à sua residência. A trajetória da professora e vereadora está em muitos momentos ligada a influência da Igreja Católica, instituição com poder não apenas sobre a vereadora, mas sobre todo o município em razão de seu domínio territorial e poder financeiro.

José Maria Pinheiro, em seu processo de construção de memória sobre a vereadora e sua relação com a religião, tem a mesma impressão de dona Raimunda em relação ao bispo: “ela era católica, frequentava a igreja, mas eu tenho a impressão que ela não misturava a igreja com a prática política dela, mas ela sempre foi religiosa, foi católica, o marido dela era bicheiro, foi do jogo do bicho, mas ela sempre foi assim”⁵²³.

O relato dos entrevistados, José Maria Pinheiro, Raimunda Medeiros e Geraldo Medeiros, não demonstra uma visão conflituosa sobre a atuação de dona Geminiana Bringel em relação à política. A memória dos três se dá, ao que tudo indica, dentro do período em que ela esteve como vereadora e de Ditadura Militar, já que o vereador atuava nesse período em uma rede de relações para articular-se politicamente.

Contudo, essas memórias em relação à ação da Igreja quanto à atividade política da vereadora no espaço público, divergem das memórias de Dalva Ribeiro e Ângela Reis. As duas foram amigas próximas de dona Geminiana, além de viverem a adolescência com a vereadora, trabalharam com ela após o período em que atuou na política no município e que passou a atuar mais na educação. Ambas trazem em seus relatos uma narrativa que pode ser entendida como uma memória adquirida por tabela.

Pollak, ao falar sobre elementos que constituem a memória, chama a atenção para os eventos vividos por tabela que, entre outros exemplos dessa memória, se faz explicar:

[...] a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.⁵²⁴

A narrativa de Dalva sobre a relação conflituosa de Dona Gemica Bringel com a Igreja revela que, em determinados momentos, a vereadora enfrentava restrições impostas pela instituição em decorrência de sua atuação.

É, ela passou por muitas dificuldades, inclusive é uma, uma história que ela contava

⁵²³ José Maria Pinheiro Ferreira, entrevista realizada em sua residência no bairro João Novo Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

⁵²⁴ Pollak, 1992, p. 2.

que eu não esqueço que o marido dela era bicheiro, ele trabalhava com jogo do bicho, e nessa época a igreja, não sei se até hoje, condenava muito o jogo de bicho, mas a Gemica não tinha culpa disso, era o trabalho do Seu Bringel, que era o marido dela. E umas das vezes ela foi comungar, quando ela se ajoelhou naquela, na época as pessoas se ajoelhavam, tinha um espaço que as pessoas se ajoelhavam pra receber a comunhão, o padre passou várias vezes por ela e não deu a comunhão pra ela. Ela dizia pra gente que não sabia se levantar de lá, que ela ficou com tanta vergonha que ela não sabia se levantar, e quando alguém pegou ela pelo braço e tirou da mesa da comunhão, que eu não sei mais quem foi, não lembro. E depois ela foi conversar com o padre, o padre disse que era por isso, porque o marido dela era do jogo do bicho, então a Gemica ela passou por muitas situações dessas, só que ela nunca desistiu.⁵²⁵

A memória de Dalva expressa um acontecimento contado por dona Gemica Bringel a ela, demonstrando o controle por parte da Igreja, que se utilizava de sua religiosidade para pressionar e constranger as ações que considerava não corretas ou não aceitáveis, além de gerar um constrangimento a ela em um espaço público. A indicação de que “ela passou por muitas situações dessas” revela que aquilo ocorreu outras vezes, por outros motivos.

Ângela Reis também rememora episódios de repressão relacionados ao uso de calças compridas por Gemica em espaços públicos, evidenciando os conflitos e as punições que a vereadora enfrentava por parte da Igreja. Tanto na entrevista realizada em 2017 quanto na de 2023, a entrevistada recorda embates com a instituição religiosa, especialmente com o bispo Arcângelo Cerqua. Em 2017, Ângela Reis afirmou:

Olha, ela foi a primeira mulher que usou calça comprida aqui em Parintins né? Então como o povo viu isso como afronta para sociedade e com isso ela foi excomungada pelo bispo né? Ela foi proibida de entrar na igreja, então ela passou muito tempo afastada da igreja, não que ela não fosse né? Ela temia a Deus, ela era católica, mas com isso ela deixou de ir à igreja, porque ela foi excomungada pelo bispo, porque, ela... calça comprida era pra ser usada apenas só por homem e não por mulher né? Mas mesmo assim ela nunca se intimidou, ela foi lutadora e brigava e defendia os mais humildes sempre ela...⁵²⁶

No ano de 2023, ao ser questionada se houve alguma retaliação por parte da igreja devido a esse espaço ocupado por dona Gemica Bringel, a entrevistada complementou: “a Gemica, por ela ser política né? Ela foi a primeira mulher na política, ela se gabava⁵²⁷ que ela foi a primeira pessoa a usar calça comprida como mulher aqui em Parintins, é, ela passou por muitas dificuldades”⁵²⁸.

⁵²⁵ Dalva Ribeiro, entrevista realizada no prédio da Associação Pestalozzi de Parintins, no bairro Centro, Parintins, Amazonas, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 25 mai. 2023.

⁵²⁶ Ângela Rodrigues Reis, entrevista realizada na Unidade da SEDUC em Parintins-AM, no Bairro de São José, por Roger Kenned Repolho de Oliveira, 6 set. 2017.

⁵²⁷ Essa palavra, no dialeto local, quer dizer que contava vantagem de si, se orgulhava do ato que foi realizado por ela.

⁵²⁸ Ângela Rodrigues Reis, entrevista realizada em sua residência no Bairro de São José, Parintins, por Roger Kenned Repolho de Oliveira, 11 mai. 2023.

As memórias de Ângela Reis e Dalva expressam episódios de enfrentamento e evidenciam como a Igreja apresentava alguma importância para vereadora, além disso, tais relatos entram em conflito com a memória a respeito do bispo em relação à Gemica.

Tanto a carta encontrada no acervo pessoal de dona Gemica Bringel, discutida no início desse texto, como os relatos das duas professoras e amigas, permitem entender que de alguma forma essa relação conflituosa com a Igreja Católica fazia parte de uma memória que a vereadora buscava preservar e mobilizar em seu processo de construção de memória.

Ao enquadrar as duas professoras como um grupo que ressalta essa memória de que a Geminiana Bringel teve que enfrentar barreiras como a religião para estar nos lugares que ocupou, isso significa que essa memória tem uma importância ao se falar da vereadora e sua atuação na vida pública, uma vez que o ato de rememorar é um ato que possui sentido, significados e importâncias para o grupo.

Marcia Maria Mendes Motta afirma:

É preciso, portanto, estar atento ao fato de que a memória se constrói na lembrança, mas também no esquecimento. Em outras palavras, o processo de construção de memórias implica escolhas entre os fatos do passado que, por alguma razão, determinado grupo considera que devam ser lembrados/rememorados; e, ao fazer escolhas, o grupo também sublima, oculta ou esquece fatos.⁵²⁹

As memórias tanto de Ângela quanto de Dalva são memórias herdadas das experiências que Gemica Bringel fazia questão de rememorar, pois essas memórias de atuação nos espaços públicos exaltavam um pioneirismo feminino na política e o embate com uma instituição de grande influência no município, as quais que emergem após lutas das mulheres nos espaços públicos por meio principalmente do feminismo, tanto em suas movimentações como em suas ideias de ir contra a subjugação da mulher.

A Igreja é uma instituição patriarcal. O patriarcado é um sistema que hierarquiza os sujeitos e subalternizar as mulheres a favor do homem, encontrando na religião uma ferramenta para reafirmar inferioridades, justificar opressões e determinar modos comportamentais julgados corretos, para manter o *status quo*. Porém, a Igreja, à medida que as mudanças sociais chegam e a sociedade avança, busca se adaptar para se manter no lugar de poder que se encontra.

Saffioti analisa esse processo quanto à Igreja Católica:

[...] na medida em que só enquanto instituição social a Igreja pode levar avante a tarefa de aplicar a doutrina cristã, esta se nega no processo de ajustamento à sociedade que aquela é constrangida a realizar a fim de sobreviver. Assim, para defender sua posição

⁵²⁹ Motta, 2012, p. 27.

na estrutura de poder, a Igreja tenta adequar seu corpo doutrinário às expectativas sociais presentes, sacrificando a doutrina cristã sempre que as condições para a preservação de seu *status* o exigirem.⁵³⁰

A imagem abaixo sintetiza a complexidade da relação de Geminiana Campos Bulcão Bringel e a Igreja Católica na figura do bispo Dom Arcângelo Cerqua. A foto chama a atenção por demonstrar alguma importância para a professora e vereadora e se liga às discussões debatidas nesta seção.

Figura 14: Dom Arcângelo Cerqua, Geminiana Campos Bulcão Bringel e um sujeito não identificado.



Fonte: Acervo pessoal de Geminiana Bringel, cedido por seus familiares.

Na fotografia, da esquerda para a direita: Dom Arcângelo Cerqua de braços cruzados; dona Geminiana, de mãos para trás e de calça comprida; e um terceiro indivíduo não identificado. A imagem sugere que, mesmo não havendo uma aproximação, aparentemente a relação com dona Gemica Bringel e a Igreja, no caso, na figura de Dom Arcângelo, foi uma relação complexa. Dona Gemica, como uma mulher atuante em um período em que muitas perseguições ocorreram, assim como mortes e torturas, para além desses problemas, teve que lidar com o patriarcado presente nas instituições religiosas.

Segundo Ângela Reis, Gemica permaneceu muitos anos sem ir à igreja, no caso, a catedral do centro da cidade, que ficava próxima de sua casa:

Mas aí passado muitos anos, muitos anos mesmo, porque eu morei praticamente mais de trinta anos com ela, então ela não ia à igreja apesar dela morar.... Depois que ela se mudou dali onde eu falei do João Melo, aí ela passou a morar ali na Avenida

⁵³⁰ Saffioti, 1979, p. 141.

Amazonas até ela falecer, ali perto da igreja, mas ela não ia à igreja, já no finalzinho, já depois dos oitenta anos, né? Que ela... mas ela ia muito pouco.⁵³¹

É possível observar que a relação de dona Gemica com a Igreja Católica, no caso com a maior figura política da instituição no Baixo Amazonas, Dom Arcângelo Cerqua, era conflituosa. Também se evidencia a tentativa por parte da Igreja de conduzir as atitudes de dona Gemica Bringel na arena pública; às vezes, essas tentativas se davam no campo do espaço público, e outras vezes se encontra no campo do espaço privado. O fato é que há uma interferência e que muitas vezes Gemica, dentro desse controle, sofreu punições devido à sua atitude diante das limitações que o patriarcado lhe impõe.

Com isso, mesmo que Gemica tenha sido uma mulher com determinados privilégios, que lhe permitiram entrar na política local na metade do século XX, lugar onde o patriarcado impera e que também foi uma liderança política do partido de oposição ao regime militar, a religião estava sempre presente como parte da condutora de sua trajetória.

3.2 A Câmara Municipal como ferramenta de articulações e táticas

A vereadora Geminiana Campos Bulcão Bringel é uma figura multifacetada, cuja trajetória permite compreender os diferentes espaços em que atuou como agente política. Muitos desses espaços eram marcados por relações patriarcais, entre eles a Câmara Municipal de Parintins, importante instituição da esfera pública local. Durante o período de atuação da vereadora, entre as décadas de 1950 e 1980, o cenário político municipal era predominantemente masculino. Exemplo disso é o fato de Gemica Bringel ter sido, por muitos anos, a única mulher a ocupar esse espaço político.

No final do século XIX ao início do século XX, as mulheres na Amazônia ocuparam muitos postos no espaço público, especialmente em profissões que remetem ao cuidado, como a de educadoras, devido ao recente acesso do ensino, ainda que por peso da lei. No caso da mulher na indústria, essa inserção se fortaleceu a partir da instalação da Zona Franca de Manaus (ZFM), em trabalhos subalternizados e considerados femininos. Na política partidária, entretanto, essa participação foi mais limitada ao longo do século XX e continua reduzida nos dias atuais, revelando a permanência de uma forte herança patriarcal nas instituições políticas e de poder.

Reis, ao abordar a inserção feminina na esfera social na Amazônia, aponta que ela segue

⁵³¹ Ângela Rodrigues Reis, entrevista realizada em sua residência no Bairro de São José, Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira, 11 mai. 2023.

as regras das demais sociedades ocidentais, pois se caracteriza como um processo penoso e complexo. Tal complexidade se encontra na formação social amazônica, desenvolvida a partir de um viés sexista, legado da colonização, adotado pelo poder local, que imprimiu barreiras e estereótipos desvalorizantes à mulher, somado ao preconceito “étnico que permeou e fundou a imagem da mulher amazônida carregada de estigmas desmoralizantes, deixando marcas profundas em nossa constituição cultural”⁵³².

Geminiana Bringel, ao se inserir nesse espaço, possibilita evidenciar as desigualdades de gênero e permite compreender as relações de poder da sociedade da época. Os relatos orais mostraram uma relação conflituosa de dona Gemica Bringel com o bispo de Parintins, Dom Arcângelo Cerqua – momentos em que a vereadora foi colocada em uma condição de subalternidade e controle por parte da Igreja Católica. Dom Arcângelo era uma autoridade religiosa que possuía influência para além do campo religioso, alcançando o poder político, educacional e a saúde no município.

Geminiana atuava na área social do município, prestando auxílio aos menos favorecidos. Esse suporte ocorria das diversas formas possíveis, projetando-a como uma opção de voto para seu público eleitoral. Ao se tratar de seus projetos de leis na Câmara Municipal, estes tinham como foco a melhoria da cidade, a manutenção da rede elétrica, a pavimentação da cidade ou questões relativas ao matadouro e ao mercado municipal; em relação às mulheres, contudo, não se observam projetos voltados para a transformação da condição feminina na sociedade patriarcal.

Uma solicitação muito recorrente de sua autoria na Câmara são seus projetos para ceder títulos de cidadãos parintinense e homenagens a figuras por ela destacadas. Como por exemplo, em 1961, a vereadora apresentou o Projeto de Lei nº 2, que concedia uma honraria municipal ao bispo: “Ocupou a tribuna a Vereadora Geminiana Bulcão Bringel, esta apresentou à mesa um Projeto, que tomou o nº 2, em que concede ao primeiro bispo de Parintins Dom Archangelo Cérqua [sic], o título de ‘Cidadão Benemérito de Parintins’”⁵³³.

A homenagem concedida a Dom Arcângelo não constitui um caso isolado. Em outros momentos de sua atuação na Câmara Municipal, também emerge sua relação com a instituição eclesiástica, como revelam as atas de 1981-1982: “Geminiana Campos Bulcão Bringel apresenta um Requerimento n.º 16/81 em seja enviado ao Reverendíssimo Bispo D. Arcângelo Cérqua votos de felicidade pela transformação da Prelazia em Diocese”⁵³⁴. Bem como “Em 23

⁵³² Reis, 2011, p. 60.

⁵³³ Livro de Atas 1960-62, p. 95 verso. In: Butel *et al.*, 2011.

⁵³⁴ Livro de Atas de 1981-1982, p. 23. In: Andrade; Carneiro, 2012.

de março de 1981 os edis comentaram sobre a Elevação da Prelazia à Diocese e a edil Geminiana Bulcão apresenta um Requerimento nº 16/81 em seja enviado ao Reverendíssimo Bispo D. Arcângelo Cerque [sic] votos de felicidade pela transformação da Prelazia em Diocese”⁵³⁵. Diante do atentado sofrido pelo Papa João Paulo II, Geminiana faz uma declaração: “peço ouvido o Plenário, seja enviado cópia autêntica deste requerimento e do telegrama abaixo, ao nosso Bispo, Dom Arcângelo Cerqua”⁵³⁶. Esse pedido expressa a influência da Igreja em sua trajetória, mas também a forma como a vereadora lidava com o jogo de poder nas instituições.

Gemica parece entender o poder que a Igreja Católica detinha sobre ela. Não se encontra nas atas da Câmara Municipal, em momento algum, qualquer crítica à religião católica; aparentemente, sua postura era a de tentar agradar e ser vista com bons olhos pela Igreja, aqual, naquele período, estava centrada na figura do bispo Arcângelo Cerqua. Partindo da característica descrita em muitas entrevistas – de ser uma mulher que não “levava desaforo pra casa” (nas palavras de muitos entrevistados), que não tolerava impunidade e não se calava –, quando o assunto era a religião, ela entendia que se tratava de um poder com o qual não podia bater de frente.

Aparentemente esse respeito se estendia à religião protestante. Mesmo seguindo o catolicismo, dona Gemica Bringel mantinha diálogo com o protestantismo. Em sua fala registrada na ata da Câmara Municipal de Parintins, reforça essa afirmação:

Na 13ª Sessão do dia 25 de abril de 1978 a edil Geminiana Bulcão Bringel que falou sobre a inauguração da nova Igreja Evangélica Assembleia de Deus, instalada no Bairro de Palmares. A nobre Vereadora esteve presente e sentiu que naquela Casa de Oração a presença de Deus, pois mesmo sendo católica, acredita que crente é aquele que crê na palavra de Deus. E solicitou que fosse transcrito nos anais desta Casa e oficiado ao Pastor Oziel dos Santos Santiago transmitindo sua satisfação por essa iniciativa que também partiu do Pastor Silva Rufino.⁵³⁷

Suas palavras, ao justificar que “crente é aquele que crê na palavra de Deus”, podem tanto expressar sua forma de ver o mundo e vivenciar a religiosidade quanto representar uma estratégia para se posicionar em um lugar de mediação em um município marcado por divisões religiosas. Essa dupla influência pode ser observada em sua trajetória, especialmente em duas importantes instituições de ensino do município: o Colégio Batista de Parintins, onde estudou e atuou como professora, e o Colégio Nossa Senhora do Carmo, instituição católica na qual

⁵³⁵ Livro de Atas de 1981-1982, p.23. In: Andrade; Carneiro, 2012.

⁵³⁶ Livro de Atas de 1981-1982, p. 59. In: Andrade; Carneiro, 2012.

⁵³⁷ Livro de Atas de 1977-1979, p. 50. In: Andrade; Carneiro, 2012.

também lecionou.

O relato da professora Dalva permite observar como a proximidade entre essas duas instituições religiosas criou uma dupla possibilidade de formação para Geminiana e para a mãe da entrevistada. Segundo Dalva Ribeiro:

Foi nessa época que ela passou a ser amiga da Geminiana, porque na época quem era casado não podia estudar, quem tinha filho não podia estudar né? Era proibidíssimo, e, inclusive a Gemica, como sempre, foi uma pessoa questionadora, uma pessoa batalhadora, brigalhona, principalmente pelos direitos delas e das pessoas e elas conseguiram. É, no Colégio do Carmo elas não conseguiram, o Colégio do Carmo não abriu esse espaço, mas aí elas foram pro Colégio Batista, na época o Pastor Lessa deu essa oportunidade, aí a minha mãe terminou o ginásio e no 8º ano que na época era, acho que era o 4º ginásial, que era o último ano ginásial, a minha mãe faleceu.⁵³⁸

Como evidenciado, o relato da professora Dalva permite compreender não apenas as desigualdades de gênero presentes no acesso à formação profissional, mas também como a forma pela qual Geminiana se posicionava em relação à religião lhe abriu oportunidades adicionais. Verificamos também como, independente da intuição religiosa, sendo católica ou protestante, ao tratar da condição da mulher na sociedade, ambas são hierarquizadas, tendo como base as desigualdades de gênero.

Assim, a memória da professora Dalva demonstra a luta e a insistência dessas mulheres que, por serem casadas, sofriam restrições para seguir com sua formação. Recorrer a diferentes instituições em busca da oportunidade de estudar revela uma estratégia de articulação de dona Gemica Bringel, a qual também pode ser compreendida a partir de seu lugar social, o qual lhe proporcionava condições mais favoráveis para dedicar-se a essa atividade, aspecto associado ao capital político.

Voltando às análises de sua atuação dentro da Câmara Municipal, mas mantendo a discussão sobre a religião e o posicionamento da vereadora, logo no ano de sua inserção na política de Parintins, em 1º de junho de 1956, Geminiana Bringel comentou um projeto de lei do então vereador Odovaldo Ferreira Novo. A proposta previa a mudança do nome da praça da Matriz, conhecida como Praça do Sagrado, para Praça Padre Torquato Antonio de Sousa. Em sua justificava, o vereador ressaltou ter sido o sacerdote o autor do projeto que deu origem a Lei nº 75, de 14 de dezembro de 1957, a qual criou a cadeira do ensino médio primário para o sexo feminino⁵³⁹. A vereadora, em seu comentário sobre o projeto, sinaliza o reconhecimento da importância da Igreja Católica na educação feminina.

⁵³⁸ Dalva Ribeiro, entrevista realizada no prédio da Associação Pestalozzi de Parintins, no bairro Centro, Parintins, Amazonas, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 25 mai. 2023.

⁵³⁹ Livro de Atas de 1956-58 p. 49, verso do livro. In: Butel *et al.*, 2011.

Ao analisar a participação de Geminiana Campos Bulcão Bringel na Câmara Municipal de Parintins, observa-se que a vereadora não apenas utilizava suas falas para construir aproximações e fortalecer sua rede de relações – especialmente junto a lideranças religiosas católicas –, mas também recorria a instrumentos institucionais, como a proposição de títulos honoríficos. Entre esses casos, destaca-se a apresentação do Projeto n.º 6/65, que concedia o Título de Cidadão Parintinense ao Reverendíssimo Padre José Victor Heinz⁵⁴⁰. A solenidade contou com a presença do homenageado, além de diversas autoridades locais, entre elas o prefeito Raymundo Dejard Vieira, o juiz de direito Mozart Miquilino da Costa, o padre Januário Cardelle e o major Edgard Pinheiro da Gama⁵⁴¹.

A concessão de títulos honoríficos não se restringia às lideranças religiosas. Na sessão de 19 de novembro de 1965, a vereadora Geminiana Bringel apresentou ao plenário o projeto n.º 8/65, que outorgava o título de “Cidadão de Parintins” ao governador do Estado, Arthur César Ferreira Reis⁵⁴².

Vale ressaltar que as solenidades das concessões de título de cidadão contavam com a presença de outras autoridades e lideranças da sociedade da época, como é possível ver na transcrição das próprias atas:

Na sessão solene de dez de fevereiro, sob a presidência de José Pedro Faria, na presença dos vereadores: Raimundo Osmar de Araújo, Gláucio Gonçalves e Geminiana Bulcão, foram entregues os títulos de Cidadão de Parintins aos senhores: Dr. Yoshio Toda, Kotaro Tuji e Yoshimassa Nakauchi. Estavam presentes na sessão as autoridades: Raymundo Dejard Vieira, Prefeito Municipal, D. Arcângelo Cerqua, D.D. Prelado de Parintins, Nakagona, Cônsul do Japão no Amazonas. Dr. Luiz Vasconcelos Dias, Juiz de Direito da 1ª vara, Coronel Omar da Silveira, Comandante da Guarda Nacional, Sr. Rafael Faraco, Deputado Estadual, Dr. Paulo Herban Maciel Jacob, Desembargador, Dr. José Henriques de Souza Filho, Consultor Jurídico Fazendário. Em nome do Sr. Kotaro Tuji, o Sr. Kenji.⁵⁴³

A presença de sujeitos como lideranças políticas e religiosas do município agrega uma importância a mais às solenidades e à atribuição de títulos de cidadãos parintinense, funcionando como uma forma de ampliar o capital social, ou seja, as redes de relações. O relato do ex-vereador Geraldo Medeiros traz mais um dado referente aos títulos de cidadãos concedidos por dona Geminiana Bringel e ao prestígio que envolvia recebê-los:

Eu era Arena e MDB, do qual eu nunca deixei de admirar e ela nunca deixou de me admirar, por sinal, diga-se de passagem, em 1977 eu recebi o meu título de cidadão parintinense e proposta da dona Geminiana. Hoje eu sou Parintinense porque a cidade

⁵⁴⁰ Livro de Atas 1964-69, p. 43. In: Butel; Butel; Cursino, 2012.

⁵⁴¹ Livro de Atas 1964-69, p. 43. In: Butel *et al.*, 2011.

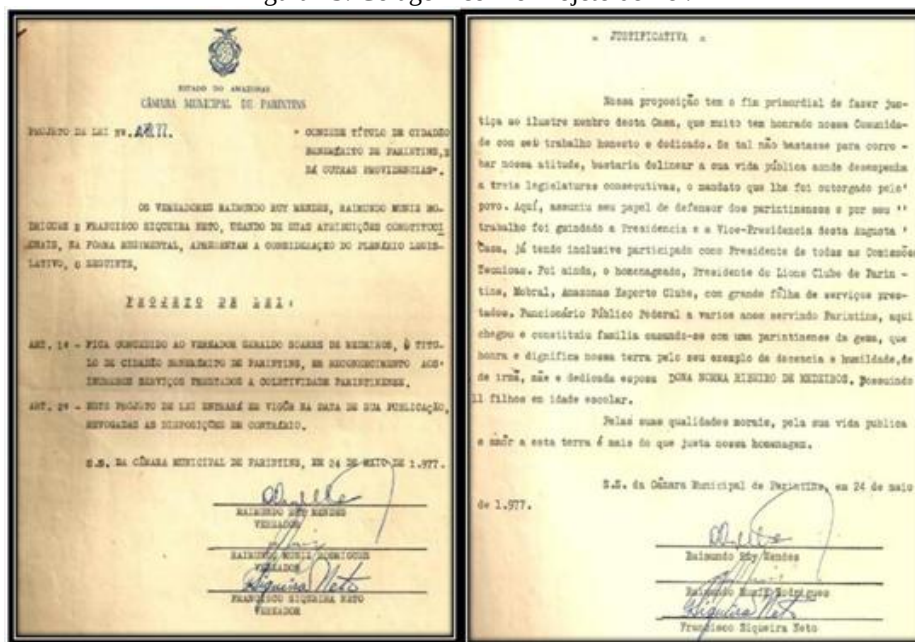
⁵⁴² Reis, 2011, p. 83.

⁵⁴³ *Ibid.*, p. 85.

me concedeu esse título, os vereadores e que o representante do povo me deu o título e eu sou parintinense e tenho muita honra por isso, mas é só isso e eu fui o segundo cidadão em Parintins, a receber o título de cidadão amazonense. Sou também cidadão amazonense, recebi o título em 21 de novembro de 2014, cidadão amazonense, eu não fui o primeiro porque o primeiro o Dom Arcângelo Cerqua, e o segundo fui eu então a minha história como matuto lá do interior da Paraíba foi maravilhosa.⁵⁴⁴

Geraldo Medeiros, em sua memória, recorda a concessão do título e atribui a iniciativa à dona Geminiana Bringel. Em seu relato, destaca que, embora fosse filiado à ARENA, sempre houve respeito entre ele e a vereadora. Conforme o registro nas atas, “O Projeto de Lei nº 03/77 que concede o Título de Cidadão Benemérito de Parintins ao edil Geraldo Soares de Medeiros, [foi] aprovado no dia 24 de maio de 1977”⁵⁴⁵. Na memória do ex-vereador sobre a concessão da honraria, faz-se menção apenas a dona Gemica; contudo, em documentos da Câmara Municipal encontrados na obra *“História e memória política de Parintins”*, o projeto de lei não está assinado em nome da vereadora, mas sim de Raimundo Ray Mendes, Raimundo Muniz Rodrigues e Francisco Siqueira Neto, como é possível ver abaixo:

Figura 15: Colagem com o Projeto de Lei.



Fonte: Andrade; Carneiro, 2012.

Na operação de lembrar e esquecer, o ex-vereador seleciona apenas dois sujeitos ao rememorar esse episódio: a vereadora Geminiana Bulcão Bringel e o bispo Dom Arcângelo Cerqua. Essa seleção sugere a importância que ambos ocuparam em sua experiência e em sua

⁵⁴⁴ Geraldo Soares Medeiros, entrevista realizada em sua residência no bairro Centro, Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 30 set. 2016.

⁵⁴⁵ Livro de Registros de Projetos e Decretos da C.M.P. e P.M.P. de 1977, p.5-6.

memória do acontecimento. Por um lado, Gemica aparece como a responsável pela proposição do título; por outro, a presença de Dom Arcângelo confere prestígio simbólico à homenagem recebida. Ainda que não seja possível descartar o papel desempenhado pela vereadora na concessão da honraria, chama atenção o fato de que, entre os diversos participantes da solenidade, Geraldo Medeiros tenha preservado justamente esses dois personagens em sua narrativa.

O relato de Geraldo Medeiros também permite pensar que os títulos de cidadania propostos por dona Gemica Bringel funcionavam como instrumentos de aproximação e fortalecimento de relações políticas e institucionais. Se tais homenagens contribuíam para estreitar vínculos com lideranças da oposição política, é possível supor que desempenhassem função semelhante em relação às lideranças religiosas e à própria Igreja Católica.

Contudo, além das homenagens destinadas a lideranças políticas e religiosas, a atuação da vereadora também evidencia momentos em que utilizava a tribuna para destacar a presença e as conquistas das mulheres em diferentes espaços da sociedade. Isso se reflete ao apresentar um requerimento no qual expressa seu destaque e admiração à mulher, bem como um voto de congratulação à Justiça Amazonense por convocar a Doutora Marinildes Mendonça Lima para completar o *quorum* do Egrégio Tribunal Pleno, sendo a primeira mulher a alcançar o cargo de Desembargadora⁵⁴⁶. O mesmo ocorre quando reitera “junto a Câmara o papel da mulher brasileira, a qual estava ganhando espaços em todas as áreas, dentre essas a ascensão à cadeira na Academia de Letras da primeira mulher, a escritora Raquel de Queiroz, em 1977”⁵⁴⁷.

As manifestações da vereadora em favor dessas conquistas femininas também precisam ser compreendidas no contexto de uma sociedade em que a participação das mulheres nos espaços de poder permanecia restrita. Na própria capital do Amazonas onde grande parte das mulheres foram direcionadas para o trabalho das fábricas devido à instalação da Zona Franca de Manaus, projetos de leis relacionados às causas femininas só começaram a ser apresentados por parlamentares mulheres a partir da década de 1980.

Reis, ao analisar a ampliação do movimento de mulheres que vieram de organizações e de outros movimentos, afirma que estes tiveram mais força a partir da adesão de parlamentares, destacando:

No ano de 1986, a Deputada Elizabeth Azize (PMDB), propõe um projeto de lei que cria a delegacia de Defesa dos Direitos da Mulher, foi constituída a 1ª Conferência Estadual de Saúde e Direitos da Mulher. Em 1988 a Deputada Betty Suely (PMDB)

⁵⁴⁶ Andrade; Carneiro, 2012.

⁵⁴⁷ *Ibid.*, p. 148.

apresenta na Assembléia Legislativa o projeto para criação do Conselho Estadual da Condição Feminina este só é aprovado em 1989 pela Lei Estadual 1903, como Conselho Estadual da Mulher. Em 1998, a Vereadora Vanessa Grazziotin (PC do B) apresenta o projeto de lei que cria o Conselho Municipal da Condição Feminina, que em 2005 altera-se a lei passando a ter a seguinte redação – Conselho Municipal dos Direitos da Mulher.⁵⁴⁸

A autora aponta ainda o motivo da adoção das parlamentares às causas relacionadas às mulheres.

A prioridade dada pelas parlamentares a algumas temáticas pode ser entendida, como uma estratégia política buscando uma interlocução com o movimento de mulheres que ganhava visibilidade no espaço público e se fazia cada vez mais autônomo em suas dimensões organizacionais, ideológicas, programáticas e físicas. Estar próximo deste movimento significaria o fortalecimento da representatividade política parlamentar, na medida em que estariam articuladas a uma rede de relações que formulavam reivindicações e produziam demandas nas quais serviriam de inspiração para plataformas eleitorais.⁵⁴⁹

A atuação da professora e vereadora dentro da Câmara Municipal não se destinava para essas causas, até porque se deu em um momento anterior às primeiras demandas encontradas na capital do estado. Tratava-se, então, de um espaço para as suas articulações para se manter no espaço político e se fazer presente em um momento em que era a única mulher no lugar de poder, utilizando-se de capitais simbólicos.

Dona Gemica utiliza esse espaço de poder para construir articulações e fortalecer relações que contribuíam para sua consolidação no cenário político local, evidenciando sua capacidade de influência e negociação. Como analisado anteriormente, as memórias presentes nos relatos orais parecem manter uma relação conflituosa entre a vereadora Gemica e o bispo Cerqua, revelando muitas vezes o caráter privado dessa relação. As atas da Câmara Municipal, por sua vez, revelam como essas relações se estenderam nos espaços públicos, e como dona Gemica Bringel interagia com os sujeitos homens.

3.3 “Se ela dissesse que pau era pedra, era porque tinha que ser pedra”⁵⁵⁰: Narrativas sobre as relações de poder e articulações de Gemica na política do Baixo Amazonas

Geminiana Campos Bulcão Bringel, a partir da metade do século XX, frequentou um

⁵⁴⁸ Reis, 2011, p. 66.

⁵⁴⁹ *Ibid.*

⁵⁵⁰ José Maria Pinheiro Ferreira, entrevista realizada em sua residência no bairro João Novo Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

espaço generificado, a política partidária, enfrentando, conforme mencionado, diversos entraves inerentes e impostos pelo fato de ser mulher em um espaço de poder masculino. Contudo, dona Gemica detinha privilégios dentro dessa mesma sociedade de classes que a colocava em vantagem em relação a muitos homens.

Por meio dos relatos orais, realizou-se a escuta sobre as memórias relacionadas à vereadora e sua atuação política, permitindo considerar suas estratégias para se estabelecer e se impor nesse lugar de poder. A política é um campo que exige táticas para se manter e lidar com as relações de poder. Além disso, no caso de dona Gemica, muitos elementos podem ter contribuído para consolidar a presença da mulher nos espaços públicos.

Dessa forma, busca-se analisar as narrativas dos sujeitos entrevistados, nas quais se revelam as táticas utilizadas por dona Gemica para sua permanência nos espaços de poder. As entrevistas realizadas com ex-vereadores que atuaram junto à vereadora, bem como com colegas de trabalho e pessoas com as quais Geminiana estabeleceu relações de ajuda mútua, evidenciam a permanência de sua memória e atuação pública nos relatos desses sujeitos. Esses testemunhos chamam atenção para as formas pelas quais Geminiana organizava suas práticas políticas, especialmente por meio da fala e da ação diante das situações vivenciadas no cotidiano político. Segundo os entrevistados, a vereadora possuía uma maneira singular de fazer política, marcada pela defesa de suas posições e pelo enfrentamento daquilo que considerava situações de injustiça.

Talvez por estar inserida, desde a infância, nos espaços públicos por meio da educação, além de dispor de uma qualificação profissional e poder aquisitivo pouco comuns para a maioria das mulheres de seu período, dona Gemica Bringel encontrou possibilidades de atuação política diferenciadas. Esses elementos contribuíram para a construção de sua trajetória e para o exercício de uma liderança política que, naquele contexto, ainda era pouco acessível a muitas mulheres e a outros sujeitos que não dispunham dos mesmos recursos sociais.

Ao olhar para a memória de José Maria Pinheiro, ex-vereador e colega de partido de Gemica Bringel durante a Ditadura Militar no país, encontra-se uma visão mais aproximada da sua atuação na Câmara Municipal de Parintins:

Ela se graduou, ela ficou muito mais inteligente do que ela era quando não tinha esse conhecimento. Ela era profunda no conhecimento, ela era rápida, dominava a parte teórica do partido, a parte prática do partido, como se formou o partido, o discurso dela no palanque era fértil, era voltado com clara evidência, ela tinha uma noção de mundo assim muito, políticos que não tinham nenhuma sabedoria quase (...).⁵⁵¹

⁵⁵¹ *Idem.*

O ex-vereador ressalta que após a vereadora concluir sua formação, o seu discurso político e atuação partidária de Gemica ganharam maior amplitude e eficácia no modo de fazer política. José Maria Pinheiro associa a erudição (o fato de ter concluído a formação acadêmica) a um entendimento e esclarecimento que permitia à vereadora realizar uma melhor leitura do cenário político da época, colocando-a a alguns passos à frente de seus opositores.

As mulheres, dentro do lugar que lhes foi historicamente imposto, souberam utilizar-se dele, fazer-se ouvir e ver, valendo-se de táticas específicas. A educação escolar, aparentemente, foi para dona Gemica o vetor que possibilitou o adentrar no espaço público. Era uma mulher que possuía poder aquisitivo, que não se identificava como mulher negra e que não necessitava se submeter a trabalhos que as mulheres em situações econômicas mais vulneráveis precisavam para sobreviver – realidade que, no geral, restringia ou impossibilitava a formação escolar.

Sobre as mulheres pertencentes às camadas sociais favorecidas que utilizaram a educação formal como uma possibilidade de ampliação de seus espaços de atuação, Antunes aborda a importância das mulheres letradas do início do século XX que se aventuraram a ocupar o espaço da escrita pública. Segundo a autora, ao ingressarem nesse campo, essas mulheres passaram a registrar suas experiências, angústias e anseios cotidianos, chegando a publicar folhetins em jornais da primeira metade daquele século⁵⁵².

É possível que, para dona Gemica Bringel, o letramento não tenha servido apenas para sua inserção nos espaços da escrita, do ensino e do público, mas também para sua atuação política, marcada por embates e disputas. A partir de sua formação, entendimento e domínio da escrita, a vereadora obtinha vantagem nas discussões políticas, principalmente pela sua capacidade de argumentação e retórica, bem como pelo desenvolvimento de táticas para sua permanência nesse espaço, como se observa na fala do ex-vereador e professor José Maria:

Pro senhor ter uma ideia, teve um período aqui em Parintins que teve um candidato que ele era... tinha bastante voto, que ele era conhecido como redondo quadrado. Por que redondo? Quadrado, porque ele não tinha nada de instrução né? Mas tinha aquela sabedoria dele, mas ela não, ela ia na frente, ela era de vanguarda sabe? Dona Gemica não foi de estar na retaguarda, ela foi sempre de estar na vanguarda, discursos bonitos.⁵⁵³

O relato do ex-vereador evidencia que, mesmo possuindo aceitação popular, como demonstra o caso do vereador apelidado de “redondo quadrado”, dentro das relações políticas

⁵⁵² Antunes, 2014.

⁵⁵³ *Ibid.*

locais outros elementos também eram importantes para a atuação na Câmara Municipal. Possuir conhecimento formal, oratória e certa erudição fazia diferença nas disputas políticas, como é possível perceber no elogio feito pelo próprio vereador ao mencionar os “discursos bonitos” de Geminiana. Além disso, o fato de possuir uma formação acadêmica contribuiu para que tivesse maior compreensão sobre o funcionamento político e sobre as burocracias que envolviam esse espaço, algo que poucos possuíam naquele contexto. Esse conhecimento técnico funcionava como uma forma de vantagem e fortalecimento de sua atuação política, permitindo que construísse sua liderança dentro de um espaço predominantemente masculino, sendo reconhecida pelos próprios homens que faziam parte desse ambiente.

José Maria Pinheiro, no período de sua atuação, era mais jovem que dona Gemica Bringel. Ele se lembra das articulações realizadas pela vereadora: “instruída, dava orientações, a gente perguntava dela, quem tinha humildade de perguntar dela, tinha uns que mesmo não sabendo nada não são humildes né? Quem tinha humildade de perguntar dela ela ia pa, pa, pa... Prontamente e orientava”⁵⁵⁴.

O entendimento da professora e vereadora sobre os processos burocráticos, assim como aquilo que considera certo, causava desentendimento com outros vereadores, como é encontrado na narrativa de Geraldo Medeiros:

Por exemplo, um vereador apresentava um projeto de brincadeira, ela não aceitava. Um vereador queria gritar na câmara, ela não aceitava, as coisas erradas. Uma prestação se não estava certa, ela queria discutir, pois é o dever do vereador discutir a prestação de conta. Os orçamentos do programa, ela brigava, porque não estava de acordo, o que a cidade precisava. Então era dessas que gostava de coisas certas, então dava certa comigo porque eu também não gostava de coisa muito feia, então eu digo brigona por esta razão, mas de ponto de chegar tirar o sapato e bater na cabeça do vereador, porque o vereador estava lá aos berros porque não concordava com a desapropriação desse Palmares que está aqui hoje, que era Palmares, que era uma propriedade, mas que o dono começou a vender um pedaço, pedaço pra um, pra pedaço pra outro e depois queria negar a venda, mas o pessoal tem o recibo.⁵⁵⁵

Possivelmente, a apropriação do conhecimento burocrático e da política local por parte da vereadora tenha gerado algum incômodo em seus colegas homens. Geminiana tomou a frente de muitas comissões, inclusive as orçamentárias, atuando como membro, presidente ou vice-presidente de muitas delas ao longo dos seus mandatos. O ato de fiscalizar, inclusive os próprios colegas vereadores, o rigor com o processo burocrático e o fato ser mulher podem ter gerado reações por parte de seus colegas para provocá-la ou desestabilizá-la, tais como “apresentar um

⁵⁵⁴ *Ibid.*

⁵⁵⁵ Geraldo Soares Medeiros, entrevista realizada em sua residência no bairro Centro, Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 30 set. 2016

projeto de brincadeira”⁵⁵⁶.

Muito provavelmente, tais reações decorriam de seu letramento e sua leitura do ambiente político, somado à falta de formação por parte de alguns políticos, gerando indisposição contra Gemica. Ao que indica, a vereadora dominava discussões e posicionamento dentro do próprio partido, como relata José Maria Pinheiro:

O que mais o pessoal comentava é que ela entendia muito da parte burocrática de criar um partido, né? Ela tinha a parte burocrática, tinha a teoria a parte e ela praticava, ela tinha todas essas vantagens dela. Então quando ela fundava um partido, o pessoal que estava querendo acompanhar com ela, o pessoal que já sabiam alguma coisa de partido, eles ficavam atento porque ela dominava, ela sabia como proceder na parte burocrática. O fulano de tal vai votar assim, assim, que é da comunidade tal, tal, e arranjava, fazia um arranjo que a ala dela se prevalecia, por que ela tinha esse conhecimento, já outra ala do próprio partido que não tinha esse conhecimento era derrotado.⁵⁵⁷

O que fica entendido mais uma vez é que a vereadora dominava as dinâmicas do jogo político da época a ponto de haver políticos que seguiam suas orientações. Esse domínio da trama política também é observado pelo ex-vereador Orlando Hatta:

Por exemplo: os caras queriam fazer as coisas contra, por que, uma hipótese, o senhor é do PMDB eu sou PSDB, então eu quero as coisas vá pela minha cartilha e ela não aceitava isso. E impressionante, ela não aceitava o que eu dizia, mas queria que rezasse na cartilha dela, era aquele negócio, porque levava um pouco de vantagem **por que o chefe era do partido dela e tudo**. Nós éramos cinco, Geminiana, Geraldo Medeiros, Zé Maria Pinheiro, eu e o Raimundo Muniz, nós cinco a gente virava do avesso as coisas. Naquela época não tinha tanto como é hoje, “olha eu vou fazer um projeto, pra votar em um projeto você vai receber x”. Hoje é uma porcaria, eu chamo de porcaria, uma vergonha né? E se o cara vai lutar pelo povo não tem esse negócio “eu vou agradar o prefeito”, tem que votar pela comunidade, e eu não participava desse.⁵⁵⁸

Seu Orlando Hatta aponta uma relação de poder onde Geminiana conseguia se articular e fazer valer sua posição dentro do espaço político generificado e masculinizado. Com isso, o relato revela outras formas de se firmar dentro desses embates políticos: as articulações que ajudavam na persuasão, quando afirma que o “Chefe”, algum líder que estava acima deles na hierarquia política, estava do lado da vereadora e dava vantagem de poder político para ela. Além disso, ao mencionar os nomes dos cinco vereadores que faziam as coisas “virarem do avesso”, infere tal afirmativa no sentido de mudar a ordem das coisas, devido suas articulações

⁵⁵⁶ *Idem*.

⁵⁵⁷ José Maria Pinheiro Ferreira, entrevista realizada em sua residência no bairro João Novo Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

⁵⁵⁸ Orlando da Silva Hatta, entrevista realizada em sua residência no bairro de São José, Parintins-AM por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

e maioria de voto.

As articulações dentro da Câmara Municipal e o apoio político de dona Gemica Bringel não se restringiam os seus correligionários do MDB. Orlando Hatta, que saiu do partido ARENA no final da década de 1970 para início de 1980 e ingressou no MDB, em seu relato oral, rememora que essa mudança se deu graças à dona Gemica Bringel:

Entrevistador: mas é, esse embate que ela tinha, havia alguma coisa que falavam, alguma relação desse embate com os colegas?

Entrevistado: não, impressionante, olha, uma pergunta boa. Impressionante as discussões relativas ao assunto que ia, engraçado, gritavam de todo jeito dentro da Câmara e lá morria, não tinha esse negócio, “ah, e porque está atacando”. Nada disso chegava em um consenso sabe, endireitava no início, baixava o tom de voz e depois chegava em um consenso. Hoje tudo é consenso né? Mas indiferente de qualquer, ficar de qualquer com aquela lá, você podia ter uma mágoa, que a palavra corta muito né? Às vezes, as palavras são usadas inadequadamente e fere muito o ser humano, mas depois com o tempo é renovado.

Entrevistador: o senhor tem alguma lembrança algum episódio, desse que a palavra fere algum embate que foi mais?

Entrevistado: foi, impressionante, foi a que, foi esse meu quando cassaram o meu mandato, eu em cima das provas e eles me cassando, aí ela virou o bicho, ela virou bicho e brigava com o prefeito brigava com tudo quanto era.⁵⁵⁹

A cassação de seu mandato como vereador é um marco na memória de seu Orlando Hatta. Nas atas da Câmara Municipal, observa-se uma longa discussão em torno desse episódio, tendo como principal tema as ausências do vereador nas sessões plenárias e o questionamento sobre o limite de faltas permitido para o exercício parlamentar⁵⁶⁰. Em uma ata posterior, a discussão sobre a cassação do vereador se estende e os vereadores Geraldo Medeiros, Geminiana Bringel e José Maria Pinheiro contestam os posicionamentos do presidente da Câmara; no final desta seção, em forma de protesto, os três vereadores mencionados mais o vereador Iranildo Nóbrega retiraram-se do Plenário⁵⁶¹.

Na 14ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal, a vereadora Geminiana Campos Bulcão Bringel, devido à ausência da mesa diretiva e por ser a vereadora com mais idade, assume a presidência de acordo com o Regimento Interno da Casa. A seção contou com a presença dos vereadores Geraldo Soares de Medeiros, José Maria Pinheiro Ferreira, Iranildo Nóbrega de Melo Azedo e Orlando da Silva Hatta⁵⁶²:

A seguir não foi feita a leitura da ata que, não foi possível ser aprovada, em virtude de a maioria absoluta da Casa, ficando, portanto, para ser decidida na próxima sessão. Ato contínuo, a Presidente em exercício da mesa, considerando que o Presidente

⁵⁵⁹ *Ibid.*

⁵⁶⁰ Ata 001/80 – Comissão Representativa da Câmara Municipal de Parintins, 1981, p. 07.

⁵⁶¹ Livro de Atas 1981-1982, p. 08-11. *In*: Andrade; Carneiro, 2012.

⁵⁶² Livro de Atas de 1981- 1982, p. 180. *In*: Andrade; Carneiro, 2012.

efetivo já havia, no Gabinete da Presidência, perante o Dr. José Dutra, o Dr. Leopoldo Peres Sobrinho e o oficial de Justiça, reintegrado o Vereador Orlando da Silva Hatta, por determinação do MM Juiz de Direito da Comarca, em cumprimento do Tribunal da Justiça do Estado, autorizou que o vereador Orlando Hatta tomasse assento na sua bancada, ficando assim reintegrado à Câmara.⁵⁶³

As fontes da Câmara Municipal revelam a atuação constante na tentativa de trazer de volta o mandato de Orlando Hatta. O embate evidencia como as articulações por parte da vereadora Gemica Bringel se estabeleciam em cima de um critério que ela achava justo. Essas relações atraíam colegas parlamentares, ex-arenistas, que no final da Ditadura Militar migraram para o lado político de dona Gemica Bringel e, com isso, ficavam mais fortes e influentes dentro da Câmara Municipal.

Na mesma 14ª sessão, é observável a ausência dos adversários do grupo político de dona Gemica Bringel, talvez em uma forma de protesto contra a decisão de reintegração de Orlando. Na sessão, estavam presentes apenas os aliados políticos da vereadora; em sua fala é possível observar que houve uma reunião anterior à sessão que traria de volta o mandato do vereador Orlando Hatta. A vereadora, naquele momento presidenta da Câmara, revela o resultado acordado na reunião com autoridades e que influenciaram a volta do vereador.

A narrativa do ex-vereador sobre esse episódio em que seu mandato foi cassado revela nuances que não foram documentadas. Isso reforça como a história oral possibilita versões ainda não registradas, a partir dos próprios sujeitos dos eventos:

Eu fui, eu saí da ARENA. Fui eleito em 79 na chapa da ARENA com Raimundo Reis Ferreira, que foi prefeito naquela época. Como ele estava fazendo umas besteiras com os amigos deles, aí eu comecei a denunciar, era do mesmo partido. Hoje não tem mais desse tipo, você é do time, deixa o cara roubar, como está agora, eu não, eu denunciei. Então pra ele se ver livre, ele caçou meu mandato, eu passei quatorze meses fora da Câmara na época. O Gilberto era o governador e o Zé Dutra era o secretário de justiça, não, mas mesmo assim eu levei doze meses pra retornar o ponto. Aí eu passei pro MDB, aí eu fui presidente do MDB quinze anos. Na época o Gilberto, “olha fala pro japonês [se referindo ao vereador] lá que”... Rapaz, a Geminiana ela gostava, e o progresso das coisas está em fazer o que você gosta, e ela gostava em ser política a Geminiana né? Ela era contestada por várias coisas, porque se ela dissesse que pau era pedra, era porque tinha que ser pedra.⁵⁶⁴

A conclusão do relato do vereador, “Ela era contestada por várias coisas, porque se ela dissesse que pau era pedra, tinha que ser pedra”, parece ser um apontamento fundado no machismo e nas desigualdades de gênero, atribuindo a opinião de dona Gemica Bringel à um argumento sem racionalidade, dando um sentido que mesmo que a vereadora estivesse errada,

⁵⁶³ *Ibid.*

⁵⁶⁴ Orlando da Silva Hatta, entrevista realizada em sua residência no bairro de São José, Parintins-AM por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

iria permanecer com sua opinião, não se importando com a razão. É possível inferir que sua fala expressa também uma certa indignação sobre a influência e poder de convencimento que a vereadora dispunha, colocando sua posição em evidência mesmo com opiniões contrárias à dela.

Isso permite estabelecer uma conexão entre a vereadora e um apoio externo, cuja influência possibilitou sua autonomia e posicionamento na trama política local, os quais foram Gilberto Mestrinho e José Cardoso Dutra, lideranças que aparecem nos relatos dos sujeitos e nas atas da Câmara Municipal. Essas documentações permitem uma ligação com a vereadora e fazem parte das redes de relações de poder. As narrativas de Orlando Hatta, Geraldo Medeiros, José Maria Pinheiro, Ângela Reis, Dalva e Raimunda Ribeiro, reforçam a influência, apoio e proximidade que a vereadora Gemica Bringel possuía com os sempre citados Gilberto Mestrinho e José Cardoso Dutra.

Segundo a “Biografia do(a) Deputado(a) Federal José Dutra”, do Portal da Câmara dos Deputados, José Cardoso Dutra formou-se em Direito na Universidade do Amazonas em 1967. Atuou como líder do Sindicato Bancário; deputado estadual do Amazonas pelo MDB nos períodos de 1971 a 1975 e 1975 a 1979, e depois pelo PMDB, entre 1983 a 1987. Também teve mandatos de Deputado Federal do Amazonas, pelo PMDB, de 1987 a 1991 e 1991 a 1995⁵⁶⁵. Ele faleceu aos 84 anos, de infarto, no Hospital Santa Lúcia, em Brasília, no dia 7 de janeiro de 2022.⁵⁶⁶

Exercia significativa influência na política local e regional, conforme exposto nas discussões deste capítulo. Além dos relatos orais, que indicam sua proximidade com Geminiana, o acervo da própria vereadora evidencia sua participação em encontros do partido MDB, realizados em sua residência, espaço que funcionava como um local de articulação política da liderança partidária no município.

Muito possivelmente, esse apoio dado à líder partidária Gemica Bringel se devia ao fato de ela também possuir uma trajetória consolidada na política local. Dessa forma, além da influência construída no município, sua atuação contribuía para legitimar outras figuras políticas e ampliar o apoio eleitoral desses sujeitos. Isso pode ser observado na sua relação com uma importante liderança política de antes do golpe civil-militar, Gilberto Mestrinho, o qual retornou à vida pública em 1982. Ao falar desse período, em “*Gilberto Mestrinho: de caudilho*

⁵⁶⁵ CÂMARA DOS DEPUTADOS. José Cardoso Dutra: biografia. **Portal Câmara dos Deputados**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/133867/biografia>. Acesso em: 20 dez. 2025.

⁵⁶⁶ O AJURICABA. Presidente da Assembleia, Roberto Cidade, lamenta a morte do ex-deputado José Cardoso Dutra. **Portal O Ajuricaba**, Manaus, 6 jan. 2022. Disponível em: <https://oajuricaba.com.br/presidente-da-assembly-roberto-cidade-lamenta-a-morte-do-ex-deputado-jose-cardoso-dutra/>. Acesso em: 20 dez. 2025.

a Boto sedutor do Amazonas”, Torres destaca:

Durante um longo período que Mestrinho esteve silenciado não descurou das relações sociais com a sua gente do Amazonas, acompanhando o movimento da política em suspender a mão de obra. É, por isso, que seu retorno em 1982 se dá de forma tão exitosa, apesar da difamação pesada que sofreu durante sua campanha política. Antes de seu retorno, mapeou bem o terreno, assuntou pessoas, verificou os possíveis aliados, recompôs o grupo político, perscrutou o povo em suas peregrinações pelo interior.⁵⁶⁷

Esse apoio pode ter sido uma das peças fundamentais para a vereadora se firmar dentro das políticas partidárias e de poder nos espaços públicos, servindo como capital para negociar e influenciar demandas e apoio na política local e regional. A relação direta que dona Gemica mantinha com grandes lideranças serviu como um dos fatores para o estabelecimento de sua vereança.

Dona Gemica Bringel parece ter compreendido a importância de ocupar um cargo que, até então, nenhuma mulher havia ocupado, algo que pode ter exigido grande esforço para sua permanência nesse espaço de poder. Um dos vestígios dessa atuação preservados em seu acervo são as fotografias de sua participação política, nas quais é possível observar sua presença em um ambiente majoritariamente masculino na política de Parintins. Nas imagens, ela aparece segurando livros de atas, lendo e orientando os sujeitos homens daquele ambiente. Não é possível afirmar que as fotos sejam da atuação dentro da Câmara Municipal de Parintins, nem a data delas, mas observa-se a predominância masculina naquele espaço; é nesse contexto que a presença de dona Gemica Bringel, vereadora e professora, destaca-se, ocupando uma posição de protagonismo dentro desse ambiente político.

⁵⁶⁷ Torres, 2019, p. 139.

Figura 16: Colagem de fotos com Geminiana Campos Bulcão Bringel, em ocasiões diversas não identificadas



Fonte: Acervo de Geminiana Bringel, cedido por seus familiares.

CAPÍTULO IV: A PRESIDENTE DO DIRETÓRIO REGIONAL DO MDB NA ANTICAMPANHA DO PARTIDO NA DITADURA MILITAR DO BAIXO AMAZONAS

Este capítulo busca compreender o contexto e a atuação da presidente do diretório regional do MDB em Parintins, Gemica Bringel. A anticampanha de Ulysses Guimarães marca um momento de fortalecimento do MDB, partido que representava a oposição institucionalizada permitida pelo Regime Militar, pontuando o processo de abertura política no Brasil, especialmente por meio da articulação construída em torno da visita do antecandidato ao município de Parintins.

Nesse sentido, analiso como a vereadora, enquanto liderança local do MDB, participou dessa mobilização, utilizando como fontes documentos que registraram a passagem de Ulysses Guimarães pela região, como relatórios de viagem, além das memórias dos sujeitos que acompanharam esse momento e dos registros fotográficos.

A discussão sobre o contexto da Ditadura Militar na vida política da vereadora Gemica Bringel constitui elemento fundamental para compreender sua atuação na arena pública. Sua trajetória acompanha esse período histórico, tanto o contexto inicial do Golpe Civil-Militar quanto as mobilizações políticas posteriores em defesa da democracia.

O primeiro subtópico discute os aspectos políticos de Gemica como liderança do MDB. Serão observados pontos sobre o seu posicionamento durante a Ditadura Militar por meio das atas da Câmara Municipal de Parintins e das atas do partido, presentes no acervo da vereadora. Assim, busco entender como seu discurso se apresenta nesse espaço público e de poder.

Em seguida, utilizando os relatos orais e a metodologia da história oral, busco compreender e evidenciar como são construídas as narrativas dos sujeitos entrevistados sobre os posicionamentos políticos, as lutas e os embates vivenciados dentro do grupo de oposição. Por meio das narrativas orais, serão observadas as táticas utilizadas pela vereadora para lidar com o contexto de medo e perigo diante de uma luta como oposição no contexto ditatorial. Assim, esse tópico colabora para a compreensão de uma dimensão que as fontes documentais não permitem alcançar de forma isolada, uma vez que as atas da Câmara Municipal registram principalmente um posicionamento apaziguador, o que poderia levar a uma interpretação simplificada de sua atuação e de sua relação com as disputas políticas; as fontes orais, porém, ajudam a revelar as táticas para driblar os adversários políticos e perseguidores da oposição.

Posteriormente, a campanha de antecandidatura de Ulysses Guimarães será analisada. Em 1974, data em que o corte temporal desta pesquisa se encerra, busco compreender o

contexto da campanha do antecandidato do MDB, que visou descarar a Ditadura Militar existente no país. Ele realizou viagens pelas regiões do país e teve como um de seus destinos o município de Parintins.

A vereadora Gemica Bringel recebeu o candidato à presidência no município, gerando diversos registros e memórias nos sujeitos que vivenciaram tal momento. Esse acontecimento permite também refletir sobre o momento vivido pelo MDB e consequentemente a conjuntura política nacional e local.

Este capítulo se encerra com a análise dos registros fotográficos encontrados no acervo pessoal de Gemica Bringel, além dos arquivos cedidos por seu Alfredo Saunier e das matérias publicadas nos jornais da região que registraram a visita de Ulysses Guimarães ao município de Parintins e sua recepção pela liderança local do MDB. Esses registros permitem observar como as fotografias também atuam na construção de uma memória de si, produzida e preservada de forma intencional, na qual Gemica se apresenta como uma mulher que ocupava espaços de poder e decisão política.

Dessa forma, este capítulo analisa fontes orais, fotográficas e documentais sobre a visita do antecandidato Ulysses Guimarães em contexto de Ditadura Militar no Brasil, buscando evidenciar o protagonismo político da vereadora, conectando as movimentações de contexto nacional com as locais.

4.1 Posicionamento em relação à Ditadura Militar

Nesta seção, proponho compreender como se apresenta o discurso da vereadora Gemica Bringel dentro da Câmara Municipal de Parintins. Para isso, analiso as atas da Câmara Municipal de Parintins presentes nos livros *“História e memória política do Município Parintins”*. Em diálogo com as memórias dos sujeitos entrevistados e com outras documentações, busco compreender como a professora e vereadora se posicionava dentro da Câmara Municipal e na arena pública e política no município de Parintins. Para essa análise, considero o recorte temporal entre 1964 e 1974.

O ano de 1964 foi escolhido como marco temporal desta tese por ser uma data emblemática. Para ser mais exato, o dia 31 de março de 1964, marco do Golpe Civil-Militar. Nessa data, as Forças Armadas, com apoio de grupos conservadores da sociedade brasileira, deram início a um dos capítulos mais tristes e sombrios da História do Brasil, estabelecendo um governo antidemocrático e ditatorial que durou até 1985. Vale destacar que a ditadura instalada no Brasil por meio do Golpe Civil-Militar não foi um caso isolado, mas fez parte de um contexto

latino-americano marcado pela instalação de regimes autoritários, muitos deles apoiados pelos Estados Unidos.

No Brasil, nessa data “o novo regime político suplantou o Estado democrático de direito, suprimiu a liberdade de expressão e instituiu a tortura como prática privilegiada de manutenção do poder”⁵⁶⁸. Segundo Barbosa, Alcântara e Silveira:

A ditadura militar no Brasil não foi um fenômeno isolado, mas uma replicação de práticas políticas violentas que se faziam presentes em quase toda a América Latina no contexto da Guerra Fria. A falência de governos populistas, que já não conseguiam, por meio do carisma pessoal de seus líderes, manter a estabilidade nacional, a progressiva tomada de consciência, pela classe trabalhadora, da violência econômica da qual era vítima e a elevação de sua participação nos processos políticos e reivindicatórios de direitos sugeriam uma via para o desenvolvimento desses países: socialismo – via esta que era combatida de maneira contundente pelo líder do polo capitalista, os Estados Unidos. Não se pode atribuir a instauração do golpe de 1964 exclusivamente a forças exógenas, uma vez que esse golpe recebeu apoio de parcela considerável da população e de instituições representativas da sociedade brasileira, como a Igreja Católica, por exemplo.

No plano interno, as ressonâncias das disputas políticas-ideológicas em nível mundial, entre o capitalismo (tendo como principal defensor os EUA) e o comunismo (tendo à frente a URSS), fizeram-se sentir com o surgimento da chamada “Doutrina de Segurança Nacional”, desenvolvida e disseminada pela Escola Superior de Guerra (ESG), que possuía estreita ligação com os militares estadunidenses. Com isso, mudou-se a forma de ver o inimigo. Se antes esse inimigo era uma “nação” e “externo”, agora ele é “interno” e pode ser qualquer pessoa, levando a uma crise de confiança na sociedade.⁵⁶⁹

Como ressaltado pelos autores, a violência, a prática de espalhar terror e os crimes contra a humanidade foram características das ditaduras no Cone Sul. Com a ajuda do Estados Unidos, que financiaram a instalação dos governos ditadores na América Latina, essas ditaduras foram articularam-se e ajudaram-se na perseguição e mortes de sujeitos que tiveram a coragem de se opor. Ressalto ainda a participação de parte da sociedade civil brasileira que, por meio do apoio popular, possibilitou o golpe de 1964.

O impacto dos crimes cometidos pelos militares na Ditadura Militar no Brasil ainda não é totalmente mensurável devido ao apagamento de provas cometido pelos assassinos, torturadores e golpistas, somado aos desaparecimentos de opositores e perseguidos. Apesar desse apagamento, parte do conhecimento atual sobre esses crimes foi construída por meio das pesquisas e investigações realizadas sobre o período. Uma importante contribuição para o acesso às provas desses crimes e para a busca por justiça no Brasil foi a Comissão Nacional da Verdade (CNV): “Instituída por lei (lei 12.528) em 18 de novembro de 2011, a CNV teve por

⁵⁶⁸ Barbosa; Alcântara; Silveira, 2014, p. 5.

⁵⁶⁹ *Ibid.*, p. 06-07.

objetivo examinar e esclarecer o quadro de graves violações de direitos humanos praticadas pelo Estado brasileiro entre 1946 e 1988”⁵⁷⁰. Assim, a comissão atuou:

Buscando consolidar o direito à memória e à verdade histórica e promover a reconciliação nacional. Iniciou seus trabalhos em 16 de maio de 2012, tendo concluído os mesmos em 10 de dezembro de 2014, data da publicação de seu relatório final e ano do cinquentenário do golpe militar (1 de abril de 1964) que levou o Brasil a vivenciar por mais de vinte anos um regime ditatorial.⁵⁷¹

A CNV significou um grande avanço na busca por verdade e justiça. Além disso, sua importância manifesta-se também na contribuição das pesquisas que visam entender o período e iluminar sujeitos que sofreram durante a Ditadura Militar. Tais crimes, validados pelo próprio Estado antidemocrático e já percebidos pela população, se davam contra aqueles críticos ao regime, instaurando uma atmosfera de autovigilância.

Julio Mangini Fernandes, ao falar sobre o estado de exceção, afirma que:

O período de 1960 a 1980 é marcado por ditaduras de Segurança Nacional, alicerçadas pela Doutrina de Segurança Nacional (DSN), propalando terror de Estado no Cone Sul e se distingue qualitativa e quantitativamente de outros períodos históricos. Por quê? Há a participação dos militares nos governos. Então temos o seguinte paradigma: a disseminação do medo, como dominação política; o terror físico e psicológico – numa lógica de suspeição; lógica da polícia militar, em que todos são suspeitos até que se prove a inocência, e não o contrário; o sequestro como detenção, a exceção como regra. A penetração psicológica da DSN é profunda – atingiu vários aspectos da vida cotidiana, ontem e hoje. Os traumas individuais fazem com que tais vivências individuais e coletivas sejam dominadas pela onipresença do medo, estruturas autoritárias e repressivas na esfera pública e privada.⁵⁷²

Esse clima de medo constante e terror fez com que os sujeitos produzissem formas diversas de lidar com a vigilância para não serem lidos como “inimigos do Estado” e consequentemente ficar na mira dos golpistas. Como observado pelo autor, a Doutrina de Segurança Nacional incutiu tal medo e terror nos sujeitos.

Analisar a trajetória de Gemica Bringel durante esse período permite entender como se articulavam as táticas de sujeitos opositores ao regime ditatorial, uma vez que a vereadora se encontrava dentro do partido de oposição e sua atuação política mais longa ocorreu justamente durante a Ditadura Militar.

⁵⁷⁰ SCHETTINI, Andrea. O que resta da Comissão Nacional da Verdade?: A política do tempo nas comissões da verdade. *Rev. Direito e Práx.*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, 2022, p.1427.

⁵⁷¹ *Ibid.* p. 1427.

⁵⁷² FERNANDES, Julio Mangini. 50 anos do Golpe Civil-Militar: violações dos direitos humanos e desdobramentos na contemporaneidade. In: BARBOSA, Xênia de Castro; ALCÂNTARA, Mauro Henrique Miranda de; SILVEIRA, Verônica Aparecida (org.). **História, memória e direitos humanos: 50 anos da Ditadura Militar no Brasil**. Salvador: Editora Pontocom, 2014, p. 22.

Em 1964, ano de início da quarta legislatura na Câmara Municipal de Parintins, começaria um período de grandes perdas e trágicas mudanças. A professora e vereadora Geminiana Campos Bulcão Bringel iniciava seu terceiro mandato e, nesse mesmo ano, assumiu a vice-presidência da Casa, cargo que voltaria a ocupar em 1966, 1967 e 1968. Segundo Butel *et al.*, “no último ano da Quinta Legislatura, em 1968, o vereador José Pedro de Almeida Faria, não concorreu mais a Presidência. A vereadora Geminiana Campos Bulcão Bringel eleita com cinco votos, foi a primeira mulher a ocupar o cargo de Presidente da câmara”⁵⁷³, o que a levará a ser prefeita interina do município.

A vereadora exerceu a terceira legislatura ligada ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), criado em setembro de 1945, “sob a inspiração também de Getúlio [Vargas], do Ministério do Trabalho e da burocracia sindical. Seu objetivo era o de reunir as massas trabalhadoras urbanas sob a bandeira getulista”⁵⁷⁴. Na quarta legislatura, de 1960 a 1963, em um dos primeiros registros de embate, Butel *et al.* ressaltam que a vereadora era líder do PDT⁵⁷⁵.

Já o MDB foi criado após o AI-2 de 1965, que instaurou o bipartidarismo durante a Ditadura Militar. Em um livro de ata do MDB, que data de 25 de junho de 1966, o nome de Geminiana Campos Bulcão Bringel surge nos registros. Esse livro estende-se até o ano de 1972⁵⁷⁶. Nos anos seguintes, ao menos até 1974, durante a Ditadura Militar no país, a vereadora esteve no partido MDB.

As atas transcritas no livro “*História e memória política do município de Parintins: 1964-1976*”, apresentam poucos registros das falas dos vereadores sobre a Ditadura Militar do país. Em 9 de abril de 1964, o Poder Legislativo municipal realizou pela primeira vez um ato formal em relação ao sistema político implantado pelo Golpe Civil-Militar. Nessa data, o vereador Raimundo Osmar de Araújo requereu congratulações e que estas fossem enviadas por rádio, aos principais chefes militares e aos governadores que encabeçam, segundo ele, “o movimento revolucionário que culminou com a fuga do Sr. João Goulart”⁵⁷⁷.

Em nove de abril de 1964, as atas registram o primeiro contato oficial do Legislativo municipal com o novo sistema político implantado no Brasil, após o Golpe Militar. O

⁵⁷³ Butel *et al.*, 2011, p. 26.

⁵⁷⁴ FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora de Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995, p. 385.

⁵⁷⁵ O fato de estar escrito PDT no ano de 1963 é um erro na transcrição das atas. O PDT foi criado por Leonel Brizola como uma tentativa de reorganizar o PTB; na abertura democrática, Brizola perdeu a sigla do PTB e criou o PDT para dar continuidade ao trabalhismo Varguista e Janguista.

⁵⁷⁶ Livro de ata do MDB. As atas registram as reuniões do partido datado desde 1966 com a última ata assinada em 1972. Documento cedido por familiares. Digitalizado e armazenado no acervo do pesquisador.

⁵⁷⁷ Livro de Atas de 1961-64, p. 151. In: Butel; Butel; Cursino, 2012.

vereador Raimundo Osmar de Araújo referiu-se a posse do General Castelo Branco no dia 15 do corrente, ao cargo de Presidente da República e requereu que fosse oficiado ao Exmo. Sr. Prefeito Municipal, para declarar facultativo o expediente da Prefeitura. Solicitava também que fossem enviadas congratulações por rádio, aos principais chefes militares e aos governadores que encabeçam o movimento revolucionário que culminou com a fuga do Sr. João Goulart.⁵⁷⁸

Esse pedido por parte do vereador expressa a forma como alguns vereadores dentro da Câmara Municipal se posicionaram e declaram apoio ao Golpe Civil-Militar no país. Mesmo que essa manifestação não permita afirmar que todos os vereadores apoiavam o regime, ela demonstra a existência de figuras que declaravam esse apoio de maneira pública e buscavam uma aproximação com os grupos ligados ao governo instaurado após o golpe. Além da explícita bajulação ao regime antidemocrático naquele momento, esse tipo de posicionamento também impactava aqueles que não compartilhavam das mesmas ideias políticas. Essa declaração de apoio não sinalizava somente uma postura passiva perante os líderes golpistas, mas deixa claro um efeito na oposição: quem apoiasse a oposição ou qualquer pessoa que se opusesse, ali naquele espaço de poder, sabia da presença de possíveis informantes do regime, situação que a partir de 1968 se tornaria ainda mais perigosa.

Quatro dias do requerimento do vereador:

No dia treze de abril, a vereadora Geminiana propõe que o Executivo esclareça a população e explique o movimento revolucionário. Já o vereador Gláucio Gonçalves sugere que o município faça sua própria manifestação sobre os acontecimentos políticos da época, argumentando “não caber somente ao Prefeito cuidar dos deveres do município, cabendo também a Câmara colaborar e justificar as intenções do prefeito”.⁵⁷⁹

A partir dessa discussão, é possível perceber um jogo de poder construído por meio de mensagens indiretas, nas quais os sujeitos deixavam nas entrelinhas significados e posicionamentos políticos. Quando a vereadora denomina o regime instaurado como “movimento revolucionário”, isso pode estar relacionado à forma como o Golpe Civil-Militar era designado naquele momento pelos vereadores da Câmara. Ou apenas uma cautela da vereadora ao se posicionar nesse lugar público, onde já previamente havia sido demonstrado o ponto de vista a favor de quem estabeleceu a “revolução”.

Outra linha de interpretação dessa fala vincula-se ao momento em que a vereadora solicita que o Executivo esclareça o chamado “movimento revolucionário”. Como a manifestação da vereadora ocorreu logo após as congratulações do vereador Raimundo Osmar,

⁵⁷⁸ Livro de Atas de 1961-64, p. 151. In: Butel; Butel; Cursino, 2012.

⁵⁷⁹ Livro de Atas de 1961-64, p. 153. In: Butel; Butel; Cursino, 2012.

ao solicitar esse esclarecimento, talvez Geminiana buscasse evidenciar as contradições daquilo que era denominado de “revolução”. E talvez, remotamente e como estratégia política, ao pedir explicações, explora as limitações intelectuais de seu adversário político nesse espaço de poder e patriarcal.

O vereador Gláucio Gonçalves saiu em defesa do prefeito, em uma manifestação que pode ser entendida como um ato de retirar a responsabilidade do Executivo de dar explicação ao pedido da vereadora. Aparentemente, essa resposta poderia causar constrangimento ao prefeito ou de alguma forma não seria prudente se manifestar a favor ou muito menos contra o “movimento revolucionário”. Sua fala também pedia para os outros vereadores se posicionarem, o que sugere uma tentativa de descortinar o alinhamento de outros vereadores da Câmara Municipal.

O nome do vereador Gláucio Gonçalves aparece nas atas da Câmara de forma complexa, o que dificulta definir suas táticas e posição diante da Ditadura Militar. Assim, não me aprofundarei em sua complexa trajetória, mas ao que se relaciona a vereadora Gemica, abordarei os cruzamentos de suas trajetórias.

Em 1965, segundo registros na ata da Câmara Municipal de Parintins, o vereador renunciou à liderança do governo municipal. A ata não especifica qual partido que o vereador está deixando, qual a liderança, mas seu posicionamento apresenta uma tentativa de neutralidade dentro do difícil contexto político: “O vereador Gláucio Gonçalves comunicou ter renunciado a liderança do Governo Municipal e disse “estar em situação de completa independência política livre de compromissos com elementos ou grupos e sempre disposto ao trabalho em favor da coletividade”⁵⁸⁰.

O argumento do vereador, afirmando “estar em situação completa independência política livre de compromissos com elementos ou grupos e sempre dispostos ao trabalho em favor da coletividade”⁵⁸¹, aparenta ser uma fala de quem não está seguro quanto a qual lado se posicionar, talvez aguardando o momento certo para se colocar em um lugar que lhe trouxesse mais vantagem.

Esse momento transparece também na ata do MDB que registra a leitura da carta de desligamento do vereador, assunto que foi pauta da reunião do partido, realizada na casa de dona Gemica Bringel.⁵⁸²

⁵⁸⁰ Livro de Atas de 1964-69, p. 14. In: Butel; Butel; Cursino, 2012.

⁵⁸¹ *Ibid.*

⁵⁸² Documento disponibilizado por familiares do acervo da vereadora Geminiana Campos Bulcão Bringel. Digitalizado e depositado em acervo do pesquisador.

Em 12 de agosto de 1968, foi registrado em ata o total desligamento do vereador do MDB em função de sua ida para o partido ARENA. Na ocasião, reuniu-se o Diretório Municipal do Movimento Democrático Brasileiro sob a presidência de dona Gemica Bringel, como transcrito a seguir:

Aos doze dias do mês de agosto de mil novecentos e sessenta e oito, nesta cidade de Parintins, Estado do Amazonas, reuniu-se o Diretório Municipal do Movimento Democrático, sob a presidência da Senhora Geminiana Campos Bulcão Bringel. Aberta a sessão a Senhora Presidente deu a ciência aos presentes da finalidade dessa reunião, cujo o assunto principal foi o recebimento de um ofício enviado pelo cidadão Glaucio Bentes Gonçalves com seguinte teor – Parintins, 6 de agosto de 1968, Ilma. Sra. Geminiana Campos Bulcão Bringel-MD Presidenta da Comissão Interventora do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) – Nesta – Senhora Presidente – Levo ao conhecimento de V. Sa. que, por decisão própria, decidi ingressar nas gileiras [sic] políticas da Aliança Renovadora Nacional, neste Município, razão porque solicito a ilustre amiga que providencie o meu desligamento das hostes do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), mandando, inclusive, fazer a comunicação dessa minha atitude ao Diretório Regional do aludido Partido, em Manaus - Na oportunidade desejo agradecer, nobre amiga, todas as atenções que sempre me dispensou durante o tempo que juntos lutamos movidos pelos mesmo ideal cívico. Queria a prezada amiga, neste ensejo, receber os protestos de minha amizade e de minha admiração, extensivas aos ex-companheiros de Partido cordialmente – Glaucio Gonçalves.⁵⁸³

A carta de desligamento do vereador Gláucio Gonçalves não só revela quando o vereador se desligou totalmente do partido MDB, mas também expõe outros elementos, como o clima político do período em que a documentação foi escrita. Além disso, sinaliza uma certa proximidade do vereador com a líder do partido ou uma tentativa de suavizar sua saída do partido e ida para o partido governista. Nesse sentido, suas palavras demonstram a preocupação em evitar conflitos decorrentes de sua saída, como pode ser observado no trecho: “o tempo que juntos lutamos movidos pelo mesmo ideal cívico. Queria a prezada amiga, neste ensejo, receber os protestos de minha amizade e de minha admiração, extensivas aos ex-companheiros de Partido cordialmente”⁵⁸⁴. Sua fala ressalta sua amizade e ideias que compartilhavam.

Talvez apenas se afastar da atuação partidária não fosse suficiente para garantir maior tranquilidade no cenário político local. Nesse contexto, a adesão à ARENA poderia representar uma alternativa mais vantajosa, uma vez que o partido integrava a base de sustentação do Regime Militar e ocupava a posição de situação no período.

No período em que ocorreu esse desligamento, a vereadora Gemica Bringel assumiu o partido da oposição na Câmara Municipal. É o momento em que o clima político no país esquentou: os conflitos e oposição aumentam e os golpistas dão mais um passo rumo a uma

⁵⁸³ Livro de ata do MDB. As atas registram as reuniões do partido datado desde 1966, com a última ata assinada em 1972. Documento cedido por familiares. Digitalizado e armazenado no acervo do pesquisador, p. 04.

⁵⁸⁴ *Ibid.*

Ditadura Militar ainda mais fechada e autocrática, afastando-se cada vez mais da aparência de normalidade democrática que buscavam sustentar.

Em 13 de dezembro de 1968, foi decretado o Ato Institucional nº 5 (AI-5), considerado um dos marcos do endurecimento do Regime Militar brasileiro. Segundo Rodrigo Patto Sá Motta⁵⁸⁵, em *Sobre as origens e motivações do Ato Institucional 5*, a edição daquele Ato representou um aprofundamento do caráter autoritário da ditadura, ampliando os poderes do Executivo e restringindo ainda mais as possibilidades de oposição política.

Em seu trabalho, o autor ressalta que, para além do significado político, o ano de 1968 pode ser entendido como um marco do ostentado “milagre econômico” por parte da Ditadura Militar, momento em que o PIB teve uma alta registrada em quase 10%⁵⁸⁶. As propostas e estratégias do ministro da Fazenda Delfim Netto, que assumiu o cargo em 1967 com o segundo presidente militar Costa e Silva, começam a apresentar sinais positivos, mas não foi percebido por seus contemporâneos, seja por ter efeitos ainda limitados ou por conta de o quadro político estar, naquele momento, chamando mais atenção.

Segundo Motta, a própria entrada do segundo presidente da Ditadura Militar no comando do país não foi bem-vista pelos diplomatas norte-americanos, pois consideravam um equívoco Costa Silva assumir um cargo tão importante. Para o autor, ao assumir o comando, o militar tentava legitimar e estabilizar a Ditadura Militar. O marco de sua entrada foi a vigência da Constituição aprovada no governo anterior, em 1967. Apesar da nova carta constitucional,

Era um regime autoritário, sem dúvida, que dispunha de muitos instrumentos repressivos, como a Lei de Segurança Nacional e a Lei de Imprensa, para não falar nos aparatos de informações e de repressão criados ou reformulados desde 1964, como o Sistema Nacional de Informações (SNI) e o Centro de Informações do Exército (CIE).⁵⁸⁷

Dessa forma, os anos de 1967 e 1968 foram marcados por transformações importantes no contexto político brasileiro. Observa-se, nesse período, uma intensificação das tensões entre diferentes grupos políticos, em um cenário nacional cada vez mais polarizado. Para Motta:

[...] ainda em 1967 as forças de oposição perceberam um horizonte menos nebuloso e a existência de condições melhores para agir e testar os limites da tolerância oficial. Significativamente, entre 1967 e 1968 alguns exilados voltaram ao país, movidos pela esperança de refazer suas vidas ou pela crença de que a ditadura poderia ser derrotada. Nesse sentido, no governo Costa e Silva a insatisfação acumulada contra a ditadura

⁵⁸⁵ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Sobre as origens e motivações do Ato Institucional nº 5. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 38, n. 79, p. 195-216, 2018.

⁵⁸⁶ *Ibid.*

⁵⁸⁷ *Ibid.*, p. 199.

desde 1964 encontrou quadro mais favorável para exprimir-se, para extravasar. É certo que a oposição se fez presente desde o princípio da ditadura, porém, a intensidade da resistência ao poder autoritário aumentou entre 1967 e 1968, tendo como marcos principais o ativismo estudantil, a ação parlamentar, as greves operárias e o início da luta armada promovida pela esquerda radical. A força motriz desses eventos tinha raízes internas, mesmo assim há que considerar o impacto do quadro internacional sobre os ativistas de oposição em 1967/68, notadamente as lutas pela independência nos países colonizados e pela revolução socialista no terceiro mundo, com o caso cubano funcionando como poderoso chamariz na América Latina, além do ativismo juvenil nos espaços públicos das grandes metrópoles mundiais, com a sensação de emergência do “poder jovem”.⁵⁸⁸

Além disso, muitos outros eventos dramáticos ocorreram no ano de 1968: “portanto, ao longo do ano a violência política assumiu proporções intensas e graves, especialmente a praticada pelos órgãos repressivos estatais que, obviamente, tinham maior poder de fogo e mataram ou feriram dezenas de pessoas”⁵⁸⁹. Nesse sentido, “a promessa de diálogo do governo Costa e Silva não resistiu a tais desafios, notadamente em razão da resposta da direita radical ao incremento das ações oposicionistas, provocando uma escalada repressiva por sua vez geradora de mais protestos”⁵⁹⁰. Em meio a essa crise o governo foi perdendo credibilidade: “o governo recebeu muitas críticas da mídia, acusado de incompetência para conduzir o desafiador quadro político.”⁵⁹¹

Em meio às mobilizações e manifestações que reivindicavam a ampliação das liberdades democráticas, tornou-se decisivo para o governo endurecer ainda mais o regime, resultando na edição do AI-5, em dezembro de 1968, considerado um marco do aprofundamento da Ditadura Militar. Um dos acontecimentos que contribuíram para sua promulgação foi o discurso do deputado Márcio Moreira Alves (MDB), realizado em 3 de setembro de 1968, em protesto contra a violência praticada contra estudantes e outros grupos de oposição. Na ocasião, o parlamentar “convidou a sociedade a boicotar os desfiles oficiais, e às mulheres, que deixassem de sair e dançar com cadetes e jovens oficiais”⁵⁹².

Após o discurso, o governo militar, por meio do ministro da justiça Gama e Silva, solicitou uma punição a Márcio Moreira Alves. Entretanto, isso significava um conflito jurídico: “a Constituição liberal-autoritária de 1967 previa a figura clássica da imunidade parlamentar, de maneira que somente com assentimento da Câmara seria possível julgar o deputado”⁵⁹³. Assim, “a solicitação do governo criava situação potencialmente explosiva na

⁵⁸⁸ *Ibid.*

⁵⁸⁹ *Ibid.*, p. 200.

⁵⁹⁰ *Ibid.*

⁵⁹¹ *Ibid.*

⁵⁹² *Ibid.*

⁵⁹³ *Ibid.*

relação entre Executivo e Legislativo”⁵⁹⁴.

Mesmo que a maioria dos parlamentares fossem a favor da “revolução”, aceitar o pedido implicaria em renunciar à autonomia do Congresso e curvar-se ao Poder Executivo; por outro lado, para o governo, uma vez feito o pedido, a recusa implicaria em um vexame político em meio à crise:

O placar da derrota do governo foi o seguinte: por 216 votos a 141 (e 12 abstenções) os deputados negaram a suspensão da imunidade parlamentar de Márcio Moreira Alves. Para o resultado contribuíram parlamentares do partido oficial, a Arena, que em nome da autonomia do Poder Legislativo votaram contra o seu governo: mais de noventa deputados arenistas.

O episódio representou o ponto mais alto do isolamento político dos militares no poder, que responderam com a edição do AI-5.

O Ato Institucional no 5 conferia ao presidente da República poderes praticamente ilimitados. Embora o primeiro artigo afiançasse a manutenção da Constituição de 1967, nos artigos seguintes ficava evidente que a Carta passava a submeter-se à vontade do Poder Executivo. O presidente poderia fechar as casas parlamentares, cassar mandatos e direitos políticos dos cidadãos, confiscar bens acumulados no exercício de cargos públicos, censurar a imprensa e decretar estado de sítio. Além disso, ficava suspensa a garantia de *habeas corpus* para crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e social e a economia popular. Para retomar o expurgo do serviço público iniciado em 1964, mais uma vez foi decretada a suspensão das garantias de vitaliciedade, inamovibilidade e estabilidade. O governo poderia demitir, remover ou aposentar qualquer servidor público, sem necessidade de processo ou inquérito regular.

O caráter draconiano do AI-5 gerou dissensões com aliados da ditadura que preferiam um regime autoritário moderado, compatível com algumas instituições liberais. Como já foi dito, a grande imprensa também recebeu mal a nova inflexão autoritária da ditadura. Além de discordarem da necessidade do novo Ato, os controladores da imprensa não desejavam intensificação da censura, o que ocorreu imediatamente, pois militares e policiais foram despachados para as redações para atuarem como censores. Outro aliado de primeira hora no golpe de 1964 a discordar do AI-5 foi o governo norte-americano. Aliás, o AI-5 foi um marco nas relações entre a ditadura e os Estados Unidos, cujos representantes no Brasil foram instruídos a aumentarem o diálogo com forças de oposição. A opinião majoritária entre os representantes norte-americanos foi contrária ao AI-5, considerado um lance perigoso e arriscado.⁵⁹⁵

O que é possível evidenciar, portanto, é que os últimos anos da década de 1960 foram marcados por grandes tensões políticas, pelo endurecimento do regime e pela intensificação da repressão militar. O desgaste político do governo e o aprofundamento da repressão tornavam cada vez mais difícil sustentar a legitimidade que o regime buscava apresentar desde 1964. Nesse cenário, a migração do vereador do MDB para a ARENA pode ser interpretada como uma estratégia diante dos riscos de permanecer na oposição e das vantagens associadas ao alinhamento com o partido governista.

De qualquer forma, após a renúncia do vereador Gláucio Gonçalves em discurso na

⁵⁹⁴ *Ibid.*, p. 201.

⁵⁹⁵ *Ibid.*

Câmara, dona Gemica Bringel assumiu a liderança, como evidenciado na ata transcrita abaixo:

A vereadora Geminiana Bringel encaminhou a mesa um ofício enviado pelo Chefe do Executivo informando da renúncia do vereador Gláucio Gonçalves das funções de líder do governo e que por isso, a mesma estava credenciada a exercer a função. Apesar do novo cargo a desempenhar, a vereadora falou que “não seria um instrumento dócil nas mãos do Executivo, que sua atuação seria de maneira a não contrariar os seus princípios de independência”.⁵⁹⁶

Sua declaração ao tomar posse para exercer a função de líder do governo em que diz que “não seria dócil nas mãos do Executivo”, revela naquele momento algo que pode ser ainda sobre a renúncia do vereador Gláucio Gonçalves, a pressão para ceder ou facilitar as demandas do governo.

Na prática, isso expressa uma tentativa de não ceder, mas talvez seja mais difícil se manter nesse posicionamento. Algumas atas demonstram que a vereadora tentava equilibrar sua relação com o outro grupo político dentro da Câmara. Seu pronunciamento acima reflete o contexto da Ditadura Militar; assim, a vereadora se posicionava em um lugar de oposição, o MDB, ou seja, uma oposição permitida no município de Parintins, o que lhe possibilitava em certa medida se colocar minimamente nesse lugar de crítica à ARENA dentro do espaço da legalidade. Mesmo que declaradamente de oposição, observam-se momentos de sua atuação mais apaziguadora. Contudo, isso não diminui a coragem demonstrada ao se posicionar publicamente naquele contexto. A Câmara Municipal de Parintins constituía um espaço institucional de poder e, por essa razão, os pronunciamentos realizados em seu interior possuíam maior repercussão no debate político local.

Homenagens por parte dos vereadores eram realizadas como demonstração de apoio à Ditadura Militar, denominada por eles de “revolução”, como na ata que registra um ato dos vereadores Ruy Mendes, Guilherme Pena Ribeiro e Benedito Lima: “Dá uma nova denominação à Travessa Oriental, nesta cidade, em homenagem justa ao ‘Senador Álvaro Maia’, ex-Governador do Amazonas; e ‘31 de março’ à Travessa Ocidental, em homenagem a revolução de março de 1964, com a respectiva justificativa”⁵⁹⁷.

As atas também demonstram que dona Gemica Bringel faz uma homenagem similar dentro da Câmara, em 1965:

A vereadora Geminiana Bulcão, atual líder do governo, pediu que fosse oficiado ao Sr. Chefe de Polícia a permanência em nosso município, do Delegado de Polícia Tenente Luiz Rodrigues de Carvalho. Após, esta solicitação, propôs que fosse

⁵⁹⁶ Livro de atas de 1964-69, p. 14. In: Butel; Butel; Cursino, 2012.

⁵⁹⁷ Livro de atas de 1969-73, p. 6. In: Butel; Butel; Cursino, 2012.

realizada uma sessão solene para comemorar a “Revolução”.⁵⁹⁸

Se anteriormente a vereadora declarou que “não seria um instrumento dócil nas mãos do Executivo, que sua atuação seria de maneira a não contrariar os seus princípios de independência”⁵⁹⁹, em outro momento, propôs uma sessão solene para comemorar a “Revolução”.

Com isso, é possível supor que, embora dona Gemica Bringel tenha tido posicionamentos de oposição e entrado em embates dentro da Câmara Municipal de Parintins, com os vereadores da ARENA, ela também tentou demonstrar aceitação do *status quo*. Sua postura, possivelmente, tenha sido uma estratégia para não ter os olhos tão voltados para si nesse contexto de perseguição, tortura e morte da oposição considerada mais ameaçadora pelos ditadores. Essa dinâmica, como será visto no tópico seguinte, ganha relevância quando se considera que a professora e vereadora Gemica Bringel era reconhecida como uma líder da oposição por muitos nesse lugar de poder.

É possível que houvesse receio de que qualquer posicionamento divergente fosse interpretado como uma crítica às mudanças então implementadas. Conforme registrado na ata:

Na sessão de oito de maio no ofício de número 56/64 do Executivo para o Legislativo, o texto pedia que fosse emitido um documento em que fosse atestado que o “cidadão Raymundo Dejard Vieira é o Prefeito eleito do município e que está no exercício de suas funções”. Outra comunicação recebida e assinada por “Carlos Lacerda, Auro Moura e Marechal Castelo Branco, agradecendo ao Presidente desta Casa cumprimentos e felicitações a eles enviadas pelo êxito do movimento revolucionário.”⁶⁰⁰

O trecho selecionado demonstra uma sinalização sobre quem está no cargo de prefeito e como ele corresponde a uma demanda exigida. Evidencia o apoio público ao enviar felicitações aos líderes do Golpe Civil-Militar, pelo ato “revolucionário”, demonstrando um certo apoio ou aprovação ao regime ditatorial. Chama atenção, ainda, a preocupação em reafirmar a legitimidade do prefeito e sua conformidade com as expectativas do novo governo. Nesse sentido, mesmo se tratando de uma carta de felicitação, o documento sugere cautela diante do cenário político, indicando um possível receio de adotar posicionamentos que pudessem ser interpretados como oposição ao regime.

Tecer críticas sobre essas fontes possibilitou compreender, em certa medida, o clima político existente na Câmara Municipal de Parintins. A Câmara constituía um dos poucos

⁵⁹⁸ Livro de atas de 1964-69, p. 17. In: Butel; Butel; Cursino, 2012.

⁵⁹⁹ *Ibid.*

⁶⁰⁰ *Ibid.*

espaços em que era possível exercer uma oposição declarada naquele contexto, embora isso não significasse estar livre de retaliações, perseguições ou outras formas de violência política. Tal cenário revela a complexidade que envolvia a atuação dos vereadores, tanto os vinculados à ARENA quanto aqueles pertencentes ao MDB.

Como toda fonte histórica, as atas possuem limitações e expressam perspectivas específicas sobre os acontecimentos registrados. Nesse sentido, a análise da atuação e dos pronunciamentos de Gemica Bringel nos registros da Câmara Municipal de Parintins demonstra que, em um contexto marcado pela Ditadura Militar e pela vigilância constante dos espaços institucionais, as atas registram não apenas manifestações de apoio ao regime, mas também posicionamentos, tensões e diferentes formas de relação com a ditadura.

As formas de atuação e resistência nesse espaço exigiam cautela, tornando necessário observar os sentidos e significados presentes nas entrelinhas dos pronunciamentos registrados em ata. Em um ambiente de vigilância e repressão, posicionamentos mais incisivos poderiam acarretar consequências políticas para aqueles que os proferiam, fazendo com que a atuação dos sujeitos assumisse formas mais sutis e negociadas dentro dos espaços institucionais de poder.

As atas da Câmara Municipal de Parintins constituem, nesse sentido, uma documentação rica para compreender a dinâmica política local durante a Ditadura Militar. Além de registrar a atuação dos vereadores, esses documentos permitem identificar estratégias, limites e possibilidades de ação dos agentes políticos em um ambiente marcado pela vigilância e pelo controle. A documentação sugere que a oposição exercida pelo MDB no município precisava ser constantemente negociada, evitando ultrapassar os limites tolerados pelo regime e pelos grupos políticos alinhados à ARENA.

Dessa forma, as atas do Poder Legislativo de Parintins evidenciam não apenas a atuação política de Gemica Bringel, mas também as táticas mobilizadas para ocupar e disputar um espaço institucional em meio às restrições impostas pela Ditadura Militar.

4.2 Memórias sobre oposição política em contexto de Ditadura Militar: narrativas do ex-vereador e professor José Maria Pinheiro

O tópico anterior abordou alguns posicionamentos da vereadora Gemica Bringel por meio das atas da Câmara Municipal de Parintins. A análise dessa documentação possibilitou compreender aspectos de sua atuação política e do contexto em que exerceu seu mandato durante a Ditadura Militar. Entretanto, as atas registram apenas parte dessa experiência, tornando necessário recorrer a outras fontes que permitam ampliar a compreensão sobre a

oposição política e as vivências daquele período.

Neste momento, a presente análise volta-se para as memórias públicas de sua atuação, presentes nos relatos orais. As memórias sobre a professora e vereadora Gemica Bringel revelam sua atuação como liderança do Partido MDB no município de Parintins e seu posicionamento em relação à Ditadura Militar. As narrativas dos entrevistados revelam pontos de vista sobre sua atuação no contexto de ditadura que outras documentações não registraram. Sobre as narrativas dos sujeitos, Delgado e Neves em “*História oral e narrativa: tempo, memória e identidades*”, destacam:

As narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram da História da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo. Possuem natureza dinâmica e como gênero específico do discurso integram a cultura de diferentes comunidades.⁶⁰¹

É nesse sentido que busco, nas narrativas dos sujeitos, as táticas, os sentidos e as lutas da atuação pública da vereadora do MDB Gemica Bringel no contexto da Ditadura Militar. A memória possibilita versões por uma nova ótica, ou versões de outros sujeitos até então não ouvidos devido a diversos fatores, inclusive políticos, de um mesmo acontecimento já visitado em outros estudos.

Ao observar as fontes da Câmara Municipal discutidas no tópico anterior, é evidente a atuação combativa dentro daquele espaço de poder masculinizado. É perceptível, por meio das atas, que a atuação da vereadora foi mediadora, mesmo que em alguns momentos se mostrasse de oposição. No entanto, em diversas ocasiões, a vereadora Gemica Bringel deixou de apresentar um posicionamento abertamente contrário à Ditadura dentro da Câmara Municipal, posicionando-se de forma mais do que cortês, quase que dócil, em relação ao poder ditatorial ali representado. Essa conduta pode ser interpretada como um caráter menos acalorado fruto de uma estratégia para se manter viva.

O alargamento de fontes na pesquisa historiográfica, como a utilização de relatos orais, ajuda a ter outras visões sobre a Região Norte, para além dos olhares estereotipados e simplistas sobre os modos de luta na região.

Leonardo Bentes Rodrigues, em “*A tentação do poder: historiografia e memória da*

⁶⁰¹ Delgado; Neves, 2003, p. 21-22.

Ditadura Militar na Amazônia Brasileira”, afirma que, sobre os discursos em relação a Amazônia brasileira costumavam defini-la como um lugar de “passividade” e “isolamento geográfico”. Porém, estudos recentes apontam para as presenças significativas de resistências pelos mais diversos estados da região Norte⁶⁰². O trabalho do autor busca entender a historiografia da ditadura na Amazônia com o intuito de desmistificar, a partir da investigação histórica, o discurso de lugar de “marginalidade” e “silenciamento”⁶⁰³. Recordando sua dissertação de mestrado, o autor analisa o ponto que reflete sobre esses discursos hegemônicos:

Recentemente, contribui a partir de minha dissertação defendida em 2022, para o estudo daquilo que denominei como “redes de resistências” (RODRIGUES, 2022), ou seja, a construção de espaços de trocas de táticas entre os estudantes das diversas regiões do Brasil, com a finalidade de organizar ou reorganizar as práticas de resistências durante a Ditadura Militar. Com o propósito de refutar o “discurso de marginalidade” no Amazonas, podemos refletir essas redes como contraponto a tal sentença, sendo eficaz na crítica às narrativas hegemônicas, que respaldam no discurso geográfico o fator da ausência de mobilizações ou ações opositoras ao autoritarismo. Aliás, esse discurso é resultado da construção histórica fincada em representações reproduzidas pelo ocidente, cujo refinamento desta perspectiva pode ser encontrado a partir das reflexões esboçadas por Euclides da Cunha ao apresentar a ideia de que a região seria uma “terra ainda em formação”.⁶⁰⁴

Ao tratar dos discursos hegemônicos presentes no imaginário sobre a região amazônica, torna-se importante destacar trabalhos que problematizam visões estereotipadas acerca da Amazônia. Obras como “*Amazônia: viagem das ideias*” de Renan Freitas Pinto⁶⁰⁵, a “*A invenção da Amazônia*”, de Neide Gondim⁶⁰⁶, e “*Metamorfoses da Amazônia*”, de Marilene Corrêa da Silva⁶⁰⁷, analisam a região a partir do olhar de quem a vivencia por dentro, sem perspectivas presas aos aspectos estereotipados, entendendo a região por meio de sua complexidade múltipla. Isso também se reflete em “*O paiz do Amazonas*”⁶⁰⁸, em que a autora analisa a região em suas complexidades culturais.

Considerando o contexto da Ditadura Militar no Amazonas, Queirós afirma que:

No caso da região amazônica e, mais especificamente, no estado do Amazonas, embora existam importantes trabalhos que vêm buscando analisar as especificidades da região e a forma como a repressão, a censura e o autoritarismo se impuseram sobre

⁶⁰² RODRIGUES, Leonardo Bentes. A tentação do poder: historiografia e memória da Ditadura Militar na Amazônia Brasileira. In: Colóquio de História Unicap, 17; Colóquio do PPGH, 7, Unicap, Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena: Desafios e Perspectivas, 13-15 set. 2023. **Colóquio de História da Unicap e Colóquio do PPGH**, Unicap, 2024, p. 365-377.

⁶⁰³ *Ibid.*

⁶⁰⁴ *Ibid.*

⁶⁰⁵ PINTO, Renan Freitas. **Amazônia: viagem das ideias**. 3. ed. Manaus: Valer, 2012.

⁶⁰⁶ Gondim, 2019.

⁶⁰⁷ Silva, 2013.

⁶⁰⁸ SILVA, Marilene Corrêa da. **O paiz do Amazonas**. 3. ed. Manaus: Valer, 2012.

a região, os estudos sobre o golpe de 1964 e a Ditadura Militar no Brasil ainda são incipientes e apresentam muitas lacunas.⁶⁰⁹

Essa complexidade torna-se ainda mais evidente ao se refletir sobre o Baixo Amazonas, pois muitas produções acadêmicas realizadas no próprio Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas (PPGH-UFAM) concentram suas pesquisas sobre o período na capital do estado e em seu entorno. Ainda são recentes os trabalhos direcionados à análise desse período no Baixo Amazonas, como aqueles desenvolvidos pelo Grupo de Estudos Históricos do Amazonas (GEHA)⁶¹⁰.

Destaco dois trabalhos voltados para a análise de sujeitos no Baixo Amazonas, ambos no PPGH e de pesquisadores do GEHA, que pensam trajetórias durante o período da ditadura militar: a dissertação de Geize Vieira de Almeida, intitulada “*Gênero e Memória: a trajetória de dona Maria da Conceição Silva entre a infância no bairro São Raimundo e a gerência do Banco do Estado do Amazonas (1957-1980)*”⁶¹¹, e a tese de César Aquino Bezerra, intitulada “*Americano, pastor e agitador: Clinton Benjamin Thomas em Urucará e a Amazônia nos anos de chumbo (1965-1980)*”⁶¹².

As pesquisas recentes que discutem sobre a Ditadura Militar no Baixo Amazonas mostram os embates e formas de resistir dos sujeitos em cidades como Urucará. A análise das produções acadêmicas sobre a Ditadura Militar no Baixo Amazonas demonstra um campo pouco explorado. Essa lacuna se evidencia ainda mais quando o olhar se volta para a atuação de mulheres em posições de liderança, que enfrentaram estruturas de opressão, como é o caso da professora e vereadora Geminiana Campos Bulcão Bringel.

Nesse sentido, a trajetória da vereadora se mostra relevante ao contribuir para os estudos que buscam compreender o papel das mulheres nas disputas de poder e nas lutas desenvolvidas por meio de diferentes táticas de resistência. Dessa forma, é possível levantar um questionamento ao pensar em sua trajetória e as memórias públicas sobre a vereadora: qual é o lugar, no contexto de luta à Ditadura Militar, que a professora e vereadora Gemica Bringel se encontra, partindo do processo de construção de memória dos sujeitos daquele período?

Para responder a essa questão, vale destacar a memória do professor aposentado e ex-

⁶⁰⁹ QUEIRÓS, Cesar A. B. “Amazônia em Armas”: luta e resistência contra a Ditadura Militar no Amazonas. **Revista Labirinto**, Porto Velho, v. 31, n. 1, p. 38-57, jul./dez. 2019.

⁶¹⁰ Grupo de estudo dedicado a pesquisar temas relacionados sobre o Amazonas, como a presença negra na região, a luta por direitos dos sujeitos em seus contextos sociais e políticos assim como aos estudos das relações de gênero.

⁶¹¹ Almeida, 2024.

⁶¹² BEZERRA, César Aquino. “**Americano, pastor e agitador**”: Clinton Benjamin Thomas em Urucará e a Amazônia nos anos de chumbo (1965-1980). Orientador: Júlio Claudio da Silva. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Amazonas, 2026.

membro do MDB e do PCdoB, José Maria Pinheiro. Ao questionar o ex-vereador sobre seu posicionamento político nas décadas de 1960 a 1980, período marcado pela Ditadura Militar e por seus impactos no estado do Amazonas, buscou-se compreender suas percepções sobre aquele contexto histórico:

Ela era contrária ela, não escondia de ninguém não, ele era contrária e a gente que andava com ela, sabia a ideia dela qual era né? Muitas vezes tentava camuflar, mas naquele tempo era perigoso, mas ela sempre foi, nunca escondeu de ninguém, nunca escondeu de ninguém, sempre se comportou dessa forma contra o regime daquele tempo né? E ela levou dessa forma.⁶¹³

A primeira afirmação na resposta do vereador é que Gemica Bringel era contrária à Ditadura Militar. Sua narrativa inicia-se com “ela era contrária”⁶¹⁴, não deixando qualquer dúvida sobre seu posicionamento. Outro ponto enfatizado é que a vereadora “não escondia de ninguém não, e a gente que andava com ela, sabia a ideia dela qual era né?”⁶¹⁵. Essa passagem revela que, embora seu posicionamento não fosse oculto dos mais próximos, nem sempre era dado de maneira explícita, mas sim com cautela, o que ajuda a explicar o tom de suas falas na Câmara Municipal de Parintins.

Em seu ato de rememorar, o ex-vereador revela ainda o que parece ser uma estratégia para lidar com o regime da Ditadura Militar. Ao declarar que “muitas vezes tentava camuflar, mas naquele tempo era perigoso, mas ela sempre foi, nunca escondeu de ninguém, nunca escondeu de ninguém, sempre se comportou dessa forma contra o regime daquele tempo né?”⁶¹⁶, seu relato evidencia que houve momentos em que a professora e vereadora tentou camuflar sua luta devido ao perigo do momento. Talvez essa cautela fosse seguida pelos riscos reais daquele contexto, do perigo que era ser visto como inimigo naquele momento de perseguição política.

Mas mesmo com as possibilidades e risco de serem pegos, a vereadora se coloca e afirma seu posicionamento. Porém, era algo pensado com cautela, pois entendia dos riscos que corria. Fica evidente que possivelmente essa forma de agir seria uma estratégia, ao retomar a pergunta ao ex-vereador, se havia alguma crítica que a vereadora fazia em relação a Ditadura Militar, e em seu processo de construção de memória, diz:

Não, não, no período que era da ditadura, ela não falava muita coisa abertamente não,

⁶¹³ José Maria Pinheiro Ferreira, entrevista realizada em sua residência no bairro João Novo Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

⁶¹⁴ *Idem.*

⁶¹⁵ *Idem.*

⁶¹⁶ *Idem.*

por que era perigoso né? Mas para quem convivia com ela sabia que as ideias da ditadura eram perigosas né? Ela não concordava, apesar de ela ser uma atuante política, mas ela não era PCdoB, ela era do partido legalizado...”⁶¹⁷

Sua narrativa permite a reflexão e o entendimento das análises anteriores, já que ela não se posicionava abertamente. Em seu ato de rememorar, José Maria Pinheiro ressalta mais uma vez o perigo que havia naquela época. O posicionamento da vereadora que era contrário à ditadura era mais perceptível para os que conviviam com ela.

No final dessa mesma fala, quando diz “Ela não concordava, apesar de ela ser uma atuante política, mas ela não era PCdoB, ela era do partido legalizado...”⁶¹⁸, o ex-vereador expressa um contraponto ou uma forma de dimensionar o posicionamento de dona Gemica.

Isso revela outro lado da luta contra a Ditadura Militar: por mais que a vereadora Gemica Bringel se contrapusesse ao regime ditatorial, ela não chegava ao ponto de enfrentamento direto. Isso fica mais claro quando o vereador José Maria Pinheiro ressalta que ela, “apesar de ser atuante política, mas não era do PCdoB”⁶¹⁹. Para compreender a diferença entre as formas de atuação política do MDB e do PCdoB, presente no relato de seu José Maria Pinheiro, cabe realizar uma breve síntese a partir de alguns trabalhos que discutem a trajetória dos partidos, suas características e suas formas de atuação durante a ditadura.

Mesmo que o Partido Comunista tenha sido o alvo direto da Ditadura Militar, internamente existiam diferentes vertentes e posicionamentos quanto aos caminhos políticos e às formas de enfrentamento ao regime. Em relação ao PCdoB, em “*História do Partido Comunista do Brasil (PCdoB): um balanço bibliográfico*”, Jean Rodrigues Sales faz uma breve discussão bibliográfica sobre as produções acadêmicas e fora da academia relacionadas ao partido PCdoB. Segundo o autor:

A discussão da historiografia existente a respeito do PC do B não pode deixar de levantar, inicialmente, um aspecto marcante a respeito dessa produção, que diz respeito a uma abordagem na qual a sua história aparece quase sempre associada à história do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Seja por meio da comparação, seja por meio da oposição, a história do PC do B aparece constantemente vinculada à história do PCB. Isso se deve certamente ao fato de seu surgimento ter sido fruto de uma cisão no interior do PCB, sendo que neste último ficou a maior parte dos militantes. Além disso, a divisão não impediu que o partido de Luís Carlos Prestes, o PCB, se mantivesse como força hegemônica entre as esquerdas até o golpe civil-militar de 1964. Enquanto isso, o PC do B tentava compor-se organicamente e definir-se ideologicamente para se diferenciar de sua matriz. Entretanto, a despeito de seus esforços, ele teve muita dificuldade em figurar como uma alternativa viável ao PCB perante as esquerdas. Os aspectos acima mencionados da trajetória do PC do B certamente contribuíram para que a sua história tenha sido de certa forma ofuscada pela do PCB. [...]. Contudo, é

⁶¹⁷ *Idem.*

⁶¹⁸ *Idem.*

⁶¹⁹ *Idem.*

importante assinalar que a história do PC do B deve ser compreendida em sua especificidade, desenlaçando-a da de sua matriz. Afinal, deve-se considerar que o PC do B tem mais de 55 anos (ou 95, como querem seus membros) de existência. Tendo sobrevivido aos percalços da Ditadura Militar e dos ventos do leste europeu, é hoje o principal partido comunista em atuação no Brasil. O grupo possui, ainda, inserção junto ao movimento estudantil e sindical, além de representações em prefeituras, assembleias legislativas, senado e governo federal. Sua própria existência institucional contrasta com o enfraquecimento dos partidos comunistas no mundo após a falência, em escala global, do projeto do socialismo real que marcou século XX.⁶²⁰

Em relação à fundação do PCB, Prado, em sua tese denominada “Partidos e sindicatos: o PCB, a oposição de esquerda e o movimento operário no Brasil (1922-1936)”, afirma que: “No final da década de 1910, em meio a sucessivas greves com vitórias e derrotas, a influência do anarcocapitalismo no movimento operário começou a declinar”⁶²¹. Acrescenta ainda: “Ao mesmo tempo, no rastro da Revolução Russa, a teoria comunista começou a penetrar entre as heranças sindicais e conquistou vários adeptos, culminando na fundação do PCB em março de 1922.”⁶²²

Com isso, é possível compreender que o Partido Comunista, desde sua origem e organização no Brasil, construiu uma trajetória marcada por disputas políticas, lutas e diferentes formas de atuação, reunindo sujeitos que compartilhavam de um projeto político revolucionário. Essas ideias, que constituíam parte central da identidade do partido, foram consideradas subversivas e perigosas pelo governo golpista instaurado durante a Ditadura Militar. Em relação a divisão do PCdoB relacionada ao PCB, Sales afirma que:

No Brasil, os debates internacionais teriam feito o PCB repensar a sua orientação política, o que estaria representado na formulação da “Declaração de Março de 1958” e nas teses do V Congresso do partido, realizado em 1960. A cisão teria origem nas divergências de um setor do partido em relação a modificações na orientação política do PCB. O novo partido, ainda segundo a vertente interpretativa mencionada, se singularizaria por optar pela luta armada como via privilegiada para a realização da revolução brasileira e por pregar a necessidade da liderança da classe operária na “Frente Única” revolucionária.⁶²³

A luta armada não obteve sucesso diante do poder bélico dos militares e do poder intencional que o estado ditatorial possuía. Segundo Jorge Ferreira em “*Elisa Branco: uma vida em vermelho*” fala em relação ao PCB que:

[...] logo após golpe de 1964, a repressão militar voltou-se contra os trabalhistas e as esquerdas, o PCB em particular. O partido recuou, completamente desorganizado.

⁶²⁰ Sales, 2017, p. 297-298.

⁶²¹ Prado, 2019, p. 55.

⁶²² *Ibid.*

⁶²³ Sales, 2017, p. 299.

Somente em maio de 1965, na cidade de São Paulo, o Comitê Central pôde realizar sua primeira reunião após o golpe. Os debates foram acirrados, mas foi aprovado a resolução formulada pelo grupo liderado por Giocondo Dias: o golpe resultou de erros “de esquerda”.

A resolução defendia a luta contra a ditadura, a luta por liberdades democráticas, descartando a proposta de outros membros destacados do partido, defensores da luta armada, como Carlos Marighela, Apolônio de Carvalho, Jacob Gorender, Mario Alves, entre outros. Luiz Carlos Prestes continuou na liderança do partido, mas sem o prestígio anterior ao golpe.⁶²⁴

Assim, fica mais evidente que dona Gemica Bringel não atuava na oposição ao regime sob a mesma perspectiva que o ex-vereador. A luta de José era dentro da linha do PCdoB⁶²⁵, que defendia um enfrentamento mais direto ao regime ditatorial, enquanto setores ligados ao MDB adotavam outras estratégias de oposição. Além disso, um dos objetivos do PCdoB estava relacionado à construção de um projeto político baseado na instalação da ditadura do proletariado. Ferreira expressa que:

[...] em fins de 1967, organizações da esquerda armada começaram a praticar assaltos a bancos e a carros-fortes, embora ainda não tivessem sido identificadas pelo Governo militar. As organizações de vanguarda que defendiam a luta armada proliferaram: ALN, VPR, VAR-Palmares, Colina, PCBR, entre outros. Tratava-se de guerrilha urbana, acumulando forças, sobretudo dinheiro, para financiar o foco que desencadearia a revolução a partir do campo [...]

Entre fins dos anos 1960 e início dos anos 1970, a luta armada contra a ditadura conheceu seu apogeu e o país experimentou a tenebrosa repressão política contra a guerrilha urbana. A tortura aos presos tornou-se política de Estado contra os inimigos do regime.

O embate foi absolutamente desigual. Jovens de classe média, de pouco mais de 20 anos de idade, armados com revólveres 38 ou metralhadoras portáteis tinham de enfrentar militares profissionalizados com apoio da “comunidade de informações” da Polícia Federal, das polícias civis e militares e dos DOPS dos estados. Outro fator, decisivo para a derrota da guerrilha, foi a falta de apoio da sociedade aos projetos revolucionários. A sociedade brasileira nem mesmo entendeu o motivo para a luta armada. Vale ressaltar que o projeto da guerrilha não era o de restabelecer a Constituição de 1946, a convocação de uma Constituinte, o retorno ao regime anterior ao golpe militar ou a instauração de outro pacto liberal-democrático. O projeto era o de implantar o socialismo e a ditadura do proletariado. A sociedade não se mobilizou por esses objetivos. Isolados politicamente, os guerrilheiros encontraram na tortura o final de seus planos revolucionários. Torturados, assassinados, “desaparecidos” ou exilados, eis o destino daqueles jovens.⁶²⁶

Diante dos objetivos políticos defendidos por setores do Partido Comunista – que buscavam não apenas o fim da Ditadura Militar, mas também a construção de um projeto comunista por diferentes estratégias de atuação –, o partido passou a ser considerado uma ameaça pelo governo. O anticomunismo, presente desde os primeiros momentos do golpe de

⁶²⁴ Ferreira, 2023, p. 195-196.

⁶²⁵ José Maria Pinheiro Ferreira, entrevista realizada em sua residência no bairro João Novo Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

⁶²⁶ Ferreira, 2023, p. 197-198.

1964, foi utilizado como um dos principais argumentos para legitimar a repressão aos grupos identificados como opositores do regime.

O MDB também possuía, em sua formação, diferentes perspectivas de oposição à Ditadura Militar, porém atuava dentro de uma oposição legalizada, limitada pelos espaços permitidos pelos militares. Talvez por isso José Maria Pinheiro reúna, em sua memória, posicionamentos diferentes sobre a atuação política de dona Gemica Bringel e sua própria trajetória no Partido Comunista, embora destaque que a atuação da vereadora não alcançava a mesma dimensão de enfrentamento de alguns de seus colegas de partido.

Esse caráter menos radical em relação à oposição fica mais explícito em outro momento de seu rememorar:

Entrevistado: mas ela nunca foi contra nossa posição do partido, dentro, coligado com ela. Não escondendo atrás do partido para nunca nos...

Entrevistador: abrigados? vocês eram abrigados?

Entrevistado: éramos abrigados lá, ela nos protegia de certa forma, sabe, e ela tinha essa atuação. Ela nunca foi de situação de bater palma para governador, para presidente, sempre ela foi mulher forte, de caráter ilibado, se tivesse que dizer alguma para alguém ela dizia.⁶²⁷

Neste ponto, é necessário ter em mente que sua narrativa representa a forma como ele compreendia dona Gemica Bringel, como uma liderança política vinculada ao MDB e inserida nas disputas de oposição à Ditadura Militar, ainda que em uma perspectiva diferente daquela defendida por setores mais radicalizados. A vereadora, embora possuísse autonomia, estava submetida às ideias e determinações do partido dela e as colocava em prática. O MDB foi a opção de muitos que não optaram pela luta armada, mas que queriam se opor à Ditadura Militar, permaneceram na luta política por vias legais. Mesmo assim, sua atuação se torna relevante e significativa dentro daquele contexto.

Ao questionar o entrevistado se havia alguma crítica sobre o governo ditatorial por parte da vereadora com relação a corrupção, por exemplo, seu José Maria Pinheiro respondeu que havia “muitas”⁶²⁸. Em seu processo de seleção do lembrar, ele relata:

Desde muito quando fui entender ela, sempre combatia esses governos, ARENA, sabe, ARENA, quando o Santamo criou todos esses partidos ela sempre era contra. Ela condenava abertamente, ela não se escondia não, ela nunca se escondeu, apesar de ela comandar o partido, mas ela atuava de forma aberta mesmo. Sabia o que estava fazendo, o marido dela apoiava muito ela, ressentido. Ela atuava de uma maneira assim, que não tinha esse negócio de se estar escondido, apesar de estar na ditadura

⁶²⁷ José Maria Pinheiro Ferreira, entrevista realizada em sua residência no bairro João Novo Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

⁶²⁸ *Ibid.*

fechada, ela não fazia mais porque ela tinha esse medo ser agarrada mesmo.⁶²⁹

Em seu processo de construção de memória quando diz “ela atuava de uma maneira assim, que não tinha esse negócio de esta se escondido, apesar de estar na Ditadura Militar fechada, ela não fazia mais porque ela tinha esse medo ser agarrada mesmo”⁶³⁰, a fala, embora pareça contraditória, revela muito. Ela explica, de certa forma a ausência de um posicionamento direto dentro da Câmara Municipal de Parintins em relação à Ditadura Militar.

Além do mais, nesse mesmo relato, a expressão “ela tinha esse medo ser agarrada mesmo”⁶³¹, revela o receio de ser capturado pelos militares. Esse sentimento é expressado ainda mais claramente quando questionado, logo em seguida, se havia alguém que tivesse sido pego ali, naquele momento na Ditadura Militar. Ele rememora:

Aqui em Parintins houve, aqui em Parintins houve parintinense que foram mortos pela ditadura, nós temos. Acho que o senhor tem conhecimento, o Thomazinho Meireles, que tem um colégio com o nome dele aqui, não tenho o nome dele, ele é parintinense ele foi pra Rússia, para União Soviética, passou um tempo para lá e quando ele voltou, ele foi morto e muitos outros, entendeu.⁶³²

Quando se fala sobre Ditadura Militar, é comum recordar no município de Parintins o nome de Thomazinho Meireles, um jovem que lutou contra o regime. Printes, em seu trabalho de conclusão de curso “*Thomaz Meirelles: memória de um Parintinense desaparecido político na Ditadura Militar*”, faz uma breve discussão sobre a trajetória de militância e luta de Thomaz Meirelles, bem como sobre o processo de investigação de sua captura pelos militares. Como afirma a autora, Thomaz Meireles “nasceu em Parintins em 01 de julho de 1937, vindo de uma família tradicional e umas das fundadoras do município de Parintins, localizado à margem direita do rio Amazonas, a 369 quilômetros de Manaus, capital do Estado”⁶³³. Sua trajetória acadêmica e de luta política começa quando se muda para a capital Manaus no ano de 1950, onde estudou no Colégio Estadual do Amazonas (CEA).

Nesse espaço nasceria seu espírito de liderança, tornando-se representante dos discentes do colégio e um “idealista ferrenho”⁶³⁴. Ele se formou em Jornalismo, foi redator dos jornais “A Crítica” e “Gazeta”, participou dos movimentos estudantis e obteve notoriedade e reconhecimento em 1958, quando foi para o Rio de Janeiro onde viveu sua carreira de militante.

⁶²⁹ *Ibid.*

⁶³⁰ *Ibid.*

⁶³¹ *Ibid.*

⁶³² *Ibid.*

⁶³³ Printes, 2019, p. 10.

⁶³⁴ *Ibid.*

Printes discute sua luta, o desaparecimento e a ocultação de seu corpo, com a utilização de documentos como o Relatório da Comissão da Verdade e a análise de relatos orais, problematizando os lugares de memória sobre Thomaz Meireles em Parintins.

Com relação à participação de outras mulheres dentro do contexto de Ditadura Militar ou se a vereadora atuou nesse sentido, José Maria Pinheiro, em sua construção de memória, relata: “Olha, dona Geminiana, eu me lembro do discurso dela, agora as outras não”⁶³⁵. Ao refazer a pergunta ao ex-vereador, explicitando que o questionamento era no sentido de defender que as mulheres participassem da política, ele responde:

Ela sempre convidou, ela sempre convidava. Ela sempre puxava, mas ninguém naquele tempo tinha coragem de assumir, por que era muito perigoso né? Você tinha que ter muito cuidado, porque você hoje podia estar vivo, amanhã podia estar morto. Então, tinha que ter muito cuidado. Então, tinha que ter muito jogo de cintura para o pessoal naquele tempo. Mas ela convidava, mas, mesmo assim, tinham mulheres que atuavam com ela, mas não apareciam, pois, esse medo de se expor e ser pegos pelos militares aí, não sabia para onde ia...⁶³⁶

O relato do ex-vereador pode ser compreendido a partir de três momentos. No primeiro, ao dizer que “ela sempre convidava. Ela sempre puxava, mas ninguém tinha coragem”,⁶³⁷ complementa afirmando que ninguém “naquele tempo tinha coragem de assumir, por que era muito perigoso né? Você tinha que ter muito cuidado, porque você hoje podia estar vivo, amanhã podia estar morto”⁶³⁸. Sua memória revela que a não participação das mulheres nesse período era devido aos perigos decorrentes da oposição à ditadura. Em seguida, no segundo momento de sua narrativa, quando afirma “Então tinha que ter muito cuidado. Então tinha que ter muito jogo de cintura para o pessoal naquele tempo”⁶³⁹, ele ressalta os cuidados necessários naquele contexto.

Esse receio, segundo a interpretação construída a partir da trajetória da vereadora, pode ter se apresentado de maneira diferente no caso de Gemica Bringel devido ao lugar que ela ocupava, pois era professora do município e detinha um lugar privilegiado na sociedade da época. Atuar politicamente e ocupar espaços públicos eram práticas que já faziam parte de sua trajetória.

O que é possível entender pela expressão “jogo de cintura” empregada por ele é que a

⁶³⁵ José Maria Pinheiro Ferreira, entrevista realizada em sua residência no bairro João Novo Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

⁶³⁶ *Idem.*

⁶³⁷ *Idem.*

⁶³⁸ *Idem.*

⁶³⁹ *Idem.*

conduta não se limitava apenas ao cuidado para fugir de olhos vigilantes dos órgãos de perseguição dos militares e de seus representantes, além de civis a favor da ditadura. Envolvia algo a mais, como as influências diante aos adversários políticos, capacidade que dona Gemica Bringel demonstrava ao envolver os adversários em seu discurso.

A terceira observação é a contradição e, ao mesmo tempo, revelação de quando rememora: “mas ela convidava, mas, mesmo assim havia mulheres que atuavam com ela, mas não apareciam, pois, esse medo de se expor e ser pegos pelos militares, aí, não sabia para onde ia...”⁶⁴⁰. A memória do entrevistado revela, em sua narrativa, que existiam outras mulheres, mas que estas estavam escondidas ou com atuações mais tímidas, no sentido de ficarem menos expostas, diferentemente da atuação de dona Gemica Bringel nas arenas públicas, como na Câmara Municipal de Parintins, um espaço público de poder marcado por relações de gênero e disputas políticas.

O que foi possível analisar por meio das memórias presentes nas narrativas de seu José Maria Pinheiro sobre a atuação e o posicionamento de dona Gemica Bringel é que sua trajetória política ocorreu de forma cautelosa. Ao comparar os posicionamentos dentro da Câmara Municipal com o relato oral de um sujeito que também vivenciou aquele período, ainda que com perspectivas políticas distintas, é possível identificar uma memória de luta ativa contra a Ditadura Militar, algo que não seria perceptível apenas pela análise das atas da Câmara.

A história oral e a memória revelam-se, assim, relevantes não apenas para formular um novo olhar por meio de outras perspectivas, mas também para compreender como os sujeitos constroem suas próprias interpretações sobre o passado. No caso de seu José Maria Pinheiro, a memória mostra-se rica por proporcionar a visão do mesmo sujeito a partir de suas próprias palavras, permitindo entender aspectos de sua trajetória que não aparecem nos registros oficiais. Embora o ex-vereador esteja presente nos registros da Câmara Municipal de Parintins, sua atuação no meio público junto com a vereadora, no período da Ditadura Militar, produziu uma memória que não se encontra registrada nas atas oficiais daquela Casa.

Dessa forma, a metodologia da história oral torna-se fundamental para a análise do processo de construção das memórias dos sujeitos que testemunharam a atuação da professora e vereadora. Essa perspectiva permite compreender, para o período pesquisado, outras versões e possibilidades de análise que ultrapassam os limites da documentação oficial.

⁶⁴⁰ *Idem.*

4.3 “A leal e extraordinária Presidente do Diretório Municipal do MDB, professora Gemica”⁶⁴¹: a campanha de anticandidatura no Baixo Amazonas

A formação do MDB se deu no contexto de Ditadura Militar e instauração do AI-2, tornando-se a oposição aceita por aquele governo. Devido à forma que foi criado, recebeu membros de diferentes partidos que eram contra o regime. Tamires Pecoraro, em seu trabalho denominado “*O MDB NA DITADURA MILITAR: Sua formação e (re)estruturação até a vitória eleitoral de 1974*”, afirma que o Movimento Democrático Brasileiro nasceu em meio à reconstrução partidária imposta pela Ditadura Militar em 1965, em que, primeiramente, foi instituída como agremiação em 14 de março de 1966 e, posteriormente, em 5 de abril de 1967, como partido político.

A autora aponta que “mesmo que o MDB tenha sido formado por considerável número de pessedistas, esse grupo político, em sua maioria migrou para a formação da Arena, junto com os antigos udenistas”⁶⁴². Segundo ela, em relação ao MDB, “a estrutura fundadora era petebista, mas também importantes nomes da nova oposição, como o de Ulysses Guimarães, vieram do PSD”⁶⁴³. Para Pecoraro, por mais que a base do PTB tenha formado o MDB, o partido contou com a presença de “grandes caciques” do PSD. Devido a sua formação ter ocorrido de cima para baixo, ou seja, do parlamento nacional, havia até a década de 1970 pouca representatividade local. Mas aparentemente o que se pode observar nas atas ao decorrer dos anos, a legenda foi ganhando adeptos por seu caráter oposicionista, o que mudou com a instauração do AI-5.⁶⁴⁴

A própria vereadora Gemica Bringel segue esse movimento. Antes do Golpe Civil-Militar de 1964, era filiada ao PTB e posteriormente passou a integrar o MDB, partido que reunia diferentes sujeitos oposicionistas ao regime e à ARENA. Sua trajetória política insere-se nesse processo de reorganização partidária, no qual antigos grupos de oposição passaram a atuar dentro da nova estrutura permitida pela Ditadura Militar.

Entre 1969 e 1974, Emílio Garrastazu Médici governou o país após ser eleito presidente de forma indireta. Segundo Araujo, Médici assumiu após o adoecimento do General Arthur da Costa e Silva, que faleceu em dezembro de 1969, contexto em que os ministros militares impediram a posse de seu vice-presidente, Pedro Aleixo, um civil. Ainda segundo o autor:

⁶⁴¹ Documento encontrado no acervo pessoal de Geminiana Campos Bulcão Bringel. Cedido por familiares. Documento digitalizado e armazenado no acervo do pesquisador

⁶⁴² Pecoraro, 2023, p. 121.

⁶⁴³ *Ibid*

⁶⁴⁴ *Ibid*.

Escolhido e eleito, Médici foi empossado em 30/10/1969. No plano político, seu governo foi marcado pela repressão à luta armada contra a Ditadura Militar, sendo representativas as mortes de Carlos Marighela e de Carlos Lamarca, cujos corpos foram encontrados, respectivamente, em novembro de 1969 e em setembro de 1971. Mesmo sob os auspícios do autoritarismo do Ato Institucional nº 5, Médici manteve as eleições indiretas para os poderes legislativos em todos os níveis, não sem antes promover modificações na legislação eleitoral. A primeira delas foi o descasamento do calendário eleitoral, para evitar a coincidência das eleições municipais com as eleições para os legislativos estaduais, Câmara dos Deputados e Senado. O número de cadeiras na Câmara dos Deputados foi reduzido de 409 para 310, e a base de cálculo para a representação parlamentar passaria a ser calculada segundo o número de eleitores registrados, e não segundo a população total.⁶⁴⁵

Durante o mandato de Médici, o MDB enfrentou transformações e conflitos internos, marcados por disputas sobre os rumos do partido e as estratégias de defesa da democracia, ao mesmo tempo em que travava embates na arena política com o governo militar. Conforme aponta Corrêa, na década de 1970, após uma grande vitória nas eleições, o nome de Geisel se mantinha forte dentro do partido ARENA. Em 1972, começava a movimentação para a sucessão de Médici, e em 1973 o presidente convidou de forma oficial o General Ernesto Geisel, então presidente da Petrobrás. Como debatido pela autora, entendia-se que a escolha de Geisel poderia indicar um processo de abertura e distensão controlada, o que levou a oposição a um momento de avaliação e análise⁶⁴⁶. Assim neste mesmo ano:

[...] o MDB empenhou-se num debate interno sobre políticas alternativas. Três principais possibilidades foram consideradas 1. autodissolução como derradeiro protesto, 2. firme posicionamento oposicionista, centrado na exigência do fim da repressão e de melhor distribuição da renda, 3. negociações com o novo governo de liberalização controlada.

Dentre essas alternativas, a autodissolução já havia sido discutida e não seria executada. Ulysses já tinha dito que considerava a autodissolução um suicídio. Embora a terceira opção, sob o risco de ameaçar seu objetivo de um posicionamento mais firme, podia, contudo, ser combinada à segunda. Esta política de negociações limitadas para a obtenção de certas concessões mais importantes em especial o restabelecimento do direito de habeas corpus e a revogação do AI-5 seria uma das metas básicas do partido de oposição no período seguinte. Além disso, o MDB precisava assumir uma postura oposicionista agressiva, para romper a paralisia do medo e do isolamento em que haviam mergulhado os setores moderados da oposição.⁶⁴⁷

Dentro desse contexto, “a primeira oportunidade do partido de oposição veio com o processo de sucessão presidencial em 1973”⁶⁴⁸. Diante do cenário de falsa democracia e visto

⁶⁴⁵ Araujo, 2018, p. 44.

⁶⁴⁶ Corrêa, 2011.

⁶⁴⁷ *Ibid.*, p. 35-36.

⁶⁴⁸ *Ibid.*

que “ambos os partidos tinham o direito de apresentar candidatos ao Colégio Eleitoral que escolheria o próximo presidente, o MDB decidiu lançar uma campanha simbólica”⁶⁴⁹. Essa campanha simbólica ficaria conhecida como *anticandidatura*. Restava, então, decidir quem tomaria a frente da campanha como candidato.

Em meio às disputas e decisões internas do partido, assumiu então a disputa pelo MDB o deputado Ulysses Guimarães, tendo como vice Barbosa Lima Sobrinho, ex-governador de Pernambuco e escritor reconhecido, membro da Academia Brasileira de Letras. O objetivo era denunciar o sistema político autoritário implantado no país: “Ou seja, a anticandidatura visava, antes de tudo, denunciar para a população os mecanismos autoritários que caracterizavam as eleições, ao mesmo tempo, era uma forma de retirar o MDB da letargia que o dominava desde 1968”⁶⁵⁰.

O governo golpista utilizou-se de ferramentas para impedir a oposição de fazer sua campanha e, assim, deram-se as campanhas do anticandidato. Para Corrêa:

Impedido de utilizar o rádio e a televisão para a sua anticampanha – o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) entendia que em eleições indiretas não se aplicava a obrigatoriedade do horário gratuito nos meios de comunicação –, Ulysses Guimarães, liderando grande caravana do MDB, percorreu todo o país. Os últimos meses do ano de 1973 foram dedicados, assim, a denúncia de que as eleições indiretas, tal como se davam no Brasil, eram como um jogo de cartas marcadas, e também a denúncia de toda sorte de arbitrariedades cometidas pela ditadura.

A oposição estava viva. Nas centenas de eventos por esse Brasil afora, Ulysses pregou as idéias oposicionistas, mobilizou os cidadãos e defendeu as liberdades democráticas. Sua andança repercutiu no exterior, fato que desagradou e irritou os militares. Em algumas cidades, Ulysses foi covardemente agredido, como na Bahia, onde foi perseguido pelos cães da polícia baiana do governador Roberto Santos. E, por ironia, o governador Chagas Freitas, filiado ao MDB, impediu-o de visitar o Rio de Janeiro em campanha.⁶⁵¹

Durante esse período de campanha de anticandidatura, no município de Parintins, a professora e vereadora Gemica Bringel encontrava-se na liderança do partido MDB. Parintins, desde a segunda metade do século XX, encontrava-se em constantes mudanças e desenvolvimento econômico⁶⁵². Isso pode explicar a decisão do partido de percorrer o país em busca de apoio político e, ao chegar no estado do Amazonas, escolher a cidade de Parintins como local para o comício do anticandidato. Essa visita ao município deixou rastros que serão melhor analisados no decorrer dessa discussão. Uma fonte que se mostra significativamente importante para a compressão dessa discussão é o documento encontrado no acervo de dona

⁶⁴⁹ *Ibid.*

⁶⁵⁰ *Ibid.*, p. 39.

⁶⁵¹ *Ibid.*, p. 39-40.

⁶⁵² Saunier, 2003; e Butel, 2011.

Gemica Bringel, intitulado “Apontamentos de viagem”⁶⁵³, transcrito abaixo:

APONTAMENTO DE VIAGENS PELA AMAZÔNIA 1973/4. Entre o que tenho de sadiamente me orgulhar na vida de ter convivido e trabalhado com Guimarães por quase duas décadas.

Fundamos juntos o MDB e de suas Executiva Nacional participamos durante toda sua existência. Além de integrar a Executiva Nacional do MDB, com apoio de Ulysses, presidir o diretor Reginaldo partido, no Amazonas, por cerca de uma década. Mantivemos, assim, não apenas a boa convivência como Deputados a Câmara, mas, principalmente, como companheiros do MDB.

Para mim, a figura de ULYSSES Guimarães um HERÓI, um patriota, um homem desprendido de vaidade e interesses pessoais. um intrépido, um bravo.

Juntos atravessamos todo o período do arbítrio e juntos percorremos o Brasil, desfrutando a bandeira da democracia e da liberdade. Nesse tempo 1965/1980, **só os bravos semeavam esta pregação.**

Mas foi de 1973 para 1974 que ULYSSES Guimarães mostrou sua qualidade de Patriota desprendido destemido. O partido exigiu-lhe o alto sacrifício de disputar, sem nenhuma condição de êxito, a PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Seria uma luta cruel sem glória; esse lugar estava prévio e indiscutivelmente ocupado. Era uma estultice, para muitos. Que significava pelear por um lugar ocupado?

Pensando no seu partido, na democracia e no Brasil, ULYSSES não discutiu. Aceitou duro sacrifício de percorrer todo Brasil e se declarou ANTI CANDIDATO das oposições.

Andou por todo este Brasil, visitando não apenas as capitais dos Estados, mas, também, os desconhecidos meandros do interior da Amazônia e sertões do Nordeste. Na qualidade de presidente regional do Partido do Amazonas, levei ULYSSES Guimarães várias vezes ao Amazonas. Numa dessas desconfortáveis e arriscadas viagens, acompanhado D. MORA, sua esposa, permaneceu no estado por mais de oito dias em razão de um desastre de avião, que danificou e interditou o único precário aeroporto de Manaus.

Recordo-me das sofridas e perigosas viagem que fizemos pelo interior do Amazonas. Minha admiração crescia a cada dia, por ver a intrepidez Dr. Ulysses.⁶⁵⁴

Nesse trecho, o documento revela as ideias que já eram de conhecimento sobre a anticampanha, como no trecho destacado: “Juntos atravessamos todo o período do arbítrio e juntos percorremos o Brasil, desfrutando a bandeira da democracia e da liberdade. Nesse tempo 1965/1980, só os bravos semeavam esta pregação”⁶⁵⁵. O que o autor do texto revela é que a campanha possuía seus perigos, claro que dentro de uma oposição permitida, mas isso não significava que seus participantes estivessem livres de pressões e desafios.

Outro ponto que chama a atenção é a romantização da figura de Ulysses Guimarães no texto. Isso pode ser influência do período em que o relatório foi escrito, uma vez que fica claro que o autor é o presidente regional do partido no Amazonas, como ele mesmo revela: “Na qualidade de presidente regional do Partido do Amazonas, levei ULYSSES Guimarães várias

⁶⁵³ Documento encontrado no acervo pessoal de Geminiana Campos Bulcão Bringel. Cedido por familiares. Documento digitalizado e armazenado no acervo do pesquisador.

⁶⁵⁴ *Ibid.*

⁶⁵⁵ *Ibid.*

vezes ao Amazonas”⁶⁵⁶. Possivelmente, os desafios encontrados durante essas campanhas tenham alimentado a forte romantização expressa no texto. Vale pontuar que essa recordação deve estar relacionada à campanha que expressa a posição política do autor, o qual fazia parte de um partido, o MDB, que possuía suas próprias cisões.

A própria campanha de anticandidatura dentro do partido MDB já teria sido um dos desafios, pois, entre as divisões do partido, havia o grupo dos “moderados” e o grupo do “autênticos”. Foram os autênticos que, no início da década de 70, começaram a se movimentar para decidir o destino da legenda diante da situação em que o país se encontrava.

Eram jovens políticos, muitos recém ingressados na política. Esses parlamentares se identificaram por sua atuação na Câmara dos Deputados, na qual seus discursos e pronunciamentos tinham um tom parecido de ousadia e enfrentamento à Ditadura Militar.

Em contraposição a esse grupo, com políticos que já estavam a mais tempo no cenário político, inclusive antes do bipartidarismo e detinham a liderança partidária, estavam os “moderados”. Até aquele momento, eram os moderados que davam a orientação interna ao partido.⁶⁵⁷

A proposta de anticandidatura se deu fora dos grupos dos “autênticos”; porém,

A direção do partido, liderada pelos moderados, decidiu que Ulysses Guimarães seria, junto de Barbosa Lima Sobrinho, candidato à presidência da República para as eleições indiretas de janeiro de 1974. O caos se formou em torno da atuação do partido no dia das eleições indiretas.⁶⁵⁸

Esse documento relata a viagem e as cidades pelas quais o anticandidato do MDB teve de passar para obter apoio político, citando cidades como Manaus, Itacoatiara, Urucará, Parintins e Humaitá. O texto, além de informar quem foi na viagem e os lugares em que passou a caravana de Ulysses Guimarães na campanha de anticandidatura, informa quem os recebeu nas respectivas cidades e como foi a recepção. Para esta análise, serão observadas as memórias sobre o município de Parintins, já que o documento descreve a estadia no município e a recepção da vereadora Gemica Bringel.

Já a madrugada descemos para o barco e seguimos para outro município PARINTINS, fronteira com estado do Pará. PARINTINS é a segunda maior cidade do interior do Estado, com cerca de 55 100 habitantes, na época, e mais ou menos, 18 mil eleitores, quase todos da Arena. De Urucará a Parintins dista quase 10h00 em um bom barco. Chegamos quase ao meio-dia.⁶⁵⁹

⁶⁵⁶ *Ibid.*

⁶⁵⁷ Pecoraro, 2023, p. 125.

⁶⁵⁸ *Ibid.*

⁶⁵⁹ Documento encontrado no acervo pessoal de Geminiana Campos Bulcão Bringel. Cedido por familiares. Documento digitalizado e armazenado no acervo do pesquisador.

É possível observar que a fala do narrador ao escrever “com cerca de 55 100 habitantes, na época” indica que o documento foi escrito após os acontecimentos, o que pode revelar o entusiasmo passado pelo autor do texto, já que sua narrativa passa pela estrutura do conto do herói, com inúmeros desafios, mas que no final tem sua redenção. O ponto que destaca a importância da cidade é a menção de que o município de Parintins, naquele momento, era o segundo maior do estado do Amazonas.

Outro ponto importante trazido pelo autor é que o eleitorado da cidade era de 18 mil, a maioria alinhada à ARENA, mais um motivo para que a cidade fosse visitada pelo antecandidato. Já que a cidade não tinha o costume de receber candidatos à presidência, como possível constatar em atas da Câmara Municipal, a visita poderia causar impacto na sociedade da época e reverter o quadro político.

É importante ressaltar que, naquele momento, declarar apoio abertamente à oposição era um risco; por isso, talvez essa diferença de apoio do eleitorado a favor do partido ARENA não seja tão discrepante quanto o narrador ressalta. Dentro de sua proposta narrativa, evidenciar e ampliar as dificuldades contribui para valorizar o desfecho da história, atribuindo maior impacto à vitória e ao êxito alcançados.

Na Câmara Municipal de Parintins, percebe-se um equilíbrio entre o número de vereadores da ARENA e do MDB. As palavras do autor talvez tenham o intuito de atribuir um valor adicional à luta nesse momento de campanha, dando um sentido à construção de uma narrativa que enfatiza a diferença e a batalha enfrentada entre a partida e a chegada na cidade. Em seu texto, ele prossegue narrando:

Em Parintins tínhamos companheiros destemidos que seguiam a orientação de uma mulher extraordinária presidente do diretório municipal do MDB GEMINIANA BULCÃO, na intimidade nós a chamávamos “GEMICA”. Esta senhora, que era e professora, juntamente com seu esposo e outros companheiros davam trabalho à Arena e ao pessoal do governo. Eram do time do Dr. Ulysses, não sabiam o que era cansaço nem medo.⁶⁶⁰

Na análise do narrador, parece haver um reconhecimento da atuação e da liderança da vereadora no município de Parintins. Embora seja possível identificar certa exaltação em sua narrativa, essa valorização da atuação da professora e vereadora pode ser compreendida a partir das circunstâncias daquele período, uma vez que o clima na Ditadura Militar era de medo e a política não era um espaço em que as mulheres eram comumente vistas, devido à baixa

⁶⁶⁰ *Ibid.*

representação. No caso da vereadora, além de atuar nesse momento de risco, era liderança e ocupava um lugar de pioneirismo.

Logo após, o autor destaca o papel do MDB em Parintins. Possivelmente, essa impressão tenha se fixado devido à recepção realizada pelos emedebistas. Em seu discurso, ele revela algo que não havia sido dito ainda nas narrativas orais: o fato de Gemica atuar conjuntamente com seu marido. É possível supor que a ausência de seu marido como atuante nos relatos e em outros documentos esteja relacionado à circunstância específica descrita pela vereadora, na qual ele teria participado da recepção de uma autoridade política no município. Em alguns documentos, como atas do MDB, é possível ver o nome dele nas reuniões⁶⁶¹. Isso pode indicar sua presença nesses espaços, mas não necessariamente uma atuação política efetiva. Outra possibilidade é que sua presença contribuísse para legitimar, perante a sociedade da época, a atuação da vereadora nos espaços públicos e de poder, tradicionalmente masculinos.

Em seguida, ainda em sua narrativa sobre a chegada a Parintins, o autor do texto relata: “Depois da boa recepção que tivemos, surgiu-se o almoço”. No acervo de Gemica Bringel, é possível encontrar uma fotografia desse provável almoço, a qual será analisada no tópico seguinte.

Logo depois, ele descreve:

Apesar das terríveis dificuldades, tudo era feito por esses correligionários com a extrema dedicação e bom gosto esse almoço foi quase um bom cut. Após o almoço, insistir quando Dr. Ulysses para repousar um pouco, a fim de enfrentarmos o comício que estava marcado para as 20:00 horas, na praça principal da cidade de Parintins. Não aceitou, fomos visitar alguns correligionários da cidade e, também o bispo dom Arcângelo Cerqua⁶⁶².

O trecho indica a relevância e influência do bispo Arcângelo Cerqua na política local, já que a visita era justamente para obter seu apoio ao anticandidato Ulysses Guimarães. Assim, visitar lideranças locais e correligionários era importante para o objetivo proposto na política nacional. Além disso, o apoio ou até mesmo a não reprovação da mais importante liderança religiosa com influência em Parintins e municípios próximos mostra-se de fundamental importância, inclusive pessoas que não estivessem ligadas diretamente à política e ações do MDB.

Contudo, a visita do anticandidato era clara: denunciar que o governo era autoritário.

⁶⁶¹ Atas do MDB encontradas no acervo pessoal de Geminiana Campos Bulcão Bringel dos anos de 1994, 1960 a 1972.

⁶⁶² Documento encontrado no acervo pessoal de Geminiana Campos Bulcão Bringel. Cedido por familiares. Documento digitalizado e armazenado no acervo do pesquisador.

Portanto, recebê-lo era de certa forma estar na mesma linha de ideias das lideranças do MDB. O narrador prossegue em seu texto descrevendo como foi a visita do anticandidato.

Lá pelas 17 horas, começou a chover um dos temporais típicos da Amazônia. As zonas do rio Amazonas, a margem do qual ficava a cidade, levantavam-se como no alto e bramar. O céu escureceu e começou a chover. Foi a água para afastar os mais destemidos homens da Amazônia. Apesar de gostar imensamente de chuva, fiquei triste porque todo trabalho de preparação do comício estava estragado. No interior, ainda há o sistema de enfeitar as ruas e praças com bandeiras de papéis coloridos, como se fosse para receber um rei. É uma mão-de-obra dura e até dispendiosa. A praça já estava uma beleza de enfeitada. Tudo foi embora com o temporal; só ficaram as linhas penduradas. As bandeirolas, os grandes cartazes e tudo mais desapareceram. Porém, o pior é que pelo programa Dr. Ulysses, teríamos que voltar de Parintins, bem cedo do dia seguinte e, como subindo o Amazonas, de Parintins Manaus, gasta-se no mínimo 30 horas, voltaríamos de teco-teco. outros companheiros sem maiores compromissos voltariam no “ANA MARIA”.

Começou o apelo de todos para que Dr. Ulysses ficassem todo dia seguinte para o começo que seria preparado para a noite. Isto era quase impossível, dado os muitos compromissos do Dr. Ulysses por todo Brasil. Senti que não houvesse outro jeito, doutor Luiz ficaria para analisar os bravos correligionários, principalmente, **a Leal e extraordinária presidente do diretor municipal do MDB, professora “GEMICA”** [grifo nosso]. Como no dia seguinte era domingo entendemos que mesmo sonhar a praça enfeitada, poderíamos realizar o comício, pela manhã já que muitos correligionários do interior do município que vieram para o comício da noite, ali permaneciam. Bem cedinho colocamos carros com alto-falantes nas ruas e, como a cidade é pequena, as 9:00 horas a praça estava lotada. Realizamos o comício. Foi um sucesso. Dr. Ulysses, como sempre, empolgou o povo. às 14:00 horas entramos no teco-teco e no final da tarde estávamos em Manaus.⁶⁶³

O que se destaca nas palavras do narrador é a impressão deixada pela atuação da vereadora, pois destaca o fato sua lealdade. Essa construção da imagem de Gemica Bringel parece ser algo que ela mesma se preocupou durante sua vida. Talvez dentro da sociedade patriarcal e machista, não caberia para a vereadora estar nesse espaço se não fosse de outra forma. Da mesma forma, a presença da liderança do partido também reforçava a posição da vereadora, possibilitando sua atuação nesse espaço de poder.

O documento também revela o impacto da vinda de uma liderança política nacional ao município, já que, segundo o narrador, correligionários do interior do município se deslocaram para acompanhar sua passagem por Parintins. Essa mobilização provavelmente aumentou a expectativa em torno da visita e pressionou os organizadores para a realização do comício, mesmo que este ocorresse apenas na manhã do dia seguinte.

O texto se encerra descrevendo a visita em outros municípios, demonstrando o resultado da campanha:

⁶⁶³ Documento encontrado no acervo de dona Gemica Bringel. Segundo o início do texto desta escrita, é do Diretor Regional do Amazonas do MDB, o qual ficou encarregado de conduzir o líder do MDB Ulysses Guimarães em suas viagens pelo estado do Amazonas.

Valeu a pena o sacrifício do Dr. ULYSSES - anticandidato à Presidência da República. Em 1974, o MDB estourou em votos em quase todo o País; a razão maior foi a peregrinação do anticandidato. No Amazonas, quase acabamos com Elegemos o Senador EVANDRO CARREIRA, fizemos 03 a ARENA. toda dos 05 Deputados Federais, 11 dos 18 Estaduais e quase Bancada na Câmara de Vereadores de Manaus. Isto se repetiu' por todo o País. O MDB elegeu 16 dos 22 Senadores de 1974. Para mim, Dr. ULYSSES é um símbolo. Dele se pode discordar em algo, porém, há de se reconhecer sua bravura, sua firmeza, seu desprendimento, seu patriotismo. Por outros ângulos, o que ele enfrentou na Amazonia, sucederam-se com frequência em outros lugares. Nunca me esqueço de sua chegada a Salvador, quando encontrou à sua espera caca amestrados e baionetas do Governo. Os soldados! Fizeram um cerco com as baionetas, impedindo que Dr. ULYSSES passasse para o local do comício. Por ter a vida como secundária, Dr. ULYSSES empurrou a soldadesca com o peito e atra- vessou o cerco, chegando ao local do comício onde falou ao povo baiano. Para qualquer tempo isto é bravura. No tempo do AI 5 era loucura. Loucura de amor pela Democracia; loucura pela liberdade; loucura pelo bem-estar de seu povo. Tudo o de que hoje desfruta o Dr. ULYSSES, ainda é pouco pelo muito que fez pela Democracia, pelo povo e pelo Brasil. Seu merecido lugar ainda não foi alcançado definitivamente.⁶⁶⁴

O fato de o escritor ter acompanhado as visitas aos municípios do estado lhe deixou uma memória sobre o ocorrido com bastante sentimento, que transpassa sua escrita. Ele constrói uma narrativa de vitória, já que após a campanha de anticandidatura houve um impacto na percepção popular sobre a Ditadura Militar, demonstrado pelo fortalecimento da oposição nas eleições de 1974.

Neste ponto, é necessário ter em mente que, para além da campanha de anticandidatura, o MDB soube aproveitar o momento político em que a Ditadura Militar vivia um enfraquecimento do apoio popular, além de enfrentar crises em outros setores.

Um exemplo dessa abordagem pode ser visto em um *spot* produzido pelo partido para a televisão. Nessa curta propaganda, aparecem pessoas sendo entrevistadas, cujas respostas apontam para os problemas sociais vividos pelo povo, bem como indicam o MDB ser a solução para essa questão. Ao final, aparece Ulysses Guimarães que pronuncia a seguinte mensagem: “Vote por pão, saúde, educação. [...] O uso da televisão, como no exemplo citado, e também de outros meios de comunicação eficientes, como rádio, foi possível devido ao programa de distensão anunciado pelo governo Geisel no início de sua gestão.

Dessa maneira, é possível ver como o partido aproveitou da maior liberdade permitida pelo governo para articular sua campanha em 1974. Souberam usar os espaços disponíveis, fazendo críticas incisivas aos problemas socioeconômicos aproximando-se dos seus eleitores como um partido capaz, sim, de fazer pressão e oposição ao governo dentro dos espaços que lhes cabiam e eram permitidos. Trata-se de um panorama bem diferente do enfrentado em momentos eleitorais anteriores, principalmente no que diz respeito ao receio gerado pelo AI-5 e a moderação do partido que se seguiu a ele.⁶⁶⁵

⁶⁶⁴ *Ibid.*

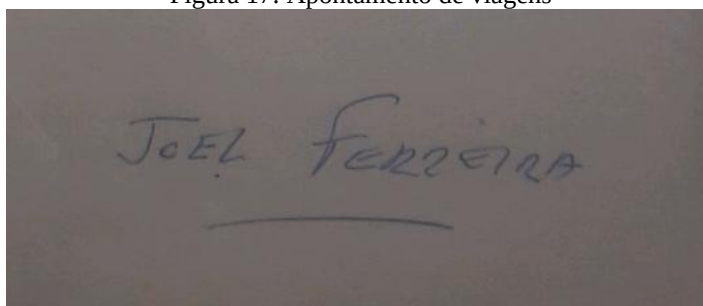
⁶⁶⁵ Pecoraro, 2023, p. 126-127

Assim, é possível dizer que a campanha de anticandidatura teve êxito e criou as bases para as eleições subsequentes, fazendo cair a aceitação e popularidade da Ditadura Militar. Porém, junto à campanha, houve outros elementos de luta e estratégia para lidar com o governo ditatorial, além do cenário ser outro naquele momento.

A popularidade do partido pode ser vista na própria visita de Ulysses Guimarães ao município de Parintins, já que o narrador pontua que a cidade possuía, em sua maioria, um eleitorado favorável à ARENA e que eram necessárias coragem e disposição para essas atuações políticas naquele período. Contudo, o êxito da recepção ao anticandidato na ilha Tupinambarana indica que esse cenário de possível dificuldade não se apresentava de forma absoluta. O itinerário incluiu comício em praça pública, almoço, visitas a lideranças políticas e religiosas. Também atraiu correligionários de localidades próximas, os quais se deslocaram até a cidade para ver o antipresidente.

Ao final do texto, consta o nome Joel Ferreira, escrito com caneta e sublinhado, com uma caligrafia que não se parece com aquelas encontradas no acervo da vereadora. Possivelmente, o próprio autor tenha datilografado o documento e posteriormente assinado para registrar sua autoria ante de entrega-lo à vereadora.

Figura 17: Apontamento de viagens



Fonte: Acervo de Geminiana Bringel, cedido por seus familiares.

Tudo indica que a assinatura seja de Joel Ferreira, então Deputado Federal do Amazonas pelo MDB, eleito para os mandatos 1967-1971, 1971-1975, 1975-1979 e 1979-1983. Antes disso, foi Deputado Estadual pelo PTB de 1955 a 1959 e pelo PSB de 1959 a 1967, além de governador de 1961 a 1962. Advogado, formado pela Universidade do Amazonas, e servidor público, a partir de 1983 atuou como Conselheiro do Tribunal de Contas do Distrito Federal.⁶⁶⁶

A presença do deputado nos relatos analisados confirma uma aproximação política com Parintins, possivelmente relacionada à atuação de Gemica Bringel como liderança do MDB no

⁶⁶⁶ CÂMARA DOS DEPUTADOS. Joel Ferreira: biografia. **Portal Câmara dos Deputados**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/131732/biografia>. Acesso em: 22 dez. 2025.

município.

Figura 18: Colagem de fotos de uma reunião pública



Fonte: Acervo de Geminiana Bringel, cedido por seus familiares.

4.4 “Ficou na minha mente sabe? Porque a gente pode ouvir um cara diferente com ideias diferentes e daquelas ideias que a gente fazia aqui em Parintins”: memórias sobre a campanha de anticandidatura do MDB em Parintins

Como já discutido, a memória tende a estar sob influência do presente, e essas influências no ato de lembrar estão ligadas a diversas questões, sejam assuntos sensíveis, lugares com os quais as pessoas não desejam ser associadas ou até mesmo a imagem que constroem de si mesmas.

Esse último elemento da memória - a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento mostra que *a memória é um fenômeno construído*. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.⁶⁶⁷

Das pessoas entrevistadas para esta tese, apenas Geraldo, Orlando, Alfredo, José Maria e Ângela possuem em seus processos de construção de memórias o evento da visita do anticandidato Ulysses Guimarães. Contudo, é possível observar que, apesar de ser um episódio único naquele período, nem todos possuem uma memória sobre os acontecimentos com detalhes tão ricos quanto seu José Maria Pinheiro e dona Ângela Reis.

⁶⁶⁷ Pollak, 1992, p. 04-05.

Dona Dalva rememora a admiração que a vereadora Gemica teve por Ulysses Guimarães, mas não apresenta recordações tão vívidas. Ao ser perguntada sobre o anticandidato, ela responde “Deus o livre, ela tinha um respeito por eles, doutor Ulysses que ela falava”⁶⁶⁸; e, em seguida, ao questioná-la sobre a visita do mesmo em Parintins e se recordava o acontecimento, ela responde: “não, eu não lembro, mas ela falava muito dele”⁶⁶⁹. Dona Dalva não estava presente durante as campanhas e lutas contra a Ditadura Militar, pois era muito jovem; sua memória é do período que conviveu com a vereadora, já no final da década de 1970⁶⁷⁰.

Seu Alfredo Saunier apresenta uma memória marcada por uma proximidade com os acontecimentos semelhante à vivenciada pela professora e vereadora Gemica Bringel. Além de ter sido seu aluno, acompanhou sua atuação na arena pública de Parintins, como revela em seu relato:

- E o senhor lembra dessa época que Ulysses Guimarães veio aqui, o senhor tem memória?
- Pena que eu não... eu devia ter... não sei se alguém tem o comício, foi aí perto do Mercado Municipal, do lado daqui aonde tem aquela ótica, foi armado um palanque ali até.
- Em frente à casa da Geminiana?
- Não, aqui na Praça Eduardo Ribeiro. Não tem o ponto de táxi do lado daqui? Não tem a Visu (loja de roupas no centro da cidade), não tem aqueles, aí perto onde tem aquele coiso, ótica lá, um palanque enorme. Aí quem estava lá: Joel Ferreira, que era deputado federal, José Carlos Dutra deputado estadual, dona Gemica, Ulysses Guimarães, Fabio Lucena, estava a nata da época política do Amazonas.⁶⁷¹

De fato, a memória da vinda de Ulysses Guimarães ao município de Parintins parece ser algo que marcou a política da época. Os ex-vereadores Orlando Hatta e Geraldo Medeiros, ambos ex-arenistas, também possuem recordações desse acontecimento, mas, ao serem questionados sobre o evento, não se estendem muito sobre o assunto.

- Foi a criadora da oposição aqui, de receber o Ulysses Guimarães no porto de Parintins.
- Pois é o Ulysses Guimarães teve por aqui?
- Esteve e recebido por ela.
- O senhor lembra...
- [...] nós tivemos muita gente. Getúlio Vargas já passou por também aqui, não desembarcou. Getúlio Vargas passou no Catarina, ficou lá fora, mas não desembarcou,

⁶⁶⁸ Dalva Ribeiro, entrevista realizada no prédio da Associação Pestalozzi de Parintins, no bairro Centro, Parintins, Amazonas, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 25 mai. 2023.

⁶⁶⁹ *Idem*.

⁶⁷⁰ Certificados de conclusão de curso e Histórico escolar. Documentos digitalizados e depositados no acervo do pesquisador e GEHA/NEAB no CESP/UEA.

⁶⁷¹ Alfredo Jorge Cardoso Saunier, entrevista realizada na biblioteca Alfredo Saunier no bairro Centro, por Roger Kenned Repolho de Oliveira, 20 fev. 2024.

mas passou Juscelino Kubitschek por aqui também, não desembarcou.

- Mas o Ulysses veio?

- Ulysses veio, desembarcou em Parintins, como o Lula também veio. Lula foi o único presidente da república que veio e passou o dia inteiro aqui, passou a noite e o festival folclórico.⁶⁷²

Seu Orlando Hatta tem uma reação que se assemelha a do Geraldo Medeiros. Ao perguntar a ele, seu Orlando rememora:

- Ela recebeu o Ulysses Guimarães aqui? Ele veio para Parintins foi ela que recebeu ele?

- Olha ele deixou, todo mundo esperava que ele fosse... mas não, ela ficou de lado, não houve desavença, não houve nada, porque Ulysses Guimarães, quer queira, quer não, ele foi um cara especial.⁶⁷³

Ambos os relatos orais não buscam se aprofundar no tema quando é colocado para eles responderem, como é possível observar. A possibilidade de essas memórias não serem tão acentuadas ou valorizadas por esses sujeitos talvez se deva ao fato de ambos não se encontrarem no partido MDB no ano de visita. Um trecho do relato de seu Orlando Hatta chama a atenção quando rememora: “Olha ele deixou, todo mundo esperava que ele fosse... mas não, ela ficou de lado, não houve desavença, não houve nada, porque Ulysses Guimarães quer queira, quer não, ele foi um cara especial”⁶⁷⁴. Ao evocar sua memória, ele deixa transparecer que havia uma expectativa de embate, mas que não foi o caso, confirmando que “não houve desavença, não houve nada, porque Ulysses Guimarães, quer queira, quer não, ele foi um cara especial”⁶⁷⁵.

O objetivo da anticampanha não era de embate nos lugares visitados. Os objetivos eram ao menos três: que o MDB assumisse sua posição de oposição, para fiscalizar e criticar o governo; levar o partido, desde sua formação até a (re)estruturação, à vitória eleitoral de 1974, apresentando à população os programas partidários; e provocar a população insatisfeita a votar no MDB nas eleições que ocorreriam em 15 de novembro de 1974.

Ainda assim, transparece o sentimento de que havia uma expectativa de embate antes da chegada do político, talvez instigada pelos próprios membros do MDB em Parintins.

Outros colaboradores da pesquisa, como seu José Maria Pinheiro, possuem outra experiência com a chegada do candidato: “Eu me lembro quando ela trouxe em Parintins o Ulysses Guimarães. Cara, ele era pré-candidato, não estou lembrado a data, conheci o Ulysses

⁶⁷² Geraldo Soares Medeiros, entrevista realizada em sua residência no bairro Centro, Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 30 set. 2016.

⁶⁷³ Orlando da Silva Hatta, entrevista realizada em sua residência no bairro de São José, Parintins-AM por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

⁶⁷⁴ *Idem.*

⁶⁷⁵ *Idem.*

Guimarães, conheci, conversei com ele, uma competência muito grande”⁶⁷⁶.

A construção da memória do ex-vereador atribui a visita de Ulysses Guimarães à vereadora Gemica Bringel e não diretamente à campanha de anticandidatura. Isso talvez se deva ao fato de a vereadora receber Ulysses Guimarães em sua casa, como fazia com outras lideranças políticas e, sendo a líder do partido, talvez ter ficado a seu cargo acompanhá-lo e anunciá-lo. Ao ser perguntado se havia algum evento significativo em sua memória sobre a vereadora, seu José Maria Pinheiro rememora:

Eu tenho um evento assim com ela, mas que não concretizou no dia, porque choveu muito, sabe? Choveu muito em Parintins. Ela e o partido conseguiu trazer em Parintins o Ulysses Guimarães para fazer um comício à noite, né? Tudo programado, movimentação bacana, o MDB estava com aquela música “MDB, MDB, MDB”... aí preparamos o comício, aí quando foi no outro dia, uma chuva, rapaz... acabou nem começou. Quando foi... ele tinha que voltar dez horas da manhã para o aeroporto, fizemos de manhã o comício, deu muita gente esse evento, ficou na minha mente sabe? Porque a gente pôde ouvir um cara diferente com ideias diferentes e daquelas ideias que a gente fazia aqui em Parintins, né? Reverberava daquela ação dele, eu não esqueço nunca isso aí.⁶⁷⁷

O relato do ex-vereador traz detalhes sobre esse momento. Ele recorda, inclusive, a chuva e a transferência da data do comício, elementos que indicam o impacto do evento em sua memória. Seu testemunho também possibilita compreender a campanha por outra perspectiva: a dos membros locais do partido. A visita de Ulysses Guimarães parece ter reforçado a percepção de que a atuação desenvolvida em Parintins fazia parte de uma luta política mais ampla, alinhada às ações do MDB em âmbito nacional. Essa relação torna-se evidente quando o ex-vereador ressalta: “Porque a gente pode ouvir um cara diferente com ideias diferentes e daquelas ideias que a gente fazia aqui em Parintins, né? Reverberava daquela ação dele, eu não esqueço nunca isso aí.”⁶⁷⁸

A professora aposentada Ângela Reis, que naquele período era uma jovem que prestava serviço doméstico em troca de acolhimento na casa de dona Gemica Bringel, rememora:

Eu lembro de episódio quando, que veio, há! Ulysses Guimarães, né? Quando ele veio aqui em Parintins ela fez um jantar, hoje aí no centro da praça do Cristo Redentor, aí onde era a Câmara, e a polícia foi por que era contra né? Que era partido de oposição, aí foi uma situação onde nós fomos para lá pra ajudar a servir, mas ficou cercado de polícia, por que? Eles achavam que ia haver alguma coisa assim né, já que era o presidente, o partido MDB que estava aqui em Parintins com outros deputados de Brasília que vieram. Eu lembro que vinha muito aqui em Parintins o deputado Dutra,

⁶⁷⁶ José Maria Pinheiro Ferreira, entrevista realizada em sua residência no bairro João Novo Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

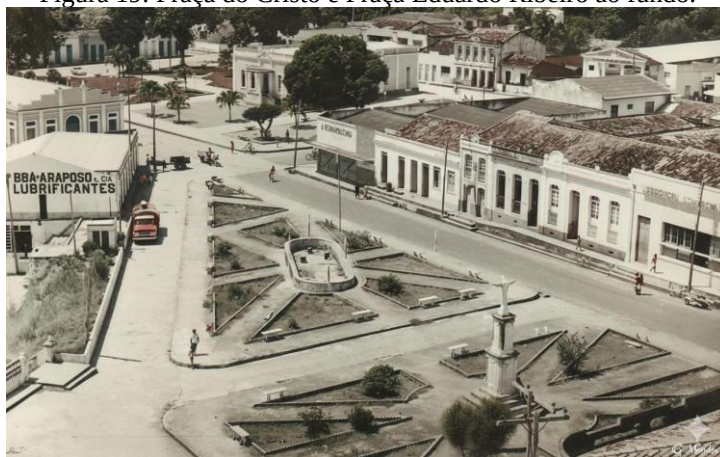
⁶⁷⁷ *Idem.*

⁶⁷⁸ *Idem.*

não sei se você já ouviu falar, né?⁶⁷⁹

A memória de dona Ângela Reis traz outros detalhes sobre a visita do anticandidato ao município, como o momento em que a polícia tentou, de certa forma, intimidar as ações dos correligionários, prática comum em relação às ações da oposição na época, ou algo que eles não iriam ou teriam passado nessa campanha de anticandidatura.

Figura 19: Praça do Cristo e Praça Eduardo Ribeiro ao fundo.



Fonte: Página Amigos Oficiais de Parintins, Facebook.

Essa sua rememoração parece apresentar flutuações, pois não há nenhum relato sobre a presença da polícia ou qualquer tipo de repressão relacionada ao comício em nenhum outro relato. Talvez sua associação à repressão policial tenha decorrido do contexto que o país vivia, em que a repressão por qualquer ato considerado subversivo era comum; ou talvez, nessa ocasião isolada, de fato não tenha havido ação policial.

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político.⁶⁸⁰

Com isso, é possível entender que a memória do ex-vereador José Maria transmite uma posição política sobre o evento e sobre a atuação do grupo, enquanto a de dona Ângela Reis revela outra perspectiva da visita. Naquele momento, ela estava ali para auxiliar dona Gemica Bringel e não acompanhava diretamente as articulações políticas, percebendo sobretudo o

⁶⁷⁹ Ângela Rodrigues Reis, entrevista realizada em sua residência no Bairro de São José, Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira, 11 mai. 2023.

⁶⁸⁰ Pollak, 1992, p. 04.

impacto que a chegada da liderança produziu na cidade.

Seis anos após, já no decorrer desta tese, tornei a entrevistar dona Ângela Reis. Ela detalha a vinda de políticos que se hospedavam na casa de dona Gemica Bringel e, em seu processo de construção de memória, revela mais sobre a visita de Ulysses Guimarães à cidade:

Eles vinham, vinham para cá pra cidade. No tempo da política? Eles vinham, faziam inúmeras visitas, moravam na casa dela. Naquele tempo eles não iam para o hotel não, estou dizendo que Ulysses Guimarães veio e morou na casa dela, aquela casa ali na avenida Amazonas, né? Ele morou lá. Então... e outros que vinham de Manaus que não lembro, mas esses aí eram assim muito... Ah eu lembro, eu lembro que ela preparou... uma equipe lá passaram três dias na casa dela, arrumando, vendo propaganda, cartaz, é, ele fez o discurso ali aonde era, ali na rua perto da praça, dessa parte, praça do Cristo. Lá tinha, eu não lembro o quê que era, tinha um auditório lá, o negócio lá de festa né, que foi lá, teve um jantar né? Ele chegou à tarde, aí teve um jantar, depois desse jantar eles foram para um comício, ele fez uma reunião lá com pouco... estava lá, nós estava porque nós éramos cunhantãs na casa dela, a gente estava lá para servir, né? Para ajudar tudinho. E depois e aí no outro dia que ele viajou, ele dormiu na casa dela, né? Foi assim, deu muita gente. Foi assim uma coisa, um fato assim aqui na cidade, né? Lá de Brasília, Ulysses Guimarães veio para cá, para dar apoio né? Tudinho assim, foi muito, muito bonito e muita gente.⁶⁸¹

Sua memória revela também o impacto da visita do anticandidato à região. Talvez esse impacto tenha sido maior por se tratar da visita de uma liderança vinda dos principais centros políticos do país. Em um período em que a Amazônia era representada pelo governo como um espaço vazio a ser ocupado, a presença dessa liderança assumia um significado ainda mais relevante para a região, frequentemente tratada como distante dos grandes debates nacionais.

Em sua narrativa, dona Ângela Reis não menciona a repressão policial, mas traz detalhes presentes nos relatos de outras fontes, como a estadia de Ulysses Guimarães na casa da vereadora, o impacto do líder nacional e o auxílio das jovens que, como definido por ela, eram muito “cunhantã”⁶⁸².

Se destacamos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. Todos os que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos fatos algo de invariante. É como se, numa história de vida individual - mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente houvesse elementos irredutíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de

⁶⁸¹ Ângela Rodrigues Reis, entrevista realizada em sua residência no Bairro de São José, Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira, 11 mai. 2023.

⁶⁸² “Cunhatã” – substantivo feminino: menina ou mulher jovem. Origem: do tupi. Cf. CUNHATÃ. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2026. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/cunhat%C3%A3>. Acesso em: 02 mar. 2026.

mudanças. Em certo sentido, determinado número de elementos tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificarem função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala.⁶⁸³

Por mais que a memória de dona Ângela Reis apresente alterações, alguns pontos permanecem irredutíveis, tais como a estadia de Ulysses Guimarães no município de Parintins, a reação da população e a importância atribuída ao candidato.

A campanha de anticandidatura rendeu bons frutos e gerou o impacto esperado pelo MDB. Corrêa, ao analisar o resultado daquela eleição, destaca que “é notável o crescimento eleitoral obtido pelo MDB. Enquanto a ARENA obteve um tímido crescimento inferior a um milhão de novos votos em sua legenda, o MDB superou um crescimento acima de seis milhões de novos votos em sua legenda”⁶⁸⁴.

A autora ao analisar esse momento para política e para o MDB afirma que “além de atrair novos votantes, o partido capitalizou os ‘votos de protesto’, ao empreender uma campanha mais incisiva, com mais porte de oposição que foi capaz de atrair os descontentes com o quadro político, econômico e social de então”⁶⁸⁵. Além disso, ao finalizar essa discussão, a autora resume bem o que foi esse momento e como, a partir daquela ação, o partido mudou de rumo dentro do contexto de Ditadura Militar.

A inviabilidade da candidatura oposicionista testemunhou perante a nação que o sistema era farsa em termos democráticos. Os resultados de 1974 sinalizaram o desejo de mudança que se vinha formando no seio da sociedade, impulsionaram a organização de oposições variadas. Para além do impacto sobre o governo, a conjuntura marcada por essas eleições foi significativa pelo que trouxe de implicações para o MDB. O partido saiu extremamente revigorado. Primeiro porque aumentou sua representação parlamentar. Segundo por ter conseguido passar para a sociedade a imagem de partido popular, com um perfil realmente oposicionista. Diversos setores sociais que antes não depositavam confiança no MDB e que não se interessava pela política institucional, mudaram de perspectiva.⁶⁸⁶

Contudo, teve êxito na conquista do objetivo proposto pelo partido. No município de Parintins, a chegada gerou alvoroço e impacto nas pessoas, fixando o acontecimento em suas memórias. Ou seja, além do impacto nacional, houve um aparente impacto regional diretamente conectado ao macro.

A vereadora Gemica Bringel, como liderança naquele momento do MDB, foi uma peça fundamental na recepção e articulação política local em pleno contexto de Ditadura Militar.

⁶⁸³ Pollak, 1992, p. 02

⁶⁸⁴ Pecoraro, 2023, p. 129.

⁶⁸⁵ *Ibid.*

⁶⁸⁶ Corrêa, 2011, p. 50.

Dada a posição em que se encontrava no partido, uma imagem marcante é perceptível sobre a vereadora nas fontes documentais e memórias dos sujeitos que vivenciaram esse evento de importância nacional, deixando claro seu protagonismo na política local.

4.5 Imagens de uma liderança política

O momento da visita do anticandidato Ulysses Guimarães permaneceu na memória de muitos munícipes de Parintins. Os relatos e documentos revelam um momento dentro da história do município. As memórias públicas e os documentos que registraram a atuação da vereadora Gemica Bringel revelam uma trajetória política marcada pela liderança e pelo pioneirismo.

A visita de Ulysses Guimarães também parece ter ocupado um lugar importante nesse processo de construção de memória, destacando o papel da vereadora. É possível perceber uma intencionalidade em associar a visita do anticandidato à atuação de Gemica Bringel e à luta desenvolvida pelo MDB no município.

Dentre os registros e a produção de fontes realizados em decorrência da visita do anticandidato à ilha tupinambarana – campanha que marca, no cenário nacional, a mudança do pensamento da sociedade brasileira em relação à Ditadura Militar –, destacam-se nesta tese as fotografias, pertencentes ao acervo da ex-vereadora.

Neste tópico, serão analisadas as fotografias encontradas no acervo da professora e ex-vereadora Gemica Bringel, incluindo registros da recepção e da reunião realizadas durante a visita do anticandidato Ulysses Guimarães, bem como uma fotografia publicada em jornal e outra pertencente ao acervo de seu Alfredo Saunier. Para analisar essas fontes, faz-se necessário compreender as potencialidades da fotografia como documento histórico.

Ao historiador, a fotografia lança um grande desafio: como chegar aquilo que não foi revelado pelo olhar fotográfico. Tal desafio impõe-lhe a tarefa de desvendar uma intrincada rede de significações, cujos elementos — homens e signos — interagem dialeticamente na composição da realidade. Uma realidade que se formula a partir do trabalho de homens como produtores e consumidores de signos; um trabalho cultural, cuja compreensão é fundamental para se operar sobre esta mesma realidade.

A fotografia, enquanto componente desta rede complicada de significações, revela, através da produção da imagem, uma pista. A imagem considerada como fruto de trabalho humano pauta-se em códigos convencionalizados socialmente, possuindo, sem dúvida, um caráter conotativo que remete as formas de ser e agir do contexto no qual estão inseridas as imagens como mensagens. Entretanto, tal relação não é automática, pois, entre o sujeito que olha e a imagem que elabora, “existe muito mais

do que os olhos podem ver.⁶⁸⁷

Buscamos o exercício de olhar para esses registros em busca do que está nas entrelinhas dessas fotografias, observando suas possíveis intencionalidades de produção e armazenamento, bem como sua contribuição para a construção de uma memória sobre si e para a forma como essa memória se perpetuou.

A primeira imagem analisada registra a chegada de Ulysses Guimarães e sua comitiva ao município de Parintins. Embora a fotografia remeta ao contexto da visita realizada em 1973, o registro foi localizado em uma edição de 2005 do jornal *O Médio Amazonas: o jornal da integração*, na seção “Baú do Tempo”, dedicada à recuperação de acontecimentos e personagens da história política do município. O registro dessa imagem não revela o autor da fotografia ou em que acervo foi encontrada. Nessa publicação, além da reprodução da fotografia, o jornal identifica os integrantes da comitiva presentes na imagem:

Figura 20: Recorte de jornal



Fonte: *O Médio Amazonas*, 14 out. 2005, p. 3.

O jornal, em suas páginas e principalmente nessa seção “Baú do Tempo, busca resgatar

⁶⁸⁷ CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 574.

fatos de figuras políticas do século XX, quase sempre utilizando matérias saudosistas sobre o passado de Parintins, com praticamente nenhuma crítica perceptível a “olho nu”, principalmente em relação aos aspectos políticos da época. Quando descreve a cena, o periódico apenas relata que, da esquerda para a direita, estavam: os ex-senadores Evandro Carreira e Fábio Lucena, o suplente de senador Andrade Neto, a vereadora Geminiana Bulcão Bringel, os deputados federais Joel Ferreira, Ulysses Guimarães, José Cardoso Dutra e Bethe Azize.⁶⁸⁸

Sobre o registro fotográfico, ele representa a chegada do anticandidato Ulysses Guimarães à cidade de Parintins, com o avião pousando no que seria o “aeroporto” da cidade, localizado onde hoje é uma avenida.

A imagem exhibe duas mulheres, sendo uma delas a vereadora Gemica Bringel, posicionada ao lado da liderança do partido. Esse registro ganha relevância quando se considera que a fotografia, naquele período, não era produzida com a mesma facilidade observada no século XXI, uma vez que sua realização e revelação demandavam custos e trabalho especializado.

Partindo disso, é possível considerar que o momento em que foi tirada, foi pensado de forma estratégica, pois a imagem só é registrada quando o grupo está em uma linha quase paralela à câmera. Ou seja, a imagem teve o objetivo de transparecer um grupo volumoso, unindo as pessoas que estavam no avião e aquelas que se juntavam àquela caravana.

Ao observar a disposição dos sujeitos na fotografia, surge a impressão de uma disputa pela proximidade com Ulysses Guimarães entre a vereadora Gemica Bringel e aquele identificado pelo jornal como Joel Ferreira. Ainda que não seja possível afirmar que existia uma disputa intencional naquele momento, a composição da imagem permite perceber a importância simbólica de ocupar esse espaço ao lado do anticandidato. Para a vereadora, essa proximidade representava não apenas a recepção de uma liderança nacional do MDB, mas também a afirmação de seu próprio lugar dentro das relações políticas e de poder no município de Parintins.

Essa posição pode revelar mais sobre o momento em que a campanha chegou ao município visando as eleições que irão acontecer. Assim, a fotografia revela algo a mais sobre esse acontecimento.

Encontram-nos, pois, com uma gama variada de sistemas sógnicos não-verbais. Estes revelam, justamente, a ação do homem sobre a natureza e o seu relacionamento com o grupo, gerando formas de comunicação diversas, que podem ser relativas: às atitudes, gesto, movimento e discurso; ao uso do espaço por parte do homem e ao

⁶⁸⁸ “Baú do Tempo”. **O Médio Amazonas: o jornal da integração**, Parintins, 14 out. 2025, p. 3.

significado das relações espaciais para cada cultura; aos objetos produzidos pelo homem; as instituições como o sistema jurídico, o mercado econômico etc.; e, finalmente, aqueles códigos inscritos na natureza, tais como o código genético ou a comunicação das abelhas.

Com efeito, os sistemas de signos, tanto verbais como não verbais, são fundamento dos programas sociais de comportamento. Sendo fruto do trabalho social, compõem o quadro cultural de uma sociedade. Neste sentido, a compreensão da cultura, enquanto forma de apreender e transformar as relações sociais, passa pela análise dos sistemas de signos.

Sob este aspecto, a própria fotografia integra um sistema signo não-verbal que pode ser compreendido através de um duplo ponto de vista: enquanto artefato produzido pelo homem e que possui uma existência autônoma como relíquia, lembrança etc.; enquanto mensagem que transmite significados relativos à própria composição da mensagem fotográfica.⁶⁸⁹

Partindo desse ponto, é possível inferir que essa fotografia teve, em certa medida, o intuito de passar uma mensagem para além do registro do ocorrido, servindo como um marcador dentro da memória para mostrar quem são os sujeitos de confiança e que receberam uma liderança de nível nacional na cidade de Parintins.

Outra fotografia do acervo é concedida por Alfredo Saunier, que compartilha outros significados, como serão analisados abaixo.

Figura 21: Geminiana Bringel ao lado de Ulysses Guimarães



Fonte: Acervo pessoal de Alfredo Saunier, cedido pelo próprio.

Sobre a imagem, o colaborador e memorialista Alfredo Saunier afirma que a foto representa dona Gemica ao lado do então Deputado Federal Ulysses Guimarães e de Tonzinho Saunier, um dos fundadores do MDB em Parintins.

Em relação aos aspectos descritivos, é possível observar a vereadora andando em via

⁶⁸⁹ Cardoso; Mauad, 1997, p. 577.

pública ao lado de Ulysses Guimarães e Tonzinho Saunier. O que fica claro nessa imagem é a vereadora usando calça comprida, o que, em outros momentos, causou conflito com a igreja. Algo a se problematizar é a ausência dos sujeitos que se encontravam anteriormente a recepção de Ulysses Guimarães. Talvez o que se queira evidenciar nessa imagem seja justamente a circulação política do anticandidato durante sua visita ao município, demonstrando sua aproximação com lideranças locais e a capacidade de articulação do MDB naquele contexto.

Ao analisar as fotografias, compreende-se que elas possuem uma mensagem a ser passada:

Tal mensagem assume vários sentidos, dependendo do canal pelo qual foi expressa. Mas o que transmite não é a realidade, mas sim seu análogo. Neste sentido, a imagem fotográfica, tal como todas as artes imitativas (desenhos, pintura, cinema e teatro), é uma mensagem sem código, pois, ao invés de transformar a realidade, na verdade a reduz.

O processo de reduzir a realidade múltipla a imagem resulta, entretanto, de uma escolha que, sem dúvida, deverá ser estabelecida com base em critérios ou regras que pressupõem a existência de um código.⁶⁹⁰

No caso da fotografia acima, uma possível interpretação é justamente a representação de uma mulher ocupando um espaço de poder político, evidenciando a posição de destaque que Gemica Bringel conquistou dentro das articulações políticas locais. Sua presença ao lado de Ulysses Guimarães também rompe com determinadas expectativas impostas pelo patriarcado, andando com outro homem em via pública, algo que podia ser mal visto para uma mulher naquele período.

É importante considerar que, dentro de uma sociedade marcada por estruturas patriarcais, o acesso das mulheres aos espaços públicos e de poder político foi historicamente limitado. Nesse sentido, os sujeitos que compõem a fotografia – especialmente Gemica Bringel ao lado de Ulysses Guimarães e Tonzinho Saunier – revelam a presença da vereadora em um espaço de prestígio político que não era tradicionalmente ocupado por mulheres. Sua atuação evidencia não apenas uma inserção nesse ambiente, mas também a capacidade de ocupar e disputar espaços públicos de decisão. Dessa forma, os elementos presentes na fotografia representam uma mulher que não está restrita ao espaço privado, mas que circula e atua em uma esfera pública e política.

A seguir, outros registros em fotografias sobre a visita de Ulysses Guimarães foram encontrados no acervo pessoal da vereadora Gemica Bringel. As duas fotografias registram o que parece ser o almoço em que foram recebidos pela caravana do anticandidato. Nessas

⁶⁹⁰ *Ibid.*, p. 580.

imagens, bem como nas anteriores, é possível observar a vereadora Gemica Bringel ao lado de Ulysses Guimarães, registrando sua presença na visita da liderança do partido à cidade. Essa presença constante ao lado do antecandidato talvez tenha contribuído para que, no processo de construção das memórias dos entrevistados, Gemica Bringel fosse associada como a responsável pela vinda de Ulysses Guimarães ao município de Parintins.

A análise dessas fotografias permite compreender que elas não atuam apenas como registros de um acontecimento passado, mas também como elementos que participam da construção das memórias sobre os sujeitos representados. Como afirmam Cardoso e Mauad:

Concebida como monumento, a fotografia impõe ao historiador uma avaliação que ultrapasse o âmbito descritivo. Neste caso, ela é agente do processo de criação de uma memória que deve promover tanto a legitimação de uma determinada escolha quanto, por outro lado, o esquecimento de todas as outras. Neste sentido, a produção da mensagem fotográfica está atrelada ao controle dos meios técnicos de produção cultural que, até por volta da década de 1950, ainda era privilégio quase exclusivo de setores da classe dominante.⁶⁹¹

Tanto o almoço com os políticos e os passeios pela cidade de Parintins quanto o registro do recebimento de Ulysses Guimarães no aeroporto podem indicar uma estratégia da vereadora de se estabelecer dentro dessa memória. Esses registros contribuem para a construção da imagem da vereadora como uma liderança importante para a oposição no município, especialmente pela proximidade estabelecida com uma liderança nacional do partido e por evidenciarem sua presença em espaços públicos e políticos naquele contexto.

Assim, as fotografias analisadas participam da construção de uma memória política sobre a visita de Ulysses Guimarães a Parintins, na qual Gemica Bringel aparece associada à articulação local do MDB e à proximidade com suas lideranças nacionais. A recorrência da presença da vereadora nos registros fotográficos evidencia o lugar de destaque atribuído a ela nessas representações.

⁶⁹¹ *Ibid.*, p. 576.

Figura 22: Ulysses Guimarães e Geminiana Campos Bulcão Bringel sentados ao centro da fotografia



Fonte: Acervo pessoal de Geminiana Bringel, cedido por familiares.

A imagem acima apresenta a vereadora localizada ao centro da fotografia, aparentemente atenta à fala de Ulysses Guimarães. Essa fotografia sugere uma possível intencionalidade em registrar a proximidade da vereadora com a liderança nacional do partido, destacando o diálogo estabelecido entre os dois naquele momento político.

Em uma outra imagem, agora com mais perspectiva, é possível ver a vereadora ainda ao centro, porém nela existem outros sujeitos, possivelmente os correligionários das regiões interioranas mais os próprios emedebistas da cidade.

Figura 23: Reunião com Ulysses Guimarães



Fonte: Acervo pessoal de Geminiana Bringel, cedido por familiares.

O que torna essa fotografia mais instigante é a escolha do enquadramento, que centraliza a vereadora na imagem, mais do que a própria figura de Ulysses Guimarães. Isso pode indicar

uma possível preocupação do fotógrafo em registrar a presença de Gemica Bringel naquele espaço político.

Ao ampliar o campo de visão, é possível ver homens e mulheres em duas mesas postas em uma posição em que fosse possível olhar para a mesa principal, que se encontrava à frente, em paralelo à vereadora e a Ulysses Guimarães, como uma clara demonstração de que quem ali no centro estivesse era para ser ouvido com clareza. Outro ponto de possível análise a partir da imagem é que as mulheres presentes nesse espaço não ocupam o local central tal como a vereadora.

Contudo, é possível inferir e reforçar que a vereadora possuía uma posição de prestígio que a diferenciava de outros sujeitos. Como já observado, ela possuía poder aquisitivo no município, uma família que lhe dava influência e era educadora, o que pode ter lhe conferido vantagem sobre outros sujeitos, principalmente sobre os homens.

No acervo da vereadora Gemica Bringel, é possível observar um conjunto de 93 fotografias que registram diferentes momentos de sua atuação pública e política. Esses registros parecem construir uma narrativa sobre sua presença nos espaços de poder, especialmente por apresentarem situações em que a vereadora aparece inserida em ambientes predominantemente masculinos. A primeira fotografia desse conjunto apresenta Gemica em uma mesa ao lado de homens trajando terno e gravata.

Figura 24: Geminiana Bringel em mesa.



Fonte: Acervo pessoal de Geminiana Bringel, cedido por familiares.

Ao traçar uma linha na direção dos ombros da vereadora, é possível observar que, no momento registrado pela fotografia, Gemica Bringel aparece em uma posição diferenciada em

relação aos homens ao seu redor. Embora não seja possível afirmar a intencionalidade desse movimento – considerando que diversos fatores podem ter levado a vereadora a se levantar naquele instante, como o início de uma fala ou uma movimentação durante o encontro –, o fato de a fotografia ter sido preservada em seu acervo pode indicar uma valorização desse registro e da posição ocupada por ela naquele espaço político.

Nas 93 fotografias, foram identificados cinco eventos registrados, sendo eles: a visita de Ulysses Guimarães; a vereadora de blazer branco; ela lendo um documento enquanto usa um vestido preto com dois microfones direcionados para si; a vereadora junto de Geraldo Medeiros e Iranildo Nóbrega em um congresso de vereadores, o qual ocupa quase todo o acervo, com 55 fotos; e a foto da vereadora ao lado do Dom Arcângelo Cerqua. Além disso, há registros que vão desde fotos de casamento até confraternizações, os quais não irei analisar nesta tese, dando enfoque somente às fotografias de sua atuação nos espaços políticos.

Abaixo, a foto da vereadora lendo um documento enquanto dois microfones estão posicionados para captar a sua voz.

Figura 25: Geminiana Bringel em fala aos microfones



Fonte: Acervo pessoal de Geminiana Bringel, cedido por familiares.

Com base na foto, não é possível afirmar se esses microfones eram para amplificar sua voz ou para transmiti-la em algum veículo de comunicação. A foto passa a ideia de que a vereadora não apenas ocupava lugares de poder em meio aos homens, mas também possuía voz e era ouvida, permitindo novamente inferir que teve uma atuação emblemática nos espaços públicos.

A seguir, é possível ver a vereadora em um encontro de vereadores, o qual, nesse

registro, compõe três fotografias:

Figura 26: Colagem de fotos no XVII Congresso Nacional de Vereadores em Belo Horizonte



Fonte: Acervo pessoal de Geminiana Bringel, cedido por familiares.

Esse registro evidencia não apenas a articulação política de Gemica Bringel, mas também sua circulação em espaços ocupados por diferentes lideranças políticas, como o congresso de vereadores. As três fotografias, quando analisadas em conjunto, contribuem para a construção de uma imagem da vereadora inserida em ambientes institucionais e políticos, marcados pela presença majoritária de homens. No registro aparecem também Iranildo Nóbrega e Geraldo Medeiros, evidenciando a composição predominantemente masculina daquele espaço. Embora seja possível identificar a presença de algumas mulheres, elas aparecem em número significativamente menor, revelando a desigualdade de representação de gênero nesses ambientes políticos.

A seguir, uma colagem de 8 fotos que possibilitam identificar muita importância, a considerar pela quantidade de registros existentes.

Figura 27: Colagem de fotos de reunião que Geminiana Campos Bulcão Bringel parece estar à frente



Fonte: Acervo pessoal de Geminiana Bringel, cedido por familiares.

No decorrer das fotografias é possível perceber momentos em que a vereadora aparece participando de discussões, realizando leituras de documentos e proferindo pronunciamentos diante dos presentes, assim como outros sujeitos registrados nas imagens. Há registros também de uma moção de aplausos, além de uma votação. Não foi possível identificar o contexto específico em que as fotografias foram produzidas; porém, o registro e a preservação dessas imagens contribuem para a construção de uma representação da vereadora associada à atuação

política e à ocupação dos espaços institucionais.

Em muitos desses registros, a vereadora Gemica Bringel aparece em interação com outros homens durante a elaboração de um documento que aparenta ser uma ata. Também é possível identificar a presença de outras mulheres nesses espaços, embora nenhuma delas apareça nos registros ocupando posições semelhantes às de Gemica Bringel, como assinando documentos ou utilizando o microfone. Ao pensar em como foram construídas as memórias dos entrevistados, é perceptível que quase não se fala dessas outras mulheres nesses espaços de poder; porém, quando as fotografias são observadas, sempre há mulheres nesse meio, ainda que não na mesma posição de Gemica.

A percepção disso parece ter sido entendida pela vereadora no sentido de deixar um registro daquilo que ela queria transparecer em um projeto de memória sobre si mesma, com uma intencionalidade em cada documento e fotografia guardados. Contudo, existem outras memórias da vida particular que podem trazer ainda outros elementos para um trabalho posterior, uma vez que, nesta tese de doutorado, o objetivo fixo foi o de entender as memórias públicas sobre a vereadora.

Desse modo, ao analisar e contextualizar tais registros, é possível considerar que esses registros podem ser intencionais para a construção de uma memória de si, para si e para outros, conforme a discussão proposta por Pollak⁶⁹².

⁶⁹² Pollak, 1992.

CAPÍTULO V: AS IMAGENS DEIXADAS DE SI: A TRAJETÓRIA DA PROFESSORA E VEREADORA GEMICA BRINGEL PÓS-POLÍTICA PARTIDÁRIA

Este capítulo problematiza o acervo da professora, vereadora e liderança política Gemica Bringel, bem como sua organização e possível intencionalidade. Gemica Bringel deixou um acervo composto por diversos documentos que registram sua trajetória profissional e política. Nesses arquivos, estão relacionados documentos como atas da Câmara Municipal, projetos de lei, propostas legislativas, atas das reuniões do MDB, muitas das quais presididas pela vereadora, cartas pessoais e registros fotográficos de sua atuação política no município.

Nesta tese, buscamos analisar esse acervo a partir de suas possíveis intencionalidades, procurando compreender de que maneira esses registros contribuíram para a construção de uma imagem pública da vereadora. Outro ponto a ser discutido no tópico sequencial é a sua atuação após o período ligado à política partidária. Por meio de relatos orais, analiso as memórias dos sujeitos que conviveram com ela no período em que a vereadora estava fora dos holofotes da política institucional.

Dessa forma, procuramos compreender os impactos da trajetória da vereadora nos registros documentais e nas memórias daqueles que conviveram com ela, observando os aspectos singulares de sua atuação após o afastamento da política partidária. Por meio dessas fontes, procuro entender como sua trajetória foi rememorada até o período de seu falecimento.

5.1 Arquivamento de si: uma análise do acervo de Geminiana Campos Bulcão Bringel

O acervo preservado por Gemica Bringel reúne documentos produzidos ao longo de sua trajetória política e profissional, permitindo refletir não apenas sobre sua atuação pública, mas também sobre os processos de seleção, preservação e construção de memória presentes nesse conjunto. A análise das fontes mobilizadas nesta pesquisa – entre elas atas da Câmara Municipal, jornais, fotografias e documentos pessoais – possibilitou observar a atuação da vereadora no espaço político e as estratégias utilizadas para garantir sua permanência na arena política durante a Ditadura Militar. Como analisado nos capítulos anteriores, entre essas estratégias esteve a aproximação com diferentes grupos políticos presentes na Câmara Municipal de Parintins.

Muitas das conclusões apresentadas nesta pesquisa só foram possíveis por meio do cruzamento entre fontes orais e documentais. Assim, houve a possibilidade de acessar versões e lados que muitas documentações não deixavam tão explícitas, como as encontradas em relatos

orais. A exemplo disso, em relação à sua aproximação com membros da ARENA, os relatos indicam que nem todos os momentos eram marcados por embates políticos dentro da Câmara Municipal, mas havia também ocasiões em que a vereadora foi alvo de ataques e manifestações de violência política de gênero.

O acervo pessoal, preservado por seus familiares e disponibilizado para esta pesquisa, serviu como peça fundamental para a análise da professora e vereadora Gemica Bringel. Nele estavam reunidos documentos relacionados à sua vida pública e política, incluindo registros de sua atuação na Câmara Municipal, de embates travados na arena pública e de suas relações com lideranças políticas, além de materiais ligados à oposição ao regime militar. O conjunto contemplava ainda sua trajetória profissional, desde sua inserção no mercado de trabalho, aos quatorze anos de idade, passando por cargos como diretora de escola, supervisora escolar e diretora da Unidade Educacional de Parintins, até seus pedidos de aposentadoria⁶⁹³. A organização desses documentos revela uma divisão e caminho já traçado em seu acervo.

Como esse acervo foi parte fundamental desta pesquisa sobre a atuação e as memórias públicas da vereadora Geminiana Campos Bulcão Bringel, esta seção reflete sobre esses documentos deixados pela professora e vereadora. A análise de sua organização, dos documentos preservados e das possíveis razões para sua guarda permite discutir as intencionalidades presentes nesse conjunto documental. Além disso, é possível discutir em que medida essas fontes contribuíram para a construção de uma narrativa sobre si mesma, revelando aspectos da forma como a vereadora desejava ser vista e como se percebia.

Artieres, em *“Arquivar a Própria Vida”*, após analisar estudos que abordam formas de arquivamento individuais, conclui que essa prática não é neutra. Para o autor, a prática de arquivar é própria dos seres humanos e não exclusividade de um grupo. Em sua interpretação, “Dessas práticas de arquivamento do eu, se destaca o que poderíamos chamar uma intenção autobiográfica”⁶⁹⁴.

O fato de Geminiana ter deixado um acervo que revela sua trajetória e conquistas demonstra, em alguma medida, uma intencionalidade e até mesmo um modo de perceber as representações decorrentes de sua atuação política, a qual atravessou quatro décadas, e de sua vida como educadora no município, que perdurou mais de cinquenta anos. A forma de selecionar os documentos e arquivá-los no decorrer do tempo são guiadas por um propósito, pois se trata de como a pessoa quer contar e ser vista por meio de seus arquivos⁶⁹⁵.

⁶⁹³ Documentos pertencentes ao seu acervo pessoal. Digitalizados e armazenados no acervo do pesquisador.

⁶⁹⁴ Artieres, 1998, p. 11.

⁶⁹⁵ *Ibid.*

O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de indivíduo se fazer eu ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. Arquivar a própria vida, é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo.⁶⁹⁶

O acervo, agora digitalizado, trata desses dois aspectos de sua vida: o profissional, como educadora, e o político, como vereadora no município de Parintins. Claro que, ao tratar da função de arquivar, deve-se considerar que o acervo sofreu influências tanto da passagem do tempo quanto das pessoas que o preservaram e organizaram antes de sua institucionalização.

Lucia Maria Velloso de Oliveira, em “*A descrição arquivística e os arquivos pessoais: O desafio da representação*”, ao discutir sobre os arquivos pessoais e sua natureza, detalha:

A natureza específica e única dos arquivos pessoais – considerando-se da elaboração do próprio documento arquivístico até a constituição de um arquivo – é um fator dificultador da discussão sobre os princípios arquivísticos como os da proveniência, respeito aos fundos e ordem original. Os arquivos pessoais sofrem intervenções radicais e não controladas ao longo do período em que existem sob a custódia do produtor – e, depois, sob a custódia de seu sucessor ou sucessores – até ingressarem em uma instituição. Essas intervenções ocorrem no ambiente privado, sem normatização ou controle da sociedade e impactam o resultado final do conjunto que será imortalizado ao ingressar em uma instituição pública com o compromisso de preservação e acesso. Dentre os três princípios, o princípio da ordem original nos parece o mais afetado. Entendido como a “organização e sequência de documentos estabelecidas pelo produtor do arquivo” (PEARCE-MOSES, 2005, tradução nossa¹⁰), é um dos mais difíceis de se trabalhar em arquivos pessoais, considerando o conjunto de ações por parte dos sucessores ou custodiadores dos arquivos. Essas ações podem significar o desmembramento dos conjuntos reunidos pelo produtor, a retirada de documentos sem a recolocação em seu lugar original, a destruição de documentos por diferentes razões de forma direta ou indireta, ou até mesmo a doação ou venda dos documentos separadamente.⁶⁹⁷

No caso do acervo de Geminiana Campos Bulcão Bringel, é possível observar características que permitem aplicar uma análise sobre o conteúdo dos documentos. Não será objetivo desta tese problematizar a ordem das documentações, uma vez que foge do nosso controle os manuseios do arquivo após a passagem do arquivo para outros sucessores que não o organizador da origem do acervo original, no caso, Gemica Bringel.

No contato com o acervo, observou-se que a documentação se encontrava em um quarto separado, nos fundos da casa. Eram pastas separadas pela própria Gemica Bringel, documentos que considerava importantes de sua vida pública e profissional. Era algo que, pelo discurso de

⁶⁹⁶ *Ibid.*, p. 11.

⁶⁹⁷ Oliveira, 2014, p. 59.

seus filhos, guardava separado de outras documentações, de outro acervo interno da família, um acervo mais pessoal e de restrito acesso apenas aos familiares.

Esse arquivo continha: um caderno vermelho utilizado para as atas do partido MDB; fotografias de sua atuação política, falando para muitos homens; uma pasta amarela com atas do MDB e outros documentos sobre política; uma pasta preta contendo projetos de leis, requerimentos e uma nota fiscal que a liga ao ex-governador e senador José Dutra; uma pasta que possui o maior volume do acervo, contendo certificados, páginas do Diário Oficial, cartas, apontamentos de viagem da campanha de Ulysses Guimarães, currículos e levantamentos de estoque da Unidade Educacional; bem como documentos soltos que variam de cartas datilografadas a pedidos de aposentadoria e alguns documentos de seu marido e filhos.

Neste ponto, é necessário ter em mente que o acervo apresenta diferentes possibilidades de interpretação, permitindo compreender de que maneira Gemica Bringel organizou e preservou esses documentos, em alguma medida orientando a forma como desejava ser vista. Além disso, o conjunto documental também revela aspectos de suas redes de relações, pois “os arquivos pessoais são arquivos porque, assim como os arquivos organizacionais, representam os seus produtores, suas relações, experiências e pensamentos, além das funções e atividades que desempenham”⁶⁹⁸.

Ao refletir sobre as intencionalidades presentes no acervo da professora e vereadora Gemica Bringel, é possível identificar um forte caráter político em sua composição. Os documentos preservados não apenas registram aspectos de sua trajetória pública, mas também revelam suas redes de relações, sociabilidade e articulação política.

No acervo, nomes de representantes da política local são evidentes, como o do senador José Cardoso Dutra, com recorte de jornais de sua visita ao município de Parintins,⁶⁹⁹ assim como sua presença em reuniões de partido a qual a vereadora era liderança e que geralmente fazia em sua casa. Também é possível ver o nome de Gilberto Mestrinho,⁷⁰⁰ com declaração de apoio; de seu José Maria Pinheiro, com ata e embates políticos dentro da Câmara Municipal de Parintins juntamente com a vereadora; fotografias do ex-senador e líder do MDB, Joel Ferreira. Possui pedidos de projetos de leis e requerimentos feitos por ela própria na Câmara Municipal.

Além disso, destacam-se os registros da participação da vereadora na campanha de anticandidatura à presidência feita por Ulysses Guimarães, com fotos sobre o acontecimento,

⁶⁹⁸ *Ibid.*, p. 60.

⁶⁹⁹ José Maria Pinheiro Ferreira, entrevista realizada em sua residência no bairro João Novo Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

⁷⁰⁰ Presentes nos relatos de José Maria Pinheiro e Orlando Hatta, no ano de 2017, e Dalva, em 2023.

incluindo um registro escrito sobre as viagens aos municípios do Amazonas com parada em Parintins. Vale pontuar que nesse registro é ressaltado o nome da vereadora com ênfase em sua importância para êxito da visita ao município. Esse documento possui três cópias datilografadas, mostrando um cuidado de replicar seu conteúdo e ter cópias de segurança. Tal item constitui um possível e memorável evento pelo qual queria ser lembrada.

Ao analisar os documentos como um todo, no âmbito político, nota-se uma busca por evidenciar sua luta durante a Ditadura Militar, fatores de relevância nesta tese, inclusive pelo fato de que seu período de maior atuação tenha se dado no contexto do regime militar. O acervo contrasta com os documentos analisados da Câmara Municipal⁷⁰¹, pois mostra rastros de uma luta ativa contra os militares⁷⁰², mas também uma tentativa de encontrar um equilíbrio entre o embate e não ser vista como inimiga declarada, táticas para permanecer viva naquele período de perseguição à oposição.

Ao olhar para memórias como as de José Maria Pinheiro⁷⁰³, é notável uma cautela ao relatar a atuação de dona Gemica Bringel assim como a do grupo político de oposição como um todo, para não serem pegos pelos agentes do regime e não sofrerem com as mesmas punições que havia para outros contrários ao regime, como tortura e morte.

Oliveira, ao falar da função arquivística, não só da parte de quem produz o acervo ou como é denominado por quem arquiviza, chama a atenção para um ponto que o historiador pode usar como ferramenta para sua análise. Embora suas reflexões estejam voltadas ao campo da arquivologia e possam contribuir para a organização sistemática dos arquivos, elas também oferecem possibilidades de interpretação histórica. Neste caso, auxiliam na compreensão da trajetória de Gemica Bringel, de suas práticas e das formas como construiu e preservou os registros de sua própria atuação.

Essa função arquivística incorpora a representação do produtor (a ordem original) e a representação do arquivista (a definição do arranjo e a ordenação dos documentos). Em geral, a representação do produtor de um arquivo pessoal reflete a forma como este reconhece os seus lugares sociais, suas redes de relacionamento, seus compromissos e os ambientes em que atua (instituições, família, negócios, produção intelectual), além de eventos e experiências circunscritas a um momento cultural e histórico em que vive. E, principalmente, reflete a melhor forma de atender suas demandas. Já a representação do arquivista envolve a classificação, a reconstrução ou construção de uma ordem, a elaboração do desenho do arranjo e a codificação.⁷⁰⁴

⁷⁰¹ Documentos de seu acervo pessoal como fotos, atas em seu acervo tanto do MDB quanto da Câmara Municipal e textos datilografados.

⁷⁰² Digo isso ao comparar as documentações da Câmara Municipal aos documentos deixados por ela.

⁷⁰³ José Maria Pinheiro Ferreira, entrevista realizada em sua residência no bairro João Novo Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 16 jun. 2017.

⁷⁰⁴ Oliveira, 2014, p. 60.

Entender essas observações permite refletir sobre como dona Gemica Bringel queria ser lembrada. Seu acervo revela aspectos de suas redes de relações e oferece elementos para compreender sua atuação nos espaços públicos e privados. Isso possibilita relacionar suas ações ao contexto em que esteve inserida, ainda que essa compreensão seja parcial, uma vez que as fontes preservadas também são marcadas por intencionalidades e processos de seleção. Ainda, para Oliveira, “cada arquivo pessoal carrega a marca de ser único [...]. Sua relevância está em demonstrar as transformações sociais e a vida em sociedade em toda a sua diversidade.”⁷⁰⁵

Artières reforça que “sempre arquivamos as nossas vidas em função de um futuro leitor autorizado ou não” como prática íntima, “o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte”⁷⁰⁶. O autor conclui que arquivar é “em suma, um dispositivo de resistência”⁷⁰⁷. Tendo em vista as desigualdades de gênero e as restrições que o patriarcado impõe à mulher na política, Geminiana, como figura pública, demonstrou compreender a importância da imagem e representações que uma mulher pioneira na política local na região do Baixo Amazonas possui.

Na parte do acervo relacionada à sua atuação como educadora, encontram-se muitos certificados de formação complementar, diários oficiais e documentos comprobatórios de seu trabalho como educadora, supervisora escolar, e diretora tanto da unidade educacional como na Pestalozzi. Esse conjunto de registros evidencia uma trajetória profissional extensa e marcada pela formação contínua, permitindo observar não apenas sua atuação na educação, mas também sua relevância na vida pública do município. Atuando como educadora desde seus quatorze anos, concluindo o curso Normal, ingressando posteriormente no ensino superior e exercendo funções na rede estadual de ensino, Gemica Bringel construiu uma trajetória que, para o contexto de Parintins e mesmo da região, representava algo pouco comum naquele período.

Em suma, o acervo preservado por Gemica Bringel permite compreender aspectos da imagem pública que a vereadora buscou construir e transmitir ao longo de sua trajetória. Os documentos reunidos destacam sua atuação como educadora, liderança política e figura pública no município de Parintins, revelando valores e posicionamentos que procurou associar à sua própria memória.

Contudo, esses registros não esgotam outras dimensões de sua trajetória, especialmente

⁷⁰⁵ *Ibid.*, 2014, p. 67.

⁷⁰⁶ Artières, 1998, p. 32.

⁷⁰⁷ *Ibid.*

aspectos ligados à esfera privada. Tal investigação demandaria novas fontes e um estudo específico. Desse modo, esta pesquisa buscou compreender sua atuação política e suas estratégias de inserção e permanência nos espaços de poder, bem como iluminar aspectos das relações de gênero e do cenário político de Parintins entre 1964 e 1974. Ainda que o recorte temporal se encerre nesse período, sua trajetória se estende para além dos limites desta tese.

5.2 Após a política partidária

A vida partidária de dona Gemica Bringel como vereadora vinculada à Câmara Municipal se estendeu até o período de abertura democrática. A partir da década de 1980, a professora e vereadora passou a ocupar cargos na área da educação, permanecendo em espaços públicos e de atuação institucional. Em 1976, por meio da Secretaria de Educação e Cultura⁷⁰⁸, regulariza sua função como professora permanente. Seu nome figura no Diário Oficial do dia 24 de julho de 1974, momento em que ainda atuava na política de Parintins⁷⁰⁹. Em 1983, foi nomeada para exercer a função de Diretora da Unidade Educacional de Parintins⁷¹⁰. Em documento datado de 1992 confirma que a professora estava lotada na Escola Estadual Brandão de Amorim prestando serviço como Supervisora Escolar na Escola de Educação Especial Glauber Viana Gonçalves, da Sociedade Pestalozzi de Parintins.⁷¹¹

Figura 28: Colagem de fotos na Escola de Educação Especial Glauber Viana Gonçalves



Fonte: Acervo pessoal de Dalva Ribeiro, cedido pela própria.

⁷⁰⁸ Documento pertencente ao seu acervo pessoal. Digitalizado e armazenado no acervo do pesquisador. Secretaria da Educação e Cultura. Portaria GS, nº 1081 de 30 de julho de 1976.

⁷⁰⁹ No Diário Oficial datado do dia 24/07/74. Nº 2844-D de 24 de julho de 1974

⁷¹⁰ AMAZONAS. **Portaria GS nº 0342/83**, 5 abr. 1983.

⁷¹¹ Documento disponibilizado do acervo de dona Gemica Bringel. Digitalizado e armazenado no acervo do pesquisador. Secretaria de Estado de Administração – SEAD Sistema de pagamento pessoal CENSO PARA COMPLEMENTAÇÃO CADASTRAL. Nº de Matrícula 0247618ª.

Segundo um documento encontrado em seu acervo, a professora e vereadora prestou cinquenta e cinco anos de serviço⁷¹². Uma carta de desligamento destinada ao presidente do PMDB, datada de 1992, indica que ela ainda estava ligada ao partido⁷¹³. Da mesma forma, um ofício circular de 13 de junho de 1994, também destinado ao presidente do PMDB, aponta que ela ainda fazia parte da política local como liderança do partido. É possível notar que dona Gemica Bringel continuou atuando junto ao partido, fazendo reuniões e registrando as atas, algumas das quais ainda se encontram em seu acervo.

A professora e vereado teve uma trajetória longa dentro da política local, atuando por mais de quatro décadas de acordo com a documentação apresentada nesta tese. Essa permanência levanta questionamentos sobre quais fatores contribuíram para o êxito de uma atuação tão extensa, dada a dificuldade de muitas mulheres de se fazerem presentes na política, espaço predominantemente ocupado pelos homens.

Celi Regina J. Pinto e Augusta Silveira, em “*Mulheres com carreiras políticas longevas no legislativo brasileiro (1950-2014)*”,⁷¹⁴ analisaram a trajetória política de 62 mulheres que exerceram no mínimo três mandatos de deputadas, no decorrer de 17 legislaturas. Em suas análises, um questionamento guiou as discussões: “quais são os requisitos necessários para as mulheres chegarem a ter carreiras parlamentares exitosas em um país que está em 151º entre os 187 países analisados quanto à participação das mulheres nos parlamentos em 2017?”.⁷¹⁵ Além de realizarem um levantamento geral das mulheres eleitas deputadas estaduais e federais de 1950 a 2014, as autoras analisaram o grupo de 62 deputadas que demonstraram carreiras longevas e que parecem seguir caminhos de certa forma tradicionais de políticos homens:⁷¹⁶

A grande maioria delas iniciou carreira após o regime militar, distribuindo-se por todo o espectro ideológico. Isso ocorreu quando da reforma partidária de 1979, que pôs fim ao bipartidarismo em vigor. Antes do golpe de 1964, apenas 4 mulheres do grupo de 62 haviam se eleito. Durante o bipartidarismo, essas mulheres se reelegeram e mais 3 delas se tornaram deputadas.

Nos parece evidente, portanto, que a redemocratização e o pluripartidarismo a partir das eleições de 1982 abriram maior espaço para as mulheres que desejavam empreender uma carreira política. Antes dessa época, é considerada acidental a existência de mulheres com carreiras políticas longevas, como já observamos

⁷¹² Documento pertencente ao seu acervo pessoal. Digitalizado e armazenado no acervo do pesquisador. Pedido de revisão da aposentadoria datado de 21 de agosto de 1997.

⁷¹³ Documento pertencente ao seu acervo pessoal. Digitalizado e armazenado no acervo do pesquisador. Carta de 16 de março de 1992.

⁷¹⁴ PINTO, Celi Regina J.; SILVEIRA, Augusta. Mulheres com carreiras políticas longevas no legislativo brasileiro (1950-2014). **Opinião Pública**, Campinas, vol. 24, nº 1, jan.-abr. 2018

⁷¹⁵ *Idem.*, p. 178.

⁷¹⁶ *Idem.*

anteriormente a respeito da história do conjunto das 653 deputadas.⁷¹⁷

Ao olhar para a trajetória da professora e vereadora Gemica Bringel, observa-se que sua inserção na política se deu de forma quase acidental, tal como observado pelas autoras. Porém, sua permanência e consolidação podem ser atribuídas a outros fatores. Conforme destacam Pinto e Silveira:

A presença de mulheres de partidos de esquerda e centro-esquerda entre aquelas que fizeram carreiras longevas é bastante altos se comparados ao conjunto das 653 deputadas, sugerindo haver maior profissionalização das mulheres na política nesse espectro. Elas representam quase 50% do grupo. Comparado ao total de mulheres, é perceptível esse deslocamento da direita para a esquerda. Naquele universo, a distribuição era equitativa entre os três espectros ideológicos. Os dados referentes ao grupo de elite nos permitem apontar que: as mulheres de esquerda tendem a ter carreiras políticas mais sólidas porque os partidos de esquerda tendem a ter militâncias mais constantes, possibilitando a construção de capital político próprio.⁷¹⁸

Analisando esse ponto na trajetória de Gemica Bringel vemos que além de já possuir algum capital político para conseguir inserir-se na política local, pôde desenvolver outros aspectos de sua atuação, como a oposição à Ditadura Militar. Como reflexo de sua extensa atuação, já no século XXI podemos ver homenagens para a vereadora e sua atuação na Câmara Municipal de Parintins.

No ano de 2006, Gemica recebeu uma homenagem dos vereadores parintinenses. Segundo o jornal “*O Médio Amazonas*”, de 18 de abril de 2006, a vereadora seria homenageada em sessão solene na Câmara Municipal no dia 20 do mesmo mês. O periódico ressaltou as contribuições da ex-vereadora para o município e o fato de ter sido a primeira vereadora e prefeita interina.⁷¹⁹

⁷¹⁷ *Idem.* p. 186-187

⁷¹⁸ *Idem.* p. 188.

⁷¹⁹ “Câmara Municipal homenageará Geminiana Bringel com a medalha do mérito legislativo”. **O Médio Amazonas: o jornal da integração**, Parintins, 18 abr. 2006.

Figura 29: Recorte de jornal



O *Jornal da Ilha* registrou a homenagem na edição do dia 28 de abril de 2006, com a matéria:

A guerreira parintinense. A Câmara Municipal de Parintins homenageou a professora Geminiana Campos Bulcão Bringel, na noite de 20 de abril, com a concessão da Medalha de Honra ao Mérito Legislativo Raimundo Almada. A homenagem foi uma iniciativa do vereador WALTER LOBATO (PSDB), que decidiu conceder a comenda como gratidão do povo parintinenses a uma mulher guerreira que muito contribuiu para a formação intelectual e moral de muitos cidadãos de sua terra e para o desenvolvimento de Parintins.

"A comenda é uma justa e merecida homenagem a essa guerreira parintinense que muito nos orgulha, professora Geminiana Campos Bulcão Bringel, uma das mulheres identificadas e reconhecidas como mãe exemplar, educadora competente, uma das principais lideranças políticas que já passou por nossa cidade. Foi a primeira mulher a fazer parte do parlamento municipal como vereadora e a única mulher que assumiu a presidência deste Poder, sempre contribuindo para o engrandecimento democrático de nossa terra", afirmou o autor da iniciativa, vereador Walter Lobato. O parlamentar disse ainda que "esta homenagem é o mínimo que podemos fazer para agradecer, em nome do povo parintinense, a esta ilustre filha da terra que muito contribuiu para o seu desenvolvimento".

Participaram da solenidade, além do presidente Tony Albuquerque e vereadores, o prefeito Bi Garcia, Zezinho Faria, Geraldo Medeiros, Pastor Elmer Lessa, entre outras autoridades e convidados.⁷²⁰

O que chama a atenção no discurso do vereador registrado na matéria é o destaque dado

⁷²⁰ "A guerreira parintinense". O *Jornal da Ilha*, Parintins, 28 abr. 2006, p. 4.

à imagem de Gemica como “mãe exemplar” e “educadora competente”. Essas representações permitem compreender como sua trajetória pública foi construída e reconhecida socialmente, associando sua atuação política e profissional a valores considerados positivos para uma mulher naquele contexto. Como um jogo de gênero.

A utilização de jogos ou performances de gênero, em situações de emergência ou conflitos de grandes proporções, ao longo da história, é elemento importante para pensar a ação política das mulheres e compreender as apropriações de identidades de gênero, atribuídas automaticamente a elas, e as transformações por experiências sobre subjetividades e, consequentemente, sobre suas vidas.⁷²¹

Compreende-se, assim, que a vereadora usou o gênero como ferramenta para fazer valer seu lugar ocupado, adequando-se estrategicamente às exigências atribuídas a ela como mulher.

As mulheres atuam utilizando, consciente ou inconscientemente, representações tradicionais de ideologia centrada na família que caracteriza os regimes reacionários no Ocidente, do século XX, com objetivo de interferir na dinâmica ditatorial. Jogam o que ele chama de jogos de gênero, compreendendo o gênero como máscara, parte da *mis-en-scene* (jogo de cena). Como em jogo de xadrez, os atores políticos tentam intervir no espaço público, utilizando, como instrumento de intervenção e visibilidade política, o “eterno feminino” e o “eterno masculino”. Como atrizes, as mulheres instrumentalizam o gênero a seu favor, uma vez que os homens enfrentam situação de vulnerabilidade maior diante da repressão star em lugar em que as mulheres estavam de maneira comumente, dentro de um espaço que não foi objetivado para ela, utilizava para se manter a condição de feminina nesses espaços para fazer valer sua posição.⁷²²

Por outro lado, sobressai a postura dos homens que a homenageiam na Câmara Municipal. Embora reconheçam sua relevância política e sua contribuição para o município, também reforçam características como ser uma “mãe exemplar” e uma “educadora competente”. Essas atribuições são historicamente valorizadas quando associadas às mulheres, muitas vezes relacionadas à ideia de que tais características seriam naturais ou inerentes ao feminino. Dessa forma, esses elementos contribuem para a construção de Gemica como uma mulher de referência no município.

Percebe-se que a memória pública construída sobre a vereadora é reflete aquilo que ela trabalhou durante sua trajetória. Esses elementos são constantemente ressaltados em sua atuação política, revelando como sua presença nos espaços públicos esteve relacionada às expectativas atribuídas às mulheres naquele contexto. Assim, sua trajetória evidencia uma negociação com os padrões socialmente estabelecidos para legitimar sua atuação política e construir uma imagem de referência dentro desses espaços. Quando pensamos em trajetória

⁷²¹ Duarte, 2019, p. 240.

⁷²² *Ibid.* p. 23

com extensa atuação, vale destacar que

O sistema político não abre espaço para experiências diferenciadas. Apenas aquelas mulheres que fizeram trajetórias tradicionais construíram carreiras sólidas. Esse é um dos gargalos centrais da escassa presença das mulheres na vida política brasileira, pois a possibilidade dessas trajetórias se abre para muito poucas em um país como o Brasil, com uma divisão de trabalho tão marcadamente sexual, com a responsabilização da mulher pela reprodução da vida familiar.⁷²³

Figura 30: Recortes de jornal.



Fonte: *O Jornal da Ilha*. Acervo da Biblioteca do ICSEZ/UFAM.

Ao olharmos para sua atuação, podemos entender que a vereadora detinha capital político. Em sua pesquisa para caracterizar os grupos de deputadas com carreira longevas, Pinto e Silveira utilizaram a categoria “capital”, desenvolvida pelo sociólogo Pierre Bourdieu. As autoras se aprofundam nas nuances do capital político, como o capital familiar, econômico, midiático, entre outros. Para a análise, as autoras trabalham com três tipos de capitais considerados importantes para uma carreira longeva na política.

O primeiro tipo de capital, o político, é classificado por Bourdieu de duas maneiras: o pessoal e o delegado. O primeiro pertence a cada indivíduo, é constituído pelo acúmulo de capital ao longo de uma carreira e inclui a militância estudantil, sindical, partidária juvenil e nos movimentos sociais. É um capital “de notoriedade e de popularidade – firmado no fato de ser conhecido e reconhecido” (Bourdieu, 1989, p. 190). O capital delegado é produto de uma transferência provisória (apesar de renovável, por vezes vitaliciamente) de capital detido e controlado pela instituição e só por ela (Bourdieu, 1989, p. 191). É o capital advindo de cargos públicos ou partidários. No caso das mulheres, um bom exemplo é a ocupação de cargos em secretarias municipais ou estaduais de Educação.

O segundo tipo de capital, o familiar, é considerado aqui o parentesco sanguíneo ou por casamento, e tem particular importância no exame das carreiras políticas femininas. Estudos que analisam conjuntos de legislaturas têm mostrado que esse capital é mais importante para as mulheres do que para os homens, em que pese ser uma forma bastante comum de entrada na política para ambos.

O terceiro tipo é o capital midiático, que, no caso específico das mulheres estudadas, é a conversão de popularidade adquirida em rádio e televisão para a carreira

⁷²³ Pinto; Silveira, 2018, p. 199.

política.⁷²⁴

Aparentemente, a atuação de Gemica Bringel parece possuir aspectos dos capitais político e familiar, tal como apontado pelas pesquisadoras ao analisarem carreiras longevas. Durante sua trajetória, a professora e vereadora esteve em constante acesso a esses capitais: assumiu cargos públicos, esteve à frente da militância dos partidos que integrou, e sua família possuía prestígio na cidade e contatos com a vida política local.

Após sua atuação nos espaços públicos e institucionais, dona Gemica Bringel passou a ser lembrada também a partir de sua rotina cotidiana, afastada dos cargos políticos que ocupou ao longo da trajetória. Seu Alfredo Saunier, ex-aluno da professora, rememora as visitas que costumava fazer ao passar em frente à casa de Gemica, onde, segundo ele, ela tinha o costume de sentar-se em uma cadeira de embalo, em frente a sua residência, localizada em uma avenida da cidade de Parintins:

Muitas vezes, antes de ela falecer, ela estava se embalando, eu passava lá, encostava a moto e ia bater papo com ela... [...] na frente da casa dela, ela estava se embalando, parece que eu tô vendo. Um dia desses, o filho dela estava lá naquela cadeira se embalando, e eu olhei, até falei, “olha todo tempo quando eu vinha”... e ela batia muito papo comigo, ela me contava muitas coisas... [...] Aí quando eu olhei, eu falei assim, “olha... aquela cadeira de palha, cadeira de embalo, aí ela chamava, ‘menino!’ Eu sentava lá com ela, ficava fazendo algumas perguntas a ela”...⁷²⁵

A memória de seu Alfredo Saunier permite ter acesso aos últimos anos de vida de dona Gemica Bringel. Dona Ângela Reis, por sua vez, ajuda a compreender algumas ideias e posicionamentos da própria vereadora em relação à política local:

Uma vez conversando com ela, já depois de adulta, já com ela que ela sentia muita falta, porque aquelas pessoas que ela tanto apoiou, que no final esqueceram praticamente dela né? E ela tinha assim essa mágoa, ela tinha essa mágoa da política né? Que ela lutou tanto e ela brigou tanto, muitas vezes era humilhada, né? A gente pode se dizer assim, distratavam né?⁷²⁶

O relato da professora Ângela Reis evidencia um problema recorrente vivenciado pela mulher no espaço político ou de poder. Como Berta Lutz e Leonilda Daltro, Gemica segue, após o término de sua atuação, não sendo reconhecida. Embora tenha havido uma homenagem,

⁷²⁴ *Idem*, p. 190.

⁷²⁵ Alfredo Jorge Cardoso Saunier, entrevista realizada na biblioteca Alfredo Saunier no bairro Centro, por Roger Kenned Repolho de Oliveira, 20 fev. 2024.

⁷²⁶ Ângela Rodrigues Reis, entrevista realizada em sua residência no Bairro de São José, Parintins-AM, por Roger Kenned Repolho de Oliveira, 11 mai. 2023.

não é possível afirmar se é anterior ao relato da dona Ângela Reis ou depois; ainda assim, houve um sentimento de falta de reconhecimento.

Dona Dalva, que foi colega de Gemica na Escola Batista de Parintins e atua atualmente na Associação Pestalozzi de Parintins, narra sobre esses últimos anos com a vereadora.

E eu tive, essa, não foi alegria, mas essa oportunidade de viver com ela também na doença, eu ia buscar ela no final da tarde, ela estava muito debilitada, aí colocava ela no carro e ia passear com ela, quando a gente passava ali em frente ao Mangueirão, não tem aquela enseada assim?....

Ela dizia que ela achava lindo aquilo lá, aí a gente parava e ela ficava admirando, e ela já estava muito debilitada.... E você sabe que, quando a gente sai de cena, quando a gente deixa de trabalhar, as pessoas esquecem a gente, mas a Gemica ela foi um ícone aqui em Parintins, ela viveu várias gerações porque ela viveu a da minha mãe, viveu a minha, e ela deixou um legado muito grande, que ela é uma pessoa inesquecível.⁷²⁷

É possível notar que as memórias sobre o período posterior à participação da vereadora na política partidária em Parintins aparecem associadas a outros espaços e experiências de sua trajetória. Os relatos de pessoas próximas revelam uma percepção de que Gemica Bringel não teria recebido o reconhecimento considerado adequado por sua contribuição à política do município. Esse sentimento pode estar relacionado à percepção de que, apesar de sua participação em acontecimentos relevantes da política local, sua contribuição não teria recebido a valorização esperada por aqueles que com ela conviveram.

O jornal de circulação física no município de Parintins, “*Parintins em Tempo*”, anunciou em sua primeira página da edição de 14 de janeiro de 2009, o falecimento da professora e vereadora Geminiana Campos Bulcão Bringel naquela madrugada, aos oitenta e cinco anos de idade. O fato foi noticiado por diversos veículos de comunicação do município.

⁷²⁷ Dalva Ribeiro, entrevista realizada no prédio da Associação Pestalozzi de Parintins, no bairro Centro, Parintins, Amazonas, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 25 mai. 2023.

Figura 31: “A Ilha sem Geminiana”, primeira capa.



Fonte: Jornal *Parintins em Tempo*.

Na segunda página, o jornal ressalta o fato de a Câmara Municipal ter cedido o espaço para o velório. Em outras seções, destaca-se a importância da vereadora como liderança e seu compromisso com a ética⁷²⁸. Essa construção de memória parece ter sido uma preocupação constante por parte da vereadora durante sua trajetória tanto política quanto profissional. Talvez isso tenha sido uma estratégia para se fazer permanente em um espaço historicamente masculinizado como o espaço público. Como ressaltado pelo editorial do jornal:

Parintins está de luto. A política do Amazonas está de luto. A ética e a democracia estão de luto. Quarta feira 14 enquanto a cidade dormia, viajou para eternidade a professora, ex-vereadora e ex-presidente da Câmara Municipal, Geminiana Campos Bulcão Bringel [...] toda sua vida foi dedicada a construção de uma sociedade mais justa, livre da corrupção que impõe ao povo um passivo desolador. A vereadora Geminiana Bringel viu a democracia ocupar as ruas e as praças públicas em campanhas memoráveis, ora para resistir o coturno dos militares na longa noite do arbítrio que se abateu sobre a Pátria brasileira, ora para celebrar a liberdade no seu reencontro inevitável ao fim do regime de exceção que tanta dor causou à nação brasileira. [...] Se ainda não dividimos com Gimica e fardo da terra, que sejamos solidários nos gritos contra os corruptos de todos os tempos.⁷²⁹

A recorrência de uma imagem pública associada à honestidade, à ética e aos embates

⁷²⁸ Parintins em Tempo. Parintins, 16 jan. 2009.

⁷²⁹ *Ibid.*, p. 02.

políticos enfrentados por Gemica Bringel contribuiu para a consolidação de uma determinada representação sobre sua trajetória. É importante ressaltar que esta análise se volta para uma figura pública, e que as homenagens publicadas nos jornais correspondem às falas de outros sujeitos inseridos na arena política. Ao produzirem e divulgarem essas memórias, esses sujeitos também reafirmam identidades e pertencimentos relacionados aos grupos políticos dos quais fazem parte.

Ao admirar uma figura de prestígio e reconhecimento dentro de determinado grupo, seus integrantes reafirmam a própria identidade e pertencimento, associando-se aos valores atribuídos à pessoa admirada. Ou seja, dona Geminiana Campos Bulcão Bringel possui essa mesma moeda de entrada para fazer-se pertencente a um grupo político tido como honesto.

Nesse mesmo veículo de divulgação, algumas lideranças políticas falaram sobre o falecimento da ex-vereadora.

TUCANO LAMENTA PERDA. O vereador Israel Paulain (PSDB) disse ontem, por telefone, ao EM TEMPO, que a morte da ex-vereadora Geminiana Bringel abre uma lacuna não apenas na política local mas no Amazonas por ser a mesma uma figura da história de Parintins. Ele disse que cresceu ouvindo falar de dona Geminiana, com quem sua família mantinha estreitas relações de amizade Paulain salientou a história da ex-vereadora na resistência ao golpe militar de 64. Lembrou ainda a sua enorme contribuição para com a educação no município, quer como professora ou como diretora da antiga Unidade Educacional, hoje coordenadora. A verdade é que todos nós choramos a sua partida por que com ela se vai um pouco da Parintins de ontem", assinalou Israel Paulain que não acompanhou o sepultamento porque cumpre uma agenda de trabalho em Manaus (TS).⁷³⁰

Foi encontrada ainda uma solicitação do senador Arthur Virgílio Neto nos termos do art. 218 do Regimento Interno do Senado Federal, apresentando voto de pesar pelo falecimento da professora Geminiana Bulcão Bringel, ocorrido no dia 14 de janeiro de 2009, em Parintins⁷³¹.

Outros políticos também fizeram homenagens para a vereadora, como Henrique Medeiro (PMN), presidente da Câmara Municipal de Parintins. Na manchete “*Presidente destaca o amor à ética*”, ele declarou: “Ela sempre respeitou e valorizou a transparência a ética, a seriedade do trato da coisa pública, provou isso na política e na educação”⁷³². Na mesma matéria, o vereador Nelson Brelaz ressaltou “vivi uma parte da minha juventude em sua casa junto com outros companheiros onde éramos orientados, inclusive, pegamos puxões de orelha

⁷³⁰ *Ibid.*, p. 03.

⁷³¹ Senado Federal Secretaria-Geral da Mesa. 3ª Sessão Legislativa Ordinária da 53ª Legislatura – 2009: Resenha Mensal (269, II, do RISF) (Período de 2 a 28/02/2009). Requerimento nº 57, de 2009. Sessão: 10.02.2008. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/documents/12427/32077/02%20-%20Resenha%20de%20Fevereiro%20de%202009/d50de835-37cb-4395-8fe5-fc4a0ce6ee31>. Acesso em: 10 dez. 2025.

⁷³² Parintins em Tempo, Parintins, 16 jan. 2009, p. 04.

e recebíamos ralhos sempre para o nosso bem”⁷³³. O prefeito de Parintins, Bi Garcia, visitou a família da vereadora logo após o seu falecimento⁷³⁴. Segundo o jornal, “Garcia frisou que Geminiana foi um exemplo como mãe, como cidadã, como educadora e sobretudo como política.”⁷³⁵

Assim, é notável que diversos políticos prestaram homenagem à vereadora. Tais manifestações demonstram que, de alguma forma, sua atuação política no município permanecia em reverberação nos processos de construção da memória política local ou que havia um prestígio em sua liderança, do qual os políticos não podiam deixar de fazer uma justa homenagem. Trata-se de um resultado do capital político que possuía, pois, este “opera a partir do conjunto de atividades que são basicamente de quatro naturezas: militância estudantil e sindical; militância em movimentos sociais ou partidária juvenil; cargos eletivos municipais; cargos não eletivos nos executivos estadual e municipal”.⁷³⁶

Também é possível observar o destaque dado à sua atuação durante a Ditadura Militar. Contudo, os discursos produzidos pelas lideranças políticas ressaltam a vereadora para além de sua atuação pública, associando sua trajetória também aos papéis de mãe e educadora. Assim, mesmo quando são mencionados aspectos relacionados à sua liderança partidária, ao seu pioneirismo como primeira vereadora do município e à sua atuação como prefeita interina, sua imagem pública permanece vinculada a valores como cuidado, ética e dedicação.

A recorrência desses atributos demonstra como sua legitimidade política esteve atravessada por expectativas de gênero. Além de sua atuação nos espaços públicos e partidários, sua imagem foi construída a partir de valores tradicionalmente associados ao feminino, como cuidado, maternidade e ética. Dessa forma, o reconhecimento de sua trajetória política parece ter ocorrido em diálogo com essas representações, as quais contribuíram para consolidar uma imagem pública aceita e legitimada pelos grupos políticos e sociais que a cercavam.

A professora e diretora da Pestalozzi, amiga da ex-vereadora, conviveu com dona Gemica Bringel nos últimos anos de vida:

Eu achava bacana sabe, que a nossa relação com ela era muito boa, muito boa. E eu tive, essa... não foi alegria, mas essa oportunidade de viver com ela também na doença, eu ia buscar ela no final da tarde, ela estava muito debilitada, aí colocava ela no carro e ia passear com ela, quando a gente passava ali em frente ao Mangueirão, não tem aquela enseada assim?... Ela dizia que ela achava lindo aquilo lá, aí a gente parava e ela ficava admirando, e

⁷³³ *Ibid.*

⁷³⁴ *Ibid.*

⁷³⁵ *Ibid.*

⁷³⁶ Pinto; Silveira, 2018, p. 191.

ela já estava muito debilitada.⁷³⁷

A imagem descrita por dona Dalva refere-se ao muro de arrimo situado em frente à cidade, em uma de suas principais avenidas. Ao final da avenida Amazonas, há uma curva à beira do rio. É com essa paisagem que encerro esta tese de doutorado.

Figura 32: Muro de arrimo da cidade



Fonte: Acervo pessoal do autor.

⁷³⁷ Dalva Ribeiro, entrevista realizada no prédio da Associação Pestalozzi de Parintins, no bairro Centro, Parintins, Amazonas, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva, 25 mai. 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese teve como proposta analisar a trajetória da professora, vereadora e prefeita interina Geminiana Campos Bulcão Bringel, conhecida como Gemica. Sua trajetória constituiu o fio condutor para refletir sobre a inserção das mulheres nos espaços de poder, as desigualdades de gênero presentes no acesso e na permanência na arena pública e as formas de violência política que atravessam a atuação feminina nesses espaços. Dessa forma, os debates feministas sobre a participação das mulheres em uma sociedade marcada por estruturas patriarcais foram fundamentais para a análise de sua trajetória.

Por meio de fontes públicas – que abrangem jornais, relatos orais, documentos pessoais, atas da Câmara Municipal, projetos de lei e o acervo pessoal da vereadora –, esta pesquisa tornou-se possível. Vale frisar que as análises realizadas não abordaram sua vida privada, visto que ainda existem barreiras e contradições relacionadas à sujeita da pesquisa no que tange às problemáticas vinculadas a uma história da vida privada. Essas abordagens possuem limitações relacionadas tanto aos recortes temporais quanto à própria produção de fontes desses contextos.

Após analisar os lugares e cargos de poder e decisão ocupados pela vereadora, foi possível entender as táticas de luta e resistência para o acesso das mulheres aos espaços públicos. A ocupação desses espaços pela vereadora tornou-se possível em razão do capital político que possuía, construído a partir das condições sociais proporcionadas por sua trajetória familiar, pelo acesso aos estudos e pelas redes de influência estabelecidas ao longo de sua vida. Esse percurso se deu ao contrário de muitas outras mulheres pobres e em condições vulneráveis, que não tiveram as mesmas oportunidades, devido às lutas pela sobrevivência diária.

Entendo que um dos espaços públicos cruciais para o êxito na trajetória política da professora e vereadora foi o da educação, ao qual teve acesso desde muito cedo, ainda aos 13 anos de idade, em 1935. Percebo que a educação naquele momento, no município de Parintins, no decorrer do século XX, foi uma das poucas profissões e um meio de primeiro acesso público destinados para algumas mulheres de classe sociais altas. Após a metade do século XX, a educação formal foi se ampliando no município, permitindo o acesso de mulheres de menor poder aquisitivo.

Como se observa nos relatos orais, sua formação profissional teve papel fundamental na atuação como figura pública e liderança política. O cargo de professora lhe deu respaldo e prestígio diante das figuras políticas masculinas – homens que em alguns casos possuíam menos formação e capacidade de articulação do que a vereadora –, fazendo com que assumisse um papel educativo mesmo fora da sala de aula, nos contextos político-partidários.

Essa formação acima da média dos demais sujeitos políticos parece ter provocado uma busca constante por aprimoramento após a metade do século XX. Esse processo de formação continuada lhe garantiu uma carreira profissional extensa, que não só serviu para as suas articulações, mas também para validá-la em um lugar de poder ocupado por homens, os quais foram destinados historicamente a estar nesses espaços. Provavelmente, essa posição de professora, mesmo em espaços políticos, dentro dessa hierarquia, fez com que suas decisões fossem questionadas, levando-a a ser cautelosa na construção dessa imagem de si.

Como dito, o poder aquisitivo da vereadora lhe proporcionou privilégios na sociedade da época, mas o fato de ser mulher a colocou diante das barreiras do sistema patriarcal. Nesse sentido, suas táticas para desviar das barreiras do patriarcado nos espaços públicos parecem ter sido múltiplas.

Destaco, nesse processo de construção de sua trajetória pública, como tática a aproximação com lideranças religiosas, as quais possuíam intuições de ensino tanto de tradição católica quanto evangélica, como no caso do bispo Dom Arcângelo Cerqua e do Pastor Eduardo Lessa. A exemplo disso, o relato oral de dona Dalva Ribeiro demonstra que, quando uma dessas instituições de ensino não permitiu o acesso de Gemica à formação sem a assinatura do marido, ela recorreu a outra. Essa estratégia demonstra que a não vinculação exclusiva a uma vertente religiosa lhe garantia dupla possibilidade de inserção, especialmente considerando que, dentro das religiões cristãs e patriarcais, a mulher é colocada em uma condição de inferioridade e submissão.

Muitas dessas aproximações com as lideranças religiosas e políticas se acentuaram e se evidenciaram quando a vereadora assumiu o cargo na Câmara Municipal de Parintins, no final da década de 1950. Nas memórias dos entrevistados, é possível identificar sua aproximação com lideranças locais, regionais e nacionais. Os relatos trazem exemplos como jantares em sua casa, o acolhimento de lideranças de fora da cidade de Parintins, fazendo estadia em sua residência e os diálogos em reuniões – peças fundamentais para sua inserção e validação de poder no meio das figuras políticas na cidade.

Com as atas da Câmara Municipal, percebe-se sua atuação nesse meio político-partidário, utilizando as ferramentas da casa legislativa para se aproximar das mesmas lideranças. Entre essas ferramentas, destacam-se projetos de leis para concessão de títulos de cidadão parintinense, moções de aplausos e pedidos para que os políticos da casa recebessem as lideranças que lhe davam apoio.

Essa aproximação lhe proporcionou apoio no meio político. Algumas vezes, essas táticas parecem contraditórias em relação às ideias que demonstrava possuir, como nas falas de

parabenização aos generais-presidentes da ditadura. Assim, sua trajetória possibilita compreender também as consequências das conjunturas sociais, econômicas e políticas do período que a cercava.

Sua atuação na política e na educação mostrou-se, muitas vezes, correlacionada, havendo influência de uma sobre a outra. Esses espaços frequentemente se misturavam, não havendo uma distinção clara entre a presença pública de Gemica como professora ou como vereadora. Conforme analisado, suas aproximações também lhe proporcionaram cargos de poder, como a indicação para ser diretora da Unidade Educacional de Parintins. A vereadora aproveitou-se desse lugar de educadora para realizar suas articulações no meio público e político a fim de pleitear cargos na educação, o que leva a supor que os espaços de poder possíveis lhe possibilitaram uma carreira política e profissional longa e emblemática.

A trajetória política de Gemica se deu principalmente durante a Ditadura Militar, possibilitando uma discussão importante sobre as pesquisas relacionadas a esse período, já que foi uma liderança pelo MDB, partido no qual se realizou um debate sobre luta e resistência contra o regime no Baixo Amazonas. Entendo, assim, que houve luta e resistência em regiões pouco debatidas, dando espaço a novas versões e a outros sujeitos, como é o caso dos integrantes do MDB no município de Parintins.

A vereadora foi uma das lideranças do MDB e, em alguns momentos, a única à frente de articulações do partido. No processo de construção de memória dos sujeitos que foram entrevistados, o fato de ter instrução e um lugar para articular, como sua casa no município de Parintins, pode ter sido a chave para receber figuras políticas, como Ulysses Guimarães, Gilberto Mestrinho, José Cardoso Dutra, entre outros.

Suas atividades frente ao MDB e o ato de receber lideranças políticas em sua casa permitiram-lhe articular-se com outros sujeitos no município, quer fossem políticos ou religiosos. A anticampanha de Ulysses Guimarães pontua sua liderança política no Baixo Amazonas e nas rememorações dos sujeitos que participaram desse momento no município de Parintins e na luta contra a Ditadura Militar no país.

É preciso pontuar as controvérsias na trajetória de vida da vereadora, como exposto nesta tese, que eventualmente conflituam com outras documentações, a exemplo das atas da Câmara Municipal de Parintins.

Muitas vezes, ela era a pessoa que defendia um comportamento conservador em suas falas na Câmara Municipal. Nesse ponto, identifica-se que a vereadora, dentro desse espaço masculinizado que era a política, precisava preservar uma imagem pública de alguém que não cometesse erros, considerando as expectativas impostas às mulheres que ocupavam esses

espaços. Sua atuação na Câmara, observada por meio das atas, principalmente na década de 1960, demonstra que seu posicionamento contrário ao regime não aparecia de forma explícita.

Constata-se uma postura controversa da vereadora dentro da Câmara Municipal de Parintins em relação à Ditadura Militar, visto que, em algumas ocasiões, ela se referiu ao regime como “revolução” – denominação utilizada pelos apoiadores do Golpe Civil-Militar. Outro ponto a ser considerado são as próprias homenagens prestadas aos generais-presidentes do período. Nas análises dos relatos orais, documentos pessoais e jornais, é perceptível que essas movimentações na Câmara podem ter sido parte de suas táticas para dialogar com os algozes na ditadura e não aparentar um posicionamento forte, e sim aceitável.

Assim, ela construía uma imagem de si, de figura “ilibada”, como pontuado por José Maria Pinheiro; de decisão assertiva e que não voltava atrás, como dito por Orlando Hatta, “se ela dizia que pau era pedra, era por que era pedra”; e que sempre buscava agir com ética. Essas memórias públicas sobre a vereadora são um reflexo do processo para existir, resistir e se manter nesses espaços de poder.

Como seu grau de formação esteve totalmente ligado ao seu acesso ao espaço público, suponho que tanto a educação a auxiliou na articulação dentro do espaço político quanto a política possibilitou sua articulação em cargos e promoções na área educacional. A vereadora dispunha de recursos e redes que lhe permitiam circular nesses espaços. Essas articulações muitas vezes parecem ambíguas em relação ao conservadorismo característico da Ditadura Militar.

Outro ponto a ser levado em consideração é a questão da religião em Parintins, que detinha grande poder e influência no período analisado, tanto entre os sujeitos vinculados à religião católica quanto entre aqueles ligados às instituições evangélicas. Essas duas vertentes religiosas também possuíam papel central na organização do ensino na cidade.

A vereadora era católica, aspecto que marcou sua trajetória e influenciou alguns de seus posicionamentos, mas também manteve uma relação próxima com a Igreja Batista. Em suas articulações políticas, buscou estabelecer boas relações com ambas as instituições. Essa circulação entre diferentes espaços religiosos possibilitou que fosse aceita em determinados momentos e reconhecida como uma “mulher de respeito” em um espaço historicamente ocupado por homens. Sua religiosidade, vinculada aos valores defendidos pela Igreja Católica, contribuiu para a construção de uma imagem pública associada à seriedade e à respeitabilidade. Assim, a religião funcionou como uma forma de respaldo simbólico perante outros políticos, legitimando sua atuação por meio do reconhecimento institucional.

O espaço público, político e de poder foi historicamente construído como um lugar

associado aos homens, enquanto às mulheres foram atribuídas limitações relacionadas à sua participação nesses espaços. Essa separação entre o público e o privado, assim como as desigualdades estabelecidas entre homens e mulheres, está relacionada às estruturas patriarcais que organizaram diferentes sociedades e que foram questionadas pelos movimentos feministas.

Gemica Bringel ocupou espaços possibilitados pelas brechas existentes no patriarcado, decorrentes das lutas e conquistas feministas do século XX. Mesmo com diversos avanços nos direitos das mulheres, percebeu-se que apenas garantir o direito ao acesso não era suficiente, sendo necessária a criação de condições para que as mulheres tivessem interesse e de fato se inserissem na política partidária.

Muitas barreiras foram entendidas no decorrer dos avanços por direito e acesso às mulheres na política; a violência política de gênero, por exemplo, é um recente debate. Mesmo que seu debate e tipificação sejam atuais, a trajetória da vereadora mostra que a prática dessa violência ocorre desde o início do acesso à mulher na política.

Entretanto, ainda persistem barreiras, pois a conquista do acesso aos lugares até então negados não considera as múltiplas necessidades de cada grupo, como as particularidades de região, classe, raça, gênero e geração. Essas barreiras seguem presentes no dia a dia das mulheres nos mais diversos espaços de poder.

A entrada de Gemica Bringel no espaço político como vereadora e sua atuação como professora a expuseram a um espaço difícil para as mulheres, mesmo com a existência de ferramentas jurídicas voltadas à garantia desse direito. Devido ao pioneirismo de sua trajetória, as dificuldades para superar essas barreiras eram ainda mais difíceis de serem enfrentadas. Além disso, a trajetória da vereadora mostrou que a violência contra as mulheres em espaços de poder independe da posição social que ocupam.

A vereadora, dentro dos espaços de poder, foi uma figura respeitada por pertencer a uma família com poder aquisitivo, por ser professora, casada e por realizar ações de caridade no município. Assim, entre as figuras políticas locais, era considerada um exemplo. Porém, mesmo diante desses prestígios, qualidades e vantagens, esteve sujeita às violências decorrentes das desigualdades de gênero.

Ataques verbais vieram de seus adversários políticos e retaliações por parte da Igreja. A desigualdade de gênero evidencia-se no decorrer de sua trajetória através da violência política de gênero sofrida pela vereadora, com ataques relacionados à sua aparência e de conotações sexuais com o intuito de ridicularizá-la.

Ao olhar para a trajetória de Gemica Bringel, torna-se evidente que, dentro das instituições patriarcais, mesmo quando a mulher atende às expectativas estabelecidas por esse

sistema, ao se posicionar ou enfrentar sujeitos que se beneficiam dessas estruturas, ela pode se tornar alvo de elementos desqualificadores utilizados para atacá-la.

A análise de Gemica permitiu entender a Ditadura Militar no município de Parintins, assim como o papel da mulher em um lugar de liderança política durante esse período no Baixo Amazonas. Permitiu também analisar as desigualdades impostas às mulheres nesses espaços públicos e de poder de decisão. Sua atuação ainda se faz presente nas memórias de muitos moradores que viveram esse período em Parintins, reverberando na política e na educação.

Ela demonstrou que, mesmo tendo acesso a capitais políticos que lhe possibilitaram uma longa e crescente carreira profissional e política, principalmente durante o período da Ditadura Militar, ainda esteve sujeita aos estigmas, preconceitos e violências direcionados às mulheres.

Por fim, a trajetória da vereadora também se estende ao período compreendido como a abertura democrática do país. Esse momento demanda pesquisas futuras que contemplem as conjunturas políticas e sociais de tal contexto.

FONTES

Fontes Orais

Alfredo Jorge Cardoso Saunier. Entrevista realizada no dia 20 de fevereiro de 2024, na biblioteca Alfredo Saunier, no bairro Centro, Parintins, por Roger Kenned Repolho de Oliveira.

Ângela Rodrigues Reis. Entrevista realizada no dia 06 de setembro de 2017, na Unidade da SEDUC Parintins, no Bairro de São José, Parintins, por Roger Kenned Repolho de Oliveira.

Ângela Rodrigues Reis. Entrevista realizada no dia 11 de maio de 2023, em sua residência no Bairro de São José, Parintins, por Roger Kenned Repolho de Oliveira.

Clotilde Cruz Valente. Entrevista realizada no dia 01 de abril 2017, em sua residência no bairro Centro, Parintins, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva.

Dalva Ribeiro. Entrevista realizada no dia 25 de maio de 2023, no prédio da Associação Pestalozzi de Parintins, no bairro Centro, Parintins, por Roger Kenned Repolho de Oliveira.

Fátima Guedes. Entrevista realizada em 05 de dezembro de 2016, em sua residência, no bairro Itaúna II, Parintins, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva.

Geraldo Soares de Medeiros. Entrevista realizada no dia 30 de novembro de 2016, em sua residência, no bairro Centro, Parintins, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva.

Iranildo Nóbrega Azedo. Entrevista realizada no dia 25 de agosto de 2022, em sua residência, no bairro Centro, Parintins, por Roger Kenned Repolho de Oliveira.

José Maria Pinheiro. Entrevista realizada 16 de junho de 2017, em sua residência, no bairro João Novo, Parintins, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva.

Orlando da Silva Hatta. Entrevista realizada no dia 16 de junho de 2017, em sua residência, no bairro de São José, Parintins, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva.

Raimunda Ribeiro da Silva. Entrevista realizada no dia 30 de novembro de 2016, em sua residência, no bairro Centro, Parintins, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva.

Valdete Preste Pimentel. Entrevista realizada no dia 02 de dezembro de 2016, em sua residência, no bairro da Francesa, Parintins, por Roger Kenned Repolho de Oliveira e Júlio Claudio da Silva.

Fontes impressas

“A guerreira parintinense”. **O Jornal da Ilha**, Parintins, 28 abr. 2006, p. 4.

“BAÚ do Tempo”. **O Médio Amazonas: o jornal da integração**, Parintins, 14 out. 2025, p. 3.

“CÂMARA Municipal homenageará Geminiana Bringel com a medalha do mérito legislativo”. **O Médio Amazonas: o jornal da integração**, Parintins, 18 abr. 2006.

DIOCESE DE PARINTINS. **Revista da Festa de Nossa Senhora do Carmo**, Parintins, 28 jul. 2005.

PARINTINS EM TEMPO. Parintins, 14 jan. 2009.

PARINTINS EM TEMPO. Parintins, 16 jan. 2009.

“Parintins recebeu os membros do PMDB”. **Jornal do Commercio**, Manaus, 09 nov. 1984, p. 11.

RÁDIO ALVORADA. **Revista Rádio Alvorada 40 anos**. Parintins: Gráfica Moria, 2007.

Hemeroteca Digital / Arquivo Nacional

ARQUIVO NACIONAL. **Ministério das Comunicações**. Documento digitalizado. Disponível em:

http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/aaa/75084111/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_aaa_75084111_d0001de0001.pdf.

ARQUIVO NACIONAL. **Serviço Nacional de Informações**. Agência de Manaus. Informe n. 004/740/AMA/81, de 27 fev. 1981. Assunto: antecedentes de Dom Arcângelo Cerqua. Disponível em:

http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/lll/81001359/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_lll_81001359_d0001de0001.pdf.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **A Capital (AM)**. Ano 1918, ed. 00210 (1). Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=307149&pesq=fausto%20bulc%C3%A3o%20Parintins&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=828>. Acesso em: 17 maio 2025.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **A Capital (AM)**. Ano 1918, edição 00369 (1). Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=307149&pesq=fausto%20bulc%C3%A3o%20Parintins&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1400>. Acesso em: 17 maio 2025.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Almanak Laemmert**: administrativo, mercantil e industrial. Rio de Janeiro, ano 1913, ed. B00069, p. 50909. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pesq=fausto%20bulc%C3%A3o%20Parintins&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=50909>. Acesso em 17 maio 2025.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Correio do Norte**: Órgão Partido Revisionista do Estado do Amazonas. Ano 1911, ed. 589. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=228095&pesq=fausto%20bulc%C3%A3o%20Parintins&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=589>.

C3%A3o%20Parintins&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2282. Acesso em 17 maio 2025.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio (AM)**. 09 out. 1977, ed. 22583A. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/170054_01/165323. Acesso em: 17 maio 2025.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio (AM)**. 13 fev. 1929, ed. 08625 (1). Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_01&Pesq=fausto%20bulc%c3%a3o%20Parintins&id=556708855707&pagfis=37906. Acesso em: 17 maio 2025.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio (AM)**. 18 nov. 1994, ed. 36500 (1). Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_02&pesq=fausto%20bulc%C3%A3o%20Parintins&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=60914. Acesso em: 17 maio 2025.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio (AM)**. 19 nov. 1970, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_01&pesq=%22Geminiana%20Bulc%C3%A3o%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=93275. Acesso em: abr. 2025.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio (AM)**. 20 nov. 1966, ed. 19126, p. 08. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/170054_01/79640. Acesso em: 17 maio 2025.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio (AM)**. Ano 1910, ed. 02369 (1). Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_01&pesq=fausto%20bulc%C3%A3o%20Parintins&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=9243. Acesso em: 17 maio 2025.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio (AM)**. Ano 1924, edição 07099. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_01&Pesq=fausto%20bulc%c3%a3o%20Parintins&id=556708855707&pagfis=31775. Acesso em: 17 maio 2025.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal do Commercio (AM)**. Ano 1925, edição 07401. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_01&Pesq=fausto%20bulc%c3%a3o%20Parintins&id=556708855707&pagfis=32590. Acesso em: 17 maio 2025.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Relatórios dos presidentes dos estados brasileiros (AM)**. Relatório apresentado ao governador do estado do Amazonas referente ao ano de 1905. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720879x&pesq=fausto%20de%20campos%20bulc%C3%A3o%20Parintins&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2781>. Acesso em: 30 mar. 2026.

Legislação

AMAZONAS. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. **Portaria GS nº 0342/83**, de 5 de abril de 1983. Designa Geminiana Campos Bulcão Bringel para exercer a função de diretora da Unidade Educacional de Parintins. Documento pertencente ao acervo consultado pelo autor.

BRASIL. **Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932**. Decreta o Código Eleitoral. Diário Oficial da União: Rio de Janeiro, DF, 26 fev. 1932.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942**. Lei orgânica do ensino secundário. Diário Oficial da União: Seção 1, Rio de Janeiro, DF, 10 abr. 1942.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 7.586, de 28 de maio de 1945**. Institui o Código Eleitoral. Diário Oficial da União: seção 1, Rio de Janeiro, DF, 28 maio 1945.

BRASIL. **Lei nº 1.164, de 24 de julho de 1950**. Institui o Código Eleitoral. Diário Oficial da União: Seção 1, Rio de Janeiro, DF, 26 jul. 1950.

BRASIL. **Lei nº 2.550, de 25 de julho de 1955**. Altera dispositivos do Código Eleitoral e dá outras providências. Diário Oficial da União: Seção 1, Rio de Janeiro, DF, 28 jul. 1955.

BRASIL. **Lei nº 4.121, de 27 de agosto de 1962**. Dispõe sobre a situação jurídica da mulher casada. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, 3 set. 1962.

BRASIL. **Lei nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977**. Regula os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e respectivos processos, e dá outras providências. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, 27 dez. 1977.

BRASIL. **Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997**. Estabelece normas para as eleições. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9504.htm. Acesso em: 23 jul. 2024.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 29 out. 2024.

BRASIL. **Lei nº 14.986, de 25 de setembro de 2024**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ed. 187, p. 3, 26 set. 2024. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.986-de-25-de-setembro-de-2024-586715705>. Acesso em: 30 mar. 2026.

BRASIL. **Portaria nº 2844-D, de 24 de julho de 1974**. Diário Oficial da União, 24 jul. 1974.

SENADO FEDERAL. Secretaria-Geral da Mesa. **3ª Sessão Legislativa Ordinária da 53ª**

Legislatura – 2009: Resenha Mensal (269, II, do RISF) (Período de 2 a 28/02/2009). Requerimento nº 57, de 2009. Sessão: 10 fev. 2008. Brasília: Senado Federal, 2009. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/documents/12427/32077/02%20-%20Resenha%20de%20Fevereiro%20de%202009/d50de835-37cb-4395-8fe5-fc4a0ce6ee31>. Acesso em: 10 dez. 2025.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Resolução nº 23.455, de 15 de dezembro de 2015.** Dispõe sobre a escolha e o registro dos candidatos nas eleições de 2016. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/legislacao/compilada/res/2015/resolucao-no-23-455-de-15-de-dezembro-de-2015>. Acesso em: 23 jul. 2024.

REFERÊNCIAS

Artigos de periódicos / revistas

ARAÚJO, Clara. Potencialidade e Limites da Política de Cotas no Brasil. **Estudos Feministas**, ano 9, 2º semestre de 2001, p. 231-252.

ARAÚJO, Clara. Rotas de ingresso, trajetórias e acesso das mulheres ao legislativo – um estudo comparado entre Brasil e Argentina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 18 (2): 352, 2010, p. 567-584.

ARAÚJO, Victor Leonardo de. A macroeconomia do governo Médici (1969-1974): uma contribuição ao debate sobre as causas do “milagre” econômico. **Economia Ensaios**, Uberlândia, 33(1): 41-70, jul./dez. 2018.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a Própria Vida. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, p. 9-34, 1998.

BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(1): 288, p. 207-228, jan./abr. 2008.

BARTOLI, Estevan. A Cidade Arquipélago: Expansão e Morfologia Urbana de Parintins (AM). **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, ano XXII, v. 2, n. 46, p. 347-397, ago. 2020.

BOURDIEU, Pierre. O campo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, nº 5, pp. 193-216, jan.-jul. 2011.

CAPDEVILA, Luc. Resistência Civil e Jogos de Gênero. França-Alemanha-Bolívia-Argentina. (Segunda Guerra Mundial - Anos 1970-1980). Tradução: Sofia Rocco Stainsack Rocha; revisão da tradução: Joana Maria Pedro. **Revista de História Bilros: História(s), Sociedade(s) e Cultura(s)**, v. 9, n. 19, p. 160–191, jul.-dez. 2021.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves, NEVES, Lucilia de Almeida. História oral e Narrativa: tempo, memória e identidades. **História oral** (Rio de Janeiro), São Paulo, v. 6, p. 9-26, 2003.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 24, nº 47, p.29-60, 2004.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Raça e cor no Brasil contemporâneo, oportunismo político e tendência histórica. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 67: e221938, 2024.

HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97-128, jul./dez. 2015.

KON, Anita. A experiência brasileira de planejamento econômico governamental federal: análise dos planos implementados e suas consequências. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 49-61, maio/jun. 1994.

KROOK, Mona Lena; SANÍN, Juliana Restrepo. “Gender and political violence in Latin America”. **Política y gobierno**, v. 23, n. 1, p. 125-157, 2016.

MIGUEL, Luis Felipe; QUEIROZ, Cristina Monteiro de. Diferenças regionais e o êxito relativo de mulheres em eleições municipais no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(2): 363-385, maio-ago. 2006.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Sobre as origens e motivações do Ato Institucional nº 5. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 38, n. 79, p. 195-216, 2018.

OLIVEIRA, Kamila Pagel de. A trajetória da mulher na política brasileira: as conquistas e a persistência de barreiras. **Cadernos da Escola do Legislativo**, Belo Horizonte, v. 16, n. 26, p. 11-49, ago./dez. 2014.

PECORARO, Tamires Mascarenhas. O MDB na Ditadura Militar: sua formação e (re)estruturação até a vitória eleitoral de 1974. **Revista Historiar**, v. 15, n. 29, jul./dez. 2023.

PINHO, Tássia Rabelo de. “Debaixo do Tapete: A Violência Política de Gênero e o Silêncio do Conselho de Ética da Câmara dos Deputados”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, e67271, 2020.

PINTO, Céli Regina J.; SILVEIRA, Augusta. Mulheres com carreiras políticas longevas no legislativo brasileiro (1950-2014). **Opinião Pública**, Campinas, vol. 24, nº 1, jan.-abr. 2018.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Traduzida por: Monique Augras. Edição de Dora Rocha. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUEIRÓS, Cesar A. B. “Amazônia em Armas”: luta e resistência contra a Ditadura Militar no Amazonas. **Revista Labirinto**, Porto Velho, v. 31, n. 1, p. 38-57, jul./dez. 2019.

SALES, Jean Rodrigues. História do Partido Comunista do Brasil (PCdoB): um balanço Bibliográfico. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 290 - 311, maio/ago. 2017.

SCHETTINI, Andrea. O que resta da Comissão Nacional da Verdade?: A política do tempo nas comissões da verdade. **Rev. Direito e Práx.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 1424-1456, 2022.

SCHOR, Tatiana; MARINHO, Thiago Pimentel. Ciclos econômicos e periodização da rede urbana no Amazonas - Brasil: as cidades Parintins e Itacoatiara de 1655 a 2010. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 56, p. 229-258, jun. 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. Texto Original: Gender: A Useful Category of Historical Analyses. Gender and the Politics of History. New York. Columbia University. Press. 1989. In: **S.O.S. Corpo**, Recife, p. 1-27, 1991.

SILVEIRA, Rodrigo Pinheiro; PINHEIRO, Roseni. Internato rural na Amazônia: aspectos históricos, contexto atual e principais desafios. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 24 n. 2, p. 371-390, abr./jun. 2017.

SOIHET, Rachel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(3), p. 591-611, setembro-dezembro/2005.

WOLFF, Cristina Scheibe; NECKEL, Roselane; PEDRO, Joana Maria. Mulheres na política brasileira contemporânea: desafios e violências. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v.36, n.2, p. 79-99, jul./dez. 2023.

ZOVATTO, Daniel. Financiamento dos partidos e campanhas eleitorais na América Latina: uma análise comparada. **Opinião Pública**, Campinas, v. XI, nº 2, p. 287-336, out. 2005.

Anais de eventos / simpósio / colóquio

BLAY, Eva Alterman. Mulher e Estado: mulher, movimentos sociais, partidos políticos e Estado. In: **INTERNATIONAL CONFERENCE: Trends and Challenges of Urban Restructuring: Class and Gender: Economic, Domestic and Urban Changes**, Rio de Janeiro, 1988.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Nos Meandros da Cidade: cotidiano e trabalho na Manaus da borracha, 1880-1920. In: Simpósio Nacional de História, 24, São Leopoldo, 2004. **Anais [...]**, ANPUH, 2007.

RODRIGUES, Leonardo Bentes. A tentação do poder: historiografia e memória da Ditadura Militar na Amazônia Brasileira. In: Colóquio de História Unicap, 17; Colóquio do PPGH, 7, Unicap, Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena: Desafios e Perspectivas, 13-15 set. 2023. **Colóquio de História da Unicap e Colóquio do PPGH**, Unicap, 2024, p. 365-377.

Dissertações, teses e TCCs

ALMEIDA, Geize Vieira de. **Gênero e Memória**: a trajetória de dona Maria da Conceição Silva entre a infância no bairro São Raimundo e a gerência do Banco do Estado do Amazonas (1957-1980). Orientador: Júlio Claudio da Silva. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas. 2024.

ANTUNES, Vanessa. **Mulheres do Novo Século**: A Condição Feminina no Amazonas, 1900-1910: Um olhar a partir das representações da Imprensa Amazonense. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus: 2014.

BEZERRA, César Aquino. **“Americano, pastor e agitador”**: Clinton Benjamin Thomas em Urucará e a Amazônia nos anos de chumbo (1965-1980). Orientador: Júlio Claudio da Silva. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Amazonas, 2026

BEZERRA, Cleber de Lima. **A imprensa amazonense**: dos preparativos do golpe à instituição do AI-5 (1963-1968). Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

CAVALCANTE, Ronaldo Bentes. **Ide pelo Mundo inteiro e anunciai o evangelho:** As Práticas Sociais e Religiosas do PIME em Parintins. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

CHAGAS, Ivanilce Nogueira. **Participação Feminina na Política:** Mulheres, Poder e Patriarcalismo no Amazonas. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

CORRÊA, Ingrid da Silva Mendonça. **Ulysses Guimarães:** Trajetória política de um liberal democrata na luta contra a Ditadura Militar (1971 – 1984). Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

COSTA, Heloísa Lara Campos. **No Limite do Possível:** as Mulheres e o Poder na Amazônia 1840-1930. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FERREIRA, Aldenor da Silva. **Fios dourados dos trópicos:** culturas, histórias, singularidades e possibilidades (juta e malva - Brasil e Índia). Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

LIMA, Gabriel Amato Bruno de. **“Aula prática de Brasil”:** ditadura, estudantes universitários e imaginário nacionalista no Projeto Rondon (1967-1985). Dissertação (Mestrado e História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

OLIVEIRA, Roger Kenned Repolho de. **A participação de Geminiana Campos Bulcão Bringel sob o olhar do feminismo e gênero como docente e vereadora nos anos de 1950-60 na cidade de Parintins.** Orientadora: Yoshiko Sasaki. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021

OLIVEIRA, Roger Kenned Repolho de. **Gênero e poder político na Câmara Municipal de Parintins nas décadas de 1950 e 1960:** trajetória de Geminiana Campos Bulcão Bringel. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade do Estado do Amazonas, Parintins, 2018.

PRADO, Carlos Batista. **Partidos e sindicatos:** o PCB, a oposição de esquerda e o movimento operário no Brasil (1922-1936). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2019.

PRINTES, Ivana Pinheiro. **Thomaz Meirelles:** Memória de um Parintinense Desaparecido Político na Ditadura Civil-Militar. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade do Estado do Amazonas, Parintins, 2019.

RAMOS, Evelyn Marcele Campos. **Os indígenas nas folhas do Jornal do Commercio (1904-1934):** entre práticas e representações. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024.

REIS, Daswanny Araújo dos. **Por um novo cenário:** a mulher na política partidária. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

SANTIAGO, Maria Célia. **Clandestinidade e Mobilização nas Linhas de Montagem:** A

construção da greve dos metalúrgicos de 1985, em Manaus. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

SAQUIRAY, Fabiana Lopes. **Memórias, narrativas e identidades:** trajetórias de vida de mulheres do Alto Solimões (1940-1970). Orientador: Júlio Claudio da Silva. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

SILVA, Isabel Saraiva. **Mulheres impressas:** amor, honra e violência no cotidiano das mulheres em Manaus, 1932-1962. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

SILVA, Jucinara Cabral da. **História Oral e Interseccionalidade na trajetória de Maria Amélia dos Santos Castro:** Comunidades Remanescentes de Quilombo do Rio Andirá - Barreirinha/Am (2005-2022). Orientador: Júlio Claudio da Silva. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2025.

SILVA, Márcia Gabrielle Ribeiro. **LAROYÊ:** Entre encruzilhadas de memórias e histórias afroindígenas na Amazônia Parintinense- trajetórias de mães de santo (1988-2025). Orientador: Júlio Claudio da Silva. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2025.

SILVA, Patrícia Regina de Lima. **Do espaço lembrado ao espaço vivido:** narrativas orais de mulheres nordestinas em Parintins-AM, na segunda metade do século XX. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

SILVA, Perla Haydée da. **De louca a incompetente:** construções discursivas em relação à ex-presidenta Dilma Rousseff. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019

SOARES, Denise Bentes. **Elos x nós:** encontros e desencontros entre poder público e movimentos de mulheres em Parintins/AM. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

SOUZA, Michelle Rabelo de. **A Presença da Mulher na Política:** o protagonismo de Eunice Michiles no Senado Federal. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

SOUZA, Nilciana Dineli de. **O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM):** evolução e transformação. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

VIEIRA, Everton Dorzane. **Trabalho e Sociedade:** o cotidiano de uma comunidade amazônica. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) — Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2022.

Livros / capítulos de livros

ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.) **Fontes históricas**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 155-202.

ANDRADE, Larissa da Silva; CARNEIRO, Paulo. **História e Memória Política do Município de Parintins**: v. III. 1977 a 1988. Parintins: Câmara Municipal de Parintins, 2012.

BARBOSA, Xênia de Castro; ALCÂNTARA, Mauro Henrique Miranda de; SILVEIRA, Verônica Aparecida (org.). **História, memória e direitos humanos**: 50 anos da Ditadura Militar no Brasil. Salvador: Editora Pontocom, 2014.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2019.

BIROLI, Flávia. O público e o privado. *In*: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política**: uma introdução. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 31-46.

BLOCH, Marc Leopold Benjamim. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Prefácio, Jaques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. 1ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 21ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.

BRUM, Argemiro. **O desenvolvimento econômico brasileiro**. 20 ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.

BUTEL, Irian; BUTEL, Larice; CURSINO, Jucielle. **História e Memória Política do Município de Parintins**: v. II. 1964 a 1976. Parintins: Câmara Municipal de Parintins, 2012.

BUTEL, Larice; SOUZA, Samuel César Sá de; CURSINO, Jucielle de Souza; CARNEIRO, Francisco Paulo Rodrigues. **História e memória política do município de Parintins**: 1.ª legislatura de 1947 a 1951. Parintins: Câmara Municipal de Parintins, 2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CASTRO, Edna. Políticas de Estado e Atores sociais na Amazônia Contemporânea. *In*: BOLLE, Willi; CASTRO, Edna; VEJMEKKA, Marcel. **Amazônia**: região universal e teatro do mundo. São Paulo: Globo, 2010.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.

COSTA, Heloísa Lara Campos. **As mulheres e poder na Amazônia**. Manaus: EDUA, 2005.

COSTA, Heloísa Lara Campos. Gênero, desenvolvimento e a universidade na Amazônia. *In*: NORONHA, Nelson Matos; ATHIAS, Renato (Org.). **Ciências e saberes na Amazônia**: indivíduos, coletividades, gêneros e etnias. Recife: Ed. Universitária da UFPE, p. 150-168, 2008.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. *In*: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

DREIFUSS, R. A. **1964**: A conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe. Rio de

Janeiro: Vozes, 1981.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. Jogos de Gênero na Ditadura Civil-Militar Brasileira: de uma ponta a outra do tabuleiro. *In*: PEDRO, Joana Maria; ZANDONÁ, Jair (org.). **Feminismos e democracia**. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora de Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995.

FERNANDES, Julio Mangini. 50 anos do Golpe Civil-Militar: violações dos direitos humanos e desdobramentos na contemporaneidade. *In*: BARBOSA, Xênia de Castro; ALCÂNTARA, Mauro Henrique Miranda de; SILVEIRA, Verônica Aparecida. **História, memória e direitos humanos**: 50 anos da Ditadura Militar no Brasil. Salvador: Editora Pontocom, 2014.

FERREIRA, Jorge. **Elisa Branco**: uma vida em vermelho. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

FERREIRA, Marieta de Moraes. história oral: velhas questões, novos desafios. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 169-186.

FREITAS, Necilene Almeida de; FELISBINO, Riberti de Almeida; SANTIAGO, Danilo Roberto Pereira. **Da cozinha ao palanque**: a baixa representatividade feminina na política e o Partido da Mulher Brasileira nas eleições capixabas de 2016. 1. ed. Curitiba: CRV, 2018.

FURTADO, Celso. **Análise do modelo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização S.A, 1978.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade 2015.

GOLDBERG, Anette. Tudo começou antes de 1975: Ideias inspiradas pelo Estudo da Gestaçao do feminismo “Bom para o Brasil”. *In*: **Relações Sociais de Gênero x Relações de Sexo**. São Paulo: Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero-USP, 1989.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 3º edição. Organização: Tenório Telles. Manaus; Editora Valer, 2019.

HOOKS, bell. **Teoria feminista**: da margem para o centro. Tradução Rainer Patriota. São Paulo: Perspectivas, palavras negras, 2019.

LANGONI, Carlos Geraldo. **A Economia da transformação**. 3ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.

LOPES, Twig Santos. **Violência política contra as mulheres**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2024.

MANSO, Juscelino Melo. Apresentação. *In*: BUTEL, Larice; SOUZA, Samuel César Sá de; CURSINO, Jucielle de Souza; CARNEIRO, Francisco Paulo Rodrigues. **História e memória política do município de Parintins**: 1.ª legislatura de 1947 a 1951. Parintins: Câmara Municipal de Parintins, 2011.

MANTEGA, Guido. **A economia política brasileira**. 8º ed. Petrópolis: Vozes, 1984

MOTTA, Marcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. *In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.).* **Novos caminhos da história.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MOURÃO, João Cabral. **Histórias, estórias e contos.** Parintins: Gráfica João XXIII, 2012.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. A descrição arquivística e os arquivos pessoais: O desafio da representação. *In: SILVA, Maria Celina de Mello; ABELLÁS, José Benito Yárritu; FRADE, Everaldo Pereira (org.)* **Arquivos pessoais:** constituição, preservação e usos. Mast Colloquia, v. 13. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2014, p. 55-70.

OLIVEIRA, Roger Kenned Repolho de. História oral, Memória e Movimento Feminista: A Luta e Conquista por Espaço e Direitos no Município de Parintins no Século XX. *In: BEZERRA, César Aquino; VIEIRA, Everton Dorzane; OLIVEIRA, Roger Kenned Repolho de (org.).* **Um rio de histórias:** conexões entre memória, cultura e patrimônio no Baixo Amazonas. Curitiba: CRV, 2021.

PASSOS, Elizabete Silva. As mulheres e os saberes: construção do gênero nas Universidades do Norte e Nordeste e as repercussões nos campos social e político. *In: FERREIRA, Mary; ÁLVARES, Maria Luzia Miranda; SANTOS, Eunice Ferreira dos (Orgs.)* **Os saberes e os poderes das mulheres:** a construção do gênero. São Luís: EDUFMA/Núcleo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa Mulher, Cidadania e Relações de Gênero; Salvador: REDOR, 2001.

PAULO NETTO, José; BRAZ, Marcelo. **Economia política:** uma introdução crítica. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC. 2005.

PICOLI, Fiorelo. **O capital e a devastação da Amazônia.** 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. Igualdade e Especificidade. *In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla (org.).* **História da Cidadania.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma História do feminismo no Brasil.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. (Coleção História do Povo Brasileiro).

PINTO, Renan Freitas. **Amazônia:** viagem das ideias. 3. ed. Manaus: Valer, 2012.

REIS FILHO, Daniel Aarão. O colapso do colapso do populismo ou a propósito de uma herança maldita. *In: FERREIRA, Jorge (Org.).* **O populismo e sua história:** debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do Político.** Tradução de Christian Edward Cyrill Lynch. São Paulo: Alameda, 2010.

ROUSSEFF, Dilma. A misoginia e a manipulação da mídia. *In: D'ÁVILA, Manuela (org.).* **Sempre foi sobre nós:** relatos da violência política de gênero no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro:

Rosa dos Tempos, 2022.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1979.

SAUNIER, Tonzinho. **Parintins**: história dos acontecimentos históricos. Manaus: Editora Valer, Governo do Estado do Amazonas. 2003.

SILVA, Marilene Corrêa da. **Metamorfoses da Amazônia**. 2º edição. Manaus: Editora Valer. 2013.

SILVA, Marilene Corrêa da. **O paiz do Amazonas**. 3. ed. Manaus: Valer, 2012.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

STEARNS, P. N. **História das relações de gênero**. Trad. Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007.

TORRES, Iraídes Caldas. Gilberto Mestrinho: de caudilho a Boto sedutor do Amazonas. *In*: QUEIRÓS, César Augusto Bubolz; UGARTE, Auxiliomar Silva. **Trajetórias políticas na Amazônia republicana**. Manaus: Editora Valer, 2019.

Sites / páginas institucionais

ASSOCIAÇÃO PESTALOZZI PARINTINS. Informações encontradas nas redes sociais. **Instagram** [em linha]. Destaque: Stories Highlights, 2026. Disponível em: <https://www.instagram.com/stories/highlights/18006263041568422/>. Acesso em: 31 mar. 2026.

ASSOCIAÇÃO PESTALOZZI PARINTINS. Localização: Avenida Nações Unidas, 1289, Centro, 69151-060, Parintins-AM. **Instagram** [em linha], 2026. Disponível em: <https://www.instagram.com/associpestalozzi/>. Acesso em: 31 mar. 2026.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Joel Ferreira: biografia. **Portal Câmara dos Deputados**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/131732/biografia>. Acesso em: 22 dez. 2025.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. José Cardoso Dutra: biografia. **Portal Câmara dos Deputados**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/133867/biografia>. Acesso em: 20 dez. 2025.

CÂMARA MUNICIPAL DE MANAUS. Léa Alencar Antony. **Câmara Municipal de Manaus**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cmm.am.gov.br/memorial/lea-alencar-antony/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

CUNHATÃ. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2026. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/cunhat%C3%A3>. Acesso em: 02 mar. 2026.

GASMAN, Nadine. Nota pública: ONU Mulheres Brasil repudia ataques sexistas à Presidenta

da República, Dilma Rousseff, e conclama tolerância zero ao machismo. **ONU Mulheres Brasil**, 3 jul. 2015. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/nota-publica-onu-mulheres-brasil-repudia-ataques-sexistas-a-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-e-conclama-tolerancia-zero-ao-machismo/>. Acesso em: 30 mar. 2026.

GUEDES, Fátima. Perfil de autora. **Amazônia Real**, [s.d.]. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/author/fatima-guedes/>. Acesso em: 19 maio 2025.

LIMA, Hudson. Seu Geraldo Medeiros faz 90 anos. **Parintins Amazonas**, 24 maio 2024. Disponível em: <https://parintinsamazonas.com.br/noticia/seu-gerald-soares-de-medeiros-faz-anos>. Acesso em: 04 jul. 2024.

O AJURICABA. Presidente da Assembleia, Roberto Cidade, lamenta a morte do ex-deputado José Cardoso Dutra. **Portal O Ajuricaba**, Manaus, 6 jan. 2022. Disponível em: <https://oajuricaba.com.br/presidente-da-assembleia-roberto-cidade-lamenta-a-morte-do-ex-deputado-jose-cardoso-dutra/>. Acesso em: 20 dez. 2025.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Título de eleitor: a evolução de um documento essencial para a cidadania. **Tribunal Superior Eleitoral**, 6 jan. 2025. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2025/Janeiro/titulo-de-eleitor-a-evolucao-de-um-documento-essencial-para-a-cidadania-1>. Acesso em: 17 maio 2025.